

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em História

DAIANE VAIZ MACHADO

**O Percurso Intelectual de uma Personalidade Curitibana:
David Carneiro**

CURITIBA
2012

DAIANE VAIZ MACHADO

O Percurso Intelectual de uma Personalidade Curitibana:

David Carneiro

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Linha de pesquisa: Cultura e Poder.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Helenice Rodrigues da Silva.

CURITIBA
2012

Catálogo na Publicação
Aline Brugnari Juvenêncio – CRB 9ª/1504
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação – UFPR

Machado, Daiane Vaiz

O percurso intelectual de uma personalidade curitibana:
David Carneiro / Daiane Vaiz Machado. – Curitiba, 2012.
167 f.

Orientadora: Profª. Drª. Helenice Rodrigues da Silva
Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências
Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

1. Carneiro, David, 1904-1990. 2. Vida intelectual. 3. Historiografia.
4. Paraná – História. I. Título.

CDD 981.62



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Rua Gal. Carneiro, 460, 7º andar, sala 716, fone/fax + 55 (41) 3360-5086,
80.060-150, Curitiba, PR, Brasil.

E-mail: cpghis@ufpr.br Website: www.poshistoria.ufpr.br

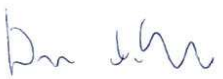
PARECER DA BANCA EXAMINADORA

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (PGHIS/UFPR) para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de Daiane Vaiz Machado, intitulada: **O percurso intelectual de uma personalidade curitibana: David Carneiro**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua **APROVAÇÃO**, completando-se assim todos os requisitos previstos nas normas desta Instituição para a obtenção do Grau de **Mestre em História**.

Curitiba, vinte e nove de fevereiro de dois mil e doze.


Prof. Dra Helenice Rodrigues da Silva (Orientadora)
Presidente da Banca Examinadora


Prof. Dr. Carlos Eduardo Vieira (UFPR)
1º Examinador


Prof. Dr. Dennison de Oliveira (UFPR)
2º Examinador

À minha linda mãe, Sirlei e aos meus adorados
irmãos, Thiago e Geovana.

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação foi escrita a muitas mãos. Primeiramente, quero agradecer a minha orientadora, Prof^a. Helenice Rodrigues da Silva, pela paciência na correção das várias versões deste trabalho e pelo permanente incentivo.

Agradeço também aos professores Dennison de Oliveira e Carlos Eduardo Vieira, pelas críticas apresentadas e pelos caminhos apontados na banca de qualificação e defesa.

Contribuíram para a construção desta narrativa os professores Renato Lopes Leite e Marcella Lopes Guimarães. Agradeço pelas indicações feitas durante as disciplinas cursadas. Estendo este agradecimento a todos os colegas que tive a oportunidade de conhecer e dialogar no decorrer das aulas.

Quero dar o meu sincero “obrigado” aos professores que primeiro me estenderam a mão, Raphael Nunes Nicoletti Sebrian e Karina Anhezini.

Queridas amigas Andrea Dal Pra e Fabiana Alves sou grata pela leitura atenta e cuidadosa que fizeram deste texto. Falando em leitura, agradeço meu grande amigo Rodrigo Araujo, que acompanhou esta dissertação desde a escrita da primeira linha. Sem dúvidas, pela internet, você foi a pessoa com quem mais convivi durante 2011. Obrigada por ter me ouvido, pelas contribuições e pelos debates.

No que se refere ao material de trabalho, agradeço à Pedro Mendonça do Centro Positivista do Paraná e aos funcionários e estagiários da Biblioteca Pública do Paraná.

Não poderia deixar de agradecer ao Otávio Erbereli Júnior que conheci durante um evento da UNESP/Assis. Otávio gentilmente me enviou diversas indicações de leitura sobre história econômica.

Quero nominalmente agradecer o auxílio, as palavras de conforto, de incentivo e compreensão que recebi dos amigos: Grazi, André, Elizabete, Diego, Luiz Alexandre, Monique, Gabriela, Jonathan, Maycon, Lu, Leilane, Ana Paula, Adriane, Uli, Neli, Diogo, Marcel e Kety. Espero que desculpem minha ausência e confinamento.

Por fim, agradeço ao Programa de Pós-Graduação em História da UFPR e ao programa de bolsas da CAPES.

Tenho certeza que por um lapso de memória devo ter esquecido alguns nomes, então, obrigado a todos que acompanharam, mesmo que não diretamente, esta trajetória de trabalho.

Eu estou sempre fazendo aquilo que não sou capaz,
numa tentativa de aprender como fazê-lo.

Pablo Picasso

RESUMO

Compreender o percurso intelectual de um personagem que no seu *post-mortem* foi “eleito” pela sociedade curitibana como um dos representantes da inteligência paranaense do século XX é a questão que norteia este trabalho. A personalidade analisada é o paranaense David Carneiro (1904-1990). Na procura de elementos que possam explicar quais foram os possíveis motivos para o seu reconhecimento público, exploramos as suas relações intelectuais, sociais e institucionais, transitando pelo seu multifacetado percurso como ervateiro, positivista, museólogo, historiador e professor acadêmico.

Palavras-chave: David Carneiro; trajetória intelectual; Paraná.

ABSTRACT

To understand the intellectual trajectory of a character which, in his *post-mortem*, was “elected” by the curitiban society as one of the representatives of the paranaense intelligence in the 20th century is the question which guides this work, and the analyzed personality is the paranaense David Carneiro (1904-1990). In the search of elements that might explain which were the possible reasons for its public recognition, we explored his intellectual, social and institutional relations, going through his multifaceted trajectory as a mate dealer, positivist, museologist, historian and academic professor.

Key-words: David Carneiro, intellectual trajectory, Paraná.

SUMÁRIO

Introdução – A repercussão <i>post-mortem</i> de David Carneiro	p. 8
Capítulo 1 – O cenário intelectual paranaense	p. 20
1.1 - Os David Carneiro no Paraná	p. 20
<i>A relação entre a família David Carneiro e a economia da erva-mate</i>	p. 23
1.2 - O apóstolo da Humanidade	p. 26
<i>A produção intelectual como adepto do catecismo positivista</i>	p. 33
1.3 - Contexto histórico-cultural curitibano nas primeiras décadas da República	p. 36
<i>Constituição de espaços de debates intelectuais</i>	p. 40
<i>O Movimento dito Paranista</i>	p. 44
Capítulo 2 – O historiador	p. 48
2.1 - A História da História do Paraná	p. 48
<i>Método, ciência e arte</i>	p. 52
<i>A função dos estudos históricos</i>	p. 56
2.2 - Diálogos: os “historiadores tradicionais”	p. 61
<i>Ermelino de Leão e o descobrimento das “brilhantes” bandeiras curitibanas</i>	p. 66
<i>Afonso Botelho, “o grande homem”</i>	p. 69
<i>Francisco Negrão, “o mais pesquisador”</i>	p. 74
Capítulo 3 - Espaços de atuação: A <i>Divulgação</i> e Museu Coronel David Carneiro	p. 79
3.1 - Divulgando o legado do passado nas páginas de <i>A Divulgação</i>	p. 79
3.2 - Um lugar para se preservar a memória e escrever a história: Museu Coronel David Carneiro	p. 89
<i>A história no museu</i>	p. 94
<i>A comemoração de “uma” memória</i>	p. 99
Capítulo 4 – O “pequeno mundo acadêmico”: os estabelecimentos de ensino	p. 105
4.1 - Embap: por uma Arquitetura de referências históricas	p. 105
4.2 - UFPR: Entre a História e a Economia	p. 111
<i>Keynes, “o grande economista”</i>	p. 114
<i>O primeiro dia na universidade, propriamente dito</i>	p. 119
4.3 - O não ingresso no Departamento de História da UFPR	p. 122
<i>A institucionalização do conhecimento histórico</i>	p. 124
<i>Mas, “eu sou Plutarquiano”</i>	p. 127

Considerações finais - Três cenas: entre reconhecimento e obscuridade	p. 131
<i>O outro lado das três cenas: a relativa obscuridade</i>	p. 136
<i>David</i>	p. 138
Fontes	p. 139
Bibliografia	p. 144
Apêndices	p. 153
APÊNDICE A - Demonstrativo das obras de autoria de David Carneiro	p. 153
APÊNDICE B - Referências cronológicas	p. 163
Notas Biográficas	p. 166

INTRODUÇÃO

A repercussão *post-mortem* de David Carneiro

“O Paraná em luto com a morte de David Carneiro”: é este o título da notícia que figurou, no dia 05 de agosto de 1990, na primeira página de um dos jornais de maior circulação no Paraná, a *Gazeta do Povo*.¹ Para o periódico *O Estado do Paraná*, no dia 04 de agosto de 1990, o Paraná perdeu o maior estudioso da História do Estado.² Três dias após o falecimento de David Carneiro, afirmou o jornal *Indústria & Comércio* “Morre David Carneiro, e passa à história do PR.”³ Nas páginas da imprensa paranaense David Antonio da Silva Carneiro (1904-1990) foi reconhecido como “sustentáculo da história desse Estado”,⁴ “vulto da história de nosso tempo”⁵ e “paranaense por excelência, guardião cioso das melhores tradições.”⁶

Foram neste tom de saudosismo e admiração que se realizaram as homenagens póstumas ao “intelectual” paranaense. A *TV Educativa de Curitiba*, por ocasião da celebração do sétimo dia de falecimento de David Carneiro, realizou a transmissão do documentário “Memória de David”, produzido em 1988,⁷ com a intenção de homenagear o “ilustre morto” e também relembrar aos paranaenses, mais especificamente aos curitibanos, quem foi David Carneiro.

¹ O PARANÁ de luto com a morte de David Carneiro. *Gazeta do Povo*, Curitiba, p.1, 05 ago. 1990.

² AOS 86 ANOS, morre o professor David Carneiro. *O Estado do Paraná*, Curitiba, p.11, 05 ago. 1990.

³ MORRE David Carneiro, e passa à história do PR. *Indústria & Comércio*, Curitiba, 07 ago. 1990. Pasta David Carneiro. Biblioteca Pública do Paraná, Documentação Paranaense. [sem referência a página].

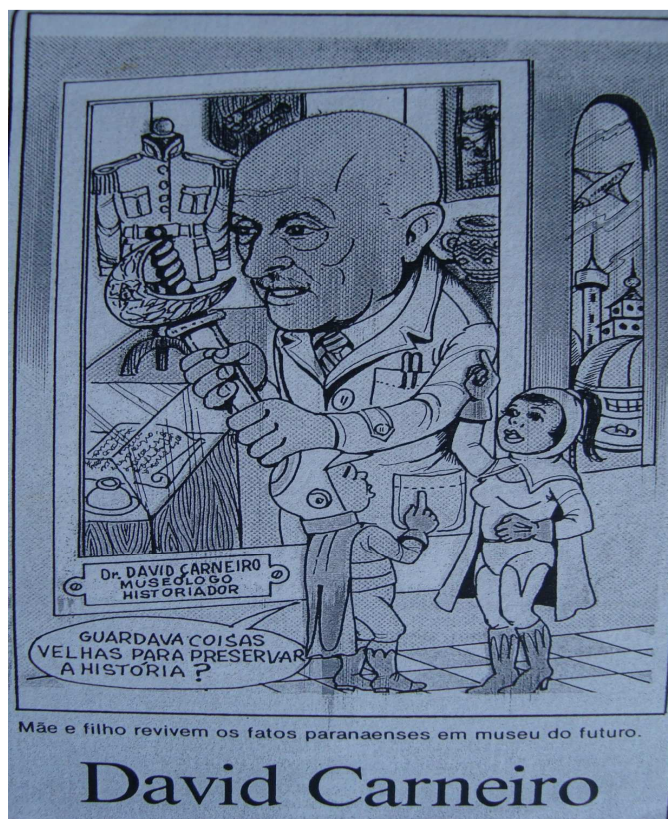
⁴ A afirmação foi feita por Edilberto Trevisan. Formado em Direito pela Universidade Federal do Paraná, foi membro da Academia Paranaense de Letras e integrante do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná. Dedicou-se à história das ferrovias no Paraná e a História da cidade de Curitiba. Foi um dos idealizadores do Museu Ferroviário, criado em 1972, instalado no antigo prédio da Estação Ferroviária – onde atualmente funciona o *Shopping Estação*. O PARANÁ em luto com a morte de David Carneiro. *Gazeta do Povo*, Curitiba, p.4, 05 ago. 1990.

⁵ DIAS, José W. A História e o Dr. David Carneiro. *Gazeta do Povo*, Curitiba, p. 44, 07 ago. 1990. Coluna A vista do meu ponto de vista.

⁶ Comentário de Mauri Rodrigues da Cruz. MAGALHÃES, Idalina B. David Carneiro. *Editora Correio Paranaense Ltda*, Curitiba, abr. 1996. Pasta David Carneiro. Biblioteca Pública do Paraná, Documentação Paranaense. [sem referência a página].

⁷ O vídeo “Memória de David” foi produzido em março de 1988, sob direção de Berenice Mendes e produção de Fernando Morini. Contou com o apoio da Secretária de Estado da Cultura. Entre os participantes está René Dotti (Secretário da Cultura), Túlio Vargas (escritor e presidente da Academia Paranaense de Letras), José de La Pastina (superintendente regional do IPHAN/PR), Francisco da Cunha Pereira Filho (jornalista e diretor do jornal *Gazeta do Povo*), Cassiana Lacerda Carollo (professora da Literatura), Cecília Maria Westphalen (historiadora). MEMÓRIA de David. Direção: Berenice Mendes. Produção de Fernando Morini. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1988. 1 DVD.

A imprensa não somente lembrou, mas também ensinou ao público infantil sobre o trajeto de vida de David Carneiro. Na edição de 16 de janeiro de 1993, as crianças leitoras da *Gazetinha* (caderno da *Gazeta do Povo*) puderam conhecer o museólogo e historiador David Carneiro:



DAVID Carneiro. *Gazetinha. Gazeta do Povo*, Curitiba, p. 7, 13 jan. 1993.

Como sugere a ilustração, em uma situação hipotética, que alude ao futuro, David Carneiro foi a personalidade “eleita” para ser cristalizada em um museu.

Prosseguindo com as homenagens, com o objetivo de ressaltar a “memória do apostolado humanístico”⁸ de David Carneiro, na passagem do 5º aniversário póstumo, o *Centro de Propaganda do Positivista do Paraná*, o *Centro de Letras do Paraná* e a *Academia Paranaense de Letras* promoveram uma palestra ministrada por Wilson Bóia, o biógrafo do autor.

David Carneiro também foi lembrado na Biblioteca Pública do Paraná. Na comemoração de seu centenário de nascimento, a instituição realizou, entre 18 e 31 de março

⁸ PARANÁ lembra o professor David Carneiro. *Gazeta do Povo*, 04 ago. 1995. Pasta David Carneiro. Biblioteca Pública do Paraná, Documentação Paranaense. [sem referência a página].

de 2004, a amostra “Um olhar sobre a história do Paraná - Primeiro centenário de nascimento do Professor David Carneiro”.⁹

Observando como David Carneiro foi rememorado nos deparamos com fragmentos que compõem um possível retrato do “intelectual”: “[...] era homem de opiniões firmes; de convicções inabaláveis. Era educado, polido. De elegância física e espiritual.”¹⁰ Nas páginas da imprensa, ao lado das vinhetas edificantes, o leitor pôde visualizar David Carneiro ainda em vida, ora gesticulando - lendo em sua biblioteca -, ora ao lado de objetos de seu museu - o Museu Coronel David Carneiro.

Juntamente com as primeiras notícias do falecimento de David Carneiro, emergiu a dúvida em relação ao destino do acervo de seu museu, composto de 6.053 peças¹¹, e de sua biblioteca, que contava com aproximadamente 30 mil exemplares.¹² Entre agosto de 1990 e dezembro de 2004¹³, a imprensa passou a narrar a disputa entre os herdeiros de David Carneiro - obstinados a vender o acervo para saldar uma dívida adquirida pelo filho do historiador, David Carneiro Júnior junto ao Banco Brasil - e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. A Secretaria Estadual da Cultura e vereadores da Câmara Municipal de Curitiba tomaram parte da disputa, pois nas palavras do vereador Mauro Moraes: “o mais importante é o fator histórico que ele [museu] contém, uma vez que reúne documentos e peças de momentos importantes da vida paranaense, como por exemplo, o episódio do Cerco da Lapa.”¹⁴

Nos textos que buscaram fazer um balanço da vida de David Carneiro com declarações dos pares e depoimentos afetivos, além das funções de museólogo e de historiador regional, lembrou-se também de sua devoção ao catecismo positivista de Augusto Comte e de sua atividade como professor na Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Paraná (UFPR), destacando sua fase como professor visitante em universidades dos Estados Unidos, nas quais ministrou aulas de História e Economia.

⁹ GERMINIANI, Clotilde. Um olhar sobre a História do Paraná – Primeiro centenário de nascimento do Professor David Carneiro. *Jornal da Biblioteca* – Órgão da Biblioteca Pública do Paraná e do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas, Curitiba, ano I, n. 3, p.19, jun.-ago. 2004.

¹⁰ DIAS, op. cit., p. 44.

¹¹ NICOLATO, Roberto. Memória encaixotada. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 05 ago. 2002. Pasta David Carneiro. Biblioteca Pública do Paraná, Documentação Paranaense. [sem referência a página].

¹² Essa é a estimativa fornecida por David Carneiro em entrevista concedida ao jornal *O Estado do Paraná*, em 1982. MILLARCH, Aramis. O paranaense sempre foi metido consigo mesmo. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 10 set. 1982. Caderno Fim de semana, n. 77, p. 03.

¹³ Atualmente no Museu Paranaense encontra-se um inventário das peças do Museu Coronel David Carneiro, que foi incorporado àquele museu em 2004, após a compra do acervo pelo Governo do Estado do Paraná.

¹⁴ CÂMARA defende manutenção do museu “David Carneiro”. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 08 de ago. 1990. Pasta David Carneiro. Biblioteca Pública do Paraná, Documentação Paranaense. [sem referência a página].

A partir da análise dos vestígios da lembrança de David Carneiro, podemos afirmar que houve a intenção de celebrar uma memória. Projetou-se a imagem de um personagem dedicado, em suas diversas atividades, ao seu espaço regional, o Paraná. Parece não existir nada de incomum no ato de celebrar um indivíduo já que as sociedades não cessam de construir lendas douradas para os seus “eleitos”. No entanto, cabe-nos problematizar quais são os atributos conferidos aos “eleitos” e os porquês de serem escolhidos como figuras representativas de uma sociedade. Deste modo, propomo-nos, por meio desta dissertação, analisar o percurso intelectual de uma personalidade “eleita” como um dos representantes da inteligência paranaense: David Carneiro.

Os textos *post-mortem* sobre David Carneiro insistem em colocá-lo ao lado de Rocha Pombo, Dario Vellozo, Romário Martins, entre outros, que, mais intensamente no início do século XX, fizeram parte de um contexto de fomento à cultura, às artes e aos estudos históricos. Foi neste momento que floresceu uma “intelectualidade paranaense” voltada para a reflexão da singularidade regional e da inserção do Estado nos trilhos do progresso econômico, social, político e intelectual, tão almejado pela sociedade brasileira da virada do século republicano.

A mesma Curitiba que viu nascer na década de 1920 o Movimento Paranista, a partir dos anos 1970 vivencia um contexto de retomada e fortalecimento das histórias e dos símbolos estéticos forjados naquele contexto. O investimento na área cultural tomou maior ímpeto nas gestões de Jaime Lerner à frente da Prefeitura Municipal (1971-1975, 1979-1982, 1988-1992). Neste período, a administração pública investiu em uma arquitetura com elementos paranistas e também se preocupou com a preservação do patrimônio histórico da capital.¹⁵ Nas exposições de artes visuais, propagou-se o que alguns críticos nomearam de “neo-paranismo”: a pinha, o pinheiro, o pinhão, a gralha-azul estiveram presente como símbolos nas propostas “pós-modernistas”.¹⁶

Pensando neste contexto de retomada de símbolos e discursos de pertencimento regional, perguntamo-nos se a reverência a David Carneiro se deve não tanto pela sua singularidade, mas sim por ter sido um remanescente da “intelectualidade paranaense” das primeiras décadas do século XX, remetendo ao passado de discursos enaltecedores. Ao longo de nosso estudo tencionaremos elucidar esta questão.

¹⁵ Cf. OLIVEIRA, Dennison de. *Curitiba e o mito da cidade modelo*. Curitiba: Ed. da UFPR, 2000.

¹⁶ BARONE, Luciana E. *O Paranismo e as artes visuais*. 2009. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais). Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, Florianópolis, 2009, p. 163.

Apesar da repercussão *post-mortem* de David Carneiro aparentar a confirmação do seu papel como museólogo, historiador e professor importante de uma cidade como Curitiba, ele atualmente não é, ao menos no meio acadêmico, apesar de sua ampla produção temática, referência bibliográfica para o estudo regional. Seu nome acaba por aparecer nas pesquisas universitárias apenas de forma esparsa e pontual. Pouco conhecido entre os próprios historiadores regionais como personagem atuante no cenário intelectual curitibano do século XX, sua figura quase não foi problematizada.

Após termos encaminhado nosso projeto de pesquisa ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (UFPR), tomamos conhecimento da tese de Maria J. W. Cordova, defendida em agosto de 2009, em Sociologia, também pela UFPR.¹⁷ O estudo teve como tema central a compreensão, por meio da análise das produções de três figuras expoentes da sociedade curitibana – Bento Munhoz da Rocha Netto, Brasil Pinheiro Machado e David Carneiro –, da construção discursiva sobre a formação social e histórica paranaense.

A socióloga buscou traçar paralelos entre as trajetórias destes personagens, identificando suas particularidades, lugar social e local de produção. A tese de Cordova, ao defender que David Carneiro “revelou-se num dos paranistas que mais exaltaram as características regionais e a memória histórica delineada pela historiografia oficial”¹⁸, tornou-se um importante ponto de diálogo para o nosso estudo. No entanto, seu trabalho possui um foco específico, e, devido a sua problemática, centra-se, preferencialmente, na produção do discurso identitário paranaense realizado por David Carneiro enquanto historiador. Nossa abordagem difere da apresentada por Cordova, pois, mesmo que parcialmente, pretendemos compreender o percurso intelectual de David Carneiro, explorando os seus vínculos plurais, relações intelectuais, sociais e institucionais, transitando pelo seu percurso como ervateiro, positivista, museólogo, historiador e acadêmico.

¹⁷ CORDOVA, Maria J. Weber. *Tingüís, Pioneiros e Adventícios na mancha loira do Sul do Brasil: o discurso regional autorizado de formação social e histórica paranaense*. 2009. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba, 2009.

¹⁸ Ibid., p. 18-19.

A abordagem do objeto

O presente estudo do paranaense David Carneiro se insere em uma abordagem vinculada à história intelectual. O surgimento desta vertente historiográfica data das décadas de 1980 e 1990, quando a história intelectual, na acepção francesa, surge como área de investigação e o intelectual como objeto de estudo.¹⁹ Desenvolvida, paralelamente, a uma história dos intelectuais, “[...] l’histoire intellectuelle entend rendre compte des oeuvres, parcours, itinéraires, par-delà les frontières disciplinaires.”²⁰

Dedicado ao estudo dessa perspectiva de escrita da História, o historiador francês François Dosse é autor de duas biografias intelectuais - do filósofo Paul Ricoeur (1997) e do historiador Michel de Certeau (2002) - e de uma biografia cruzada de Gilles Deleuze e Felix Guattari (2007), além da publicação de escritos que pretendem elucidar o debate multidisciplinar e mostrar as diversas variantes da história intelectual.²¹ Entre estes escritos, a obra que tenta apresentar uma síntese do estado da questão é *Le marche des idées*, publicada em 2003. Tratadas separadamente, a história dos intelectuais e a história intelectual “se justapõem ao longo desse livro, revelando assim o caráter interativo e transversal desses dois objetos.”²²

Esse âmbito de pesquisa que busca autonomia nasce, segundo Dosse, do entrelaçamento da história das ideias, do pensamento filosófico, das mentalidades e da história cultural, ambicionando “[...] faire consoner ensemble les oeuvres, leurs auteurs et le contexte qui les a vus naître [...]”.²³

Em solo nacional, Helenice Rodrigues da Silva se filia à premissa da necessidade de uma convergência entre o autor, as obras e o seu contexto de produção. No livro intitulado *Fragmentos da História intelectual*, publicado em 2002, a historiadora faz um mapeamento das principais discussões, seus déficits epistemológicos e metodológicos, assim como aponta possibilidades de abordagem vinculadas à história intelectual. Sua obra desvenda espaços possíveis desta linha de investigação de caráter pluridisciplinar que “deve levar em conta a

¹⁹ Cf. SILVA, Helenice R. da. *Fragmentos da história intelectual: Entre questionamentos e perspectivas*. Campinas, SP: Papirus, 2002.

²⁰ “[...] a história intelectual propõe-se a levar em consideração obras, percursos, itinerários, além das fronteiras disciplinares.” DOSSE, François. *Le marche des idées*. Histoire des intellectuels, histoire intellectuelle. Paris: La Découverte, 2003, p. 11, tradução nossa.

²¹ Entre eles destacamos: *Le marche des idées*. Histoire des intellectuels, histoire intellectuelle, publicada em 2003, ainda não traduzida no Brasil, e *História e ciências sociais*, publicada no Brasil pela Edusc, em 2004.

²² SILVA, Helenice R. da. François DOSSE. La marche des Idées – Histoire des Intellectuels, Histoire Intellectuelle. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 24, n. 48, p. 355, 2004.

²³ “[...] fazer soar em conjunto as obras, os seus autores e o contexto que as viu nascer [...]” DOSSE, 2003, p. 11, tradução nossa.

dimensão sociológica, histórica e filosófica capaz de explicar a produção intelectual com base nos espaços socioprofissionais e nos contextos históricos.”²⁴

Compartilhamos do posicionamento desses dois autores para o entendimento do percurso intelectual de David Carneiro a partir da compreensão das possíveis correlações existentes entre as concepções historiográficas do autor - pesquisadas a partir de uma análise interna das obras -, de seu contexto histórico e social de produção, além das sociabilidades estabelecidas nos lugares por ele percorridos.

Assim, cabe esclarecer que ao analisarmos o percurso intelectual de David Carneiro não temos a pretensão de traçar um itinerário linear para o autor, mas sim identificar fases de sua vida, os meios intelectuais, considerar as possíveis escolhas, bem como as contradições, os afetos e desafetos intelectuais. Frente a um personagem inserido na dinâmica do seu espaço histórico e social de enunciação, intentamos compreender, em seu percurso multifacetado de ervateiro, positivista, museólogo, historiador e professor, ao menos parte de suas filiações, tomadas de posição e os prováveis sentidos emitidos pela sua produção intelectual, bem como seus possíveis destinatários, elementos que caracterizam a singularidade de seu percurso intelectual.

O termo “intelectual”

Neste momento, acreditamos ser importante ressaltar a figura do personagem intelectual, o objeto de pesquisa dessa modalidade historiográfica.

O termo “intelectual” recebeu a qualidade de léxico, de substantivo, a partir da investigação de uma conjuntura histórica social específica, na França, em torno do *caso Dreyfus*. Em fins do século XIX, o escritor Émile Zola pediu a revisão do processo que condenava o capitão Dreyfus, judeu e alsaciano, acusado de espionagem. O caso mobilizou um grupo que se posicionou a favor e outro, contra a revisão do processo. Os chamados *dreyfusards* defendiam a necessidade da enunciação da verdade contra o erro judiciário, estes foram alcunhados de “intelectuais” e se caracterizariam pela defesa de valores morais, como verdade e justiça.²⁵

Situações históricas ao longo do século XX, na Europa em geral e na França em particular, evidenciam nuances na esfera política e social que abarcam o debate acerca de uma

²⁴ SILVA, 2002, p. 12.

²⁵ Cf. SILVA, 2002, p. 14-17.

definição de quem é um “intelectual” e qual sua função ou sua missão na sociedade. Lembremos o intelectual engajado do pós-guerra personificado na figura de Jean-Paul Sartre, e do intelectual *expert* de fins dos anos 1970, Michel Foucault e Pierre Bourdieu. Observando tais mutações políticas, sociais e ideológicas no “campo” cultural francês, Helenice R. da Silva ressalta que “cada época parece fornecer um modelo específico de intelectual.”²⁶ Ou seja, a questão reside em refletirmos a particularidade de uma determinada realidade sócio-cultural para a condição de emergência do “intelectual” e os atributos que os sujeitos denominados de “intelectuais” comportam em uma sociedade.

Todavia, mesmo tendo em conta os cuidados ressaltados por Silva, alguns pontos que caracterizaram os sujeitos envolvidos no *caso Dreyfus* parecem ser essenciais e não muito variáveis para se pensar os atributos identificadores de um “intelectual” independente do contexto de atuação. Estamos nos reportando à tentativa de definição feita por Carlo Marletti, para ele: “o termo [intelectual] se aplica também aos artistas, estudiosos, cientistas e, em geral, a quem tenha adquirido, com o exercício da cultura, uma autoridade e uma influência nos debates públicos”.²⁷ Pensando desta forma, a grosso modo, o “intelectual” é o sujeito que dotado de propriedade intelectual profere discursos que reverberam no campo político e cultural. Assim, ainda que rapidamente, cabe refletirmos sobre a configuração nacional da virada do século XX e tentar situar o “intelectual”, que é objeto deste estudo.

O Brasil republicano da virada do século XX foi um país de alto índice de analfabetismo; o ensino primário e secundário começava a se disseminar e receber mais incentivo. Já o acesso às vagas em faculdades era restrito aos filhos das elites econômicas e ainda mais limitado aos paranaenses, pois, caso o desejassem, teriam que buscá-lo em grandes centros urbanos, como São Paulo e Rio de Janeiro. Se pensarmos no nível educacional da própria população, as condições de posicionamento crítico diante da sociedade eram limitadas. O que não impediu, no entanto, a enunciação e aglutinação de sujeitos em defesa de determinadas “causas”. Estes sujeitos se encontravam entre artistas, literatos, homens de letras, eruditos, enfim, pessoas que possuíam um nível de instrução capaz de produzir textos, discursos e se manifestar no âmbito das artes, da ciência e da política, configurando-se como “intelectuais” dessa sociedade.

²⁶ SILVA, Helenice R. da. O intelectual, entre mitos e realidades. In: *Revista Espaço Acadêmico*, n. 29, out. 2003. Disponível em: < <http://www.espacoacademico.com.br/029/29csilva.htm> >. Acesso em: 17 jul. 2010.

²⁷ MARLETTI, Carlo. Intelectuais. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, p. 637.

Em nível nacional, coube aos “intelectuais” pensar o Brasil República através de sua identidade cultural enquanto “povo”²⁸ e as raízes dos problemas políticos e sociais da nação.²⁹ Em âmbito regional, os “intelectuais” foram chamados a elaborar textos e discursos que legitimassem as fronteiras territoriais e também se engajaram na identificação de elementos que assinalassem a singularidade do paranaense - estes parecem ter sido alguns dos atributos da “intelectualidade paranaense” que emerge nas décadas iniciais do século XX.³⁰

David Carneiro teve oportunidades educacionais privilegiadas, fez inúmeras viagens ao exterior, era poliglota, foi um “erudito”, um homem que se dedicou às letras, posicionou-se nos debates do seu tempo, foi produtor e difusor de conhecimento. É nestes termos e considerando as devidas particularidades do funcionamento da sociedade curitibana que Carneiro é nomeado como “intelectual” neste trabalho.³¹

As fontes e a organização da dissertação

Jean-François Sirinelli ressaltou a dificuldade que encontram os estudiosos que têm como objeto de estudo os “intelectuais” no que se refere à abundância documental. É célebre e aterrorizadora a frase que reproduz de Alexis de Tocqueville, “eu era como o minerador de

²⁸ O que caracteriza o “povo” brasileiro? Esta foi genericamente a questão que muitos autores abordaram em suas produções. Para termos uma baliza e um exemplo, citemos Oliveira Vianna (1883-1951). O autor esteve em evidência no início do século XX, carregava a tradição que vinha desde Silvio Romero (1851-1914): interpretar a formação brasileira a partir das matrizes teóricas européias do determinismo do meio e da raça, mais precisamente da superioridade ditada pela cor da pele. Cf. LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia*. São Paulo: Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 1969.

²⁹ Estamos pensando nos alcunhados “redescobridores do Brasil”. Trazendo novos parâmetros para o conhecimento do passado nacional e se afastando da interpretação de Oliveira Vianna estão os “ensaístas”: Caio Prado Júnior (1933), Gilberto Freyre (1933), Sergio Buarque de Hollanda (1936) e Roberto Simonsen (1937). Cf. MOTA, Carlos G. *Ideologia da cultura brasileira: pontos de partida para uma revisão histórica*. 5. ed. São Paulo: Editora Ática, 1985.

³⁰ O episódio que ficou conhecido como “Contestado”, parece ter arregimentado “um grupo” em torno de uma “causa”: a defesa das fronteiras físicas do Estado, que por extensão são também fronteiras culturais. Este episódio pode ser considerado uma baliza para refletirmos sobre o momento de constituição de uma “intelectualidade” tipicamente paranaense. Sobre o assunto indicamos: NEUNDORF, Alexandro. *Intelectualidade, Fronteira e Identidade: O Paraná no início do século XX*. 2009. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba, 2009.

³¹ Nosso trabalho está partindo de critérios amplos para nomear David Carneiro como “intelectual”, não temos a pretensão de trabalhar algo em torno de um “tipo ideal” de intelectual paranaense. É por não tentarmos enquadrá-lo de modo rígido em um quadro conceitual, que optamos por utilizar o termo intelectual entre aspas. Filiamos-nos a opção adotada por Alexandro Neundorf. Cf. NEUNDORF, op. cit., p. 29. No entanto, o leitor pode encontrar uma tentativa de caracterização da “tipicidade do comportamento do sujeito coletivo” denominado de intelectual no texto de Carlos Eduardo Vieira. Cf. VIEIRA, Carlos E. Erasmo Pilotto: identidade, engajamento político e crenças dos intelectuais vinculados ao campo educacional no Brasil. In: ALVES, C; LEITE, J. L. (Org.). *Intelectuais e história da educação no Brasil: poder, cultura e políticas*. 1. ed. Vitória: EDUFES, 2011, v. 1, p. 25-54.

ouro sobre cuja cabeça a mina estivesse desabado: estava esmagado sob o peso de minhas notas e não sabia mais como sair dali com meu tesouro.”³² As palavras de Tocqueville se tornaram impactantes para uma dissertação que tem como objetivo analisar o percurso intelectual do paranaense David Carneiro, pois o personagem em estudo foi um ávido escritor, possui uma extensa produção bibliográfica, além de documentação produzida sobre sua figura (embora esta não seja abundante). Assim, para não sermos soterrados pelas fontes, a seleção do nosso material de trabalho foi guiada pelas perguntas³³ que norteamos como relevantes para a compreensão do percurso de David Carneiro como ervateiro, positivista, museólogo, historiador e professor.

Na intenção de analisarmos a repercussão *post-mortem* de David Carneiro, selecionamos diversas notícias veiculadas pela imprensa paranaense, notadamente curitibana, sobre o falecimento do autor e homenagens que lhe foram prestadas, ademais, até dezembro de 2004, matérias sobre o destino do acervo do Museu Coronel David Carneiro.

Todavia, não foi somente após o falecimento que David Carneiro teve lugar nas páginas da imprensa curitibana. Na década de 1980, principalmente, Carneiro foi bastante requisitado para entrevistas. Nestas, ele foi inquirido sobre a origem familiar, o empreendimento ervateiro da família, o ambiente de formação educacional, o descobrimento do positivismo; revelou predileções artísticas, literárias, posições políticas, e teceu críticas e/ou elogios a governos locais e nacionais; defendeu a necessidade do povo paranaense conhecer as suas raízes históricas por meio da divulgação de nomes de “heróis” da sua terra; avaliou a conjuntura historiográfica se declarando um dos “últimos historiadores tradicionais”. Data desse mesmo período a produção do documentário que visou registrar a “Memória de David”, produzido em parceria com a Secretaria da Cultura do Estado do Paraná, que também está entre as fontes deste trabalho.

Devido à extensa produção bibliográfica de David Carneiro e o propósito desta pesquisa, o critério para escolha dos artigos e livros de sua autoria foi, primeiramente, selecionar os objetos que contivessem mais ênfase às atividades desenvolvidas por ele enquanto ervateiro, positivista, museólogo, historiador e professor. O levantamento bibliográfico da produção de Carneiro, assim como o arrolamento das obras que mais foram

³² TOCQUEVILLE apud SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, Réne. *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 2003, p. 244-245.

³³ Para o historiador Jörn Rüsen, o pensamento histórico não se inicia pelas *fontes*, mas sim pelas *perguntas*. São as perguntas que “definem o que constitui fonte histórica. O pensamento histórico, todavia, tem de selecionar as fontes relevantes para a informação buscada.” RÜSEN, Jörn. *O que é metahistória?* Por uma teoria compreensiva dos estudos históricos. Curitiba: UFPR, 2010, [no prelo], p. 9.

divulgadas nas entrevistas que concedeu e as constantemente citadas nos textos biográficos das notícias *post-mortem*, permite visualizar as principais áreas e temas de seu interesse. Devido a este mapeamento observamos que a produção do David Carneiro historiador é a que mais recebeu destaque.

Desta forma, o *corpus* documental que compõe esta dissertação foi escolhido tanto pela sua capacidade de fornecer dados relevantes para a informação buscada, quanto pela importância que assumiu no percurso intelectual de David Carneiro, ou seja, priorizamos os escritos que foram mais significativos para investigarmos as diversas faces de seu percurso como “intelectual” paranaense. Visando elucidar este objetivo e estabelecer um adequado encadeamento de ideias, organizamos nossa dissertação em quatro capítulos.

No primeiro capítulo, busca-se descortinar os ensinamentos que, possivelmente, contribuíram para fomentar em David Carneiro o sentimento de exaltação regional no início de seu percurso intelectual. Para tanto, investigamos a origem familiar e sua relação com a economia da erva-mate, os lugares educacionais e sua filiação ao catecismo positivista. O cenário histórico-cultural curitibano das primeiras décadas da República, contexto de relativa prosperidade com a economia ervateira, de florescimento cultural no âmbito das letras e de surgimento de uma “intelectualidade paranaense” também foi privilegiado.

Já nas primeiras publicações de David Carneiro argumentando sobre a importância econômica e social da erva-mate, avistamos o sentimento de defesa da economia regional. O discurso de enaltecimento do Paraná esteve em pauta e teve, entre outros, um sujeito e um movimento de destaque, o historiador Romário Martins e o Movimento Paranista. David Carneiro se declarou discípulo deste historiador no que diz respeito aos estudos regionais e é neste momento que entra em cena o historiador.

Será a configuração do David Carneiro historiador o tema do segundo capítulo. Para examinarmos este percurso, analisaremos a sua produção historiográfica na intenção de identificarmos os autores que contribuíram para fundamentar sua escrita da história, concepção de verdade, crítica documental e função dos estudos históricos.

Ao interpretarmos a produção historiográfica, o autor e o contexto de enunciação, acreditamos que David Carneiro se voltou ao passado na intenção de contribuir para o seu lugar social, o Paraná. Assim, defendemos a idéia de que o principal sentido de sua narrativa histórica - porém não o único - foi o enaltecimento do Paraná.

A filiação a uma corrente de pensamento, do início do século XX, que visava exaltar o Estado, parece ter assegurado reconhecimento a David Carneiro no *post-mortem*. Mas cabe investigarmos se, durante o seu percurso intelectual, o seu discurso regional encontrou

aceitabilidade e qual atividade, além da de historiador, poderia ter contribuído para lhe assegurar uma posição de destaque na sociedade curitibana. Na procura destes elementos, escrevemos o terceiro capítulo, no qual buscamos compreender por quais atributos Carneiro foi reconhecido como personalidade importante da sociedade paranaense. Com este objetivo, estudaremos dois espaços de atuação: a revista *A Divulgação* e o Museu Coronel David Carneiro, circunscritos em torno dos anos 1950.

Indícios apontam que foi com a imagem de “historiador regional” que David Carneiro obteve mais destaque na vida pública. Porém não foi como professor de História, mas sim como professor da disciplina de “Arquitetura Analítica” na então recém-criada Escola de Música e Belas Artes do Paraná (Embap), em 1948. Foi devido a sua formação como engenheiro que David Carneiro ingressou no meio acadêmico.

Após o convite para docência, em 1951, na Faculdade de Ciências Econômicas da UFPR, David Carneiro, entre 1951 e 1969, foi professor visitante de História e Economia em diversas universidades no exterior, entre elas as universidades estadunidenses de Nebraska, Califórnia e Harvard. Mesmo com aparente prestígio institucional, o convite para ministrar aulas de História na UFPR não aconteceu.

Refletindo sobre a constituição de uma história com perfil acadêmico no Paraná, que se iniciou a partir da década de 1960, interrogamo-nos se David Carneiro teria sido colocado à margem do processo de institucionalização do conhecimento histórico. Esta questão será abordada no último capítulo, cujo objetivo é analisar o percurso de David Carneiro como professor universitário, ou seja, inserido nesse “pequeno mundo acadêmico” permeado por regras e práticas que cerceiam os discursos. Este capítulo fecha a nossa opção por transitar pelas diversas faces do percurso intelectual de David Carneiro, personalidade que no seu *post-mortem* foi “eleita” como um dos representantes da inteligência paranaense.

Quanto à estrutura, o leitor poderá visualizar nos apêndices o Demonstrativo de obras publicadas e as Publicações em revistas, boletins e periódicos, de autoria de David Carneiro. Também está em apêndice uma cronologia que esboçamos do autor. Optamos, para não sobrecarregar o texto, em deixar algumas notas biográficas em um tópico separado no fim da dissertação.

CAPÍTULO 1

O cenário intelectual paranaense

Minha mãe era paulista, era campineira, mas *meu pai era tremendamente paranaense*. E eu fui criado com essa característica. Não há nada melhor do que a terra da gente e não há nada melhor do que a gente que a gente conhece.

David Carneiro³⁴

A “terra” e a “gente” da qual David Carneiro se refere acima é o Paraná e, evidentemente, o povo paranaense. Foi no cenário histórico-cultural curitibano do início do século XX que como o pai, Coronel David Carneiro, o filho, para além de um simples critério geográfico, tornou-se “tremendamente paranaense”. Assim, nossa intenção neste capítulo é procurar compreender quais foram, no início de sua trajetória intelectual, os elementos que contribuíram para fomentar em David Carneiro o sentimento de exaltação regional.

Para tanto, investigamos a origem familiar e sua relação com a economia da erva-mate, os lugares de formação educacional e a filiação ao positivismo, e o cenário histórico-cultural curitibano das primeiras décadas da República, contexto de relativa prosperidade econômica com a erva-mate, de incentivo cultural e de surgimento de uma “intelectualidade paranaense”. Foi nesta atmosfera que David Carneiro fez suas primeiras filiações a correntes de pensamento e iniciou sua produção intelectual.

1.1 - Os David Carneiro no Paraná

Tu, meu filho, tens uma grave e nobre *missão* a cumprir: é pregar o novo evangelho de redenção da nossa Terra; é conseguir – mais com o exemplo do que com a palavra – que os meninos de hoje, – os homens de amanhã – procurem na independência material e moral, pelo trabalho e pela cultura, formar uma sociedade nova! Dia virá em que largamente conversaremos sobre este assumpto. Tenho muita fé, meu Vicota, nas energias latentes da *nossa raça* para descrever d’ella e do papel que lhe está reservado representar na *história da Humanidade*. É preciso, porém que trabalhemos

³⁴ CARNEIRO apud MEMÓRIA de David. Direção: Berenice Mendes. Produção de Fernando Morini. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1988. 1 DVD, grifo nosso.

muito; que trabalhemos com toda a coragem e todo o amor; que lutemos sem
descanço e sem medo, para vencer...³⁵

Nesta carta, datada de 15 de novembro de 1915, o Coronel David Antonio da Silva Carneiro (1879-1928), pai de David Carneiro, ao lembrar a data histórica da proclamação da República no Brasil ressaltou a missão do filho Vicota³⁶: dar mostras de civismo, servir ao próximo e trabalhar pela pátria, difundir exemplos morais e culturais para a construção de uma nova sociedade. Compreendia o pai que era necessário pregar os ideais republicanos, pois a República em que viviam não era a idealizada por Benjamin Constant, mas sim a que “abastardou o caráter, esmagou a justiça e arruinou o Brasil.”³⁷

O menino Vicota recebia do pai cartas que, além de incentivar o zelo nos estudos e a reflexão ética, moral e política, enfatizavam a necessidade de se distinguir, pois ele possuía um papel na sociedade, afinal era “um Silva Carneiro – e a gente da nossa raça não desmente a estirpe da nobre inteireza moral de que provem.”³⁸

Vicota foi o quarto da “raça” dos David Antonio da Silva Carneiro. David Carneiro nasceu em 29 de março de 1904. Data histórica, dia que se comemora a fundação da sua cidade natal. Dizia ele: “Curitiba é a cidade do meu coração, é a cidade mais importante do mundo para mim.”³⁹

Quando afirma que a estirpe deveria ser honrada, não se trata apenas da questão moral. Os David Carneiro fizeram parte das “famílias históricas” que compuseram a elite dominante paranaense.⁴⁰ Assim, quando chamado a discorrer sobre a descendência familiar, David Carneiro sempre exaltou a sua origem portuguesa. Segundo seu mapeamento genealógico, os Carneiro no Brasil são tronco da família de um capitão de milícias do reino português vindo para Pernambuco por ocasião da invasão holandesa, em 1656.⁴¹ Em terras paranaenses, de

³⁵ Carta do coronel David Carneiro a David Carneiro, Curitiba, 25 de novembro de 1915, apud CARNEIRO, David. *Biografia do Cel. David Carneiro e cartas escritas por ele a seus filhos*. [S.I.: s.n.], 1938, p. 95-96, grifo nosso.

³⁶ Vicota era a forma carinhosa que David Carneiro, o personagem em estudo, era chamado pelo seu pai.

³⁷ Carta do coronel David Carneiro a David Carneiro, Curitiba, 15 de novembro de 1915 apud CARNEIRO, op. cit., p. 95.

³⁸ Carta do Coronel David Carneiro a Newton Carneiro, Curitiba, 27 de julho de 1927 apud CARNEIRO, op. cit., p. 151.

³⁹ CARNEIRO apud MARANHÃO, Malu. David Carneiro. *Nicolau*, Curitiba, out. 1988. Pasta David Carneiro. Biblioteca Pública do Paraná, Documentação Paranaense. [sem referência a página].

⁴⁰ A noção de “famílias históricas” foi trabalhada por Ricardo Costa de Oliveira em estudo que investigou a formação de grupos sociais dominantes no Paraná e as suas relações com a economia, a política e a cultura regional. O foco de sua análise foi as conexões que se estabeleceram entre estruturas de poder e estruturas de parentesco do Segundo Reinado à República Velha. OLIVEIRA, Ricardo C. de. *O silêncio dos vencedores: genealogia, classe dominante e estado no Paraná*. Curitiba: Moinho do Verbo, 2001, p. 01.

⁴¹ CARNEIRO, 1938, p. 06.

acordo com os estudos genealógicos de Francisco Negrão, os David Carneiro se vinculam ao título Soares da Costa.

Manoel Soares da Costa, açoriano que veio para Santa Catarina e cuja família viria para Antonina por volta de 1839, escapando da Guerra dos Farrapos. Estabeleceram lavoura e carpintaria naquela localidade com os seus escravos. Suas netas casaram-se com Ermelino Agostinho Leão, com o Coronel e comerciante Francisco Marçalho da Lapa e com o empresário da erva-mate David Antonio da Silva Carneiro.⁴²

O segundo David Carneiro foi quem se casou com Olímpia Soares da Costa e se tornou um destacado empresário da erva-mate. O primeiro David Carneiro nasceu em Iguape, São Paulo, em 1815, e iniciou a tradição de atribuir o nome de família “David Antonio da Silva Carneiro” ao primogênito. Este teria recebido de José Bonifácio de Andrada e Silva, o “grande homem da nossa Independência”⁴³, além de um terreno em Iguape, o apoio nos primeiros passos do funcionalismo público. Secretário particular de Zacarias de Góes e Vasconcelos, o primeiro presidente da província do Paraná, estabeleceu-se definitivamente em Antonina em setembro de 1858, quando foi nomeado Coletor da Mesa de Rendas.

Foi na Mesa de Rendas de Antonina que o segundo David Carneiro, vindo com o pai de Iguape e nascido em 1 de janeiro de 1853, trabalhou para ajudar a mãe após a prematura morte do pai. O avô de David Carneiro, “intelectual” estudado neste trabalho, dividia o trabalho entre a Mesa de Rendas e a Casa de Despachos de Ildefonso Pereira Correia, futuro Barão do Serro Azul, “assim trabalhava como funcionário publico e como empregado no comercio, servindo a um amigo.”⁴⁴

O amigo, em 1878, deu início à empresa ervateira Ildefonso P. Correia & Cia. O avô passou de empregado a sócio e se mudou para Curitiba com a família no ano seguinte. Trata-se de uma nova fase na vida da família David Carneiro, no período áureo de comercialização da erva-mate no Paraná.

⁴² OLIVEIRA, R. op. cit., p. 276.

⁴³ David Carneiro, personagem em estudo, escreveu biografias de “grandes homens”, daqueles cujas ações deveriam ser glorificadas e servirem para instruir as novas gerações. Assim foi com a obra *A vida gloriosa de José Bonifácio de Andrada e Silva e sua atuação na Independência do Brasil*, em que afirmou: “Não é fácil tratar-se da figura imponente de José Bonifácio de Andrada e Silva, sem se ver tomado de profunda emoção. Mas esse sentimento não deve inspirar admiração passiva, senão o desejo construtivo de imitá-lo, de fazer dele a figura cívica a ser admirada diuturnamente e de ser tomada como máximo padrão nacional”. É importante destacar que a obra publicada em 1977 contou com a co-edição do Instituto Nacional do Livro/MEC. CARNEIRO, David. *A vida gloriosa de José Bonifácio de Andrada e Silva e sua atuação na Independência do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1977, p. 21.

⁴⁴ CARNEIRO, 1938, p. 6.

A relação entre a família David Carneiro e a economia da erva-mate

Pela Estrada da Graciosa, a família David Carneiro em apenas um dia chegou a Curitiba. Isso só foi possível pela conclusão da estrada em 1873. O projeto de construção se iniciou em 1853, seu objetivo era intensificar as atividades da indústria “ao colocar em contato mais fácil e rápido os fornecedores da folha da erva com os engenhos que se situavam a meio caminho entre estes e o Porto de Paranaguá.”⁴⁵ Com este mesmo fim e intensificando as exportações da erva-mate e a exploração da madeira por Paranaguá, em 1887, houve a “inauguração da estrada de ferro Paranaguá-Curitiba, com 111 km.”⁴⁶

Segundo a interpretação de Ricardo Costa de Oliveira, o ano de início da construção da Estrada da Graciosa marca uma das maiores demonstrações de força política do grupo ligado à erva-mate com a emancipação da Província do Paraná da de São Paulo, em 1853. Ao lado da elite campeira os empresários do mate desejavam mais liberdade em suas transações comerciais para poderem expandir seus negócios. O Paraná, conforme o autor, surge como consequência das pretensões econômicas e pela ação política de suas elites dominantes.⁴⁷

Cabe pontuarmos outra leitura em relação aos eventos que culminaram na emancipação política. Para Divonzir Lopes Beloto, a elite campeira e os ervateiros não conseguiram se articular enquanto “grupo” com força política organizada o suficiente para ser ouvida pelo Império. Defende Beloto que a emancipação foi fruto de uma manobra política do Partido Conservador para desarticular o crescimento do Partido Liberal na Comarca de Curitiba, garantindo, desta forma, a vitória dos conservadores em São Paulo, nas eleições de 1854.⁴⁸

Com a emancipação, assume a presidência da nova província o conservador Zacarias de Góes e Vasconcelos. Os conservadores conquistaram a vaga para senador e deputado geral para a Assembléia Geral, além da maioria dos deputados de província. Na análise de Beloto, a emancipação “vem de cima para baixo, ao modo imperial. É a emancipação conservadora”.⁴⁹

⁴⁵ OLIVEIRA, Dennison de. *Urbanização e industrialização no Paraná*. Curitiba: SEED, 2001, p. 27.

⁴⁶ SANTOS, Carlos R. A. dos. *Vida material e econômica*. Curitiba: SEED, 2001, p. 55.

⁴⁷ OLIVEIRA, R., op. cit., p. 4.

⁴⁸ O conflito nacional liberal-conservado se arraigava na medida em que a economia cafeeira paulista crescia e surgiam outras relações de produção, ou seja, o pano de fundo era as relações escravistas, aliadas à centralização do poder e à unidade do território nacional. Cf. BELOTO, Divonzir L. *A criação da Província do Paraná: a emancipação conservadora*. 2003. Dissertação (Mestrado em Economia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, São Paulo, 2003, p. 71.

⁴⁹ Ibid., p.71.

Embora a força política da economia ervateira no tempo da instituição da província possa ser contestada e relativizada, os estudos são unânimes ao apontar que a erva-mate, ao longo do século XIX e nas primeiras décadas do século seguinte, foi fundamental para a economia regional e “seria original em sua história econômica.”⁵⁰

Em 1878, no momento histórico-econômico que o avô de David Carneiro se tornou sócio do maior industrial da erva-mate, identifica-se no Paraná um período de mudanças econômicas e sociais significativas. Com a guerra do Paraguai, os paranaenses ganharam o espaço de comercialização dos paraguaios, que eram seu maior concorrente no Rio da Prata; foi também neste período que se iniciou a “limitação progressiva da escravidão, o crescimento do trabalho livre assalariado, a precoce industrialização do beneficiamento de erva-mate e a formação de uma fração burguesa industrial-exportadora de erva-mate.”⁵¹

Com uma dinâmica social e econômica centrada nas cidades, iniciou-se em Curitiba o processo de urbanização. Por volta de 1880,

Curitiba passou a contar com água encanada e, antes do fim do século, com eletricidade. Também são do mesmo período o Passeio Público e os ‘bonds’, puxados a burro que iam inicialmente da casa do Barão do Serro Azul, no Fontana, a seus engenhos no Batel. Antes de acabar o século, as cidades paranaenses, pelo menos em suas ruas centrais, estariam finalmente pavimentadas.⁵²

A indústria alimentar e de bebidas adquire um perfil moderno, o engenho David Carneiro e Companhia, por exemplo, “trabalha com 58 operários, mais 15 barricaria, mais 20 no empacotamento, 5 no transporte, fora o pessoal no escritório e dois gerentes.”⁵³

O citado engenho foi criado em 1894. Com a morte do Barão do Serro Azul em consequência da Revolução Federalista (1893-1895)⁵⁴, David Carneiro (avô) passou a tomar conta do engenho do qual era sócio. Na virada do século, o terceiro David Carneiro (pai do personagem em estudo) já estava integrado ao engenho como a função de guarda-livros.

⁵⁰ OLIVEIRA, R., op. cit., 64.

⁵¹ OLIVEIRA, R., op. cit., p. 67.

⁵² PEREIRA, Magnus R. de M. *Semeando iras rumo ao progresso*. Curitiba: Ed. da UFPR, 1996, p. 115.

⁵³ OLIVEIRA, R. op. cit., p. 83.

⁵⁴ Segundo a historiografia sobre o tema, os eventos vinculados à Revolução Federalista ocorreram de forma mais efetiva nos Estados do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina e têm como baliza inicial o ano de 1893. No Rio Grande do Sul, o conflito se iniciou com os movimentos de contestação da política centralizadora de Júlio de Castilhos por segmentos da classe dominante local seguidora das propostas parlamentaristas de Gaspar Silveira Martins. Por volta de setembro de 1893, os insurretos se uniram à Revolta da Armada, extrapolando os limites regionais. No Paraná, aliados do poder, os Liberais envolvidos com a pecuária e pequenos negócios do Paraná Tradicional vislumbravam uma chance de combater a liderança política de Vicente Machado e o projeto político de cunho centralizador de Floriano Peixoto. Cf: SÊGA, Rafael A. *Tempos Belicosos: A Revolução Federalista no Paraná e a rearticulação da vida político-administrativa do Estado (1889-1907)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos; CEFET-PR, 2005.

Coronel da Guarda Nacional, o terceiro David Carneiro foi o primeiro da família nascido no Paraná. Herdou do pai o rancor pelo fuzilamento do Barão do Serro Azul executado pelos militares legalistas. Sua posição crítica da República gerou dificuldades de entendimento com a família de sua esposa. Alice Bueno Monteiro era filha do Coronel Joaquim Monteiro de Carvalho e Silva, este foi político republicano e empresário, tendo sido, assim como o segundo (avô) e terceiro David Carneiro (pai), Presidente da Junta Comercial do Estado do Paraná.⁵⁵

Ora, o que estamos tentando pontuar é o delineamento de uma rede familiar, atrelada a David Carneiro, composta por industriais, comerciantes e políticos que ocupavam uma posição social de destaque na sociedade paranaense. Fato que o menino David Carneiro já parecia perceber, pois, como se tomasse consciência da importância do empreendimento familiar e do seu papel nele, o menino em carta ao Coronel David Carneiro (pai) questionou a necessidade de se estudar latim, afinal, qual seria a utilidade do latim no comércio?

Fruto de um ambiente familiar com fortes relações econômicas com a erva-mate, não seria por acaso que as primeiras obras escritas por David Carneiro, na década de 1930, tratariam justamente da importância econômica e social do mate, ressaltando, ainda, as suas propriedades medicinais. Segundo Carneiro, o consumo do mate devia ser universal, uma vez que o mate é “diurético, depurativo, ajuda a digestão e não contém tóxico de espécie alguma. É estimulante sem perigo, revigora os músculos e evita a flacidez das carnes. Satisfaz todos os requisitos da nutrição ideal.”⁵⁶

Como se não bastasse o seu valor alimentar, David Carneiro enfatizou que a qualidade, dita superior, do mate residia no fato de proporcionar alto nível de vida material na medida em que devia deixar as pessoas mais ativas e fortes. De acordo com o seu raciocínio, com a mente saudável o nível cultural também devia se elevar.

Temístocles Linhares,^I na década de 1950, compartilhou dos benefícios alimentícios ressaltados por David Carneiro e chegou a conferir valores de socialização para a erva-mate com o emprego do chimarrão, “isto é, o mate amargo e quente, havia de ter contribuído com o seu quinhão para desenvolver pelo menos certas condições de convivência, senão relações de cordialidade entre os homens.”⁵⁷

A erva-mate na fala de Carneiro e de Linhares aparece como indissociável do “homem paranaense”. Estes autores são exemplos de “intelectuais” oriundos de famílias abastadas no

⁵⁵ OLIVEIRA, R. op. cit., p. 60-61.

⁵⁶ CARNEIRO, David. *Fasmas estruturais da economia do Paraná*. Curitiba: Ed. UFPR, 1962, p. 95.

⁵⁷ LINHARES, Temístocles. *Paraná vivo: um retrato sem retoques*. Curitiba: Imprensa Oficial, 2000, p. 79.

empreendimento ervateiro, eles viveram o momento de esplendor da economia do mate e imprimiram nas suas produções intelectuais todo o saudosismo desse tempo, ressaltando em seus textos o desenvolvimento que o mate proporcionou tanto na esfera econômica e social quanto na cultural.

É com referência a esse contexto da economia ervateira que se pode afirmar que a família David Carneiro ocupou um lugar privilegiado no espaço econômico e social na sociedade curitibana. Pertencendo à elite do mate, David Carneiro se erige como porta-voz desta classe, pois seus primeiros escritos estavam diretamente relacionados à defesa da atividade econômica desenvolvida por sua família - e que era também a mais representativa do Estado até as primeiras décadas do século XX.

Após esboçarmos a origem familiar deste personagem e a relação que a atividade econômica desenvolvida pela família possui com a temática de suas primeiras obras, cabe investigarmos a gênese de sua primeira filiação a uma corrente de pensamento, o positivismo de Augusto Comte. Com este objetivo, passamos a analisar os lugares educacionais, notadamente o Colégio Militar do Rio de Janeiro e a Universidade do Paraná, na tentativa de elucidarmos como David Carneiro se tornou discípulo de Augusto Comte a ponto de intitular-se um apóstolo da Humanidade.

1.2 - O apóstolo da Humanidade

Viajo Curitiba das conferências positivistas, eles são
onze em Curitiba, há treze no mundo inteiro.

Dalton Trevisan⁵⁸

É comum a David Carneiro ser apregado à etiqueta de “positivista” e ser rotulado de “humanista”. Diante desta afirmação comumente defendida, tentaremos esclarecer como Carneiro se tornou um entusiasta da filosofia positivista de Augusto Comte e adepto fervoroso da “Religião da Humanidade”.

Cabe-nos salientar que o positivismo foi idealizado e corporificado por Comte (1798-1857) em um contexto pós-Revolução Francesa. Após o término da revolução, Comte se alistou ao lado daqueles que aspiravam uma nova ordem social. Formou-se em matemática na

⁵⁸ TREVISAN, Dalton. *Em busca de Curitiba perdida*. Rio de Janeiro: Record, 1992, p. 9.

Escola Politécnica de Paris e, em 1817, tornou-se secretário de Saint-Simon,⁵⁹ com quem mais tarde viria a romper. Deste herdou “a sua visão progressista da história e o seu projecto de reorganização da sociedade sob a direcção de um escol de cientistas, artistas e empresários.”⁶⁰

Talvez Augusto Comte jamais tivesse imaginado que suas ideias encontrariam solo fértil em um país sul-americano. As primeiras referências ao francês foram encontradas na década de 1850, mas foi, sobretudo, nos anos 1870 que a propaganda positivista ganhou consistência de grupo. Contribuiu para este fato a publicação de *Filosofia Teológica* e *Filosofia Metafísica*, em 1874 e 1876, respectivamente, pelo médico Luís Pereira Barreto⁶¹, e a fundação, em 1876, da Sociedade Positivista, que contou com a adesão de Benjamin Constant, Joaquim Ribeiro de Mendonça, Miguel Lemos, Teixeira Mendes, entre outros.

O Brasil, nesse período, era uma nação monárquica, escravocrata e com desigualdades sociais gritantes. Neste cenário, os positivistas se engajaram, preferencialmente, na campanha abolicionista e na instituição de um Estado Republicano e laico. De acordo com a lei dos três estados⁶², a Monarquia representava a fase teológico-militar que deveria ser superada, a República, então, passou a ser signo da marcha rumo ao estado positivo. A filosofia positivista parece ter fundamentado a crítica ao Império. Neste contexto, a filosofia da história de Comte, o discurso científico aliado às orientações que as sociedades deveriam seguir para que caminhassem no sentido da ordem e do progresso, sugerem a razão pelo qual o positivismo teve tanta receptividade para pensar a organização política do Brasil republicano.

É conveniente assinalar que a cisão existente entre os positivistas franceses adeptos das ideias comteanas também ocorreu no Brasil. De um lado, posicionaram-se os leitores do *Cours de philosophie* (obra em que Comte deu ênfase ao saber técnico-científico e ao

⁵⁹ Pertencente a uma família aristocrata francesa, Claude Henri de Saint-Simon (1760-1825) se dedicou a difundir um projeto de “reorganização européia”, “dentro da perspectiva de um *industrialismo* que promete uma sociedade hierarquizada estimulada por um vasto ímpeto de fraternidade.” FÉDI, Laurent. *Comte*. Tradução Mauro Pinheiro. São Paulo: Estação Liberdade, 2008, p. 22, grifo do autor.

⁶⁰ GARDINER, Patrick. *Teorias da História*. Tradução Vítor Matos e Sá. 3.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004, p. 88.

⁶¹ Luís Pereira Barreto se formou em Medicina pela Universidade de Bruxelas, foi lá que conheceu as obras de Comte e ao retornar ao Brasil procurou analisar a realidade nacional tendo por base a lei dos três estados, formulada pelo francês. Cf. ALONSO, Angela. O positivismo de Luís Pereira Barreto e o pensamento brasileiro no final do século XIX. *Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo*, São Paulo, 1995. Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/iea/textos/alonsopositivismo.pdf>>. Acesso em: 18 mai. 2011.

⁶² Preocupado com o encaminhamento da sociedade francesa, Comte passou a examinar a marcha do espírito humano em sua principal obra, o *Curso de Filosofia Positiva*. Foi nela que elaborou a chamada lei dos três estados, “a humanidade passara pelas etapas *teológica* (primeiro fetichista, depois politeísta, enfim monoteísta), *metafísica* e, finalmente, *positiva*. A última fora propiciada pelas revoluções modernas, a política (francesa) e a industrial (inglesa), mas só a filosofia positiva viera inaugurá-la”. BOSI, Alfredo. O Positivismo no Brasil: uma ideologia de longa duração. In: PERRONE-MOISÉS, Leyla (Org.). *Do Positivismo à desconstrução*. São Paulo: EDUSP, 2004, p. 18.

pensamento racional, como propulsores da nova ordem), orientados por Émile Littré. De outro lado, os que aderiram ao catecismo positivista explicitado na obra *Système de politique positive*. Estes eram seguidores de Pierre Laffitte e aderiram os princípios religiosos de Comte.

Entre os apóstolos da “Religião da Humanidade”, sob orientação de Laffitte, receberam destaque Miguel Lemos e Teixeira Mendes, rotulados de ortodoxos.⁶³ Acusados de fanatismo religioso pelos adversários, principalmente no campo político, estes foram hábeis para adaptar a teoria comteana à realidade brasileira, como nos chama atenção o historiador e cientista político José Murilo de Carvalho. Para o “mestre” Comte, o público que deveria ser arregimentado para a regeneração social era, sobretudo, o proletariado. Mesmo após a abolição e a proclamação da república, o Brasil ainda não havia criado condições materiais para a formação de um proletariado urbano, a grande massa da população era inculta e constituída de ex-escravos e imigrantes.

Segundo o positivista Miguel Lemos, “aqui [no Brasil], são as classes liberais e instruídas que farão a transformação.”⁶⁴ Pertenciam às classes liberais os médicos, engenheiros, advogados, matemáticos, notadamente profissionais com atividades ligadas ao setor técnico e científico.

Os militares também foram atraídos pela ênfase no discurso científico. Aqui outro parêntese pode ser aberto, haja visto que, para Comte, um governo militar era sinônimo de retrocesso social. Se algumas bandeiras levantadas pelos ortodoxos estiveram presentes na organização da sociedade civil republicana, isto se deve principalmente pela figura de Benjamin Constant, embora este tenha rompido com a Sociedade Positivista ainda em 1882. O professor de matemática, a “cabeça pensante” da proclamação da República (imagem que os positivistas tentaram consolidar), difundiu a crença científica, o ideal de política (ditadura republicana) e sociedade positivista entre os seus alunos da Escola Militar.⁶⁵

Entre as teses defendidas pelos positivistas estavam presentes na Constituição Republicana, de 1891, a “separação da Igreja do Estado, a implantação do casamento e do

⁶³ Foram também os fundadores da Igreja Positivista do Brasil, em 1881.

⁶⁴ LEMOS apud CARVALHO, José M. de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 136. O que relativiza a própria tentativa de distinção entre heterodoxos e ortodoxos, pois estes últimos quando conveniente adaptaram a teoria comteana aos seus propósitos. Angela Alonso estudando o positivismo do médico Luís Pereira Barreto enfatizou que as simples distinções entre ortodoxos/heterodoxos ou lafitistas/litreístas podem ser redutoras e não são capazes de dar conta das variedades brasileiras. Nas palavras de Alonso: “a adoção do positivismo no Brasil obedeceu não a variáveis estritamente doutrinais, mas, principalmente, a contingências regionais, políticas e mesmo intelectuais”. ALONSO, op. cit., p. 11.

⁶⁵ CARVALHO, José M. Benjamin Constant: a república sociocrática. In: _____, op. cit., p. 40-48.

registro civil e a secularização dos cemitérios.”⁶⁶ No campo simbólico, a bandeira nacional, que até hoje causa certa inquietação, foi sem dúvida a maior vitória positivista, o dístico “Ordem e Progresso” possui relação direta como o lema de Comte: Amor por princípio, a Ordem por base, o Progresso por fim.

Os espaços de convívio de David Carneiro durante a sua formação educacional estavam carregados da atmosfera comteana. Em âmbito educacional, o positivismo foi difundido, em grande parte, nas “ciências exatas, matemática e astronomia, através da Escola Militar e da Marinha de Guerra, no Rio de Janeiro, ou ainda mediante as lições de Física e Química, na Escola Politécnica.”⁶⁷

David Carneiro estudou predominantemente em colégios militares: cursou o Colégio Militar de Barbacena (1918) e o Colégio Militar do Rio de Janeiro (1919-1922), ambientes que ainda respiravam, mesmo que já não intensamente, as ideias positivistas. O aluno inicialmente “desinteressado” após ter cursado em Campinas, São Paulo, o Instituto Cesário Mota (1916) e ter sido aluno do reconhecido literato paranaense Nestor Victor (a quem chamou de péssimo professor), no Liceu Francês do Rio de Janeiro (1917-1918)⁶⁸, afirmou que foi em razão da disciplina e a severidade do ensino militar que ele se “regenerou”:

[...] foi, porém, no Colégio Militar, que me emancipei de todos os vícios adquiridos ajudando-me pela disciplina física, intelectual e moral, a voltar à linha doméstica em melhores condições, graças à excelência da maioria dos professores, que guardo na memória com veneração.⁶⁹

Para Carneiro, os professores que demonstravam mais clareza de ideias eram os simpáticos ao positivismo. O seu “iniciador” no positivismo foi o Major Alfredo Severo, professor de Física do Colégio Militar do Rio de Janeiro e, posteriormente, seu padrinho de casamento. A primeira leitura de David Carneiro por indicação do professor Severo foi *Filosofia Positiva* de Mis Martineau (seis volumes condensados da obra de Comte). É o momento em que ele descobre os escritos do francês e adere a “Doutrina Augusta”.⁷⁰

Nas cartas trocadas com o pai, Coronel David Carneiro, observamos o quanto foram perturbadores para Carneiro os primeiros diálogos com o Major Severo. Atemorizava-o a falta

⁶⁶ BOSI, op. cit., p.38.

⁶⁷ SOARES, Mozart P. A influência de Augusto Comte no pensamento brasileiro. *Episteme*, Porto Alegre, v. 3, n. 6, p. 145, p. 1998.

⁶⁸ BÓIA, Wilson. David, O Gigante. In: CONCURSO de Contos e Monografias Gralha-Azul. Curitiba: Secretaria do Estado da Justiça e Ação Social/Imprensa Oficial, [19--], p. 6.

⁶⁹ CARNEIRO apud BÓIA, op. cit., p. 50.

⁷⁰ CARNEIRO, David. *Como chegou o Positivismo ao Paraná*. Curitiba: Edição do Centro de Propaganda do Positivismo no Paraná, 1978, p. 04.

de Deus, a quem chamava “tutor subjetivo”, a ponto de confessar: “foi-me tão violenta, pelo vazio sentido, que temi suicidar-me e por algum tempo acreditei estar à beira da loucura.”⁷¹

O entusiasmo inicial de David Carneiro pela nova doutrina foi acompanhado pelas palavras vigilantes do pai. Carneiro logo se entusiasmou com a proposta científica de compreensão da sociedade proposta por Comte; comportava-se, nas palavras do pai, como um “crente a defender o seu novo credo atacado”, um apaixonado, um doutrinário.

Se por um lado o Coronel David Carneiro via com bons olhos o interesse do filho por uma filosofia que defendia a aplicação de um método científico ao estudo da sociedade, por outro alertava que invés de estreitar o olhar deveria ampliá-lo.

Lê pois, o que nos legaram os pioneiros da sciencia e da philosophia; compara as diferentes theorias sem o espírito preconcebido que anniquila a função de analyse; investiga as cristas alcantiladas perlustradas pelos gênios, e, acredito, poderás te formar uma crítica capaz de negar o vehiculo dos sentidos como único escarpelo na descoberta da Verdade, e que deitará por terra o dogmatismo positivo... Cujo limite se confunde com o mysticismo de Santa Clotilde.⁷²

Com uma erudição autodidata e uma escrita literária as cartas eram lições de filosofia.⁷³ Nelas o coronel se mostrou cético à possibilidade de se descobrir as leis que governam a sociedade.

Lembremos que, para atingir o estado positivo, Comte inaugurou uma nova forma de compreender o movimento histórico. Para este filósofo, não se podia conhecer o que estava além da experiência, o objetivo da ciência positiva, a sociologia, seria descobrir as leis naturais às quais estão submetidos os fenômenos sociais. O que implica a rejeição pelo conhecimento de “inobserváveis”, causas primeiras e finais, as essências. A especulação metafísica não encontra espaço na teoria científica comteana direcionada à investigação do indubitável. Todavia, negar a indagação sobre a natureza das coisas era, para o Coronel David Carneiro, imputar a própria essência da palavra “filosofia”, tirar do indivíduo o direito de especular, refletir.

Pelo facto do problema não ter sido ainda resolvido, não se o deve declarar insolúvel, a menos que se tenha achado, como disse Kant, uma solução critica perfeitamente certa, e isso os sucessores de Augusto Comte recusam terminantemente com o mais absoluto desprezo por tudo quanto constitui a indagação essencial da própria philosophia.⁷⁴

⁷¹ Ibid., p. 03.

⁷² Carta do Coronel David Carneiro a David Carneiro, Curitiba, 10 de julho de 1921 apud CARNEIRO, 1938, p. 105.

⁷³ Coronel David Carneiro devido ao beri-beri, doença que o assolou, não chegou nem mesmo a concluir o curso de Engenharia na Escola de Ouro Preto.

⁷⁴ Carta do Coronel David Carneiro a David Carneiro, Curitiba, 13 de julho de 1921 apud CARNEIRO, 1938, p. 110.

O pai tocou justamente em um ponto nevrálgico da teoria comteana, tema pelo qual sua filosofia científica e teoria da história foram contestadas: determinismo do método científico, o sentido ambíguo e de certa forma vazio do termo “lei”, e, nas palavras de Alfredo Bosi, a rejeição pelo “drama das relações intersubjetivas e, em escala maior, o movimento contraditório da História ao qual, desde Hegel e Marx, se dá o nome de dialética.”⁷⁵

Coronel David Carneiro sentia que o filho estava sendo seduzido por belas palavras e limitava o seu próprio raciocínio sobre o que Comte teorizava. As ideias não eram questionadas, não eram refletidas uma vez que as suas conclusões eram dadas. Para amadurecer o espírito crítico e adquirir propriedade intelectual para poder questionar, o pai incentivou o filho a se aventurar por outras filosofias:

Podes ler, mas com cuidado e desconfiança as belíssimas – e em muitos pontos verdadeiras – palavras de A. Comte; lê com serenidade Leibnitz e Kant; perquiria na velha escolástica, em Aristóteles, Platão e Sócrates, e nos modernos trabalhos de Robertson e Fergusson, todo o esforço humano para atingir as cumiadas da grandeza universal e a agudeza de vista interna de que nos fala Nietzsche, para conhecer esse eu escondido para o qual espaço e tempo são hypotheses necessárias, armações transitórias para fazer recuar todos os limites que se anteponham ao Bello – supremo de todas as harmonias.⁷⁶

Todo o fervor positivista foi intensificado quando David Carneiro voltou à sua terra natal, entusiasmado com a carreira militar e grato pelas lições que aprendera, notadamente, às que se referiam às ideias positivistas. Mas os planos são, muitas vezes, surpreendidos pelo acaso e acabam recebendo novos contornos. Um exemplo disto é o episódio do Dezoito do Forte de Copacabana, em 1922, acontecimento considerado a primeira revolta do movimento tenentista.

Eu achava que devia muito ao Colégio Militar e às idéias que lá pude haurir. E, mesmo, por minha disciplina de vida. Mas em 1922 eu era muito revolucionário. Quando houve o levante a revolução de 5 de julho de 1922, eu fui para Copacabana, depois dos 18 do Forte, e lá vi a retirada do corpo do Newton Prado, que era muito amigo meu. Aquilo, e também o aspecto dos mortos no chão, por toda parte, me impressionou muito. Porque houve combates entre o 3º. Regimento e os 18 que estavam ali, decididos a morrer. Matava-se a torto e a direito. Esse espetáculo me fez um grande mal. Isto não é solução, guerra não é a solução para nada. É sempre um atrapalho, um atraso. Já foi solução, no passado. Mas no presente, no futuro, não pode, absolutamente, ser solução, para nada. A guerra nada resolve.⁷⁷

Com suas convicções abaladas, David Carneiro retornou à casa dos pais em Curitiba e ingressou no curso de Engenharia da ainda jovem Universidade do Paraná, abandonando as

⁷⁵ BOSI, op. cit., p. 17.

⁷⁶ Carta do Coronel David Carneiro a David Carneiro, Curitiba, 13 de julho de 1921 apud CARNEIRO, 1938, p. 109.

⁷⁷ CARNEIRO, 1982 apud MILLARCH, Aramis. O paranaense sempre foi metido consigo mesmo. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 10 set. 1982. Caderno Fim de semana, n. 77, p. 03.

ambições militares. Foi na universidade que Carneiro conheceu João David Pernetta (1874-1933), professor de engenharia formado pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro e autor de *Os dois apóstolos*, estudo biográfico de Miguel Lemos e Teixeira Mendes.

Por volta de 1923, Carneiro começou a frequentar reuniões positivistas promovidas pelo professor Pernetta em sua residência. Com a chegada do Dr. Oscar Correia e Dr. Castilhos, positivistas vindos do Rio Grande do Sul⁷⁸, os encontros inicialmente informais receberam caráter de agremiação, pois, em 1927, fundou-se o *Centro de Propaganda do Positivismo no Paraná* (CPP). Deliberou-se em sua primeira ata:

O Centro ora fundado terá o mesmo destino que o primeiro [1923], devendo desenvolver toda a sua ação pelo Culto, pelo Dogma e a pelo regime no sentido de preparar convenientemente aqueles que livremente adotarem a religião da Humanidade. [...] Declaram mais constituir-se em Centro sob a suprema direção Subjetiva de Clotilde de Vaux e Augusto Comte, subordinando-se além disso especialmente à direção subjetiva dos Apóstolos e fundadores da Igreja Positivista Brasileira, sendo escolhidos Miguel Lemos e Teixeira Mendes para patronos do Centro.⁷⁹

Convém mencionar que o CPP funcionou em sedes provisórias até 1976, ano que David Carneiro inaugurou a Capela da Humanidade nas dependências do Museu Coronel David Carneiro. Esse espaço foi organizado segundo os cânones do catecismo positivista, com quatorze nichos e as respectivas estátuas dos grandes tipos, conforme calendário positivista, tendo ao centro a estátua da Humanidade representada por uma mulher que segura fraternalmente um bebê.⁸⁰

⁷⁸ O Rio Grande do Sul foi um dos Estados brasileiros mais receptivos às ideias políticas e sociais de Augusto Comte, o maior exemplo reside em sua Constituição estadual, elaborada sob a liderança do positivista Júlio de Castilhos (1860-1903). Ver BOSI, op. cit.

⁷⁹ Assinaram a ata de constituição João David Pernetta, Oscar Castilho, Oscar Correia, Augusto Beltrão Pernetta, David Carneiro, Cesar Pernetta, Manuel Bezerra e Joel B. de Lacerda. Os dois últimos membros, segundo ata de 1933, são expulsos por conduta irregular sendo admitidos Dulcídio Tavares de Lacerda, capitão Homero Abreu, professor Manuel Lourenço Branco. Durante a década de 1940 ingressam Marília Lacerda Carneiro, Isídio Bocchino, Noemio Weniger, Pedro B. de Mendonça, Arquimedes Bocchino, Paulo de Tarso Monte Serrat e sua esposa Isis. CARNEIRO, 1978, p. 05.

⁸⁰ Com o falecimento de David Carneiro, o CPP foi obrigado a procurar novas instalações. Ainda hoje um pequeno grupo de seguidores da “Religião da Humanidade” se reúne aos sábados em uma sala no centro de Curitiba, o altar permanece intacto, mas, infelizmente, grande parte da biblioteca positivista foi vendida pela família. Atualmente o CPP tem como presidente o professor de Matemática aposentado Pedro Bertomé de Mendonça. Com a missão de dar continuidade ao catecismo, tal como aprendeu com o “mestre” David Carneiro, Mendonça mantém uma página do CPP na internet (<http://www.palm.com.br/cpp/frameset.htm>) e um curso de catecismo na TVA, canal 72, de Curitiba. Convicto do alcance da doutrina positivista, Mendonça acredita que basta que ela seja “devidamente conhecida, compreendida, e divulgada para congregar os espíritos que sentem e anseiam pelo fim da violência, da corrupção, e da anarquia atual, e possibilitar assim, a instituição do verdadeiro Sistema Universal de Educação, que completará os progressos da nova era nascente.” MENDONÇA, Pedro B. de. *Centro Positivista do Paraná* (CPP). Curitiba, 2010. Panfleto de divulgação.

Com o falecimento do Coronel David Carneiro⁸¹, um ano após a fundação do CPP, David Carneiro passou a dividir o tempo entre a administração dos negócios da ervateira da família, os encontros no CPP e a escrita bibliográfica.

Primeiramente, Carneiro se inclinou mais à filosofia, entre suas primeiras publicações há frutos de estudos e debates empreendidos no CPP. Em seus escritos iniciais David Carneiro se dedicou a explicar a teoria de Augusto Comte, defender e propagar a “Religião da Humanidade”.

A produção intelectual como adepto do catecismo positivista

David Carneiro declarou que foi no CPP que se tornou professor⁸², a coleção *História geral da humanidade através dos seus maiores tipos*⁸³ foi fruto do “Curso de História Geral da Humanidade através das grandes figuras humanas”, ministrado naquele espaço. Embora Carneiro tenha considerado a coleção “a mais valiosa” ao propor “uma nova concepção de história universal”, não recebeu qualquer comentário por parte de seus pares. Sua postura para esta situação passou longe de uma auto-avaliação, de forma nada modesta afirmou que faltou competência intelectual para qualquer apreciação, “mesmo porque para negá-la como para aplaudi-la, seria necessária erudição de que muito pouca gente poderia dispor.”⁸⁴

O mesmo parece não ter ocorrido com *A marcha do ateísmo*, publicada em 1936. Esta é uma das obras sempre referenciada em ocasiões que se relaciona a produção bibliográfica de David Carneiro, tais como discursos, notícias diversas e entrevistas. O livro, acreditamos, deu

⁸¹ A morte do Coronel David Carneiro deixou em luto a sociedade curitibana. A revista *Ilustração Paranaense* registrou o “grande morto” sendo carregado por seus operários no “grandioso cotejo fúnebre constituído de todas as classes sociais.” (CEL. David Antonio da Silva Carneiro. *Ilustração Paranaense*, Curitiba, ano 2, n. 5, s/p., 1928). O Coronel foi para o seu tempo e seu Estado um homem progressista quanto à regulamentação do trabalho de seus operários. Admirador de Henry Ford, consta no “Regulamento interno da Hervateira Americana”, posto em vigor em outubro de 1910, a instituição de oito horas de trabalho diário, “serviço médico e a farmácia por conta da casa”, gratificação de natal, auxílio doença, aposentadoria por invalidez ou após 25 anos de trabalho, seguro de dois anos após falecimento e escola noturna para os operários. CARNEIRO, David. *Constituição industrial e teoria da propriedade*. Curitiba: Plácido e Silva & Companhia, 1929.

⁸² CARNEIRO apud MEMÓRIAS DE DAVID CARNEIRO. *Ligação Interna*, Curitiba, mai. 1986. Pasta David Carneiro. Biblioteca Pública do Paraná, Documentação Paranaense. [sem referência a página]

⁸³ A coleção é composta de sete volumes publicados pela Athena Editora do Rio de Janeiro, são eles: Teocracia (1939), Civilização Grega (1939), Civilização Militar (1939), Civilização católico-feudal (1940), Evolução Moderna (1941), Civilização Moderna (1942), Transição revolucionária (1943).

⁸⁴ CARNEIRO, David. Como cheguei a ser escritor. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 14 ago. 1987. Coluna Veterana Verba. Pasta David Carneiro. Biblioteca Pública do Paraná, Documentação Paranaense. [sem referência a página].

origem ao ciclo de palestras do CPP que, posteriormente, foi aprofundado e resultou na coleção a pouco citada.

O nome da obra já sugere o seu objetivo, *demonstrar* a evolução do pensamento humano quanto à libertação das amarras do pensamento religioso cristão, bem ao gosto da chamada lei dos três estados. Carneiro parte da avaliação da situação religiosa em seu tempo, vê com bons olhos a descrença quanto aos princípios teológicos de organização da sociedade. O autor começou por historiar as fases e descrever como se assentou o teologismo da Igreja Católica. No que chamou de “situação grega” teceu falas acuradas de Tales, Pitágoras, Sócrates, Platão e Aristóteles. Diante das teses deste último, destacou a tentativa da Igreja Católica em cristianizar a figura de Aristóteles. Apesar de toda a “obscuridade científica” da Idade Média, segundo o autor, são dignos de menção, principalmente de acordo com as teses morais, Santo Agostinho e São Tomás de Aquino. À primeira vista pode parecer contraditório, mas David Carneiro se detém nestes autores porque, para Comte, fora a sociedade católica-medieval que forneceu o modelo da “moral universal”, por meio de valores de solidariedade e afetividade.

A “evolução moderna” do pensamento, de acordo com David Carneiro, iniciou-se com as teses científicas e racionais de Descartes, Leibnitz, Bacon, Hume, Diderot, Newton, Lavoisier, responsáveis por destronar as ideias teológicas. Com tal ambiente, coube a Augusto Comte pela observação do passado interpretar o progresso do espírito humano e estabelecer a falência dos dogmas religiosos. Para Carneiro, isso bastaria para evidenciar a “genialidade” de Augusto Comte e fortalecia a necessidade de divulgação dos seus preceitos. Carneiro finalizou o texto enfatizando a necessidade de “substituir Deus por Humanidade”.

Essa obra de David Carneiro é característica dos escritos que têm como objetivo explicar e divulgar a “Religião da Humanidade”, instituída logo após o encontro de Comte com “sua amada e venerada” Clotilde de Vaux, em 1845.⁸⁵ Nessa religião, destinada a promover a unidade humana, a família, a pátria e a humanidade, assentam-se valores positivistas de solidariedade. Segundo Carneiro,

Quem vive só para si não tem interesse em viver, porque a felicidade consiste em viver para outrem. [...] O prazer é viver em sociedade. Vivendo em sociedade a ventura é dedicar-se à Família, à Pátria, à Humanidade.⁸⁶

⁸⁵ A partir do encontro entre Clotilde de Vaux e Augusto Comte, a ênfase nos aspectos científicos cedeu lugar aos elementos religiosos. Espécie de catolicismo às avessas, com sacramentos, ritos, altar, hagiografia e festas, a religião criada por Comte não venera um Deus abstrato, “dedicada à Humanidade, ela celebra o real. É o sistema de verdades demonstradas que constitui o *objeto de fé* adequado à sociedade sem rei num mundo sem Deus.” FÉDI, op. cit., p. 44, grifo do autor.

⁸⁶ CARNEIRO, David. *Ensaio de interpretações morais*. Rio de Janeiro: Athena, 1937, p. 121.

A citação é do livro *Ensaio de interpretações morais*, escrito em 1937. Trata-se de um ensaio de regras de boa conduta a partir do estudo do comportamento humano. Uma obra curiosíssima que tem como centro a “verdadeira ciência final”, a moral. Na classificação das ciências de Comte, a moral é a ciência que conclui o conhecimento humano, é destinada a avaliar a “influência real de cada conduta sobre a existência humana, individual ou social.”⁸⁷

O objetivo de *Ensaio* é instruir, tecer indicações de como o homem devia se conduzir para atingir a plenitude da boa conduta, ser *altruísta* (termo cunhado por Comte), *viver para outrem* e *às claras*, contribuindo para a marcha progressiva do espírito humano. David Carneiro, em muitos casos, fez-se de exemplo.

Entre os diversos temas levantados na obra tomemos “Porque não discutir”. Neste tópico, Carneiro reafirma seu posicionamento positivista frente às dificuldades na propaganda do mesmo. Neste sentido, ele afirmou:

Dia virá em que, com efeito o Positivismo seja religião universalmente aceita, quer se discuta, quer não, quer se negue, quer se firme, quer se riam quer zodem, quer se esfalem contra nós, quer nos ajudem, quer demore um século, quer demore sete ou mais... Ele há de vencer!.⁸⁸

A convicção de que o positivismo “há de vencer!” parece não ter sido abandonada por David Carneiro, pois trabalha ao longo de sua vida para angariar adeptos para o positivismo, o que pode ser constatado em suas entrevistas, discursos, palestras, artigos e obras. A exaltação de David Carneiro de um positivismo conservador, muito característico do século XIX europeu, assinala - supomos - uma primeira marca ao seu posicionando em relação a sua forma de interpretar o contexto social e político de seu tempo.

Após o conhecimento dos escritos de Augusto Comte e a fundação do *Centro de Propaganda do Positivismo no Paraná*, David Carneiro passou a escrever obras em que se dedica a esclarecer os ideais positivistas e divulgar a “Religião da Humanidade”. Consideramos que em um contexto geográfico específico, ele tentou ressignificar os ensinamentos de Augusto Comte para compreender o seu contexto histórico, social e político. Seus posicionamentos em relação à política e aos políticos, ao patriotismo, ao moralismo, a educação, sempre passam pelas orientações positivistas. Carneiro entendia que havia uma desorganização na política, na educação, na cultura, uma degradação ao invés de progressão. Via no positivismo uma espécie de solução, deste seu entendimento resultou a sua militância para que o positivismo fosse “religião universalmente aceita”.

⁸⁷ COMTE apud FÉDI, op. cit., p. 85.

⁸⁸ CARNEIRO, 1937, p. 132.

O positivismo foi o alicerce de seu pensamento. Encontramos a gênese desta filiação nos lugares em que circulou durante sua formação educacional, sobretudo no Colégio Militar do Rio de Janeiro e, posteriormente, na Faculdade de Engenharia da Universidade do Paraná. Sobretudo no meio curitibano, David Carneiro se tornou um “doutrinário” do positivismo e foi este mesmo meio curitibano que marcou a forma de pensar o seu espaço regional, o Paraná.

Deste modo, convém neste momento nos determos ao ambiente histórico-cultural curitibano das primeiras décadas da República, na busca de elementos que possibilitem compreender a possível origem do pensamento de exaltação regional de David Carneiro. Carneiro viveu, na “próspera cidade curitibana”, momentos de ebulição cultural: simbolismo, anticlericalismo, paranismo, criação de clubes literários, do *Instituto Histórico e Geográfico Paranaense*, de revistas de divulgação das letras e das artes do Paraná. Convido o leitor a transitarmos por esse cenário curitibano.

1.3 – Contexto histórico-cultural curitibano nas primeiras décadas da República

Quem viu a Curitiba acanhada e sonolenta, de 1853, não reconhece a Curitiba suntuosa de hoje, com as grandes avenidas e boulevards, as amplas ruas alegres, as suas praças, os seus jardins, os seus edifícios magníficos. A cidade é iluminada a luz elétrica [...] O movimento da cidade é extraordinário, e a vida de Curitiba é já a vida afanosa de um grande centro. Existem para mais de trinta sociedades, clubes e instituições de ordem popular. Contam-se seis colégios particulares, cinco livrarias, nove tipografias, muitas de primeira ordem, e uma litografia.⁸⁹

A Curitiba que comemorava o 4º centenário do descobrimento do Brasil, em 1900, era, para o jornalista, político, literato e historiador Francisco da Rocha Pombo (1857-1933), uma cidade que se alterava daquela pacata e acanhada cidade dos tempos da emancipação da Província, 1853. O “progresso” conquistado, segundo o autor, podia ser evidenciado nos aspectos urbanísticos. Da luz elétrica à difusão do ensino e o aumento de espaços, até então inexistentes, dedicados à cultura, o “progresso” produzia seus frutos.

Curitiba seguia o ritmo da “prosperidade” que se postulava a nível nacional após a abolição da escravidão, signo do atraso, e a adoção do regime republicano. Os *boulevards*, as

⁸⁹ POMBO, 1900 apud MELLO, Sílvia G. B. de. *Esses moços do Paraná...* Livre circulação da palavra nos albores da República. 2008. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008, p. 54.

grandes avenidas, citados por Rocha Pombo, são símbolos, de acordo com este autor, do “progresso” e do requinte.

A atmosfera de crescimento se devia, em grande parte, à prosperidade econômica proporcionada pelo empreendimento ervateiro. Os engenhos se centravam, preferencialmente, nas cidades e arredores. Curitiba acabou sendo privilegiada neste sentido, pois foi em direção a ela que se estenderam os benefícios colhidos com a economia ervateira. Essa imagem de “prosperidade”, tal como exaltada por Rocha Pombo, omite - é claro - que o Paraná na virada do século era uma região de economia periférica e o mate estava longe dos índices de exportação do café paulista.

Tendo em vista a pequena representação política que detinha no cenário nacional, o Paraná na República ainda era um Estado em construção, como habilmente afirmou Luis Fernando Lopes Pereira quando analisou a “invenção do Paraná” empreendida por literatos, artistas e historiadores.⁹⁰

A “invenção do Paraná” foi possibilitada não só pela “prosperidade” econômica, mas também pela relativa autonomia que os Estados passaram a gozar com a República. Desde então, os Estados por questões de limites territoriais, políticas, econômicas e culturais procuraram afirmar ou reafirmar a sua singularidade. Concomitante a necessidade de se “pensar” a nação republicana foi o esforço de legitimação das identidades regionais. Neste contexto, veremos a emergência do gauchismo (Rio Grande do Sul), da mineiridade (Minas Gerais) e do bandeirantismo (São Paulo), entre outros.⁹¹ Caberia nessa conjuntura identificar qual o papel e o lugar do Paraná na nova configuração nacional, e essa foi a questão levantada por aqueles paranaenses dedicados às letras e às artes, como a seguir esboçaremos.

O fomento da cultura urbana, fortemente destacado por Rocha Pombo, pode ser denotado por meio do aumento na instrução pública (pela criação de estabelecimentos de ensino), como também a profusão de produções artísticas e a criação e circulação de periódicos. Se nos vinte primeiros anos de emancipação da província, Curitiba contava com menos de 10 periódicos, na virada do século, mesmo com vida efêmera, estima-se que circulavam aproximadamente 160 novos títulos.⁹²

O impulso fora dado pelo Barão do Serro Azul e o mercado editorial se desenvolveu inicialmente sob a égide dos ervateiros, seus grandes mecenas. David Carneiro, em 1975,

⁹⁰ Cf. PEREIRA, Luis F. L. *Paranismo: O Paraná inventado; cultura e imaginário no Paraná da I República*. 2. ed. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.

⁹¹ *Ibid.*, p. 53.

⁹² MELLO, op. cit., p. 115.

avaliando o nível cultural da sociedade da época se mostrou descrente com a qualidade da promoção cultural que se fazia no país, em sua visão “o Brasil é um continente de descultura, e do Paraná, em relação aos outros Estados, é um indigente cultural.”⁹³ Posição muito diferente da que se postulava nas primeiras décadas do século e é, por isso, que recordou nostálgico que “os ricos da erva mate sempre deram muito dinheiro para as causas da cultura.”⁹⁴

Entre os ricos financiadores podemos citar o Coronel David Carneiro, o líder dos ervateiros, segundo o filho, esteve envolvido na fundação do jornal *Gazeta do Povo* e *O Dia*, fundados em 1919 e 1923, respectivamente. Homem de fala eloquente, assumiu posições políticas, foi camarista (atual vereador), deputado estadual e disputou eleições para deputado federal. Adotando o impresso como “instrumento libertador”, o Coronel David Carneiro fez dos periódicos em que publicou seu principal palco de discussões e colecionou dissabores.

Escreve artigos que são ferro em brasa, mas que só irritam os atingidos; nem os melhoram, nem os reprimem. [...] Orientou a opinião pública em elan destruidor e reconstrutor, conseguindo receber algumas palmas. (Caras palmas quando as comparo com os dissabores que do jornal lhe adivieram!...).⁹⁵

Sem dúvidas, neste estudo, devemos ter cautela na leitura de textos um tanto enaltecendo, como os que David Carneiro escreveu sobre sua família e, principalmente, sobre seu pai. No entanto, gostaríamos de frisar que tanto homens das letras, escritores, literatos, quanto industriais e políticos se apropriaram da imprensa e do impresso para expressar seus projetos de sociedade, seja pela denúncia política, como no caso do Coronel David Carneiro, seja pelas belas letras e pelos estudos históricos, como fez, por exemplo, Rocha Pombo.

É pertinente nos debruçarmos, momentaneamente, sobre a figura de Rocha Pombo, pois o autor é apontado como o “intelectual” responsável por conferir certa coesão à uma primeira agremiação de letrados paranaenses. Nas palavras de Fabrício Leal de Souza, a socióloga Tarcisa Bega

situa Rocha Pombo como o início da geração, nascido em 1857; Domingos do Nascimento, Emilio Pernetta, Nestor de Castro, Nestor Vitor, Dario Vellozo, Júlio Pernetta, João Itiberê da Cunha, Ricardo Lemos, Silveira Netto, José Henrique Santa Ritta, entre 1865 e 1872.”⁹⁶

⁹³ CARNEIRO, 1975 apud BRAND, Jacques M. Uma triste evasão do passado. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 01 jan. 1975. Pasta David Carneiro. Biblioteca Pública do Paraná, Documentação Paranaense. [sem referência a página].

⁹⁴ Ibid.

⁹⁵ CARNEIRO, 1938, p. 57.

⁹⁶ SOUZA, Fabrício L. de. Nação e Herói: *A Trajetória dos Intelectuais Paranaenses*. 2002. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual Paulista – UNESP, Assis, 2002, p. 43-44.

Como literato e jornalista, Rocha Pombo obteve prestígio dos pares. Sua defesa pela abolição da escravidão e seus ideais republicanos animaram toda uma juventude. Nestor Victor, um dos literatos paranaenses de maior expressividade no período, avaliou a importância que o escritor representou para uma geração de escritores: “Rodeamo-lo, como a um prezado mestre, embora ainda bem moço, e aí se começou a organizar o núcleo que deu mais tarde os primeiros escritores paranaenses conhecidos de todo o Brasil.”⁹⁷

Cabe atentarmos que além da classificação desses homens pela sua faixa etária, o laço que os uniu à Rocha Pombo ultrapassou critérios biológicos como a data de nascimento e a vivência comum. Trata-se (de forma um tanto generalizada) de uma ideia que foi abraçada, partilhada e transmitida por esses “intelectuais”.⁹⁸ Neste sentido e dialogando com a reflexão de Alexandro Neundorf, observamos a constituição de uma “intelectualidade” no campo cultural paranaense.

Em toda sociedade, os indivíduos que a compõe, assumem (e/ou são assumidos) certas posições que possuem uma configuração de funções, códigos de comportamento, formas de proceder, uma ética, etc., sempre muito específicas e que acabam por gerar a identidade desses grupos e os torna reconhecíveis. Nesse sentido, o intelectual é um indivíduo que, partícipe do grupo maior “intelectualidade”, conforma-se a sua posição na organização de sua sociedade. Portanto, independente de seu status particular ou de grupo, ocupa um “lugar” nessa sociedade.⁹⁹

Fazem parte desse grupo social escritores, literatos, jornalistas, professores, enfim sujeitos que se envolveram com as “letras” e questionaram o espaço cultural paranaense. Questões foram identificadas, interpretadas e narrativas foram escritas por esses autores de acordo com suas posições sociais, políticas, ideológicas, sua rede de relacionamento intelectual e seu pertencimento a agremiações culturais.

O debate a que esta emergente “intelectualidade paranaense” se filiou nas primeiras décadas republicanas, permaneceu como tema para muitos “intelectuais” das décadas subsequentes e David Carneiro foi, como tentaremos mostrar, um desses “intelectuais” que se dedicaram a valorizar a singularidade regional em suas produções.

Contudo, David Carneiro não deixou de criticar Rocha Pombo, apontado como aquele que incentivou os eruditos a refletirem sobre a sociedade paranaense. Analisando o

⁹⁷ SANTOS, Nestor V. dos apud MELLO, op. cit, p. 64.

⁹⁸ Sobre a problematização do termo “geração”, pode-se consultar: SILVA, Helenice R. da. A História Intelectual em questão. In: LOPES, Marcos A. (Org.). *Grandes Nomes da História Intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003. SILVA, Helenice R. da. *Fragmentos da história intelectual: Entre questionamentos e perspectivas*. Campinas, SP: Papirus, 2002.

⁹⁹ NEUNDORF, Alexandro. *Intelectualidade, Fronteira e Identidade: O Paraná no início do século XX*. 2009. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba, 2009, p. 22.

movimento cultural e a produção sobre o Paraná escrita nesse contexto, Carneiro ora reverenciou Rocha Pombo, chamando sua obra *História do Brasil* (em dez volumes, escrita entre 1905-1917) de obra-prima e o colocando ao lado de historiadores como Francisco A. de Varnhagen e Capistrano de Abreu¹⁰⁰, ora o classificando como “mediocre”.

A sua obra maior, a mais importante de quantas publicou, a ‘História do Brasil’, podia haver revelado ao paiz a importância enorme da obra dos bandeirantes curitibanos do século XVIII.º, conquistando definitivamente para o Brasil toda a antiga região do Guaira, estendendo a possibilidade dessa conquista ao Sul, de forma definitiva. Rocha Pombo não foi capaz dessa obra nem dessa visão. Dizem que Capistrano de Abreu o teve em fraca conta, e que o teria aconselhado mesmo a não publicar a sua História do Brasil. Não levamos até esse ponto o nosso juízo, ainda que estivéssemos apoiados em Capistrano e Rodolfo Garcia.¹⁰¹

Segundo David Carneiro, Rocha Pombo teve a oportunidade de mostrar ao Brasil o quanto o Paraná contribuiu para a integridade nacional defendendo seus limites territoriais. Carneiro foi mais longe para atestar a “mediocridade” do historiador ao afirmar que seus escritos poderiam ter mudado a opinião brasileira com relação ao território paranaense que foi reivindicado por Santa Catarina no episódio que ficou conhecido como Contestado.

David Carneiro se remete ao Contestado porque o debate sobre as questões de disputas territoriais, seja com Santa Catarina ou com o Mato Grosso e São Paulo, contribuíam para aguçar o debate sobre a identidade paranaense, o que parece ter se tornado um imperativo naquele início de século.¹⁰² A escrita e difusão de uma história regional se configuraram em um alicerce para a reivindicação da manutenção do espaço territorial, pois assim ficaria provada historicamente a legitimidade de sua ocupação pelos paranaenses.

Constituição de espaços de debates intelectuais

Nas primeiras três décadas do século XX, proliferaram-se na sociedade curitibana, em parte devido ao debate sobre a singularidade paranaense e às fronteiras territoriais, lugares de agremiação e fomentação de uma história regional.

Criado em 1900, por ocasião da comemoração do 4º Centenário do Descobrimento do Brasil, o *Instituto Histórico e Geográfico Paranaense* (IHGP) foi um importante lugar de produção de uma história paranaense. Foi neste local destinado a produzir “verdades” que

¹⁰⁰ CARNEIRO, David. *História psicológica do Paraná*. Curitiba: João Haupt, 1944, p. 148.

¹⁰¹ CARNEIRO, David. *A História da História do Paraná*. Curitiba: Secção de Artes Gráficas da Escola Técnica, 1952, p. 210.

¹⁰² Anos mais tarde o Paraná se deparou com outra questão territorial, a formação do Território Federal do Iguaçu (1943-1946). Trataremos deste assunto, mesmo que brevemente, no 2º capítulo.

também se debateram questões acerca de território, imigração, formação étnica, que se pensou o Paraná e a sua gente.

A produção intelectual do IHGP estava engajada no debate político do seu tempo. Não em vão recebeu, em 1911, o auxílio de 3:600\$00¹⁰³ para manter e incentivar a sua produção do conhecimento regional. Com esta mesma finalidade - investir na construção cultural e fomentar a produção intelectual para a caracterização do povo paranaense -, podemos citar a própria criação da Universidade do Paraná, em 1912, reivindicada pelo Estado como a primeira do Brasil.

A fundação da “Universidade do mate”, como a chamou o historiador regional Ruy Wachowicz, deu-se, na leitura deste autor, quando “algumas lideranças perceberam, onde residia a deficiência principal dessa sociedade ervateira: a falta de intelectualidade.”¹⁰⁴

Universidade, IHGP, nesse mesmo período, criou-se o *Centro de Letras* (1912) e a *Academia de Letras do Paraná* (1922).¹⁰⁵ Antes mesmo do estabelecimento destas instituições de agremiação intelectual, o espaço de convivência era o *Clube Curitibano*,¹⁰⁶ fundado em 1882, que “objetivava ser um centro de reunião para estudos e entretenimento.”¹⁰⁷

Parte dos fundadores do IHGP se filiou à corrente literária que ficou denominada de simbolista.¹⁰⁸ O marco do simbolismo em moldes curitibanos foi a criação da revista *Cenáculo*, em 1895. Dario Vellozo, Júlio Pernetta, Silveira Netto estiveram juntos com Antonio Braga, na edificação da revista. Dario Vellozo permaneceu em sua edição até 1897.

¹⁰³ PEREIRA, L., 1998, p. 71.

¹⁰⁴ WACHOWICZ, Ruy C. *Universidade do mate: história da UFPR*. Curitiba: APUFPR, 1993, p. 25.

¹⁰⁵ Em 2001, a Academia Paranaense de Letras publicou a sua *Bibliografia* sob a direção de Túlio Vargas, Valério Hoerner Jr. e Wilson Bóia, todos membros da agremiação. Na introdução da obra, Hoerner Jr. traça o histórico da instituição na tentativa de esclarecer o equívoco que estaria sendo constantemente divulgado, pois a instituição que surgiu em meados de 1920 não foi a Academia Paranaense de Letras, mas sim a Academia de Letras do Paraná. A Academia Paranaense de Letras surgiu anos após o desaparecimento da antiga agremiação e foi composta praticamente pelos mesmos associados. “Fundou-se, assim, em 26 de setembro de 1936, em Curitiba, a Academia Paranaense, com base no Centro de Letras do Paraná e respeitada a trajetória da extinta academia anterior”. HOERNER JR., Valério. História da Academia Paranaense de Letras. In: _____; BÓIA, Wilson; VARGAS, Túlio. *Bibliografia da Academia Paranaense de Letras*. Curitiba: Posigraf, 2001, p. 11.

¹⁰⁶ David Carneiro exerceu a presidência do *Clube Curitibano* entre 1943 e 1946, e janeiro de 1948.

¹⁰⁷ DIÁRIO, 1976, p. 7 apud MARACH, Caroline B. *Inquietações modernas: discurso educacional e civilizacional no periódico a escola (1906-1910)*. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná, Curitiba - UFPR, 2007, p. 34.

¹⁰⁸ O simbolismo foi um movimento literário francês que recebeu contornos regionais. Surgiu nas duas últimas décadas do século passado, na fase da *belle époque*, “época da boemia de Montmartre, chamados de ‘poetas decadentes’, tomados pela sensação do *fin du siècle*, acusa a crise dos ideais do complexo cultural positivista e apresenta uma nova proposta estética, fundamentada em valores espirituais. [...] Voltando, de um certo modo, à estética romântica, o Simbolismo aperfeiçoa o gosto pelo mistério das coisas, na tentativa de captar a realidade secreta do Universo, neste encontrando uma Alma e descobrindo a correspondência entre os diversos elementos da natureza, expressa artisticamente através da metáfora sinestésica: ideias aromáticas, flor canora, luz falante, cheiro das cores etc”. D’ONOFRIO, Salvatore. *Literatura Ocidental*. Autores e obras fundamentais. 2. ed. São Paulo: Ática, 2002, p. 405.

Anticlericalismo, antimigrantismo e defesa do indígena foram pautas do periódico. Constituíram os simbolistas um diálogo curioso entre “positivismo, ocultismo, esoterismo, satanismo e helenismo, estabelecendo uma relação muito peculiar entre os elementos da tendência simbólica com as preocupações típicas do século XIX brasileiro.”¹⁰⁹

Esse parece ter sido um período de maior circulação das ideias de Augusto Comte entre os eruditos paranaenses, embora David Carneiro tenha discordado do anticlericalismo defendido por Dario Vellozo.

Dario Vellozo, o grande destaque desse grupo, pregou o livre pensamento nas páginas da revista *Cenáculo*, o principal meio de divulgação de suas ideias anticlericais. A superação dos dogmas religiosos e do poder de intervir que a Igreja detinha na vida pública e privada foi bandeira que costumava ser identificadas nas leituras que essa “intelectualidade” fez de Augusto Comte. A fase teológica deveria ser superada pela ciência, esta sim propulsora do progresso. Dario Vellozo, Julio Pernetta e Silveira Netto percebiam a força que a Igreja possuía no controle das consciências e das instituições civis. Sobre o anticlericalismo asseverou Julio Pernetta:

[...] ignorantes e boçais gesticulam dentro de uma obesidade animalesca, pensando assim fazer recuar a marcha assombrosa da civilização do século XX, para o fundo sombrio de 1530, onde Santo Bartolo defendia o suplício do fogo em nome do Evangelho!¹¹⁰

Embora não tenhamos intenção e nem espaço necessário para uma análise mais acurada do simbolismo curitibano e seu anticlericalismo, chama-nos a atenção a eloquência da citação desses literatos ao defenderem a laicização da sociedade e a liberdade de pensamento em uma sociedade fortemente impregnada pelo catolicismo.¹¹¹

David Carneiro discordou da identificação feita entre anticlericalismo e positivismo no movimento promovido por Dario Vellozo. Afirmou Carneiro:

Aqui no Paraná o positivismo não existia realmente naquela época. Era então marginal, ou só pessoal. Havia um ou dois positivistas. Nós, positivistas, concordamos em que a organização e os princípios morais da Igreja, embora estejam em decadência – no sentido de influência moral que deveriam continuar a ter – realmente são benéficos. Então o anticlericalismo era, realmente, destruidor. E o positivismo não considera bem todas as campanhas destruidoras.¹¹²

¹⁰⁹ SOUZA, op. cit., p. 47.

¹¹⁰ PERNETTA apud MELLO, op. cit., p. 218.

¹¹¹ Sobre ideias anticlericais, pode-se consultar: MARCHETTE, Tatiana Dantas. *Corvo no galho das acácias: o movimento anticlerical em Curitiba (1896-1912)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999. BALHANA, Carlos, Alberto. *Idéias em confronto*. Curitiba: Secretaria da Cultura e do Esporte. Grafipar, 1981.

¹¹² CARNEIRO, 1982 apud MILLARCH, Aramis. O paranaense sempre foi metido consigo mesmo. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 10 set. 1982. Caderno Fim de semana, n. 77, p. 03.

Se a sociedade deveria caminhar rumo ao estado positivo, ao progresso da Humanidade seria pela ordem e não pela anarquia ou revolução. Ao mesmo tempo em que repudiou o anticlericalismo destruidor, David Carneiro lhe atribuiu o mérito de corporificar o grupo de positivistas no Paraná.

Os escritos de Comte circularam pelo Brasil e foram significados de forma particular. Para os positivistas Miguel Lemos e Teixeira Mendes, era preciso ter cautela e não agredir os católicos, pois entre eles se encontravam os ouvintes mais receptivos. Compreendendo a forte presença da religião católica, a estratégia era captar para a doutrina positivista esses fervorosos devotos de Cristo.¹¹³ Dario Vellozo, por exemplo, não foi membro do grupo positivista ortodoxo, já que sua leitura recebeu contornos próprios e encontrou adeptos que, ao invés de defenderem a “ordem”, partiram para o “combate”.

Mas as críticas ao “amigo” ficariam por aí. Dario Vellozo fundou o Templo das Musas (destinado aos seguidores de Pitágoras), nome da sede do *Instituto Neo-Pitagórico*. Nesse espaço, seu criador propôs a reflexão sobre “uma nova ordem ética, que não fosse baseada num simples comportamentalismo, mas fundamentada na fusão das tradições Orientais e Ocidentais.”¹¹⁴ O *Instituto Neo-Pitagórico* foi fundado em 1909. Embora David Carneiro tenha estado boa parte do tempo ausente de Curitiba entre 1916 e 1922, frequentou, aos domingos, as reuniões promovidas por Dario Vellozo no Templo das Musas, que contava com participação de senhoras e moças vestidas de gregas. Estas reuniões despertaram a admiração do ainda jovem David Carneiro.

Dário era um grande conhecedor do Teatro grego, um grau de erudito, e uma vez, no Passeio Público, foi apresentada uma cena grega com senhoras e moças que frequentavam o Templo das Musas. Foi muito bonita e o cenário do Passeio Público era perfeito.¹¹⁵

Na descrição de Carneiro parece ser evidente a tentativa de Vellozo em promover certa harmonia entre a natureza e as mulheres vestidas de gregas.¹¹⁶ Dario Vellozo, assim como Rocha Pombo, fez parte do universo social de David Carneiro nesse início de seu percurso intelectual. Carneiro além de ter sido contemporâneo dos escritores citados também se

¹¹³ CARVALHO, op. cit., p. 139.

¹¹⁴ ANDRADE, 2002, p. 136 apud GONÇALVES, Ernando B. J. *O impresso como estratégia de intervenção social: educação e história na perspectiva de Dario Vellozo (1885 – 1937)*. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná - UFPR, Curitiba, 2011, p. 32.

¹¹⁵ CARNEIRO apud MARANHÃO, Malu. David Carneiro. *Nicolau*, Curitiba, out. 1988. Pasta David Carneiro. Biblioteca Pública do Paraná, Documentação Paranaense. [sem referência a página].

¹¹⁶ Segundo a socióloga Tarcisa Bega, nas chamadas Festas da Primavera promovidas por Dario Vellozo, entre 1910 e 1920, “realizava-se uma mescla de elementos das civilizações antigas com o passado da cidade, num esforço que visava criar uma tradição para o Estado, definir os seus contornos e formar o paranaense do futuro: um bandeirante helenizado.” BEGA, 2001 apud SOUZA, op. cit., p. 49-50.

posicionou em relação a eles. Isto justifica nossa ênfase no ambiente intelectual paranaense e seus partícipes, pois tal conjuntura se demonstra permeada por comentários de David Carneiro.

Ao nos questionarmos sobre os possíveis significados que esses “intelectuais” paranaenses tiveram em relação ao enaltecimento regional presente em David Carneiro, é pertinente nos determos nos objetivos do Movimento Paranista, cujo principal articulista foi Romário Martins, a quem Carneiro denominava de “mestre”. No próximo tópico relacionaremos a produção do David Carneiro ervateiro com o discurso do Movimento Paranista.

O Movimento dito Paranista

O Movimento cultural dito Paranista surgiu na década de 1920, contou com a participação de políticos, historiadores, literatos, jornalista e artistas que lançaram “ações e representações com o objetivo de propiciar o desenvolvimento do Estado.”¹¹⁷

Integrante da “geração simbolista” e fundador do IHGP¹¹⁸, Romário Martins (1874-1948) foi o porta-voz do movimento e se dedicou a traçar as qualidades do sujeito denominado de paranista. Segundo ele, o paranista é “aquele que tem, pelo Paraná, uma afeição sincera, e que notadamente a demonstra em qualquer manifestação da atividade digna, útil à coletividade paranaense.”¹¹⁹

Esse “tipo ideal” paranista caracterizaria uma noção de regionalismo distinta, em um Estado que não era herdeiro de um passado glorioso e repleto de tradições a serem vangloriadas e rememoradas, o paranista seria todo o habitante do Paraná que amasse e trabalhasse pela prosperidade da sua terra. Contrário ao antimigrantismo, o Movimento Paranista procurou integrar toda a população imigrante no desenvolvimento do Estado, esforçando-se em não privilegiar certos valores étnicos.¹²⁰

¹¹⁷ SOUZA, op. cit., p. 23. É interessante assinalar a proximidade temporal do evento paranaense com o “Primeiro Congresso Brasileiro Regionalismo”, promovido por Gilberto Freyre, em 1926, no Recife. Embora o teor dos discursos seja distinto, ambos buscaram afirmar a importância de suas respectivas regiões.

¹¹⁸ Sobre a criação do instituto paranaense sob a perspectiva da história das ideias, pode-se consultar: BELTRAMI, Rafael C. de C. *Da poesia na ciência: fundadores do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, uma história de ideias*. Curitiba. 1900. 2002. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba, 2002.

¹¹⁹ MARTINS apud SOUZA, op. cit., p. 75.

¹²⁰ SOUZA, op. cit., p. 65.

Esse cosmopolitismo postulado por Romário Martins esteve ao lado dos elementos de exaltação da terra. Se o Movimento Paranista “de um lado, aceitava as diferenças culturais, chamando-as para unirem-se ao Paraná; por outro lado, mantinha-se fiel ao culto dos indígenas como elemento de identificação nacional, tal como fazia em fins do século XIX.”¹²¹ No Paraná, a defesa e a identificação do índio estiveram presentes na literatura dita “simbolista”.

Além do culto ao indígena, outra correspondência entre simbolismo e paranismo foi a exaltação do pinheiro. Erigido em símbolo cultural do Estado, para Romário Martins, o pinheiro se confundia com a própria imagem do homem paranaense, “alto, eril, forte e de braços abertos para o futuro auspicioso.”¹²²

Os símbolos extravasaram o nível das ideias e habitaram o cotidiano. Nas mãos de João Turin o pinheiro foi inspiração para arte decorativa, chegando mesmo a propor uma “moda paranista” como a elaboração de projetos para guarda-chuvas, bolsas, capas e outros acessórios, que aliavam o pinheiro aos elementos da cultura indígena.¹²³

Segundo análise de Luciana E. Barone, para atingir o “imaginário popular” a principal estratégia adotada pelos artistas plásticos João Turin e Lange de Morretes foi propor uma alfabetização visual não formal.

estilizações, decorações e ícones foram alastrados por toda cidade de Curitiba, capital do Estado, com a intenção de convencer toda população de que, a partir daquele momento, imagens do pinheiro, da pinha e do pinhão eram efetivamente os símbolos do Paraná.¹²⁴

Nesta confluência de símbolos, o pinheiro se configurou como o protetor do mate, “se a imagem do pinheiro transfigura-se na do corpo do homem paranaense, o mate torna-se a seiva que lhe garante a força física e a potencia moral.”¹²⁵

A identificação simbólica do homem paranaense com o pinheiro e com a erva-mate faz alusão às principais atividades econômicas do Estado. Motivo pelo qual Romário Martins foi caracterizado como “intelectual da oligarquia local”.¹²⁶ O Manifesto Paranista e o Programa

¹²¹ Ibid., p. 74.

¹²² SZVARÇA, Décio. *O Forjador: ruínas de um mito* – Romário Martins. 2. ed. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2004, p. 26.

¹²³ PEREIRA, L., op. cit., p. 149.

¹²⁴ Em seu estudo sobre o paranismo e as artes visuais, Barone constata que a estratégia paranista de alfabetização visual foi vitoriosa, pois os paranaenses incorporaram o pinheiro, a pinha, o pinhão e a gralha azul, como símbolos do Paraná mesmo sem conhecer a sua história. Isto porque as formas paranista se perpetuaram nas calçadas, painéis e diversas construções. BARONE, Luciana E. *O Paranismo e as artes visuais*. 2009. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais). Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, Florianópolis, 2009, p. 15.

¹²⁵ SZVARÇA, op. cit., p. 29.

¹²⁶ Cf. SZVARÇA, op. cit.

do Centro Paranista, elaborados por Romário Martins, são de 1927 e marcaram as dificuldades que vinham enfrentando a extração da madeira e a economia ervateira, ou seja, momento que as principais atividades econômicas do Estado estavam fragilizadas. Cabe ressaltar que é nesse período que a oligarquia local se viu ameaçada pela crescente expansão da cafeicultura do Norte do Paraná.¹²⁷

Engenheiro recentemente formado e gerenciando a indústria ervateira da família, David Carneiro publicou, em 1928, as sugestões que apresentou ao Instituto do Mate com o título *O problema do mate brasileiro: contribuição para a sua solução*. As sugestões apresentadas “derivam do desejo de contribuirmos, com as escassas luzes e as fugaces observações que possuímos, para a solução do problema do mate.”¹²⁸ Notemos que o autor é claro na constatação de que existia um “problema”. Carneiro elencou dez sugestões, cada qual seguida de justificativa. De modo geral, tais sugestões visavam organizar desde a produção à exportação da erva-mate, almejando melhor qualidade para fazer frente aos concorrentes platinos, principalmente a Argentina, e conquistar novos mercados.

Entre os países almejados para o consumo do mate, David Carneiro destacou os Estados Unidos, México e Canadá.

O México foi escolhido por ser uma terra amiga onde ideias e costumes se afinam com as brasileiras. Já os Canadenses e americanos sabem de sobra que a victoria pertence aos fortes, e só é forte quem tem saude. Demais, na luta que travam contra o uso do maior dissolvente do caracter que é o álcool, os povos do norte encontrarão no mate brasileiro a clava capaz de esbarrondar com o inimigo protéico que tal vicio representa. O esforço que fizemos nesse sentido e a conquista economica verificada terá as bençams nem só desses povos, mas da Humanidade agradecida, cantando a gloria de nossa contribuição para essa victoria branca, sem salpicos de sangue, nem luctas e nem ódios. Assim pensamos.¹²⁹

Entendia David Carneiro que nações fortes, ricas e de progresso intelectual, como os Estados Unidos e o Canadá, receberiam de “braços abertos” o mate paranaense, bastaria que tomassem conhecimento dos seus benefícios medicinais e morais. Os benefícios morais estariam evidentes no combate ao álcool, o que chama de “dissolvente do caráter”. Assim, o Paraná receberia glórias, afinal estaria contribuindo para o que ele chamou de “regeneração social”. Discurso que chama atenção por seu tom apelativo em prol de uma economia que dava sinais de enfraquecimento, mas que, por outro lado, era a herança e grande sustento da família David Carneiro.

¹²⁷ SOUZA, op. cit., p. 78.

¹²⁸ CARNEIRO, David. *O problema do mate Brasileiro: contribuição para a sua solução*. Curitiba: Impressora Gráfica Paranaense, 1928, p. 04.

¹²⁹ Ibid. p. 28.

Assim, já nas primeiras publicações de Carneiro, argumentando a importância econômica e social da erva-mate, avistamos também o sentimento de defesa de uma economia que, para o autor, era tipicamente paranaense: a da erva-mate. Quando escreveu *O problema do mate brasileiro*, David Carneiro já estava à frente dos negócios da “Hervateira Americana”, na qual permaneceu até 1943. Sua primeira obra estava em plena consonância com os debates econômicos, políticos e culturais do seu tempo. O que tentamos foi evidenciar como tais debates se constituíram no período e como David Carneiro os compreendeu.

O ambiente intelectual curitibano nas primeiras décadas do período republicano marcou intimamente a visão de mundo do estudioso - o sentimento paranista de exaltação da terra o acompanhou durante toda a sua produção intelectual. A busca incessante em legitimar o lugar do Paraná na nação esteve ao lado do conhecimento que o paranaense deveria ter das suas raízes históricas. Questão que foi impressa em sua trajetória como historiador do Paraná, tema do nosso próximo capítulo.

CAPÍTULO 2

O historiador

Após termos transitado pelo percurso inicial de David Carneiro e objetivando compreender as outras faces de sua trajetória intelectual, planejamos problematizar neste capítulo a configuração do David Carneiro historiador. Para tanto, abordaremos suas obras, buscando identificar quais foram os autores que contribuíram para suas concepções de história, verdade, crítica documental e função dos estudos históricos.

A hipótese que sustentaremos neste capítulo considera as investidas de David Carneiro como parte de um projeto maior: tentar propiciar visibilidade nacional ao Paraná; divulgar entre os paranaenses as suas raízes históricas; buscar exemplos morais e de ação pública no passado paranaense que inspirassem os seus conterrâneos a agir construtivamente em direção ao futuro.

Este é o sentido emitido em sua narrativa histórica, que tem como função, no presente, orientar o agir do paranaense, visando ações construtivas no futuro. Numa perspectiva comteana, tal futuro orienta a marcha da humanidade rumo ao progresso.

Segundo o historiador Jörn Rüsen,

O caráter de um enunciado, de uma simbolização, de uma apresentação, enfim, de uma articulação ou manifestação de sentido, é histórico se o sentido intencionado abrange um contexto narrativo entre o passado, o presente (tendencialmente) também o futuro, sentido esse no qual a experiência do passado é interpretada de forma que o presente possa ser entendido e o futuro, esperado.¹³⁰

Assim, compreendemos que David Carneiro se dirigia ao passado com uma intenção, um interesse, originado nos processos sociais, de tal modo, suas obras e ideias são significadas no seu contexto de enunciação. Vamos, então, ao desenvolvimento destas ideias.

2.1 - A História da História do Paraná

Era 07 de maio de 1951 quando David Carneiro, responsável pela Divisão de História do *Centro de Letras do Paraná* (CLP), convocou por meio de uma circular “os intelectuais

¹³⁰ RÜSEN, Jörn. *Razão histórica*. Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Ed. UnB, 2001, p. 160.

conterrâneos para cooperarem para o maior brilhantismo das festividades do centenário paranaense.”¹³¹

Em 19 de dezembro de 1953, o Paraná completaria cem anos de sua emancipação política de São Paulo, mas ainda não estava, na visão de Carneiro, “livre de peias interesseiras relativas à politiquice nacional”, assim como o Brasil não estava “feito país livre em face dos fortes que teem armas e ouro, e lhe dão diretriz como os patrões dão ordens aos seus criados e fâmulos.”¹³² Esta sensação de “opressão” ou “minoração” era resultado da desvalorização da cultural nacional, pois “a liberdade dos povos só é adquirida pela cultura, e nós só a temos de empréstimo: Venha do Vaticano, de Paris, de Coimbra ou de Harward!”¹³³ A “emancipação completa” aconteceria, segundo o autor, quando o cidadão conscientemente “amasse” e “servisse” sua pátria, mas como isto seria possível? Simples, respondeu Carneiro, pelo conhecimento do passado.¹³⁴ A partir da resposta de David Carneiro observamos uma forma de se relacionar com o tempo, o passado que, então, é (re) visitado para compreensão do presente e a construção do futuro.

Desta forma, foi na intenção de servir à pátria e contribuir com a divulgação dos “conhecimentos históricos” necessários para a valorização da cultura nacional que David Carneiro convidou os confrades do CLP a cooperarem na produção de estudos monográficos sobre o “desenvolvimento sentimental”, “desenvolvimento intelectual” e “desenvolvimento das atividades” no Paraná.

Antes de divulgar a circular e propor as monografias aos pares, Carneiro já havia escolhido o seu tema: a História da História do Paraná. “Na circular do Centro de Letras [...] deixei de colocar na parte do desenvolvimento intelectual a História da História do Paraná, porque já sabia quem havia de encarregar-se dela.”¹³⁵

O “encarregado” de escrever a História da História do Paraná, desde a publicação de *O cerco da Lapa e seus heróis*, em 1938, vinha se dedicando à investigação histórica e havia publicado em torno de 15 obras que versavam sobre a história regional.¹³⁶ A experiência como historiador de temas paranaenses parece ter sido a justificativa para David Carneiro tomar para si o encargo de elaborar um texto que prestasse, acima de tudo, homenagem aos historiadores, cronistas e mesmo aos que “sem pretensões nem a cronistas nem a

¹³¹ CARNEIRO, 1952, p. 102.

¹³² Ibid., p. 101.

¹³³ Ibid., p. 101.

¹³⁴ Ibid., p. 102.

¹³⁵ Ibid., p. 101.

¹³⁶ Esse é o número aproximado de livros publicados sobre temas relativos ao Paraná, paralelamente a eles David Carneiro publicou obras que abordam outros temas nacionais, história geral, biografia, literatura, entre outros.

historiadores, puzeram sua pedra no monumento que as constitui”,¹³⁷ ou seja, àqueles que mesmo sem intenção deliberada “fizeram” e “escreveram” a história do Estado. Para essa classificação, Carneiro partiu da obra *The history of history* do norte-americano James T. Shotwell, originalmente, publicada em 1939.¹³⁸

Para Shotwell, o termo “história” em sentido moderno possui dois significados distintos: “pode exprimir o relato dos feitos ou os próprios feitos [...], há pois a sequencia de fatos, que constitue história; e há o relato desses fatos, que tambem constitue história.”¹³⁹ Segundo o historiador, houve uma certa “perversão” do termo em seu sentido grego original, “indagação, investigação.”¹⁴⁰ Ele considerou lamentável se dar “igual nome ao objeto de estudo e ao próprio estudo.”¹⁴¹ Nesses termos, de acordo com o sentido moderno de história para Shotwell,

Dizemos que Cromwell “faz história” ainda que nunca houvesse escrito uma linha dela. Dizemos também que o historiador se limita a relatar a história que fazem monarcas e homens de Estado. A história nestes casos não é evidentemente, o relato, senão a matéria que espera ser relatada.¹⁴²

David Carneiro leu a obra de Shotwell, partiu do significado moderno da palavra história, a que o próprio Shotwell questionou, e estabeleceu os seus critérios para classificação entre os que “fazem” e os que “escrevem” a história.

Sigamos com Carneiro em sua classificação: fizeram história os homens que por suas ações, seus atos, beneficiaram a sociedade. Entre estes há os que escreveram “elementos documentais”, por obrigações de seu cargo registraram os acontecimentos em relatórios, cartas políticas, discursos. Escreveram história de forma indireta com o grande mérito de deixar documentação para análises posteriores dos historiadores. Já se esboçava “o historiador” nos homens que “positivamente”, ou seja, intencionalmente, registraram os seus feitos históricos. Carneiro os denominou de historiadores do “tipo César” em alusão ao romano Caio Júlio César. Como “historiadores contemporâneos”, “fornecem base sólida para os futuros historiadores”. De suma importância documental foram os registros dos cronistas,

¹³⁷ CARNEIRO, 1952, p. 108.

¹³⁸ SHOTWELL, James T. *The history of history*. Nova York: Columbia University Press, 1939. Não encontramos a tradução desta obra em português e nem mesmo a obra completa disponível na língua original. Encontramos na biblioteca da UNESP-Assis uma cópia em espanhol que contém partes da obra original. SHOTWELL, James T. *Historia de la historia en el mundo antiguo*. [S.l.: s.n.], [19--]. Agradecemos a Professora Dr^a. Karina Anhezini que nos possibilitou o acesso à referida cópia.

¹³⁹ SHOTWELL apud CARNEIRO, 1952, p. 107.

¹⁴⁰ SHOTWELL, James T. *A interpretação da História e outros ensaios*. Tradução Murillo Bastos Martins. Rio de Janeiro: Zahar, 1967, p. 33.

¹⁴¹ SHOTWELL apud CARNEIRO, 1952, p. 109.

¹⁴² *Ibid.*, p. 109.

apesar de serem “historiadores de valor relativo”. A desconfiança se refere à “função de contar”, podendo o seu relato atender a interesses que não sejam os de narrar os acontecimentos como se passaram.¹⁴³

Deste modo, Carneiro expõe a tarefa do “historiador de ofício” galgada em mobilizar o que os homens deixaram de registro de seu tempo para que seja interpretado como “processo histórico”. Cabe ao “verdadeiro historiador”, afirmou Carneiro, inquirir como um questor, encontrar a verdade como um heurista e narrar como um juiz.¹⁴⁴ Foi como “historiador de ofício” que David Carneiro propôs fazer um estudo dos historiadores que “fizeram” e “escreveram” a história do Paraná, segundo sua classificação.

Entre as poucas referências encontradas sobre a repercussão deste estudo, está a da historiadora Cecília Maria Westphalen, do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná. Segundo sua percepção,

David Carneiro foi um dos poucos historiadores do Paraná que se preocuparam com a história da História do Paraná, que se preocuparam com a historiografia paranaense. Não se pode fazer historiografia paranaense sem partir do livro de David Carneiro sobre a História da História do Paraná.¹⁴⁵

Em *História da História do Paraná, a historiografia paranaense*, a que Westphalen se referiu, constitui a segunda parte da obra, o “estudo concreto”. Este, segundo Carneiro, deveria ser acompanhado de uma breve introdução filosófica que definisse a história, seus princípios e teorias. Contudo, diante da “discordância radical, quase incrível de todas as opiniões, o disparate das definições divergentes; o choque das doutrinas em torno do que, à primeira vista, pareceria tão intuitivo e tão fácil”,¹⁴⁶ a breve introdução se transformou em uma parte da obra intitulada “A história em si mesma”, abordando “definição, métodos, leis, sistemas de registro, processos de desenvolvimento, julgamentos e filosofia da História.”¹⁴⁷

Em sua “Explicação inicial”, David Carneiro, em terceira pessoa, apresenta a obra ao leitor, reconhecendo a dificuldade do debate teórico-metodológico que propôs e ressaltando a competência do autor que se aventurou na seara das definições.

¹⁴³ CARNEIRO, 1952, p. 109-114.

¹⁴⁴ CARNEIRO, 1952, p. 119.

¹⁴⁵ WESTPHALEN apud MEMÓRIA de David. Direção: Berenice Mendes. Produção de Fernando Morini. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1988. 1 DVD.

¹⁴⁶ CARNEIRO, 1952, p. 08.

¹⁴⁷ Ibid., p. 05. Os capítulos que constituem a primeira parte da obra são: A história em si mesma; A verdade e a postulação; A verdade e a autoridade; A verdade e as deformações; A verdade e a imaginação; A história e a tradição; A história e a verdade; A história e a crônica; A história e a documentação; A história é universal; História e historiadores; A história e suas leis; A história e seu estilo; O papel histórico; O julgamento histórico; A história e a modernidade.

A experiência de alguns decênios como cronista e historiador local, em cujo lapso de tempo se debateu, a experimentar todas as formas de pesquisa e todos os métodos de exposição, fizeram-n'o próprio, segundo acredita, para realizar esse apanhado.”¹⁴⁸

Em “A história em si mesma”, Carneiro pretendia discutir sobre a escrita da história esclarecendo suas posições teóricas. Para tanto, mobilizou um rol de autores que lhe pareciam fornecer a “doutrina certa”, assim como os que deviam ser refutados. Em busca de um chão seguro, direcionou sua obra a um público específico, “os historiadores”, para que deles recebesse “as merecidas críticas, ainda que apresente não um ‘ensaio’, segundo a concepção de Montaigne mas antes severa tentativa sistemática de coordenação.”¹⁴⁹

Entre os autores que fundamentaram a concepção historiográfica de Carneiro, e que denominou de “influências preponderantes”, estão o já mencionado historiador norte-americano James T. Shotwell (1875-1965) e o filósofo espanhol José Ortega y Gasset (1883-1955). Buscando compreender a particularidade da visão da história de David Carneiro exploramos a presença destes autores na parte da obra intitulada “A história em si mesma”.

Método, ciência e arte

James T. Shotwell, o autor de *The History of History*, livro “monumental” para David Carneiro, foi professor de História das Relações Internacionais na Universidade Columbia, Estados Unidos, durante aproximadamente cinquenta anos.¹⁵⁰ Na instituição, Shotwell esteve presente às aulas do professor James Harvey Robinson (1863-1936) quando este sistematizava a *História Nova*, título de seu livro publicado em 1912.¹⁵⁰ A proposta da *História Nova* era formar historiadores críticos do passado, analisar as “narrativas que são impostas à mente dos estudantes modernos”,¹⁵¹ e ampliar o campo de estudos da história, até então restrito a uma “linha ortodoxa de fatos políticos.” Lembrando-se dos livros da época de estudante secundário, Shotwell nos conta: “política era concebida como alguma coisa romântica, onde havia reis e batalhas, ou era então algo abstrato onde se falava de constituições e dos problemas resolvidos pelos estadistas.”¹⁵² Questionando a história de reis e batalhas, a

¹⁴⁸ CARNEIRO, 1952, p. 08.

¹⁴⁹ Ibid., p. 09.

¹⁵⁰ *História Nova* não foi traduzida no Brasil, mas encontramos referência que *A formação da mentalidade*, uma das obras mais divulgadas de Robinson, originalmente publicada em 1921, chegou ao país em 1940.

¹⁵¹ SHOTWELL, 1967, p. 124.

¹⁵² Ibid., p. 123.

História Nova propunha “uso interdisciplinar de outras ciências sociais, especialmente sociologia, antropologia e psicologia.”¹⁵³

A expressão “nova história” apressadamente nos remete aos *Annales*, na França. E assim, o projeto historiográfico da *História Nova*, gestado no início do século XX, afigura-nos inovador. Mais uma vez notamos, como apontou Peter Burke, que o “novo” nos *Annales* não era tão novo como sugeria ser.¹⁵⁴ No entanto, parece que o movimento iniciado com Robinson não teve grande repercussão naquele meio acadêmico e também em outros centros de estudos históricos. Para esta dissertação, o que mobilizaremos serão as filiações intelectuais de nosso personagem. Foi com o espírito crítico de sua formação universitária que Shotweel refletiu sobre a escrita da história, partindo dos gregos, e assim, o paranaense David Carneiro produziu um estudo sobre os historiadores regionais em diálogo com a obra Shotweel.

A História da História, segundo Shotweel em seu primeiro capítulo,¹⁵⁵ ainda era terreno pouco habitado pelos historiadores, pois a preocupação em escrever a história da literatura, da filosofia, das artes, das ciências, e, sobretudo, da política era maior, relegando a história da história para segundo plano.

Clío, aunque es la más vieja de las Musas, ha estado tan ocupada averiguando el pasado de sus hermanas que se ha olvidado del suyo propio, y parece ser que sus mismos lectores se lo han preguntado raras veces.¹⁵⁶

Ocupando-se deste território pouco explorado e situado no “mundo antigo”, Shotweel trata “de los historiadores, sus métodos, sus materiales y sus problemas [...]”.¹⁵⁷

Esta estrutura de escrita da história foi seguida por David Carneiro, que em seu estudo sobre os historiadores paranaenses, segue a temática e estilo de Shotweel. Para este, a história é a manifestação da vida; os fatos históricos fazem parte de um processo de “evolução social”; o historiador coloca a vida em marcha:

los datos deben considerarse como parte del proceso del desarrollo social, no como hechos aislados. Porque hechos son aquéllos que forman parte de la gran corriente de relaciones mutuas que es el tiempo.¹⁵⁸

¹⁵³ JAMES HARVEY ROBINSON. *Encyclopaedia Britannica*. Disponível em: <<http://www.britannica.com/EBchecked/topic/505742/James-Harvey-Robinson>>. Acesso em: 31 mai. 2011.

¹⁵⁴ BURKE, Peter. Abertura: A Nova História, seu passado e seu futuro. In: _____ (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1992, p. 17.

¹⁵⁵ O primeiro capítulo da versão em espanhol é “Definición y objeto de la historia”.

¹⁵⁶ “Clío, apesar de ser a mais velha das Musas, tem estado tão ocupada tentando descobrir o passado de suas irmãs que se esqueceu do seu próprio, e parece que seus próprios leitores se perguntaram raras vezes”. SHOTWELL, [19--], p. 15, tradução nossa.

¹⁵⁷ “dos historiadores, seus métodos, seus materiais e seus problemas”. Ibid., p. 17, tradução nossa.

¹⁵⁸ “os dados devem ser considerados como parte do processo de desenvolvimento social, não como eventos isolados. Porque os fatos são aqueles que fazem parte da grande corrente de relações mútuas que é o tempo.” Ibid., p. 19, tradução nossa.

Deste modo, munido de mentalidade científica, o historiador não se move pelo terreno movediço das origens e das especulações, pois somente a experiência é campo da história.

A concepção evolutiva da história, a crença em uma verdade científica e exclusivamente humana compõe o pensamento positivista do século XIX. Neste sentido, David Carneiro articulou a concepção de história, princípios e métodos propostos por Shotwell com a teoria positivista da história. Em comum, poderíamos conjecturar, Comte e Shotwell compreendem a história como processo, regida pelo progresso.

Os estudos históricos, para Carneiro, deveriam ser norteados pela busca da verdade. Para este autor, a verdade constituía a primeira qualidade da história, embora apontasse com muita clareza que a verdade concreta, perfeita, não pudesse ser reconstituída, mas devia repousar na mente do historiador como um ideal, “afim de que as pesquisas históricas tenham por escopo atingir essa verdade.”¹⁵⁹ Na percepção de Shotwell, esta era a demanda do espírito científico, pois o historiador ao reconstruir o mosaico do passado devia se ocupar de “encontrar la verdad y exponerla.”¹⁶⁰

David Carneiro atribuía um importante papel à documentação. Em sua concepção, a investigação do passado devia partir do estudo das ações humanas, verificadas heurísticamente nos documentos. Em termos comteanos, os documentos são impressões objetivas do passado: “consiste a verdade, sempre, no estabelecimento de uma suficiente harmonia entre as nossas impressões objetivas e nossas concepções subjetivas.”¹⁶¹

De acordo com Carneiro, a documentação constitui as impressões objetivas, de modo que o estabelecimento das relações de causas e efeitos, antecedentes e consequências sociais, constituem “a parte subjetiva das nossas concepções históricas.”¹⁶² É da harmonia entre impressões objetivas (vestígios do passado) e subjetivas (interpretação racional) que emergiria, acreditamos, uma verdade abstrata. Desta forma, a história:

só se pode considerar perfeita em qualquer sentido, qualquer ramo ou faceta, quando a história e verdade não se distinguirem, ou quando no sentido abstrato se houver chegado a uma lei sociológica, lei natural e imutável, o limite máximo da perfeição, suprema síntese dos conhecimentos.¹⁶³

A ciência capaz de atingir a “suprema síntese dos conhecimentos” seria a “física social”, a sociologia proclamada por Comte. Fazem-se pertinentes as palavras de Raymond Aron, para quem a sociologia de Comte se define como a “ciência do todo histórico, ela

¹⁵⁹ CARNEIRO, 1952, p. 17.

¹⁶⁰ “encontrar a verdade e expô-la”. SHOTWELL, [19--], p. 23, tradução nossa.

¹⁶¹ COMTE apud CARNEIRO, 1952, p. 24.

¹⁶² CARNEIRO, 1952, p. 27.

¹⁶³ Ibid., p. 44.

determina não só o que foi e o que é, mas também o que será, no sentido da necessidade do determinismo.”¹⁶⁴

Cabe refletir qual seria, para David Carneiro, o papel da história e da sociologia. Segundo o autor, *método, ciência e arte* convencionam o que se denomina história:

O *método* não só é a experiência de que se socorre a sociologia (que é ciência) obrigada à filiação histórica, como é a investigação que há de proceder o conhecimento dos fatos, isto é, da verdade. [...] A *ciência*, na história, é realmente a Sociologia, isto é, a parte abstrata, o conhecimento calcado em generalizações e leis que permitem a previsão de acontecimentos sociais. A *arte* em história é a forma segundo a qual ela se expressa, vasando segundo suas regras e sistemas o conhecimento da verdade, como foi atingida.¹⁶⁵

A sistematização de Carneiro é notoriamente complexa, compreendemos que a investigação do passado a partir de impressões objetivas (vestígios do passado) e subjetivas (interpretação racional) deve encaminhar à compreensão dos fatos e, finalmente, à verdade. Posto isto, cabe à sociologia estabelecer as leis da evolução humana, enquanto a história se configura como o método pelo qual a sociologia pode estabelecer as correlações entre os fenômenos, sistematizando as leis. Por formular leis pela observação, a sociologia é entendida como ciência.

Carneiro pontuou um conjunto de regras e orientações para a pesquisa histórica no tocante à escolha, tratamento e análise das fontes e foi enfático: “não há leis em história, salvo em Sociologia, e essas, dinâmicas, isto é, leis de evolução.”¹⁶⁶ Quando define *método, ciência e arte*, David Carneiro se afasta de Shotwell, pois não se refere à história como “história ciência”. Trata-se do mesmo movimento percebido em Shotwell quando este se afasta de Comte ao não falar em “leis” de evolução social.

James T. Shotwell foi um leitor do “historiador dos historiadores do século XIX”,¹⁶⁷ Leopold von Ranke. O historiador alemão, principal representante do conhecido historicismo, por sua vez, criticou a perspectiva de futuro de Augusto Comte, não pactuou com o descobrimento de “leis” que atuariam no futuro e, ao buscar elevar a história ao patamar de ciência a partir de um método próprio, contrapôs a subordinação da história à ciência positiva da sociedade, a sociologia. Já com base nos escritos de Carneiro, compreendemos que história

¹⁶⁴ ARON, Raymond. *As etapas do pensamento sociológico*. 7 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 90.

¹⁶⁵ CARNEIRO, 1952, p. 12-13, grifos do autor.

¹⁶⁶ Ibid., p. 72.

¹⁶⁷ SHOTWELL, 1967, p. 21.

e sociologia seriam como duas irmãs, existindo certa indefinição entre o que compete à história e à sociologia.¹⁶⁸

Não percamos de vista a *arte* em história. Para Shotweel, a história possui sua própria arte e ciência¹⁶⁹ e, a partir dele, Carneiro entende que a apresentação da pesquisa histórica e sua narrativa permitem certo grau artístico de encantamento e emoção, constituindo-se uma arte.

Em nossa percepção, a interpretação que David Carneiro fez de Shotwell, um autor aparentemente desconhecido do público brasileiro, é bastante relevante no que concerne à influência do mesmo sobre suas obras. No entanto, Carneiro não se filia ao autor, mas se apropria pontualmente de algumas ideias e princípios conceituais. Posto isto, passemos para a leitura que David Carneiro fez do espanhol Ortega y Gasset.

A função dos estudos históricos

Crédulo em uma história progressista, David Carneiro afirmava a necessidade de se conhecer o passado para compreender o presente e assim planejar melhor o futuro, garantindo a marcha do progresso necessário do espírito. Sobre esta relação entre passado, presente e futuro aliada à função dos estudos históricos, Carneiro não se limitou à teoria comteana. Analisaremos, então, em que medida as ideias do espanhol José Ortega y Gasset orientaram o olhar de David Carneiro em direção ao passado.

Na segunda parte do livro *História da História do Paraná*, David Carneiro faz um balanço da produção historiográfica de autores paranaenses. Segundo ele, “esta monografia é a homenagem definitiva que presto aos historiadores paranaenses já mortos. Mais paranaenses foram, mais trabalharam pelo rincão, mais méritos neles encontro.”¹⁷⁰

“Mais paranaenses foram” porque “mais trabalharam pelo rincão”, Carneiro reconheceu os méritos desses historiadores, pois se dedicaram à compreensão da história da sua “circunstância” paranaense. Para Ortega y Gasset, “a realidade humana é evolutiva e seu

¹⁶⁸ É conveniente frisar que, no contexto de produção da obra *História da História do Paraná*, a sociologia ainda é uma área do conhecimento relativamente nova. Institucionalmente, foi apenas em 1887, na Universidade de Bourdeaux, na França, que se criou uma cátedra dedicada à sociologia, sendo Émile Durkheim (1858-1917) o seu ocupante. Já o curso de Graduação em Sociologia surgiu, na França, apenas em 1958. No Brasil, a Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, criada em 1933, era a instituição mais respeitada no período.

¹⁶⁹ SHOTWEEL, 1967, p. 16.

¹⁷⁰ CARNEIRO, 1952, p. 101.

conhecimento tem que ser genético”.¹⁷¹ Nestes termos, entende-se que os historiadores citados por Carneiro, em sua concepção, cumpriram a sua missão histórica, aquela que compete a cada *geração*¹⁷²: interpretar o tema do seu tempo.

Ortega y Gasset depois de um período de estudos na Alemanha retornou à Espanha e, no início da Primeira Guerra, em 1914, publicou o seu primeiro livro *Meditaciones de Quijote*. Nesta obra, aliam-se duas preocupações, a situação singular da Espanha e a desilusão com a Europa na guerra.¹⁷³ Foi em *Meditaciones de Quijote* que o filósofo traçou o seu programa de trabalho, a “interpretação espanhola do mundo.”¹⁷⁴ Para tal interpretação, Ortega y Gasset concebeu o conceito de “circunstancialismo”, afastando-se do idealismo alemão,¹⁷⁵ pois “concluiu que a vida não era só idéia mas também circunstância e, portanto, deveria ter articulação com a realidade.”¹⁷⁶ Foi a partir de sua circunstância espanhola que o filósofo iniciou suas reflexões, isto implicou em uma perspectiva historicista ao “considerar que a cultura deveria ser entendida a partir de sua circunscrição a um lugar e a um momento histórico.”¹⁷⁷

A historiadora Maria H. R. Capelato¹⁷⁸ observou que o conceito de “circunstancialismo” teve boa aceitação pelos intelectuais latino-americanos, notadamente aqueles que se dedicaram a refletir sobre a identidade nacional, pois o conceito:

permitia fazer a crítica da importação de ideias e modelos externos e também refletir sobre a realidade nacional inserida no âmbito universal. Esta relação entre as partes

¹⁷¹ ORTEGA y GASSET apud CARNEIRO, 1952, p. 35.

¹⁷² Ortega y Gasset formulou uma teoria das “gerações” relacionada com as mudanças históricas. Entendia o autor que a sociedade está sujeita às mudanças e o “órgão responsável pela mudança histórica e social é a *geração* humana. A estrutura precisa da história vem determinada pelo jogo das gerações. São elas as responsáveis pelo repertório de usos, crenças, idéias e opiniões reinantes”. KUJAWSKI, Gilberto de M. *Ortega y Gasset: a aventura da razão*. São Paulo: Moderna, 1994, p. 81.

¹⁷³ Na Espanha de Ortega y Gasset, o século XX se iniciou com a perda pelos espanhóis de seus últimos territórios coloniais, entre eles Cuba. Neste momento, o país enfrentou uma desorganização econômica, social e política que marcou uma fase de desorientação nacional. É neste contexto que tomou corpo os questionamentos sobre a identidade nacional espanhola pela “geração de (18)98”. Ortega y Gasset ao retornar da Alemanha entrou em contato com as ideias de Miguel de Unamuno, um dos principais representantes daquela geração. Embora com perspectiva distinta de Unamuno, Ortega y Gasset herdou dele “sua dramática preocupação com a verdade e o destino da Espanha”. *Ibid.*, p. 21.

¹⁷⁴ *Ibid.*, p. 11.

¹⁷⁵ Ortega y Gasset se diplomou em Filosofia e Letras pela Universidade de Madri. No entanto, foi durante seus estudos nas universidades alemãs de Leipzig, Berlim e Marburgo, entre 1905 e 1919, que fez sua primeira filiação a uma corrente de pensamento. É neste momento que o autor fez sua “imersão na cultura alemã, notadamente no neokantismo de Cohen”. JAGUARIBE, Helio. Ortega: circunstância e pensamento. In: ORTEGA y GASSET, José. *História como sistema*. Mirabeau ou o político. Tradução Juan A. Gili Sobrinho e Elizabeth Hanna Côrtes Costa. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982, p. 05.

¹⁷⁶ CAPELATO, Maria H. Intelectuais latino-americanos: o “caráter nacional” em questão. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p. 61-62, jul. 2009.

¹⁷⁷ *Ibid.*, p. 62.

¹⁷⁸ Capelato desenvolve um projeto sobre “Circulação de ideias e caráter nacional na América Latina: 1930-1960”, no qual analisa os estudos sobre o caráter nacional empreendidos por alguns intelectuais latino-americanos.

e o todo contribuía para pensar novas formas de inserção da América Latina no contexto internacional.¹⁷⁹

A circulação das ideias orteguianas se deve, em parte, pelas visitas que o autor fez à América Latina. Além disto, durante um longo período, o filósofo, exilado de sua pátria, encontrou abrigo na Argentina.

A recepção brasileira das ideias de Ortega y Gasset costuma ser situada a partir da década de 1930.¹⁸⁰ Dentre os leitores do filósofo, destaca-se Hélio Jaguaribe, criador do “grupo de Itatiaia”, “que reuniu no início dos anos de 1950 na cidade do mesmo nome intelectuais do Rio de Janeiro e de São Paulo com a finalidade de refletirem sobre o Brasil.”¹⁸¹ Gilberto Freyre, conhecido como um dos maiores intérpretes do Brasil, também foi apontado como um dos leitores dos escritos orteguianos.¹⁸²

Pelo que pudemos perceber até o momento, a primeira vez que Ortega y Gasset é citado por David Carneiro é em 1952, na obra *História da História do Paraná*. Nesta obra e em entrevistas posteriores, o autor não esclareceu como chegou aos escritos do pensador espanhol. Acreditamos que o contato possa ter se estabelecido durante as inúmeras viagens de Carneiro pelos países latinos comercializadores de erva-mate, principalmente pela Argentina.

Citando Ortega y Gasset, Carneiro ressaltou a necessidade da “consciência histórica” tanto para que haja a sobrevivência de uma unidade política quanto para que em momentos de perigo as nações possam, olhando para o seu passado, saber quais as diretrizes seriam as mais seguras a seguir.¹⁸³ História como diretriz, lição, ensinamento, o homem precisa compreender o legado das gerações, afinal, não começa do zero, para Ortega y Gasset, “o homem se constitui historicamente”.

Carneiro faz referência a uma das principais ideias defendidas na obra *História como Sistema* (1935), de autoria de Ortega y Gasset, “em suma: o homem não tem natureza, mas história.”¹⁸⁴ O homem como ser social deve ser entendido em sua historicidade, daí que para compreender o presente e planejar o futuro seja necessário esclarecer o ontem e o anteontem e

¹⁷⁹ CAPELATO, op. cit., p. 62.

¹⁸⁰ PRADO, Maria E. *Leitura e re-leitura de Ortega y Gasset na concepção de Hélio Jaguaribe*. Disponível em: <<http://nucleodeestudosibericos.wordpress.com/2009/12/23/leitura-e-re-leitura-de-ortega-y-gasset-na-concepcao-de-helio-jaguaribe>>. Acesso em: 29 mar. 2011.

¹⁸¹ Ibid. Sobre Hélio Jaguaribe, pode-se ler: MOTA, Carlos G. *Ideologia da cultura brasileira: pontos de partida para uma revisão histórica*. 5. ed. São Paulo: Editora Ática, 1985, p. 157-164.

¹⁸² Cf. BASTOS, Elide R. *Os autores brasileiros e o pensamento hispânico*. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/anpocs/rugai.rtf>>. Acesso: 29 mar. 2011.

¹⁸³ CARNEIRO, 1952, p. 35.

¹⁸⁴ Ibid. p. 42.

assim sucessivamente. Desta idéia advém o nome do livro, compreender a “história como sistema”, sistema das experiências humanas.

Ortega y Gasset chama atenção para a relação entre as temporalidades, passado, presente e futuro, pois “o passado é agora real porque o revivo, e quando encontro em meu passado os meios para realizar o futuro é quando descubro meu presente.”¹⁸⁵ Partindo destas ideias afirmou David Carneiro, se os indivíduos

esquecem o seu passado, se perdem a consciência de sua existência, tendem a anular-se, ou, quando menos, a repetir os mesmos erros já cometidos, porque o farol com que os indivíduos se conduzem é a experiência da vida, armazenada pela memória.¹⁸⁶

As citações acima entrelaçam a forma de compreensão do tempo de Ortega y Gasset e de David Carneiro, para ambos o passado ilumina o futuro, pois é conhecendo o passado que se encontram os “meios para realizar o futuro”. Aqui reside uma complexidade. Como discípulo de Augusto Comte, David Carneiro partilhou com ele a ideia que a humanidade caminha em direção ao estado positivo e este sinaliza o progresso. Todavia, nas abordagens historiográficas de David Carneiro a ênfase não está no futuro, mas sim nos ensinamentos do passado - é o passado que lança luz ao futuro. Talvez o realce no passado seja fruto das leituras que fez do escritor romano Marco Túlio Cícero e no *topos* da *historia magistra vitae*.¹⁸⁷

Em *A História da História do Paraná*, Carneiro iniciou a primeira parte, “A história em si mesma”, fazendo referência à definição de história de Cícero. Assim, nas primeiras linhas escreveu,

Quando Cícero em *De Legibus* I – 2 definiu a história sendo a “contemporânea dos séculos, a luz da verdade, a alma da recordação, a mestra da vida”, estava significando o relato dos fatos importantes do passado, daqueles que podiam e deviam servir de ensinamento às gerações subseqüentes [...].¹⁸⁸

Em seguida, David Carneiro ainda afirmou que Tácito e Tito Lívio possuíam “idêntica diretriz” e, pautado nestes autores, argumentou: “considerando-se assim, não teríamos a idéia global e íntegra do que *a história realmente é*.”¹⁸⁹ De tal maneira, o *topos* da história como

¹⁸⁵ ORTEGA y GASSET apud KUJAWSKI, op. cit., p. 56.

¹⁸⁶ CARNEIRO, 1952, p. 36.

¹⁸⁷ Sobre a *historia magistra vitae*, pode-se ler: KOSELLECK, Reinhart. *Historia Magistra Vitae*. Sobre a dissolução do *topos* na história moderna em movimento. In: _____. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006, p. 41-60.

¹⁸⁸ CARNEIRO, 1952, p. 11.

¹⁸⁹ Ibid., p. 11, grifo nosso.

mestra da vida, serve, para David Carneiro, como norteador do modo de discorrer sobre a experiência temporal.

Dito isso, acreditamos que essas foram ideias fundamentais que nortearam a reflexão de David Carneiro sobre “a função dos estudos históricos”. Carneiro dedicou grande parte de sua vida à produção de um saber regional com o intuito de que o paranaense conhecesse as suas raízes, a sua história. Para o autor, somente conhecendo o passado poderíamos agir de maneira construtiva rumo ao progresso, ao futuro. Seus temas demonstram a incessante tentativa de legitimar a importância do Paraná no cenário nacional, como analisaremos no próximo tópico.

Em entrevista, em 1982, para o jornal *O Estado do Paraná*, David Carneiro, citando Ortega y Gasset, lamentou que a massa da população não soubesse o que é e para que importa saber a história e a memória do Paraná. Supomos que foi esta falta constatada que seus escritos procuraram suprir. A partir da máxima de Ortega y Gasset: “eu sou a minha circunstância, e se não a salvo, não me salvo eu”,¹⁹⁰ podemos afirmar que Carneiro ressignificou estas palavras para sua realidade de pesquisador paranaense.

Em *História da História do Paraná*, além de James T. Shotwell, José Ortega y Gasset, Augusto Comte e Marco Túlio Cícero, David Carneiro chamou diversos autores para o debate historiográfico. Citemos alguns: Latino Coelho, António Vasco de Melo (9º conde de Sabugosa), Padre Antonio Vieira, Ernest Hamel, Edward Gibbon, Henry Robert, Jules Michelet, Moisés Marcondes, Marcel Dupont, Charles Oman, Lyn Yutang, Will Durant, Léon Cahen, Fustel de Coulanges, J. De Maistre e Cecílio Baez.

Para além de simples exercício de erudição, estes autores foram mobilizados, por David Carneiro, na intenção de esclarecer suas posições teóricas e metodológicas, assim contribuíram para sua concepção de história, verdade, crítica documental e função dos estudos históricos. Carneiro enfatizou que bebeu em fontes distintas e, com isto, desenvolveu um método de trabalho particular. Neste sentido, discordamos de Maria J. W. Cordova,¹⁹¹ pois a socióloga interpretou as obras e ideias de David Carneiro partindo apenas do aporte da filosofia da história de Augusto Comte e assim o identificou como “positivista” unicamente.

Em *História da História do Paraná*, as referências aparecem entrelaçadas e é bastante tênue garantir uma filiação estanque a uma única corrente de pensamento. Não tivemos como

¹⁹⁰ ORTEGA y GASSET apud KUJAWSKI, op. cit., p. 94.

¹⁹¹ Cf. CORDOVA, Maria J. Weber. *Tingüís, Pioneiros e Adventícios na mancha loira do Sul do Brasil: o discurso regional autorizado de formação social e histórica paranaense*. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba, 2009.

objetivo enquadrar, mas mapear os princípios que nortearam a prática historiográfica de David Carneiro. Feito isto, ainda precisamos pensar *com quem e de que modo* David Carneiro dialogou com os historiadores regionais que foram referências para suas escolhas temáticas.

2.2 - Diálogos: os “historiadores tradicionais”

Em algumas obras e entrevistas, David Carneiro identificou o que chamou de “historiadores tradicionais”. Estes se dedicaram à escrita da história do Paraná. Carneiro se declarou discípulo e continuador de Romário Martins, assim como de Francisco Negrão e Ermelino de Leão: “confesso de público, que foi com eles que aprendi, para depois poder dar alguns passos novos, com emancipação e ponto de vista próprio.”¹⁹²

Esses nomeados “historiadores tradicionais” se inserem no contexto de enaltecimento do Paraná que se iniciou em fins do século XIX e tomou mais materialidade no início do século XX. Foram os articuladores, integrantes e divulgadores do Movimento Paranista, que, como demonstramos no primeiro capítulo, declarava-se um movimento em prol da reflexão sobre o Estado, a história, a memória e as particularidades regionais, articulando o discurso regional ao nacional na intenção de inserir o Paraná na rota do progresso. Eles também estiveram presentes no *Instituto Histórico e Geográfico do Paraná* - local destinado a produzir discursos históricos e geográficos sobre o Paraná, focalizando, naquele período, as raízes históricas, riquezas regionais, fronteiras territoriais e também culturais por meio da criação de símbolos (pinheiro, pinha, pinhão, erva-mate, o indígena). O “trio”, composto por Romário Martins, Ermelino de Leão e Francisco Negrão, é referência desse período pelo esforço em tentar corporificar, por meio da escrita da história, a História do Paraná, tornando-se referência para a produção historiográfica de David Carneiro. Segundo Ricardo Oliveira,

Todos possuíam vínculos com a erva-mate. A sua temática foi a construção da história regional, os temas paranaenses, a defesa dos limites do Paraná e a genealogia e memória das suas elites. Todos procuraram mostrar a continuidade histórica da região.¹⁹³

David Carneiro se filiou aos principais representantes do dito Movimento Paranista, que são “historiadores tradicionais”, pelos temas e abordagens, pelo “espírito paranista”. Embora David Carneiro não tenha sido diretamente integrante do movimento, foi em diversos

¹⁹² CARNEIRO, David. Romário Martins (como eu o compreendi). *Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense*, Curitiba, v. IV, fasc. 1, p. 47, 1950.

¹⁹³ OLIVEIRA, Ricardo C. de. *O silêncio dos vencedores: genealogia, classe dominante e estado no Paraná*. Curitiba: Moinho do Verbo, 2001, p. 58.

momentos identificado como “paranista” e posto ao lado dos “historiadores tradicionais”, como Romário Martins, Ermelino de Leão e Francisco Negrão. De tal modo, o “paranista” não se restringe ao movimento que forjou uma significação ao termo.

Em sua dissertação de mestrado, Luis Afonso Salturi chama atenção para a distinção existente entre o termo paranista e o Movimento Paranista. Concordamos com a compreensão do sociólogo de que “o paranismo [...] enquanto um sentimento [...] é subjetivo, ele continuou associado a outras ideologias que surgiram no Paraná em períodos subsequentes e ainda hoje, visto assim, ele persiste.”¹⁹⁴ O paranista se configura como um tipo de adjetivo que recebe os que imprimem em seus textos, discursos e ações o sentimento paranista de “valorização regional”.

Para David Carneiro, o próprio Romário Martins personificou o “tipo ideal” paranista. O momento de emergência desta personificação se deu por ocasião da disputa entre Paraná e Santa Catarina por limites territoriais, uma vez que o Contestado “preparou o espírito dos historiadores para as pesquisas que realizaram e as obras que escreveram.”¹⁹⁵

Romário Martins foi vasculhar arquivos em busca de decretos, ofícios, mapas, e com a documentação colhida produziu “obras de luta” buscando provar historicamente que, por direito de conquista, o território requerido pelo Estado vizinho foi legitimamente conquistado e povoado pelos paranaenses.¹⁹⁶

Na disputa com Santa Catarina, faltaram, na percepção idealista de Carneiro, ardor e dedicação à causa por parte dos advogados do Paraná e talvez tudo tivesse ocorrido de outra maneira se o advogado do Paraná tivesse sido Romário Martins. Assim, a questão do Contestado não foi capaz de unir os paranaenses. Sentindo a derrota e o sentimento de pertencimento ainda por se fazer, Martins “extravasou com o Paranismo”, afirmou David Carneiro. A questão com Santa Catarina foi “um fracasso para o Paraná como reivindicação de seus direitos. Então teria que explodir em outra feição. E esta feição justamente a

¹⁹⁴ SALTURI, Luis Afonso. *Frederico Lange de Morretes, liberdade dentro de limites: trajetória do artista-cientista*. 2007. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Paraná - UFPR, Curitiba, 2007, p. 85. O debate sobre a significação e o alcance do termo paranista reapareceu na década de 1980 em textos de cunho jornalísticos e econômicos, tais como: *Uma sociologia do paranismo* (1984) e *Alienação do paranismo* (1991) do jornalista Samuel Guimarães da Costa; *Uma sociologia do paranismo* (1984) do engenheiro e economista David Carneiro Jr. (filho de David Carneiro, objeto deste estudo) e *As desventuras do paranismo* (1999) de I. Leão. Ver o debate dos textos e referência completa em: SALTURI, op. cit.

¹⁹⁵ CARNEIRO, 1952, p. 208.

¹⁹⁶ Entre as publicações de Romário Martins, Carneiro destacou: *Motivos da criação da Província do Paraná, Argumentos e subsidios, Histórico das fundações de Curitiba e Paranaguá, O que é o Paraná, Catálogo dos Mapas dos seculos XVII e XIX, Limites interestaduais entre Paraná e St.ª. Catarina, Histórico da fundação de Lages, Mapas, Litígio em face do acórdão de 1904*, e, em dois volumes, *Documentos probatórios*.

Paranista, que quer dizer criarem-se elementos artísticos, intelectuais internos aqui no Paraná.”¹⁹⁷

A sistematização do termo paranista pelo Movimento Paranista foi mais uma tentativa de Romário Martins de forjar uma identificação coletiva para os paranaenses. Para David Carneiro, tão importante foi tal iniciativa que para se referir a Romário Martins “bastaria que lembrássemos um serviço dos muitos que lhe devemos [...] a criação do neologismo que o consagra e o eterniza, – o paranismo – e ter-se-ia feito o traço marcante do seu perfil.”¹⁹⁸

Os textos que Carneiro escreveu sobre Romário Martins possuem tons de homenagem, ressaltam a contribuição que o historiador deu ao conhecimento regional, não apenas pela questão dos limites, mas também o conhecimento das atividades econômicas, das belezas naturais, da gente que compõe o Estado. Por todos estes atributos, declarou Carneiro:

tenho Romário Martins como meu mestre em assuntos de história local, e tenho com ele em comum o anseio de investigar, deste pedaço paradisíaco da Pátria Brasileira, os fatos pretéritos, desejosos, tanto ele como eu, de, *com o exemplo de antepassados ilustres, aumentar, nos coevos, o amor ao sagrado torrão natal.*¹⁹⁹

O anseio de investigar e o desejo de buscar bons exemplos no passado foram atributos que o mestre conferiu ao discípulo. Romário Martins prefaciou duas obras de David Carneiro, *O Paraná na Guerra do Paraguai* e *O Paraná na história militar do Brasil*, de 1940 e 1942, respectivamente.²⁰⁰

Romário Martins fez uma escala dos que “foram e são os atuais garimpeiros de dados e fatos históricos”. Sua classificação é a mesma que encontramos em David Carneiro, situando-se na virada do século XX. Esse autor evidencia um sentimento de pertencimento, chegando a se autoproclamar seguidor da geração que se iniciou com Rocha Pombo e foi continuada por Ermelino de Leão e Francisco Negrão.²⁰¹ Lamentou que esta estirpe de estudiosos estivesse em ruínas com a indiferença cosmopolita dos que vinham povoar o

¹⁹⁷ CARNEIRO apud BARONE, op. cit., p. 26-27.

¹⁹⁸ CARNEIRO, 1950, p. 46.

¹⁹⁹ CARNEIRO, David. Discurso em homenagem a Romário. *Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense*, Curitiba, v. XXIII, p. 29, 1974, grifo nosso.

²⁰⁰ Ambos foram livros escolhidos para serem reimpressos pela *Coleção Farol do Saber*: Conselho Editorial – Aroldo Mura Haygert, Cassiana Lacerda Carollo, Fábio Campana, Geraldo Pougy, Jamil Sneege, Margarita Sansone, Luís Roberto Soares, Rafael Greca de Macedo e Wilson Martins. A coleção foi editada entre 1993 e 1996 e foi idealizada na gestão do prefeito de Curitiba, Rafael Greca. Compõem a coleção livros de história, geografia e literatura que enfocam o Paraná e são escritos por autores de renome no cenário cultural regional. Segundo o idealizador, “são 32 títulos, destinados a resgatar os textos mais importantes da historiografia paranaense”. Estamos falando de dois livros “escolhidos” pelo poder político para delinear a historiografia oficial do Estado. GRECA, Rafael de M. *Coleção Farol do Saber*. Disponível em: <<http://www.rafaelgreca.org.br/blog1/?p=709>>. Acesso em: 18 jun. 2011.

²⁰¹ Sobre as possibilidades de se operar com a noção de geração ver: SIRINELLI, Jean-François. A geração. In: FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaina. *Usos e abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 131-37.

Estado. Por outro lado, como num suspiro de esperança de que “os velhos e bons tempos pudessem renascer”, Martins afirmou que “o fogo sagrado das nossas letras históricas” estava sendo mantido por David Carneiro “no mais elevado plano, pelo talento produtivo, pela cultura e pelo amor ao Paraná.”²⁰²

O “mestre”, então, qualificou Carneiro como seu continuador e ressaltou as propriedades intelectuais do discípulo lhe conferindo o título de mestre “na literatura histórica [...] cuja obra dispensa apresentações.”²⁰³ Sua competência como historiador foi reconhecida na busca da verdade por meio da investigação, na coleta da documentação e na clareza da argumentação. Segundo Romário Martins,

Daví Carneiro não se contenta em descrever o fato histórico, mesmo à luz dos documentos e dos autores de confirmado conceito. Ele parece ansiar pela objetivação do cenário, pela materialização dos acontecimentos, por poder palpa-los [...].²⁰⁴

Nada mais significativo para David Carneiro, que compreendia ser tarefa do historiador se aproximar o quanto fosse possível, pela crítica documental, da vida como foi vivida no passado.

Em *O Paraná na história militar do Brasil*, a partir da crítica e interpretação de fontes,²⁰⁵ David Carneiro tece um extenso estudo da ação e organização dos corpos militares paranaenses em atuação na História Militar do Brasil.

O estudo se iniciou com foco na ocupação do território paranaense. Carneiro tratou das primeiras expedições exploratórias e conquistadoras, da colonização do litoral, da fundação das primeiras vilas e das lutas com os índios, passando para os episódios militares em que paranaenses “a sombra dos paulistas” defenderam o território nacional, como na Guerra da Cisplatina e Guerra dos Farrapos. Na luta pela emancipação política, destacou o papel do Paraná ao conter a marcha da Revolução Liberal de 1842, preservando a integridade do Império. Como província emancipada, os paranaenses forneceram bravos contingentes militares para a Guerra do Paraguai, mas nada se equiparou à defesa da República na Revolução Federalista. A República ainda contou com os paranaenses em Canudos e na Guerra do Contestado.

²⁰² MARTINS, Romário. Uma notável edição do Dr. Dicesar Plaisant. In: CARNEIRO, David. *O Paraná na Guerra do Paraguai*. Curitiba: Dr. Dicesar Plaisant, 1940, p. 12.

²⁰³ MARTINS, Romário. “O Paraná na História Militar do Brasil” – de Daví Carneiro. In: CARNEIRO, David. *O Paraná na história militar do Brasil*. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995, p. 19.

²⁰⁴ MARTINS, 1940, p. 13.

²⁰⁵ As principais fontes são: livros de registros (Comarca de Paranaguá), patentes, livro de registro da Câmara (Curitiba, tempo de Afonso Botelho), regimento de ordenanças, carta régia, catálogos de uniformes militares, telegramas e jornais.

David Carneiro finalizou sua análise explanando algumas considerações da participação do contingente militar paranaense na Revolta Paulista, de 1924, na Revolução de 1930 e na Revolução Constitucionalista, de 1932, em que o Paraná contribuiu para que “a luta terminasse cedo”. Sobre estes últimos foi breve e isto se explica pelo período: o historiador escreveu em 1940, portanto, tais conflitos eram ainda recentes para um estudo “desapaixonado”. Esta atitude, segundo Romário Martins, assinala a “boa ética histórica”, pois as paixões “deturpam até a própria veracidade, quanto mais a justa apreciação da crítica.”²⁰⁶

Embora a justificativa pelas poucas palavras tenha sido o distanciamento temporal, também podemos pensar que o relativo silêncio se deve às “perdas” sofridas pelo Estado em 1930, 1932 e, conseqüentemente, em 1937, com a centralização política.²⁰⁷ David Carneiro se declarava decepcionado com o rumo político que a Revolução de 1930 havia seguido. A desilusão com o evento foi sempre uma de suas justificativas para a negação em concorrer a cargos políticos.²⁰⁸

Na narrativa de *O Paraná na história militar do Brasil*, David Carneiro explorou em cada episódio os esforços militares dos paranaenses que, em sua percepção, mesmo sacrificados não se ausentaram do cumprimento dos deveres que impõe a “consciência da nacionalidade”. Estes homens foram os “heróis” que fizeram o Paraná e que deviam ser relembrados e vangloriados no presente e, por seus exemplos, guiarem o futuro. Era o passado dos “grandes homens” que devia ser ensinado, deixando em segundo plano, quando conveniente, as “perdas” e “derrotas”. Dessa forma, cabe ao historiador, na perspectiva de Carneiro, fazer esses homens reviverem nas consciências, pois assim como as águias e condores “tiram das barrocas profundas uma presa escondida e, planando alturas, vão expô-la à luz brilhante do Sol”, os historiadores devem tirar “dos abismos negros do olvido os heróis redivivos”. No entanto, enquanto as ações das aves são impulsionadas pela necessidade da rapina, a dos historiadores é “inspirada pela veneração, causada pelo amor.”²⁰⁹

O estudo realizado por Carneiro nesta obra foi considerado por Romário Martins “inédito na literatura histórica”. Narrando ações militares, David Carneiro segue os passos ufanistas do “mestre” e pretende contribuir para que os paranaenses conheçam seus

²⁰⁶ CARNEIRO, 1995, p. 19.

²⁰⁷ Frase escrita a partir de anotação feita pelo Professor Dr. Dennison de Oliveira em banca de qualificação no dia 21 de outubro de 2011.

²⁰⁸ CARNEIRO, David. *David Carneiro*: depoimento [set. 1973]. Entrevistador: Bento Munhoz da Rocha Netto. MIS-PR (Museu da Imagem e do Som do Paraná), 1973. 1 CD.

²⁰⁹ CARNEIRO, 1995, p. 12.

antepassados e possam valorizar com “paixão” o seu torrão natal. O estilo de escrita é marcado pela empolgação da forma literária, justamente o que autor mais admirava em Romário Martins. Tal empolgação não exime a crítica de Carneiro – discreta, porém presente – ao estilo literário de Romário Martins, que “vacilou com a crítica histórica” principalmente se comparado com o rigor documental bastante apreciado por Carneiro e presente nas obras de Ermelino de Leão e Francisco Negrão, autores que veremos a seguir. Passemos agora a analisar quais frutos David Carneiro colheu do diálogo que manteve como Ermelino de Leão.

Ermelino de Leão e o descobrimento das “brilhantes” bandeiras curitibanas

Por meio dos diálogos com Ermelino Agostinho de Leão (1871-1932) nasceu o interesse de David Carneiro pelas bandeiras curitibanas, iniciadas na segunda metade do século XVII. O diálogo fundador, digamos assim, deu-se por conta do convite de Ermelino de Leão para que David Carneiro integrasse, com ele e Euclides Bandeira^{III}, a comissão nomeada pelo interventor General Mário Alves Monteiro Tourinho²¹⁰ para estudar e dar parecer sobre o possível desmembramento dos municípios de Foz do Iguaçu e Guarapuava, intentando formar um novo Estado, como desejava Getúlio Vargas. O desejo de Vargas se deu logo após ter assumido o poder nacional com a Revolução de 1930. Ideia descabida na visão de Ermelino de Leão, pois “foram os curitibanos que conquistaram o sul do Brasil, para o Brasil. Não é possível que nos tirem agora, uma parte do território que herdamos de nossos antepassados e que para nós foi, por eles conquistados.”²¹¹

O bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de São Paulo^{IV} foi ativo nos debates sobre os limites do Estado do Paraná. Ermelino de Leão escreveu o texto *Código de Águas*, em 1911, estudo que visava “reafirmar os direitos do Paraná sobre a extinta ilha de Sete Quedas, cujo domínio havia sido requerido pelo estado de Mato Grosso.”²¹² Designado pelo governo estadual, também se debruçou sobre a questão do Contestado

²¹⁰ Após a Revolução de 1930, houve a substituição dos governadores eleitos por Interventores. O General Mário Tourinho foi o primeiro interventor do Estado do Paraná, permanecendo no cargo até 1931, quando renunciou.

²¹¹ CARNEIRO, David. Curitiba bandeirante. *Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense*, Curitiba, v. XLVIII, p. 247, 1993.

²¹² MARACH, Caroline B. *Inquietações modernas: discurso educacional e civilizacional no periódico A Escola (1906-1910)*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná - UFPR, Curitiba, 2007, p. 35.

publicando diversos textos.²¹³ Foi com o mesmo afincamento e ufanismo regional que Ermelino de Leão esteve envolvido em mais uma controvérsia sobre limites territoriais.

Na ocasião do convite feito a David Carneiro, Ermelino de Leão deu uma lição de história ao contextualizar como se deram as incursões dos bandeirantes curitibanos pelo interior paranaense entre os séculos XVII, XVIII e também parte do XIX. Por designação de Ermelino de Leão coube a Carneiro fazer o esquema geral das bandeiras curitibanas e, com isto, "nessa ocasião, contribui para anular a nefasta idéia de cisão de um Estado cujo passado glorioso não deve ser menos motivo de respeito pelo Brasil inteiro, do que os seus serviços de hoje."²¹⁴

David Carneiro buscou no passado argumentos que comprovassem que os territórios de Guarapuava a Foz do Iguaçu foram conquistados por bandeirantes curitibanos, sendo, desde então, povoados originalmente por paranaenses. Com este propósito, narrou as bandeiras que partiam da cidade que hoje é Curitiba, compostas por paranaenses, e que foram estabelecendo limites territoriais e criando condições para que diversas vilas surgissem e populações se estabelecessem ao seu redor.

Por outro lado, essa mesma faixa de terras, principalmente a região ao extremo-oeste do Paraná, era conhecida como "fronteira guarani" devido à forte presença estrangeira, destacadamente argentina e paraguaia. A moeda que movimentava o comércio e a língua mais praticada era a dos vizinhos de fronteira. Segundo Ruy Wachowicz:

Na década de 1920, a partir de Catanduvas para oeste, a língua dominante era o espanhol. Nas casas de comércio só se falava nessa língua [...] Em Foz do Iguaçu o português era falado apenas pelos funcionários públicos. O dinheiro circulante era o peso argentino. O mil réis era praticamente desconhecido.²¹⁵

Esses fatos foram entendidos pelo governo central como ameaça à soberania nacional, esta concepção é facilmente compreendida se lembrarmos da nova conjuntura política advinda com a Revolução de 1930 e o posterior golpe de 1937, que instituiu o Estado Novo. O redimensionamento da política assinalou um projeto de centralização do poder, de controle nos âmbitos políticos, sociais e culturais. A palavra de ordem no governo Vargas passou a ser "unidade nacional".²¹⁶ Assim, a presença estrangeira naquela faixa territorial foi conjugada à

²¹³ Entre os textos listados por David Carneiro estão: *O Contestado Norte, O voto do Ministro Pedro Lessa, O litígio perante a História, Secular Pendência, A ouvidoria de Paranaguá, Memórias da Questão de Limites de Santa Catarina*. CARNEIRO, 1952, p. 214.

²¹⁴ CARNEIRO, 1993, p. 250.

²¹⁵ WACHOWICZ, Ruy C. *História do Paraná*. Curitiba: Gráfica Vicentina, 1995. p. 234.

²¹⁶ Cf. CAPELATO, Maria H. O Estado Novo: o que trouxe de novo? In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de A. N. (Org.). *O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 107-143.

sua fraca economia, seja pelas terras inexploradas, pela baixa densidade demográfica ou pela falta de estrutura viária e ferroviária, questões que inviabilizavam o potencial produtivo e o comércio com os outros Estados da federação.

O discurso de David Carneiro estava, então, na contramão dos argumentos do governo federal – argumentos que foram utilizados para criar por decreto, em setembro de 1943, o Território Federal do Iguaçu formado pelo Oeste e o Sudoeste do Estado do Paraná e o Oeste de Santa Catarina.²¹⁷ A criação estava inserida no programa “Marcha para Oeste” formulado pelo governo Vargas e que visava

a ocupação efetiva das regiões de fronteiras do Brasil e, assim, estabelecer e desenvolver as condições mínimas de nacionalização, de organização social e econômica, de defesa e segurança das regiões fronteiriças e de integrá-las às demais regiões do País.²¹⁸

Quanto à questão das fronteiras, Carneiro reconheceu o estado de “desnacionalização” daquelas regiões, mas, para ele, esta constatação não justificava o desmembramento do Estado, uma vez que, se o Paraná todo pertencia à federação, o governo poderia intervir tanto para aumentar o contingente populacional de ocupação nacional quanto para as obras de infraestrutura.

Segundo David Carneiro, em fina ironia, se a questão se referia, sobretudo, a integridade nacional, por que não voltar os olhos ao próprio Rio Grande do Sul? Afinal, o Estado de nascimento de Getúlio Vargas foi o historicamente mais invadido, posição contrária ao do Paraná, pois

nenhuma fronteira poder-se-á gloriar de ter sido tão limpa de incursões quanto a nossa, que, conquistada e defendida até hoje pelos seus próprios filhos, de possíveis invasões, serve de exemplo às outras (menos felizes embora mais gloriosas) – do Brasil.”²¹⁹

A questão estaria muito mais na implantação de um território que seria zona de influência dos gaúchos, que estavam naquele momento “dominando o conjunto nacional”. Esta leitura dos fatos feita por David Carneiro dialoga com as interpretações do historiador Ruy Wachowicz, que considera a criação como um favorecimento da “extensão cultural gaúcha”:

²¹⁷ Podemos relacionar este evento com a própria “emancipação conservadora” de 1853. Trata-se de estratégias políticas do governo central que assinalam a existência de uma fraca representação política do Paraná. Cf. BELOTO, op. cit.

²¹⁸ LOPES, Sergio. Raízes do Movimento Pró-Criação do “Estado do Iguaçu”. In: *III Seminário do Centro de Ciências Sociais Aplicadas*, Cascavel, 2004, p. 1. Disponível em: <<http://www.unioeste.br/campi/cascavel/ccsa/IIISeminario/artigos/Artigo%2020.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2011.

²¹⁹ CARNEIRO, David. *História Psicológica do Paraná*. Curitiba: Tip. João Haupt & Cia, 1944, p. 96.

Era pensamento do grupo liderado por Getúlio Vargas aglutinar as terras do oeste de Santa Catarina, sudoeste e oeste do Paraná e formar uma nova unidade da federação. Capitalistas gaúchos, juntamente com o governo federal, queriam essas terras para realizarem vantajosos negócios imobiliários. Paralelamente, planejavam escoar para a região o excedente de mão de obra agrícola já detectado no Rio Grande do Sul. Seria portanto o Território Federal do Iguaçu uma extensão cultural do próprio Rio Grande do Sul. Seria também um mercado garantido para os produtos industrializados naquele Estado da federação.”²²⁰

A significação que os dois historiadores deram à implantação do território federal deve, a nosso entender, ser relativizada, principalmente no caso do ufanismo regional explícito de David Carneiro e não menos presente em Wachowicz.

De vida efêmera, o Território Federal do Iguaçu foi extinto após três anos, retomando Santa Catarina e Paraná os seus limites anteriores. Ermelino de Leão faleceu antes da criação do Território Federal do Iguaçu, já David Carneiro viu e “sentiu” a instituição do território pela “madrasta República”. O sentir reside na derrota de mais um discurso defendido pelos “historiadores tradicionais”, a exemplo do que se deu com o caso do Contestado em que o Paraná perdeu parcela do seu território.

As derrotas também podem ser entendidas como um sinal da posição marginal que o Paraná ocupava na primeira metade do século XX em relação às outras unidades federativas. No entanto, David Carneiro, com um raciocínio regionalista, insistiu que essa situação demonstrava a falta de conhecimento da história do Estado que tanto contribuiu para a integridade nacional. Quanto às medidas internas para desenvolvimento econômico, um exemplo para seguir, aponta Carneiro, seria o do Coronel Afonso Botelho de Sampaio e Souza, comandante das principais bandeiras curitibanas. Vamos conhecê-lo a seguir.

Afonso Botelho, “o grande homem”

Eu tinha admiração por certas e determinadas pessoas e desejava que os outros também participassem dessa admiração, e, tentei, tentei. Foi assim que surgiu a biografia de Afonso Botelho de Sampaio e Souza, foi assim que surgiram várias outras coisas.

David Carneiro²²¹

²²⁰ WACHOWICZ, 1995, p. 236-237.

²²¹ CARNEIRO apud MEMÓRIA de David. Direção: Berenice Mendes. Produção de Fernando Morini. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1988. 1 DVD.

Foi pela pesquisa das “brilhantes” bandeiras curitibanas²²² que David Carneiro iniciou seus estudos exaustivos das ações de Afonso Botelho no Paraná. São diversas as publicações de Carneiro que exaltam as atitudes de Afonso Botelho referentes às questões administrativas e territoriais durante o período de formação do torrão paranaense.

Na compreensão de Carneiro, foi nos anos que Afonso Botelho permaneceu no Paraná que o Brasil estendeu suas fronteiras até “às barrancas do Rio Paraná.”²²³ Em Botelho, David Carneiro foi buscar um espelho de boa administração e assim exaltou os seus feitos:

fortalezas, capelas, fundação de cidades, descobrimento de rios, campos e serras; à parte também essas bandeiras curitibanas do século XVIII que são obra sua; à parte a estrada da Serra, ligando Porto de Cima a São João dos Pinhais; à parte o esforço de organização militar e transporte das canoas que vieram de Paranaguá (em hombro de gente) para serem utilizados nos rios, em marcha para Oeste, foi ter fixado o antecedente sociológico do governo local.²²⁴

Quando Carneiro falou em “antecedente sociológico” estava se referindo a emancipação política do Paraná. O texto “A emancipação do Paraná. Como comemorar o centenário de 19 de Dezembro de 1853?”, publicado em 1947, pela revista *A Divulgação*, alguns anos antes da data comemorativa, pode ser lido como uma ideia que foi lançada esperando ser materializada. A intenção do autor era chamar atenção para uma figura que teria sido decisiva nos contornos geográficos do Estado, homem que, por suas resoluções ágeis e eficazes, contagiou os paranaenses que reivindicaram a emancipação política em 1853. Para os festejos dos cem anos de emancipação, a pauta deveria ser: pensar como rememorar e celebrar “aquêlê português de fibra, de aço, de ouro, que tornou possível o trabalho dos outros.”²²⁵

Assim, David Carneiro confere o título de historiador do “tipo Cesar” a Afonso Botelho. Partindo de sua leitura da classificação de Shotweel, Botelho “fez” e “escreveu” história, foi o “iniciador da história” do Paraná tanto pelos seus atos quanto pelo registro da história em seus diários e relatórios.

²²² David Carneiro chegou a criticar as famosas “bandeiras paulistas”, que se distinguem das paranaenses porque “elas [as paranaenses] não tinham nenhuma ambição de ouro, e menos ainda a de caçar o índio para escravizá-lo. Tinham, isso sim, o ardor patriótico necessário para se jogar ao sacrifício sem nenhum lucro pessoal; e desde que a Pátria lucrasse na empreitada, dar-se-iam eles por bem pagos”. CARNEIRO, 1995, p. 68. Ao tentar sobrepujar o imaginário do bandeirante paulista, Carneiro silencia que as expedições de Diogo Pinto de Azevedo Portugal aos campos de Guarapuava resultaram na morte de muitos índios caingangues. Sobre a invenção épica do que é ser paulista assentada na criação do modelo da epopeia bandeirante pode-se ler: FERREIRA, Antonio C. *A epopéia bandeirante*: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940). São Paulo: Editora UNESP, 2002.

²²³ CARNEIRO, 1952, p. 138.

²²⁴ CARNEIRO, David. A emancipação do Paraná. Como comemorar o centenário de 19 de Dezembro de 1853? *A Divulgação*, Curitiba, ano 1, n. 1-2, p. 10, nov.-dez. 1947.

²²⁵ Ibid., p. 10.

Carneiro mitificou a figura de Botelho procurando, no passado, um exemplo que fosse capaz de inspirar, no presente, ações construtivas para o futuro. Afonso Botelho faria este elo a partir do momento que os paranaenses se reconhecessem nele. Por ocasião da festa cívica do centenário de emancipação do Paraná, Carneiro discursa sobre a “necessidade” de se buscar em Portugal as cinzas do “grande homem” para culto e veneração.

Idealizar Afonso Botelho como “símbolo cívico” faz parte da visão de mundo positivista. A manipulação de elementos simbólicos para identificação nacional foi uma das principais estratégias dos positivistas, segundo José Murilo de Carvalho.²²⁶ Esta estratégia esteve presente em David Carneiro. É neste sentido que dialogamos com a análise de Maria J. W. Cordova,²²⁷ que considera Carneiro um intelectual que deu especial ênfase ao discurso de identidade paranaense, exaltando características regionais por meio da construção de heróis. No caso de Afonso Botelho, a mitificação visava erigi-lo em “figura modelo”, cujas ações construtivas realizadas no passado deviam servir de exemplo para o “futuro promissor” do Paraná.

David Carneiro recorreu à argumentação histórica na tentativa de convencer, primeiramente, os paranaenses e, posteriormente, toda nação da importância de Botelho. Carneiro exemplifica a eficácia administrativa na figura de Afonso Botelho, associando argumentação histórica a uma prática social.²²⁸

A narrativa sobre Afonso Botelho esbarrou nas contundentes críticas do historiador regional Valfrido Piloto (1903-2006), para quem “foi com exagero de admiração, que êsse escritor [David Carneiro] se referiu ao militar português.”²²⁹ O excesso de paixão por parte de David Carneiro foi responsável pelo retrato “inverídico” de Afonso Botelho, denunciou Piloto.

O contexto de enunciação de Piloto é 1939. Ele se referia ao primeiro escrito histórico no qual David Carneiro defendeu o papel central de Afonso Botelho na história do Paraná. A obra *História de Palmeira em seus antecedentes e tradições*, escrita por encomenda daquele município, foi publicada em 1938. Em resposta direta à interpretação da história composta por David Carneiro, Valfrido Piloto publicou no ano seguinte, *História e historiógrafos*.

²²⁶ CARVALHO, José M. de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

²²⁷ CORDOVA, op. cit.

²²⁸ Nesse momento se faz necessário atentarmos para as palavras de Rüsen, segundo o historiador, a credibilidade das sentenças históricas (histórias) dependem de “convencer seus destinatários de que o que ocorreu no passado aconteceu da forma como o enunciam.” RÜSEN, Jörn. *Razão histórica*. Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Ed. UnB, 2001, p. 100.

²²⁹ PILOTO, Valfrido. *História e Historiografos*. Curitiba: Plácido Silva & Cia. Ltda, 1939, p. 26.

Descortina-se, entre Carneiro e Piloto, um debate historiográfico em torno de uma pretensa “verdade histórica” e da forma “correta” de alcançá-la.

Piloto construiu o seu texto a partir dos esclarecimentos das lacunas, interpretações apressadas e equivocadas do autor de *História de Palmeira*, “com o intuito de cooperar para a verdade, é que aí me alonguei em reparos, comentários e explanações à margem do opúsculo de Daví Carneiro.”²³⁰

Quanto às ações efetuadas por Botelho, Piloto também as enumera como positivas, mas ele avalia com olhar crítico, ressaltando, por exemplo, a forma não tão nobre como as pessoas foram “chamadas” a contribuir tanto para obras quanto para “desbravar” o interior, o que implicou disputar territórios com tribos indígenas. Mas, a principal discordância esteve assentada no apagamento do chefe de Botelho, Dom Luís Morgado de Mateus. Segundo Valfrido Piloto, ao deixar o chefe em segundo plano, Carneiro fez uma história parcial, prejudicando a “verdade histórica”.

Na avaliação de Piloto, sua obra era uma forma de uma advertência a David Carneiro “pelas expressões com que se penitenciou, pode a gente afirmar lhe haver calado como lição inesquecível.”²³¹

Para um sujeito que estava construindo uma carreira de historiador, certamente as críticas de Piloto feriram o seu ego de pesquisador da história, mas não implicaram qualquer mudança ao seu estilo de escrita. Ao tomarmos contato com a produção bibliográfica de David Carneiro após esta contenda, podemos afirmar que a “idolatria” a Afonso Botelho, cercada de datas, nomes, fatos e diversas fontes que possuem o teor de “prova”, foi abraçada como uma questão de honra pelo autor, como a defesa de que consigo estava, na avaliação dos feitos de Afonso Botelho, a justa “verdade”.

Carneiro e Piloto são duas personalidades da sociedade curitibana que circulam nos mesmos espaços de sociabilidade intelectual,²³² *IHGP*, *Centro de Letras do Paraná* (CLP) e *Academia Paranaense de Letras* (APL), além de difundirem suas ideias compartilhando o mesmo mercado editorial. O círculo intelectual é constituído por um grupo de pessoas que dialogam entre si, que possuem afinidades eleitas a partir da cumplicidade de visões de mundo e problemáticas partilhadas. Formam agremiações que promovem, além de diálogos e

²³⁰ Ibid., p. 66.

²³¹ Ibid., p. 70.

²³² Segundo François Dosse, em história a noção de sociabilidade intelectual se inspira nos trabalhos desenvolvidos por Maurice Agulhon, com seu conceito-chave de *sociabilidade*. Definida como a “[...] aptidão a viver em grupo e a consolidar os grupos pela constituição de associações voluntárias [...]”. DOSSE, François. *História e ciências sociais*. Bauru, SP: Edusc, 2004, p. 305.

intercâmbios, embates e ainda são palcos de intrigas – a exemplo das discordâncias de Valfrido Piloto e David Carneiro.²³³ O foco, mesmo que sintético, no debate dos autores nos permite pensar nos debates travados, nas disputas em torno de discursos que buscavam identificar o paranaense com o seu passado.

Devemos compreender que os significados atribuídos aos fatos históricos dependem da interpretação dos vestígios do passado e são resultados de uma “operação” intelectual que é própria, singular, e que visa emitir sentido.²³⁴ A extensa produção de David Carneiro²³⁵ não apresenta muitas inovações quanto à análise e à narração dos feitos de Afonso Botelho como parte da História do Paraná, pois os argumentos se repetem. Por outro lado, esta constatação pode ser interpretada como uma estratégia do autor, afinal, sua narrativa objetivava tornar Botelho conhecido para que fosse admirado e inspirasse os paranaenses em ações para o futuro. Assim, o importante era que, por diversos meios de comunicação (livros, capítulos em coletâneas, artigos em revistas, palestras e discursos), os paranaenses pudessem conhecer e assim se inspirar em Afonso Botelho. Ou seja, a prioridade parecia estar assentada na quantidade de obras e não no rigor.

Acreditamos que a filiação de Carneiro a uma “causa”, ao lado de Ermelino de Leão, foi fundamental para o estudo de David Carneiro sobre as bandeiras curitibanas e sobre a figura de Afonso Botelho, denotando a importância dos diálogos intelectuais entre os “historiadores tradicionais”. Para fecharmos o “trio”, trataremos de Francisco Negrão.

²³³ Encontramos uma notícia interessante no jornal *Gazeta do Povo*, publicada em 24/07/2010, que relaciona Valfrido Piloto aos debates travados com David Carneiro. O assunto da matéria era a eleição do escritor e jornalista Dante Mendonça para a cadeira número 1 da Academia Paranaense de Letras, que foi ocupado por Valfrido Piloto. Em poucas linhas, retrata-se o antigo ocupante: “A propósito: Valfrido Pilotto morreu há poucos anos, já centenário e vigoroso. Deixou uma obra fértil, grande conhecedor e analista de Tolstoi. Fora delegado de ordem política e social na ditadura Vargas e, depois, chefe da Polícia Civil do Paraná, nos anos 1960. Só não dava entrevistas, em hipótese nenhuma, sobre si e sua obra. Tornou-se histórica a contenda que manteve anos a fio com outro intelectual de porte, o historiador David Carneiro.” BUENO, Wilson de A. Munhoz da Rocha apresenta trabalho em Toronto. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 24 jul. 2010. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/colunistas/conteudo.phtml?id=1028378>>. Acesso: 21 jun. 2011.

²³⁴ RÜSEN, 2001, p. 100-101.

²³⁵ A produção sobre Afonso Botelho pode ser visualizada no levantamento da produção de David Carneiro em apêndice ao final da dissertação.

Francisco Negrão, “o mais pesquisador”

Nos tempos atuais é trivial a frase de Fustel de Coulanges dita no período do surgimento do historiador profissional: *pas de documents pas d’Histoire*.²³⁶ Embora banal, permanece como premissa para qualquer historiador de ofício. Todavia, cabe assinalar que, do momento da fala do historiador francês do século XIX, algumas mudanças na concepção do conhecimento histórico se configuraram, como as críticas à noção de objetividade e à procura, pelo historiador, da formulação de uma única verdade sobre os fatos passados. Entretanto, no contexto dos diálogos de David Carneiro com os “historiadores tradicionais”, a ideia de que é possível por meio dos documentos reconstituir o passado como foi vivido, pode ser entendida como paradigma dominante. Pensando assim, o historiador de mais destaque do “trio” foi “quem mais baseou os seus escritos na documentação existente nos arquivos locais.”²³⁷

Francisco de Paula Dias Negrão (1871-1937) foi um “vasculhador de arquivos”. O interesse pela pesquisa histórica nasceu em seu ofício como Diretor do Arquivo Municipal de Curitiba, ocasião em que organizou 62 números das publicações do *Boletim do Arquivo Municipal de Curitiba*, editadas entre 1906 a 1932. Os boletins traziam as Atas da Câmara Municipal de Curitiba do século XVII até o século XIX, passando a constituir, segundo Carneiro, “uma preciosidade indispensável aos pesquisadores da história local, obra básica também para qualquer iniciação.”²³⁸

A linguagem de David Carneiro denota “respeito” a Francisco Negrão, reverenciando o historiador que perscrutou arquivos, organizando e divulgando a documentação. O arquivo, comumente falando, é entendido como o lugar, por excelência, em que se conservam os documentos. Nesta perspectiva, o arquivo é central para uma concepção de história que atribui à qualidade de “prova” ou “testemunho do que aconteceu” aos documentos provenientes de um fundo de arquivos.

Além dos boletins, outra produção que, para David Carneiro, denota a visão histórica de Negrão foi a obra *Genealogia Paranaense*.²³⁹ Nela, Negrão organizou a genealogia das

²³⁶ “sem documento, sem História”, tradução nossa. KARNAL, Leandro; TATSCH, Flávia G. A memória evanescente. In: PINSKY, Carla B.; LUCA, Tania R. de (Org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 25.

²³⁷ CARNEIRO, 1952, p. 214.

²³⁸ Ibid., p. 215.

²³⁹ A obra, em seis volumes, foi editada pela Imprensa Oficial do Estado, o primeiro volume foi publicado em 1926 e o último apenas em 1950, 13 anos após a morte do autor. Francisco Negrão também escreveu: *As minas de Ouro de Paranaguá; A viagem de Dom Pedro II através do Paraná; A Conjuntura Separatista de 1921; Memória da Santa Casa de Curitiba; Memórias sobre o Ensino e a Educação do Paraná de 1690 a 1933; O Centenário da Colonização Alemã em Rio Negro; Efemérides Paranaenses; Memória sobre os monumentos*

principais famílias paranaenses. Na leitura de Carneiro, “obra de indispensável consulta a quantos desejem conhecer a família paranaense, e mais do que isso, a história mesma do Paraná.”²⁴⁰

Negrão aparece como referência fundamental nas produções historiográficas de David Carneiro dedicadas aos temas regionais, tanto pelos documentos que organizou como pela fala que emitiu sobre eles. Possivelmente, o grande débito de David Carneiro com Negrão foi a obra *O Paraná na Guerra do Paraguai*, de 1940. Isto porque foi no acervo pessoal de Negrão que David Carneiro colheu seu material de trabalho, exemplares do jornal *Dezenove de Dezembro*,²⁴¹ erigindo o periódico como “fonte histórica”.

Cabe conhecer a concepção de Henry Rouso quanto à noção de “fonte histórica”: “um testemunho colhido ou um documento conservado só deixam de ser vestígios do passado para se tornarem ‘fontes históricas’ no momento em que um observador decide erigi-los como tais.”²⁴² Como vestígios, os exemplares do *Dezenove de Dezembro* se tornaram “fontes” no momento em que se transformaram em um dos principais meios de conhecimento da atuação dos paranaenses na Guerra do Paraguai (1865-1871).

Ao se voltar para “a contribuição do Paraná para a campanha de cinco longos anos em que grande parte da América do Sul esteve empenhada”,²⁴³ a obra compõe o que estamos chamando de *projeto de escrita da história* de David Carneiro, pois objetivava *tentar dar visibilidade nacional ao Estado*. O livro focalizou a mobilização dos corpos militares, com principal atenção ao 25º Corpo de Voluntários da Pátria; a movimentação da partida e a atuação dos heróis paranaenses no campo da luta; as notícias e o cotidiano da província durante a guerra. Com o objetivo de ressaltar o contingente que a incipiente província ofereceu para o palco da guerra, assim como rememorar os seus nomes, Carneiro anexou uma lista dos “Oficiais e graduados da Guarda Nacional que partiram para a guerra”, uma dos “Oficiais paranaenses mortos na Guerra do Paraguai” e, por fim, uma “Táboa Onomástica de paranaenses que serviram na Guerra do Paraguai”.

artísticos e históricos do Paraná. Informações coletadas do site do Arquivo Público do Paraná. Disponível em: <<http://www.arquivopublico.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=98>>. Acesso em: 22 jun. 2011.

²⁴⁰ CARNEIRO, 1952, p. 214.

²⁴¹ O *Dezenove de Dezembro* foi o primeiro jornal paranaense, criado logo após a emancipação política, em 1853, e perdurou até 1890. Para Ricardo Costa de Oliveira, o jornal se constitui em um “excelente documento político-cultural para análise da sociedade paranaense durante o Império.” OLIVEIRA, R. op. cit., p. 181.

²⁴² ROUSO, Henry. O Arquivo ou o Indício de uma Falta. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 17, p. 88, 1996.

²⁴³ CARNEIRO, David. *O Paraná na Guerra do Paraguai*. Curitiba: Dr. Dicesar Plaisant, 1940, p. 19.

O cotidiano da pacata província foi afetado pela guerra e David Carneiro quis demonstrar isto no capítulo “Um pouco de romance”. Assim iniciou:

Descobri um baile histórico em Curitiba nas amarelas páginas do “19 de Dezembro”. Estava escondido pelo tempo e a incultura. Tive o gosto de fazê-lo voltar à luz com as suas quadrilhas e os seus lanceiros; com as suas damas de rostos pálidos, rostos onde ainda a beleza se não escondia sob o zarcão oleoso dos “rouges”; com uniformes azul ferrete e os vivos carmezins, manchados pelos dourados de charlateiras, galões e botões, e pelo prateado das espadas, junto das quais (presa pelo boldriê ao cinturão branco) caía a pasta negra de couro, com a sigla do segundo Imperador. O quepi Cavagnac do tipo francês usado na Europa, na guerra de 1870, pelos yankes, na guerra de Secessão e por nós, na guerra do Paraguai, estaria nos cabides, não sendo usado durante o baile, naturalmente.²⁴⁴

Era 07 de fevereiro de 1865 e a Guerra contra o Paraguai já havia começado. O primeiro contingente militar do Paraná que seguiu para o conflito foi “o Corpo da Guarnição e a Companhia de Cavalaria”, outros ainda iriam partir, mas antes houve uma pausa. O baile de celebração da partida foi o momento de interrupção da guerra, hora de deixar de lado o armamento. Vamos acompanhar trechos da descrição do baile feita por “um jovem romântico” desconhecido:

Tristeza de mistura com alegria; risos e lágrimas, constantes mutações do viver. Mas tão próximos, tão cambiantes, tão pouco escondidos, que nunca vi melhor do que na noite de 7 deste mês (7 de fevereiro de 1865). [...] Este baile, porém, o que fiz assistir ‘in mente’ era a despedida dos bravos que vão combater pela honra e dignidade do Brasil. Festa dos que sacrificam cômodos e arriscam suas vidas, para ir buscar a morte gloriosa nas batalhas, ou os louros de esplêndidas vitórias. Baile patriótico em que se despedem irmãos que ficam, dos irmãos que partem para desafrontar a honra e a dignidade da Pátria.²⁴⁵

O capítulo também é composto pela narrativa de um casamento durante a Guerra do Paraguai. A personagem principal, a noiva, Dona Arminda Morocines Borba, compareceu ao baile – era a despedida de seu irmão, Nestor Borba. Foi quando o capitão da Guarda Nacional Previsto Colúmbia declarou seu amor e fez o pedido de casamento. “Ela apenas sorriu” e o romance se iniciou, mas o noivo partiu para um conflito sem saber se voltaria. O casamento aconteceu por procuração e durante a guerra, conforme nota do *Dezenove de Dezembro*. Carneiro narrou o sofrimento do jovem casal separado pela guerra.

A escrita do romance parte das “evidências” do jornal, suas lacunas são costuradas pela imaginação. Após a notícia da volta de Previsto Colúmbia que estava ferido, David Carneiro deixou claro ao leitor desconhecer a história do casal daí por diante, mas lançou uma

²⁴⁴ CARNEIRO, David. Episódios românticos do tempo da Guerra do Paraguai – Um baile... e o país em guerra. In: *Historiadores do Paraná*. Curitiba: Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico Paranaense; Banco do Estado do Paraná, 1981, p. 77.

²⁴⁵ *Ibid.*, p. 78-79.

hipótese: acreditava que o casal teve filhos e estes serviram em 1894, no “Cerco da Lapa”, episódio da Revolução Federalista no Paraná. E assim finalizou o breve romance:

O Paraná tem no caso da Fazenda Fortaleza (José Felix e Dona Onistarda) o exemplo máximo de ódio entre dois conjugues, tem, felizmente, este outro exemplo (Previsto Colúmbia e Dona Arminda) de amor feliz e de conjugal ventura plena, para compensar.²⁴⁶

Um baile e um casamento, eventos cotidianos carregados de uma atmosfera de angústia. A transcrição da notícia do baile e a narrativa do romance faz parte de uma estratégia de escrita que visava aguçar a sensibilidade do leitor diante dos momentos de tensão que o Paraná viveu ao fornecer seus “filhos para a defesa da Pátria”.

Sem necessidade de nos alongarmos mais, explicitamos neste capítulo a importância para a produção historiográfica de David Carneiro dos diálogos realizados com seus aclamados “mestres”, inserindo-o entre os “historiadores tradicionais”. Nosso texto evidencia como o historiador soube aproveitar os debates com os “mestres” para aprofundar e investir em temas poucos explorados naquele momento, a exemplo da atuação paranaense na Guerra do Paraguai e das “correções” feitas aos escritos de Ermelino de Leão sobre Afonso Botelho.

Todavia, ao seguir os passos ufanistas dos “mestres”, Carneiro ficou preso a uma forma de interpretação da história regional característica das primeiras décadas do século XX. A “exaltação regional” muitas vezes impediu uma visão crítica dos acontecimentos, como tentamos demonstrar quando tocamos na produção do mito Afonso Botelho, debatida com seu contemporâneo Valfrido Piloto.

David Carneiro delineou o que chamamos de um possível *projeto de escrita da história*, pois as investidas de Carneiro ao passado foram dotadas de interesses: valorizar a história do Paraná em âmbito nacional, divulgar entre os paranaenses as suas “raízes históricas” e buscar nesse passado exemplos morais e de ação pública que inspirassem os seus conterrâneos a agir construtivamente rumo ao progresso.

É nesta perspectiva que defendemos a ideia de que o principal sentido de sua narrativa histórica é o enaltecimento do Paraná. Somos conscientes que o autor possivelmente tivesse outras intenções ao realizar sua escrita da história, porém ao interpretarmos a produção historiográfica, o lugar social do autor e o contexto de enunciação, conjecturamos uma premissa: David Carneiro se voltou ao passado na intenção de contribuir para o seu lugar social, o Paraná.

²⁴⁶ CARNEIRO, 1981, p. 87. A história de ódio vivida pelo casal José Felix e Dona Onistarda na Fazenda Fortaleza é o tema do seu mais famoso romance histórico. CARNEIRO, David. *O drama da Fazenda Fortaleza*. Curitiba: D. Plaisant, 1941.

É fato que, em relação aos “historiadores tradicionais”, David Carneiro historiador não demonstrou inovação quanto à interpretação de temas regionais. Seria possível, então, afirmar que o motivo do destaque a ele conferido no *post-mortem* estivesse em sua filiação a uma corrente de pensamento paranista que visava exaltar o Estado? Para tentar responder a esta questão, devemos continuar investigando o percurso intelectual de David Carneiro, afinal ele também foi museólogo e professor universitário.

No próximo capítulo estudaremos dois espaços de atuação de David Carneiro: a revista *A Divulgação* e o Museu Coronel David Carneiro. Procuraremos elementos que nos ajudem a compreender por quais atributos Carneiro foi reconhecido como personalidade importante da sociedade curitibana.

CAPÍTULO 3

Espaços de atuação: *A Divulgação* e Museu Coronel David Carneiro

No capítulo anterior, analisamos a configuração de David Carneiro historiador, demonstrando indícios de que foi com a imagem de “historiador regional” que ele alcançou maior destaque na vida pública. Desta forma, neste terceiro capítulo, cabe-nos investigar se sua interpretação do passado regional encontrou aceitabilidade na sociedade curitibana - seu principal público. Surgem-nos, ainda, indagações sobre qual atividade, além de historiador, poderia ter contribuído para lhe assegurar uma posição de destaque social.

Tentaremos apreender duas instâncias de produção e difusão intelectual que favoreceram o reconhecimento de David Carneiro: *A Divulgação*, uma revista de caráter oficioso, publicada por volta da metade do século XX, e o Museu Coronel David Carneiro. A instituição de um “lugar de memória”, o Museu Coronel David Carneiro, e sua atividade como museólogo foi fundamental para sua produção sobre a Revolução Federalista no Paraná, cuja concepção interpretativa delineou a historiografia oficial sobre o tema. Acreditamos que estes dois espaços de enunciação de ideias possibilitam compreender, em alguma medida, o reconhecimento social que David Carneiro obteve da sociedade curitibana.

3.1 - Divulgando o legado do passado nas páginas de *A Divulgação*

DAVID CARNEIRO (Ao maior historiador vivo do Paraná como homenagem de estima e respeito.)
 Oh, grande historiador e meu presado amigo,
 permiti que vos trace, agora o amplo perfil.
 Sois lesto no escrever; nos modos sois gentil
 E sobre vós, ao mundo, eu sustento o que digo!
 A estimar-vos melhor, a mim mesmo me obrigo,
 e a admirar-vos quero, espírito febril,
 Emérito pintor das cousas do Brasil,
 glória do Paraná tradicional e antigo.
 Pesquisador insano e austero do Passado,
 vosso verbo traduz, impávido e inflamado,
 das memórias da Pátria a peregrina esteira.
 Prossegui, sem temor, tão nobre trajetória,
 de sucesso em sucesso e vitória em vitória,
 que este é o laurel maior de vossa vida inteira.

Francisco Pereira da Silva²⁴⁷(do Centro de Letras do Paraná e Academia de
Letras José de Alencar)

Nas páginas da revista *A Divulgação*, David Carneiro gozou de amplo reconhecimento por seu trabalho como pesquisador do passado. A produção intelectual do historiador ocupou um espaço privilegiado neste local de enunciação de ideias e de pensamentos.²⁴⁸ O periódico, então, constitui-se como um observatório da aceitabilidade dos discursos de Carneiro na sociedade curitibana por volta dos anos 1950. Quando falamos em “um observatório” é porque estamos nos limitando a apenas uma das diversas revistas que o autor circulou.²⁴⁹

A escolha dessa revista se deve tanto pela linha editorial, a *divulgação da cultura paranaense*, quanto pela assiduidade das publicações de David Carneiro. Também nos chamou a atenção o fato de *A Divulgação*, mesmo tendo seus textos trabalhados em estudos acadêmicos, não ter sido objeto de investigação. Assim, ao partimos da premissa de que a análise de qualquer publicação ou periódico deve ser articulada à sociedade na qual se origina e atua,²⁵⁰ inicialmente, conheceremos melhor este impresso. Ao analisarmos a sua política editorial, compreenderemos a inserção de Carneiro como um dos principais colaboradores do periódico.

A Divulgação começou a ser editada em novembro de 1947, em Curitiba. A partir de junho de 1959, a revista passou a se denominar *Divulgação Paranaense*.²⁵¹ A periodicidade da revista variou entre bimensal e trimensal, sendo que, a partir de 1954, encontramos mais números de publicações mensais. As matérias variaram entre temas políticos, econômicos, saúde, vida social, literatura e história. Continha notícias, reportagens, entrevistas e artigos assinados.

²⁴⁷ SILVA, Francisco P. da. David Carneiro. *A Divulgação*, Curitiba, ano IV, p. 31, set.-out. 1951.

²⁴⁸ Partimos das considerações do historiador Jean-François Sirinelli, para ele as revistas são lugares de “fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade [...]”. SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, Réne. *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 2003, p. 249.

²⁴⁹ O nome das revistas que David Carneiro publicou estão no demonstrativo de sua produção em apêndice no final desta dissertação.

²⁵⁰ Cf. CRUZ, Heloisa de F.; PEIXOTO, Maria do R. da C. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História*, São Paulo, n. 35, p. 257, dez. 2007.

²⁵¹ Os exemplares consultados estão localizados na seção de periódicos paranaenses da Biblioteca Pública do Paraná. A biblioteca possui um acervo quase completo dos números da revista até o número de abril de 1965, após esta data em seus arquivos encontramos alguns exemplares do ano de 1973 e 1975, o último número do acervo é 254, de 1975. Ou seja, não temos a informação do período total de edição do periódico.

Pela necessidade de delimitação optamos por centrarmos entre os editoriais de 1947 e 1955. A escolha deste período se deve pela atuação de David Carneiro, que se destaca como um dos principais colaboradores da revista. Fora deste período encontramos apenas uma publicação de Carneiro, em 1962.

Quem esteve à frente do periódico em todos os números foi seu diretor-proprietário Tenente Coronel Arnaud F. Velloso, sócio benemérito do *Centro de Letras do Paraná*. Velloso foi o responsável pelo editorial da revista. No primeiro número, de nome “Divulgando”, seu diretor explicou a proposta do periódico, “ela [revista] se propõe simplesmente propagar idéias e realizações ‘paranistas’ por todo o Brasil.”²⁵² Fez uso do termo “paranista” mas conjugou o regionalismo com o nacionalismo. Assim declarou: “nosso ideal é sobretudo aproximar servindo aos interesses da cultura no seu desdobramento material e espiritual. E aproximar significa fortalecer os élos de unidade nacional.”²⁵³ A revista se situa no contexto de mutação política após a queda do Estado Novo, em 1945. No entanto, apesar da mudança de orientação política, a estrutura do governo pouco se alterou e a ideia de unidade territorial permaneceu com o anseio democrático.²⁵⁴

A revista propunha os enfoques políticos, econômicos e culturais não só pertinentes aos paranaenses, mas também aos brasileiros em geral. Contudo, ao observarmos a sequência de temas e de autores tratados, identificamos um cunho mais regionalista.

Ainda em relação à linha editorial, percebemos no editorial *O Paraná em franca expansão*, da edição de fevereiro e março de 1948, a marca do discurso de dois “historiadores tradicionais”, Romário Martins e David Carneiro. Antes do texto, veicula-se uma ilustração em preto e branco.

²⁵² VELLOSO, Arnaud F. Divulgando. *A Divulgação*, Curitiba, n. 1-2, p. 1, nov.-dez. 1947.

²⁵³ Ibid., p. 1.

²⁵⁴ Cf. NEVES, Lucília de A. Trabalhismo, nacionalismo e desenvolvimentismo: um projeto para o Brasil (1945-1964). In: FERREIRA, Jorge (Org.). *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 167-203.



VELLOSO, Arnaud F. O Paraná em franca expansão. *A Divulgação*, Curitiba, p. 2, fev.-mar. 1948.

Nela percebemos um homem robusto, de roupas simples, certamente um trabalhador, de pés no chão, braços levantados saudando a liberdade, simbolizada pelas correntes rompidas. A leitura do texto nos sugere que este homem representa um “araucaniano”, ou seja, aquele homem da terra da araucária angustifolia, árvore tida como símbolo do Paraná. No texto, Velloso retoma o discurso e os símbolos forjados pela historiografia seguidora de Romário Martins, como a identificação do homem paranaense com o pinheiro.

O editorial propôs a continuidade histórica alicerçada no passado bandeirante. A narrativa histórica de David Carneiro sobre as “brilhantes bandeiras curitibanas” parece encontrar solo fértil nas páginas do periódico. Os escritos de David Carneiro levam a pensar que o ímpeto bandeirante motivou os paranaenses na conquista da emancipação política, em 1853. Deve ser ressaltado que os parlamentares que votaram a favor da lei de emancipação da província foram sensatamente convencidos pelos apelos dos paranaenses, representados pelas suas elites econômicas.²⁵⁵ Esta interpretação atribuiu esplendor a um movimento que parece ter sido, sobretudo, uma manobra de controle político do Império via Partido Conservador.²⁵⁶

Em *A Divulgação*, a ponte entre o passado bandeirante e o presente histórico está na avaliação que o editorial fez da conjuntura econômica do Estado:

O comércio cresce pujante e promissor; a indústria se organiza e se estrutura; a economia perdeu o cunho de monocultura para tornar-se poliforme e sólida; o movimento bandeirante, segundo o espírito da época, prossegue em ritmo acelerado nas regiões de colonização dispersas no norte do Estado; a população aumentou vertiginosamente na capital e nas principais cidades.²⁵⁷

²⁵⁵ A tese do autor pode ser encontrada na obra: CARNEIRO, David. *História da emancipação do Paraná*. Curitiba: Instituto de Pesquisa Histórica e Arqueológica, 1954.

²⁵⁶ Estamos partindo da análise de Divonzir Lopes Beloto em *A Criação da Província do Paraná: a emancipação conservadora*. Ver capítulo 1 desta dissertação.

²⁵⁷ VELLOSO, Arnaud F. O Paraná em franca expansão. *A Divulgação*, Curitiba, p. 2, fev.-mar. 1948.

Em um passado de “lutas e dificuldades” se assenta o presente, cuja conjuntura positiva salienta um “futuro próspero”. Adepta de valores positivistas, a revista divulgou a sua expectativa para um futuro desejado.

O periódico, ao “divulgar” intensamente o Paraná, parecia cumprir uma função propagandística. Segundo seu próprio diagnóstico: “o Paraná é um Estado que precisa sobretudo de boa propaganda. Propaganda no sentido educativo, com escopo de torná-lo mais conhecidos dos próprios paranaenses e dos patrícios de outros estados.”²⁵⁸ A “necessidade” de tornar o Estado conhecido e respeitado, como David Carneiro postulou em suas obras, foi reafirmada pela revista na edição de seu primeiro aniversário. Para o editor, a publicação tinha um papel pedagógico – leia-se cívico – que visava instruir o cidadão paranaense, tentar lembrá-lo do seu passado, da sua geografia, das riquezas naturais e informá-lo do que estava sendo feito na cena política, ações que deveriam garantir um “futuro promissor”.

Observando mais detalhadamente as publicações até o ano de 1955, podemos constatar que *A Divulgação* esteve sempre em consonância com a conjuntura política, apesar de sua pretensa “neutralidade”.²⁵⁹ Com a aparente inexistência de filiação partidária, a revista pôde se alinhar às lideranças do momento.

No governo de Moysés Lupion (1947-1951),²⁶⁰ a revista saudou a colonização do norte e oeste do Estado,²⁶¹ o incentivo à economia cafeeira, à vinda de imigrantes e o projeto “Plano Hidro-Elétrico Moysés Lupion”. O periódico veiculou a ideia de uma “nova era” com as realizações do governo Lupion. O discurso de marco do progresso e símbolo de novos tempos também esteve presente na divulgação do projeto de construção do Centro Cívico, no governo Bento Munhoz da Rocha Netto (1951-1954).²⁶² O Centro Cívico deveria reunir os três poderes em um único espaço.

²⁵⁸ VELLOSO, Arnaud F. Nosso primeiro aniversário. *A Divulgação*, Curitiba, ano II, n. 14-15-16, p. 1, jan.-fev.- mar. 1949.

²⁵⁹ VELLOSO, Arnaud F. Divulgando. *A Divulgação*, Curitiba, ano X, n. 94-95, p. 1, ago.-set. 1955.

²⁶⁰ Moysés Lupion foi o primeiro governador da era democrática. Lupion foi eleito, em 1947, com as benções do Interventor Manoel Ribas, que tinha governado o Paraná entre 1932 e 1945. Pode-se ler: Cf. MAGALHÃES, Marion B de. *Paraná: política e governo*. Curitiba: SEED, 2001.

²⁶¹ A política de ocupação e distribuição de terras do governo Lupion gerou conflitos entre posseiros, grileiros e fazendeiros. A forma como as contendas foram reprimidas lhe rendeu muitas críticas, que, na avaliação de David Carneiro, deviam ser relativizadas. Para ele, fascinado pelos ideais de “progresso”, a despeito da violência da ocupação e distribuição de terras, o que importou foram os resultados, “ele tornou o Paraná um grande Estado.” CARNEIRO apud ABRÃO, Roseli. Jogo da Verdade. *Correio de Notícias*, Curitiba, p. 4. abr. 1988. Seção Bomdomingo.

²⁶² VELLOSO, Arnaud F. Centro Cívico, marco de uma época. *A Divulgação*, Curitiba, ano V, p. 1, mai.-jun. 1952.

Observa-se, pela eloquência do seu discurso, a tentativa de disseminar a ideia que, na data prevista para inauguração do Centro Cívico, 19 de dezembro de 1953, o governo mostraria ao resto do Brasil a “emancipação econômica”²⁶³ do Paraná.

Integrante dessa sociedade, o periódico é um observatório das expectativas em torno das comemorações do centenário da emancipação ao serem vistas como uma chance de projetar aos olhos da nação a imagem de um “Paraná grandioso”, via sua capital. Parece-nos que a sociedade curitibana da década de 1950 permanecia tentando legitimar o seu “lugar” na nação e, para tanto, utilizava os mesmos argumentos enaltecendo o início do século XX.

A *Divulgação* foi uma revista que demarcou temas, difundiu ideias e interesses, agregando jornalistas, literatos, historiadores, políticos, médicos e advogados, que com “espírito paranista” compuseram um projeto editorial o qual, explicitamente, objetivava enaltecer a região.

Ao divulgar “tudo que diz respeito à nossa terra”, a revista destacou alguns de seus recorrentes colaboradores: Homero de Mello Braga,²⁶⁴ Heitor Stockler de França,²⁶⁵ Serafim França,²⁶⁶ David Carneiro,²⁶⁷ Rosy de Sá Cardoso,²⁶⁸ Valfrido Piloto,²⁶⁹ Vasco Taborda Ribas,²⁷⁰ Fernando Corrêa de Azevedo,²⁷¹ Enói Navarro Swain,²⁷² Dulcídio Tavares de Lacerda²⁷³ e De Sá Barreto.²⁷⁴

²⁶³ A historiadora Marion B. de Magalhães assim compreendeu a construção do Centro Cívico: “a construção dessa obra se coloca como um marco das potencialidades locais, da ação modernizadora do governo, que investe sobre a construção de um ‘lugar de poder’.” MAGALHÃES, op. cit., p. 63.

²⁶⁴ Médico, professor, jornalista. Foi sócio efetivo do Centro de Letras do Paraná (CLP).

²⁶⁵ Bacharel em direito, empresário, jornalista e poeta. Integrou o Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense (IHGEP). Foi um dos fundadores da Academia Paranaense de Letras (APL) e do CLP.

²⁶⁶ Bacharel em direito, literato, teatrólogo. Foi sócio fundador da APL, sócio efetivo do CLP e membro do IHGEP.

²⁶⁷ Foi sócio efetivo do CLP e embora tenha publicado textos em revistas da APL não foi membro efetivo desta instituição. No IHGEP, foi vice-presidente quando o instituto proclamou uma nova fase, em 1946, passando inclusive a ter nova denominação ao incluir o “Etnográfico”. Nesta ocasião, Romário Martins foi aclamado Presidente Perpétuo e o “Núcleo de Curitiba da Associação dos Geógrafos Brasileiros” se integrou ao instituto.

²⁶⁸ Jornalista e colunista social. Destacou-se por ter sido a primeira mulher no Paraná a ter o registro profissional de jornalista. FERNANDES, José C. Antes e depois da filha de Xaguana. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 29 jun. 2008.

Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?tl=1&id=781473&tit=Antes-e-depois-da-filha-de-Xaguana>>. Acesso em: 08 jul. 2011.

²⁶⁹ Bacharel em direito, funcionário público, jornalista, poeta e historiador. Exerceu a presidência do CLP entre 1989-1991, ocupou a cadeira número 1 da APL e foi membro do IHGEP.

²⁷⁰ Bacharel em direito, funcionário público, professor, literato. Exerceu a presidência da APL, foi sócio efetivo e presidente em diversos mandatos no CLP. Integrou o IHGEP.

²⁷¹ Professor e diretor da Escola de Música e Belas Artes do Paraná, estudioso do folclore paranaense. Foi membro do IHGEP.

²⁷² Escritora, jornalista e pedagoga. Foi sócia efetiva do CLP e integrou o Centro Paranaense Feminino de Cultura, fundado em dezembro de 1933.

²⁷³ Foi membro do IHGEP.

²⁷⁴ Bacharel em direito, poeta, escritor, jornalista. Integrou a APL, foi sócio efetivo e presidente do CLP.

Muitos dos nomes mencionados fizeram parte de instituições criadas nas primeiras décadas do século XX e destinadas a reunir os homens dedicados às letras, como o *Instituto Histórico e Geográfico Paranaense* (1900), o *Centro de Letras do Paraná* (1912) e a *Academia Paranaense de Letras* (1936). Dos colaboradores de *A Divulgação*, alguns foram os fundadores destas instituições e outros ingressaram no transcorrer dos anos, em fases de reorganização, como aconteceu, em 1946, como o IHGEP. Nesta ocasião, David Carneiro foi vice-presidente do instituto.

Presente nas instituições citadas, Romário Martins também colaborou nos primeiros números do periódico. Na primeira publicação da revista, o primeiro artigo foi de sua autoria, *O Paraná na propaganda da República*.²⁷⁵ Mesmo falecido meses após o primeiro número, em 1948, o historiador por meio de seus escritos permaneceu nas páginas da revista. Os textos de Romário Martins sobre o paranismo e seus símbolos, sobre a história e a geografia do Estado, assim como as lendas que escreveu, foram republicados no periódico.

Ao lado de Romário Martins outras memórias foram evocadas. A revista publicou textos de Rocha Pombo e sobre Rocha Pombo – da mesma maneira aparece a figura de Ermelino de Leão. Nas páginas do periódico, o leitor encontrava a poesia de Emílio de Menezes e Leôncio Correia, literatos que adquiriram prestígio na virada do século republicano.

É interessante observamos o texto que apresenta o *Credo Paranista*, de autoria de Sebastião Paraná, escrito que se tornou referência do Movimento Paranista. Vejamos como se expressou a revista sobre o autor do texto:

O seu 'CREDO PARANISTA', que aqui reproduzimos, é página expressiva daquele sentido de vida [vida de Sebastião Paraná] e serve para iluminar, como exemplo, as novas e futuras gerações que desejem ver nosso Estado se salientar no conjunto nacional.²⁷⁶

Como podemos notar, o Paraná, tanto pela produção cafeeira em larga escala quanto por suas idealizadas construções em estilo dito “moderno” (Centro Cívico), ao mesmo passo que pleiteava respeitabilidade no cenário nacional também procurava mostrar que há muito tempo vinha crescendo, tentando repassar a ideia de que o progresso no Estado era fruto de uma continuidade. Para afirmar que não era um “indigente cultural” e que tinha sua história, sua literatura, suas lendas, seus símbolos, a sociedade recorria aos discursos forjados no início do século XX.

²⁷⁵ MARTINS, Romário. O Paraná na propaganda da República. *A Divulgação*, Curitiba, n. 1-2, p. 5, nov.-dez. 1947.

²⁷⁶ A DIVULGAÇÃO. Curitiba, ano VIII, p. 49, nov.-dez. 1954.

Os autores escolhidos para serem rememorados pensaram a literatura e a história regional e se tornaram referências para os colaboradores de *A Divulgação*. O ato de rememorar os sujeitos e seus discursos denota a intenção de afirmar memórias, de manter no presente a ligação com esses nomes que atuaram no passado e serviam de exemplo para o futuro. É nesta identificação com o passado que compreendemos existir uma sensibilidade ideológica e cultural partilhada entre os colaboradores da revista. Devido a isto, entendemos que a revista pode ser caracterizada como “ponto de encontro de itinerários individuais unidos em torno de um credo comum.”²⁷⁷

Contudo, devemos ter cautela, pois fazemos uma generalização mesmo perante a impossibilidade de detidamente analisarmos os itinerários de cada colaborador do periódico e avaliarmos em que medidas as ideias expressas estabeleceram diálogos em torno de um credo comum. Por outro lado, acreditamos que os colaboradores não se reuniram em torno da revista por uma simples oportunidade de fala, mas sim por existir alguma cumplicidade de valores entre o projeto editorial e os colaboradores.

Nas páginas da revista, David Carneiro foi apresentado como um destacado historiador. Nelas, abordou temas regionais que vinham sendo estudados por ele desde suas primeiras incursões ao passado. Não podemos nos esquecer de que estamos tratando de um veículo de imprensa e isto sugere uma circulação maior do que a dos livros; portanto, seria a oportunidade, por meio de outro suporte, de Carneiro levar a um público maior e mais diversificado o conhecimento de suas próprias raízes históricas, de suas tradições e seus “heróis”.

Alguns temas de David Carneiro publicados no periódico já foram abordados nesta pesquisa, como as bandeiras curitibanas e a ação de Afonso Botelho. O mesmo discurso encontrado nos textos que exaltam a administração de Afonso Botelho no Paraná está presente nos textos de “outros heróis”, como o General Gomes Carneiro, “o defensor da República” durante a Revolução Federalista; Ângelo Sampaio, a “ilustre vítima de Canudos”; e Mariano Pinto, o “herói esquecido” da Guerra Cisplatina. Ao rememorar “os heróis”, Carneiro tentou reforçar o elo que devia existir entre o presente, o passado e o futuro.

Elo este que, na década de 1950, na percepção de David Carneiro, parecia andar trincado. A onda de prosperidade, iniciada em 1940, em decorrência dos lucros com a economia do café e com o aumento da densidade demográfica, estimulou o investimento em urbanização, mas uma urbanização sem sensibilidade com o seu passado. Avaliando esta

²⁷⁷ SIRINELLI apud LUCA, Tania R. de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla B. (Org.). *Fontes históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010, p. 140.

conjuntura, nas páginas da revista, David Carneiro questionou o progresso destruidor e asseverou *Da necessidade de proteção aos monumentos que atestam nossa velha cultura*.²⁷⁸

Segundo o estudioso, a “picareta da evolução” estava derrubando a arquitetura característica dos antepassados lusos, projetando o retrato de uma terra sem passado, como se tivéssemos vindo do “ar”, “sêres humanos sem antepassado [...] progredimos sem conhecimento das origens remotas do progresso material realizado.”²⁷⁹ A questão também está no olhar de David Carneiro como historiador progressista, cuja visão dos fatos resulta de um encadeamento: a história apareceria lacunar sem um ponto de referência, sem onde assentar a “evolução”.

O historiador buscou uma possível origem para o desdém com o passado de tradição portuguesa. Em sua análise, possivelmente, o desapego com as heranças lusas se iniciou com as primeiras correntes imigratórias alemãs, ainda no século XIX. Sem uma política de aculturação, a vinda de imigrantes de diferentes nacionalidades “foi como a ingestão de alimentos peizados por um estômago que não houvesse ainda iniciado processo digestivo.”²⁸⁰ A superioridade cultural atribuída aos colonos aliada à não aculturação foram responsáveis pela “anarquia cultural” e a crescente indiferença com as raízes históricas, as tradições, que se estabeleceram no passado colonial e imperial conduzido por portugueses.

Assinalando sua posição conservadora em relação a sua herança portuguesa, Carneiro, por mais de uma vez na revista, referiu-se ao imigrante como uma espécie de “ameaçador” ao passado luso legítimo, na medida em que não buscou se integrar à cultura nacional. É importante lembrar também que o ano de 1951 se insere no contexto do pós-guerra e a região paranaense, na época, concentra muitas colônias de imigrantes alemães e italianos, por exemplo.

Para David Carneiro, se o paranaense não era capaz de sair contando aos conterrâneos a história dos homens cujos nomes estavam estampados nas ruas, era porque o

Paraná, com as suas correntes imigratórias, perde cada vez mais, o seu real civismo. [...] Vai-lhe faltando contacto com o seu próprio passado. Hoje falta, nas famílias, o relembrar de tradições. Falta nas escolas primárias, que as mestras ensinem os nomes dos que derramaram seu sangue, pelo bem coletivo, afim de que tais lições sejam código de civismo. E seria tão simples!?!...²⁸¹

²⁷⁸ CARNEIRO, David. Da necessidade de proteção aos monumentos que atestam nossa velha cultura. *A Divulgação*, Curitiba, ano IV, p. 8-9, dez. 1950, jan.-fev. 1951.

²⁷⁹ *Ibid.*, p. 8.

²⁸⁰ *Ibid.*, p. 8.

²⁸¹ CARNEIRO, David. Ângelo Sampaio (ilustre vítima de Canudos). *A Divulgação*, Curitiba, ano III, p.03 n. 31-32-33, jun.-jul.-ago. 1950.

O homem precisa compreender o legado das gerações, eis o princípio que o leitor de Ortega y Gasset reafirmou nas páginas de *A Divulgação*. A função dos estudos históricos reside no ensino às novas gerações, afim de que as ações construtivas do passado sirvam como diretriz no presente e guiem o agir no futuro.

Com o “e seria tão simples!?!...” encontramos um ar de decepção nas palavras de Carneiro. Talvez, para ele, o ensino não estivesse cumprindo o seu papel e, por sua vez, o ensino da história deveria atuar para suprimir as razões que causaram, no passado, o desdém com as tradições. E como isto deveria ser feito? Ensinando a história dos grandes homens e seus feitos, “os nomes dos que derramaram seu sangue” para defender, construir e administrar a pátria.

O ensino deveria desenvolver a “consciência histórica” dos indivíduos, evocada para superar problemas do presente. Quando tratamos da noção de “consciência histórica” nos referimos ao pensamento rüseniano:

[...] a consciência histórica constitui-se mediante a operação, genérica e elementar da vida prática, do narrar, com a qual os homens orientam seu agir e sofrer no tempo. Mediante a narrativa histórica são formuladas representações da continuidade da evolução temporal dos homens e de seu mundo, instituidoras de identidade, por meio da memória, e inseridas, como determinação de sentido, no quadro de orientação da vida prática humana.”²⁸²

David Carneiro produziu uma narrativa cujo sentido visava superar uma contingência histórica: a destruição dos monumentos que identificam os paranaenses com o seu passado português. Nesta perspectiva, a “consciência histórica” também age para reforçar laços de pertencimento. Os paranaenses deviam se reconhecer em sua herança lusa e se identificarem com este passado, motivados para uma ação futura, que assim foi expressa: “é pois, absolutamente necessário que nos organizemos nós mesmos, para fazer-se alguma coisa de útil no sentido de preservação dos documentos concretos do nosso passado que ainda estão em pé.”²⁸³

David Carneiro se apropriou da imprensa para expressar a leitura que fez dessa conjuntura e propôs aos leitores que olhassem o passado regional. Este olhar foi guiado na intenção de divulgar o legado do passado.

Nesses termos, acreditamos que *A Divulgação* pode ser entendida como lugar de enunciação de um discurso regional. Um possível significado de se publicar em tal periódico, de estabelecer diálogos neste espaço, está na ideia de que havia compartilhamento de

²⁸² RÜSEN, 2001, p. 66. Sobre o tema outra importante leitura é: RÜSEN, Jörn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. *História da historiografia*, n. 2, p. 163-209, mar. 2009.

²⁸³ CARNEIRO, 1950, p. 9.

sensibilidades ideológicas entre a política editorial da revista, os demais colaboradores e as escolhas feitas por David Carneiro em relação aos temas e abordagens de suas obras historiográficas. Acreditamos que o principal atributo para integrar a revista estava em torno do discurso “paranista” de enaltecimento do Paraná.

Passemos agora a outro espaço de divulgação de ideias que assumiu grande significado no percurso intelectual de David Carneiro, o Museu Coronel David Carneiro.

3.2 – Um lugar para se preservar a memória e escrever a história: Museu Coronel David Carneiro

O menino David Carneiro fomentou, desde os oito anos de idade, o interesse em preservar objetos do passado. Incentivado pelo pai e pelo avô, sua coleção se iniciou com moedas, medalhas e cristais.

Aí começou realmente o Museu, que tomou um espaço novo e uma nova identidade quando eu, noivo na Lapa, via as Congadas e via o povo jogando fora o pouco que restava de material concreto do Cerco da Lapa. Aí eu me identifiquei através do meu sogro. Ele contava as histórias da Lapa.²⁸⁴

David Carneiro esteve intimamente ligado aos eventos atinentes ao episódio federalista no Paraná (1893-1895). Embora sua infância tenha sido povoada pelas memórias do avô que viveu e atuou no conflito, o interesse pelo conflito da Revolução Federalista em solo paranaense, denominado de Cerco da Lapa, foi aguçado quando Carneiro era noivo de Marília Suplicy de Lacerda, integrante de uma família tradicional da Lapa. A partir das conversas com o sogro, intensificou-se o interesse pelo episódio e se iniciou a busca por objetos que fizeram parte daquele acontecimento: armas, canhões, medalhas, uniformes, jornais, atas, diários, toda e qualquer espécie de documentação relativa ao evento que materializasse memórias da Revolução Federalista.

Desperto o interesse pelo Cerco da Lapa, foi com a parceria do pai, Coronel David Carneiro, que a pequena coleção avolumou-se. No mesmo período do noivado de David Carneiro, em 1924, o pai em viagens ao exterior garimpava objetos históricos para o acervo do filho, como podemos observar na carta escrita em Oestende, na Bélgica:

Para as tuas collecções consegui: um espadim de commandante de submarino allemão; 3 chapas de *soko* prussiano, de oficial, sub-official e soldado (sendo este do

²⁸⁴ CARNEIRO, 1982 apud MILLARCH, Aramis. O paranaense sempre foi metido consigo mesmo. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 10 set. 1982. Caderno Fim de semana, n. 77, p. 3.

celebre regimento ‘Waterloo’ que foi instituído com o resto das forças de Blucher, depois de sua Victoria contra Napoleão I) e uma peça de *destroyer* ‘Thetis’ capitonen da esquadilha inglesa que foi embotelhar o ninho de submarinos allemãs em Zeebrugge; uma pistola lança granada e uma granada de avião. Até agora estamos com 9 espadas e punhaes, todos muito interessantes. Não sei onde irás por toda esta carga que vamos preparando para o teu muzeu. Da censura tenho me preocupado, mas sem obter sucesso. Aqui nunca foi procurado isso porque ninguém se preocupada em colleccionar. Quero ver si em Bruxellas terei mais sorte [...].²⁸⁵

O pai não viveu a tempo de ver onde o filho abrigaria tantos objetos históricos e foi em sua homenagem que David Carneiro denominou o museu que criou, em 1928, de Museu Coronel David Carneiro.

Vimos que de início os esforços se concentraram na aquisição de objetos relacionados a episódios militares, do Cerco da Lapa à Batalha de Waterloo. Mas, o acervo, que atingiu mais de 5.000 peças, também foi composto por quadros (muitos retratos de personalidades paranaenses), esculturas, obras de arte, instrumentos musicais, armaria, indumentária, instrumentos de castigo, ferramentas, utensílios, porcelanas, documentação e numismática.²⁸⁶ Esta diversidade do acervo denota que Carneiro não pretendeu transformar o Museu Coronel David Carneiro em um museu destinado a acolher somente o que remetesse a um determinado tema do passado. Assim explicou:

A formação do acervo não obedeceu a um sistema ou a uma época, ele foi formado do modo mais heterogêneo possível, pois *tudo o que aparecia e tinha um valor histórico era colocado no museu*. Na década de 40, construí está casa em estilo barroco para colocar o acervo.²⁸⁷

O museu, então, é o espaço destinado a cultivar as memórias que estão representadas em tudo que possui “valor histórico”. David Carneiro pretendeu ressaltar no seu museu o que deveria ser preservado do passado, rememorado e vangloriado tanto pela presente quanto pelas futuras gerações. Nesse espaço museológico, onde se ancoram memórias do passado, os laços de pertencimento deveriam ser fortalecidos. É nesta perspectiva que Carneiro instituiu um “lugar de memória”, pois “a razão de ser fundamental de um lugar de memória é deter o tempo, bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas.”²⁸⁸

²⁸⁵ Carta do Coronel David Carneiro a David Carneiro, Ostende, 18 de setembro de 1924, apud CARNEIRO, 1938, p. 136.

²⁸⁶ Cf. CATÁLOGO Museu Coronel David Carneiro. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1940.

²⁸⁷ CARNEIRO apud MARANHÃO, Malu. David Carneiro. *Nicolau*, Curitiba, out. 1988. Pasta David Carneiro. Biblioteca Pública do Paraná, Documentação Paranaense. [sem referência a página], grifo nosso.

²⁸⁸ NORA, 1984, p. XXXII apud DOSSE, François. *A história a prova do tempo*: da história em migalhas ao resgate do sentido. São Paulo: UNESP, 2001, p. 32. A noção de “lugares de memórias” tem como marco a obra *Lieux de mémoire*, concebida e editada por Pierre Nora, que se iniciou em 1984 e foi concluída em 1993. A ideia dos “lugares de memória”, em Pierre Nora, surge em um contexto confuso (esgotamento dos grandes paradigmas explicativos, “aceleração” da história e, no contexto francês, a ameaça de diluição da memória nacional), momento em que, segundo ele, há um “desmoronamento da memória”, pois vivemos em um mundo de constante

Este “lugar de memória” foi projetado pelo filho mais velho de David Carneiro, David Antonio da Silva Carneiro Júnior, e compunha uma área de mais de três mil metros quadrados, dividida entre a residência de David Carneiro, o museu, uma sala de conferências sobre o positivismo, a Capela da Religião da Humanidade e o Instituto de Pesquisas Históricas e Arqueológicas. Anexo ao museu havia um espaço reservado à sua biblioteca constituída por cerca de 30 mil exemplares.²⁸⁹

O Museu Coronel David Carneiro foi mantido por David Carneiro. Pedidos de ajuda governamental não faltaram, mas as promessas de apoio financeiro para a manutenção do museu não eram cumpridas. Reclamava Carneiro,

ninguém se interessa em assumir os encargos que a preservação da memória nacional ou local exigem [...]. Para mim, manter o Museu é algo onerosíssimo. Nunca tive, realmente, ajuda do governo, seja federal, estadual ou municipal, a não ser no período de Ivo Arzua como prefeito de Curitiba. Ele nunca me cobrou imposto, me deu isenção.²⁹⁰

Mesmo sem custeio, o Museu Coronel David Carneiro foi considerado possuidor da maior coleção particular do Estado e uma das maiores do país. Para Carneiro, isto só foi possível graças à “incompetência” da direção do Museu Paranaense.

Para criar e manter o museu foi necessário que o Museu Paranaense não existisse. Existia, mas era em situação latente, não clara. Porque se ele existisse, eu não teria possibilidade de criar museu nenhum. E, por exemplo, uma das partes mais importantes do meu museu é a que diz respeito a resistência da Lapa. Tudo, tudo que eu tenho sobre a resistência da Lapa estaria nas mãos do governo. Mas o Museu do Estado não teve funcionários e diretores que soubessem lutar pelas coisas que estão. Eu, por exemplo, trouxe para o Paraná a espada usada pelo almirante Barroso no dia da Batalha do Riachuelo [contra o Paraguai]. Isso mostra que nem os museus históricos do Brasil trabalharam direito, senão isso não aconteceria.²⁹¹

Fundado em 1876, o Museu Paranaense foi o primeiro do Estado. Ao lado do Museu Nacional, do Museu Paraense Emílio Goeldi e do Museu Paulista, é um dos mais antigos do Brasil. A exemplo destas instituições, o Museu Paranaense foi criado como um museu de história natural. A identidade nacional buscada desde o fim do estatuto colonial teve no museu de história natural um forte aliado, haja vista que cabia a ele reunir e ressaltar a diversidade da

massificação e mediatização. NORA, 1993. É nesta conjuntura que, segundo François Dosse, “Nora apresenta esse interesse novo pela memória e seus lugares como a própria expressão do esgotamento da história, sintoma de um período pró-histórico.” DOSSE, 2001, p. 31-32. No momento memorativo, inaugurado por Nora, a história passa a problematizar a memória, pensada partir de seus efeitos, dos vestígios que perpassam as ações memorizadas e “rememoradas”. NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

²⁸⁹ Essa é a estimativa que forneceu David Carneiro em entrevista ao jornal *O Estado do Paraná*, em 1982.

²⁹⁰ CARNEIRO, 1982 apud MILLARCH, op. cit., p. 3.

²⁹¹ CARNEIRO, 1988 apud ABRÃO, Roseli. Jogo da Verdade. *Correio de Notícias*, Curitiba, p. 4. abr. 1988. Seção Bomdomingo.

fauna e da flora do território nacional. Neste caso, “não teria sentido, para tanto, criar museus históricos, pois não havia, ainda, ‘história nacional’ palatável, não convindo incorporar a história do colonizador.”²⁹²

Conforme os estudos de Ulpiano T. Bezerra de Meneses, os primeiros espaços museológicos propriamente históricos começam a surgir a partir da década de 1920. No caso particular do Museu Paranaense, este processo se iniciou alguns anos antes com a gestão de Romário Martins, entre 1902 e 1928. Neste período, o Museu Paranaense se transformou em um dos espaços de divulgação das ideias paranistas e, por consequência, começou a ter uma feição de museu histórico.²⁹³ Imerso nesta atmosfera de pensar sobre o regional, surge o Museu Coronel David Carneiro que, de certa forma, concorre com o Museu Paranaense na coleta dos objetos de “valor histórico”.

O Museu Coronel David Carneiro foi declarado de utilidade pública por lei estadual, votada em 27 de fevereiro de 1929. Também obteve reconhecimento pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan) quando este escolheu o acervo do museu para compor uma série de publicações de catálogos de museus cujas coleções tinham interesse nacional, ou seja, remetiam a uma “história oficial da nação”.²⁹⁴ Segundo os editores do catálogo,

Fugindo ao critério antiquado de uma coleção rígida e tristonha imobilizada em suas vitrines, tendendo, ao contrário a ser um laboratório contínuo de pesquisas históricas e científicas, o Museu Cel. Davi Carneiro é um órgão vivo de educação e de consulta, que franqueia sua biblioteca especializada aos estudiosos; edita obras de interesse; organiza cursos conferências – constitui, em suma, um centro cultural apreciável e que merece ser conhecido de todo o país.²⁹⁵

O reconhecimento do Sphan fez parte da política de salvaguarda do patrimônio histórico e artístico nacional, conforme promulgação do Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937. Regulamentou-se no decreto que o Sphan, como órgão federal, deveria juntamente com Estados e municípios estimular a instituição de museus dedicados à conservação e exposição de obras históricas e artísticas. Para tal concretização, foram criadas, por exemplo, as superintendências regionais. David Carneiro foi designado para estar à frente

²⁹² MENESSES, Ulpiano T. B. de. Comentário XII: Visões, visualizações e usos do passado. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 15, n.2, p. 120, jul.-dez. 2007.

²⁹³ Sobre a atuação de Romário Martins no Museu Paranaense e o papel que esse espaço museológico desempenhou no debate sobre a identidade regional, entre 1902 e 1928, consultar: CARNEIRO, Cíntia M. S. B. *O Museu Paranaense e Romário Martins: a busca de uma identidade para o Paraná 1902 a 1928*. 2009. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba, 2009.

²⁹⁴ Sobre a criação do Sphan e o projeto de governo de Getúlio Vargas, pode-se consultar: FUNARI, Pedro P. A.; PELEGRINI, Sandra de C. A. *Patrimônio histórico e cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 46.

²⁹⁵ CATÁLOGO Museu Coronel David Carneiro, op. cit., p. 22.

da superintendência da região Sul, que compreendia o Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

Como o principal meio de ação do Sphan era o tombamento, responsável por conferir ou não “valor cultural”, Carneiro passou a listar o patrimônio histórico das três regiões, lembrando que para o tombamento os bens móveis e imóveis deviam se vincular aos “fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico.”²⁹⁶

Seguindo esta linha de raciocínio, foram escolhidos por representar tais “fatos memoriais” do passado nacional, na década de 1940, a Fortaleza de Nossa Senhora dos Prazeres, na Ilha do Mel; o Colégio Jesuítico de Paranaguá; a Casa de Câmara e Cadeira, em Lapa; e a casa do Coronel Joaquim Lacerda, também em Lapa. David Carneiro também participou das primeiras restaurações das ruínas jesuíticas de São Miguel das Missões, no Rio Grande do Sul, e da Igreja Matriz, em Lapa, no Paraná.²⁹⁷

A publicação do catálogo do acervo Museu Coronel David Carneiro pelo Sphan, vinculado ao Ministério da Educação e Saúde, data do mesmo período dos tombamentos no Paraná, o que evidencia que a posição de Carneiro naquela instituição pode ter contribuído para dar credibilidade ao seu museu e, talvez, até mesmo facilitado aquisições – embora tal posição não tenha sido suficiente para que ele conseguisse incentivo financeiro de órgãos públicos.

David Carneiro, além de ter sido o criador e mantenedor de um “lugar de memória”, com o cargo no Sphan participou ativamente na eleição do que deveria ser preservado do passado, contribuindo, assim, para dar visibilidade a bens que deviam remeter o observador aos “fatos memoráveis” da história nacional.

Já em 1929, o museólogo Carneiro defendia que o museu, enquanto instituição social, tinha como dever defender bens patrimoniais, notadamente da região que o abriga. Quando se tratasse de monumentos históricos e artísticos caberia aos administradores dos museus fixarem no local de origem os devidos “dizeres esclarecedores”, ou seja, dar explicações a respeito do surgimento, do fato histórico a que pertenceu, assim como dos “julgamentos” sobre a sua função para a Humanidade. Eis a finalidade do museu para David Carneiro: orientar os trabalhadores e as novas gerações, segundo os preceitos de Augusto Comte.

²⁹⁶ IPHAN. Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=284>>. Acesso em: 23 jul. 2011.

²⁹⁷ Todas estas informações foram dadas por José de La Pastina, superintendente regional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em 1988. PASTINA José de L. apud MEMÓRIA de David. Direção: Berenice Mendes. Produção de Fernando Morini. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1988. 1 DVD.

O David Carneiro museólogo, um ano após a fundação do museu David Carneiro, publicou *Museus*. A obra pretendeu mostrar a importância da constituição de espaços museológicos, ressaltando a sua função social de ensinamento e de instrução do proletariado e também o seu destino de acordo com a ciência positiva. Segundo Carneiro, “de facto, a função atual dos museus é a instrução do proletariado, é de dar-lhe idéa das maravilhas do Mundo em que vive, ou de ligal-o pelo coração atravez da arte ou da tradição histórica, ao passado.”²⁹⁸

O museu cumpre uma função pedagógica, sendo instrumento para concretizar as teses de Comte sobre a incorporação do operariado à sociedade moderna – medida “necessária” para a reorganização da sociedade. Em “tempos anárquicos” era função do museu demonstrar a glória dos heróis por meio da lembrança da defesa de causas justas, tornando presente um passado que ensina pelos exemplos morais.

Se, segundo os pressupostos de Carneiro, o museu deveria dar glórias aos heróis do passado e contribuir para defesa do patrimônio histórico e artístico nacional: que exemplo maior teria o Paraná do que o daqueles homens que se bateram valentemente na sangrenta Revolução Federalista em defesa e honra da República de Floriano Peixoto? A partir desta concepção, Carneiro verá o Cerco da Lapa, episódio da Revolução Federalista, como objeto de investigação privilegiado. Julgará, segundo os preceitos positivistas, qual o papel histórico do conflito e qual o seu significado na trajetória da Humanidade. O evento será tratado por Carneiro em muitas de suas obras, em fases distintas e com objetivos diversos, notamos então em seus textos a retomada da Revolução Federalista, do Cerco da Lapa e seus “heróis”. Foi este tema que despertou em David Carneiro o interesse em criar um museu. Desta forma, necessitamos estudar como David Carneiro museólogo representou a Revolução Federalista no Museu Coronel David Carneiro e qual a relação entre o passado visualizado no museu e o lido em suas obras.

A história no museu

A história do Museu Coronel David Carneiro se confunde com a história contada no museu, pois, embora o acervo possuir objetos de tempos e espaços distintos, voltou-se, sobretudo, para um passado em especial: a Revolução Federalista e o Cerco da Lapa. Desta

²⁹⁸ CARNEIRO, David. *Museus*. Curitiba: João Haupt, 1929, p. 13.

forma, David Carneiro ao criar um “lugar de memória”, o Museu Coronel David Carneiro, instituiu o seu local de produção privilegiado a partir de temas pertencentes ao acervo do museu no qual era diretor.

O acervo do museu integrou as fontes utilizadas nas obras e é recorrente nas produções de Carneiro notas de rodapé que avisam o leitor sobre como encontrar determinada peça de artilharia, espada, uniforme militar, carta, ofício ou jornal no Museu Coronel David Carneiro. Entre os seus livros, os que abordam o episódio do Cerco da Lapa durante a Revolução Federalista no Paraná são os que se sobressaem em relação ao rigor da descrição do cenário. Os objetos expostos no museu “comprovam”, atribuem legitimidade à narrativa que objetivou reconstituir o evento, ao mesmo tempo em que proporcionam ao leitor da sua produção historiográfica uma “visibilidade ao invisível do passado.”²⁹⁹

Essa forma de articulação entre a escrita da história e o que se pode ver do passado disposto nos museus remete a princípios da cultura historicista do século XIX, para a qual “la muséographie de l'histoire s'est définie par la capacité de faire resurgir fidèlement le passé dans le présent et, concurremment, de produire ou de garantir la vérité savante.”³⁰⁰ Nesta perspectiva, o acervo que foi organizado e visualizado no Museu Coronel David Carneiro também foi encontrado nas narrativas de David Carneiro sobre a Revolução Federalista, como elemento que confere “certeza” aquele passado. De tal maneira, a história naquele espaço museológico foi representada segundo as concepções de seu diretor.

Ao pretender “ressurgir o passado no presente”, estabeleceu-se um laço entre as temporalidades, pois “o museu é o acervo de coisas do passado que ficaram resguardadas para que servissem de modelo de incentivo à trabalhos futuros.”³⁰¹ Assim, Carneiro não propôs apenas uma ação contemplativa aos visitantes do museu uma vez que acreditava que o passado interessa ao presente na medida em que ensina, que visa o “agir” no futuro.

E quais seriam os ensinamentos deixados pela Revolução Federalista? Vamos tentar responder esta questão em duas etapas, partindo da produção intelectual de David Carneiro sobre o tema. A primeira etapa de uma possível resposta se refere ao exemplo de lealdade e de ação que “os paranaenses” deram no conflito, servindo o evento para dar *visibilidade nacional*

²⁹⁹ Faço uso da expressão utilizada por Manoel Luiz Salgado Guimarães. Cf. GUIMARÃES, Manoel L. S. Vendo o passado: representação e escrita da história. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 15, n.2, p. 27, jul.-dez. 2007.

³⁰⁰ “a museografia da história foi definida pela capacidade de fazer ressurgir fielmente o passado no presente e, concomitantemente, de produzir ou garantir a verdade erudita.” POULOT, Dominique. Musée d'histoire. In: DELACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick; OFFENSTADT, Nicolas (Org.). *Historiographies: concepts et débats I*. Paris: Gallimard (Folio histoire), 2010, p. 536, tradução nossa.

³⁰¹ CARNEIRO, 1988 apud MEMÓRIA de David, op. cit.

ao Paraná. Carneiro defendeu a ideia de que esse foi o período mais marcante da história paranaense, discordando de Romário Martins e de Francisco Negrão que não o consideraram como ele e Ermelino de Leão. Para eles, “a Revolução Federalista tivera importância capaz de moldar a feição social do nosso Estado.”³⁰² O período que compreende a revolta no Paraná é, para Carneiro, um momento que não deve ser apagado da história, uma época que serve de tema para um estudo social, que, bem ao gosto positivista, “*visa à nossa própria evolução*”.³⁰³

O episódio federalista em si, para Carneiro, é um divisor de águas na história do Estado. É o primeiro movimento nacional de participação militar intensa em seu território, do qual o Paraná deve se orgulhar já que cumpriu o seu papel, pois, apesar de invadido, defendeu a República e foi parte importante para a sua manutenção.

A defesa para tal concepção de Carneiro na historiografia, e que perpassa suas obras, é que a resistência dos defensores do Cerco da Lapa desestabilizou as forças revolucionárias, atrasando a investida sobre São Paulo e dando tempo para que os *pica-paus* se reorganizassem militarmente.³⁰⁴ Em suas palavras:

A história do Cerco da Lapa é simples. O cerco começa no dia 26 de janeiro de 1894 e vai até o dia 11 de fevereiro. Durante esse período morrem os chefes mais importantes uma perda de vidas importantes, e o Paraná mostra que era capaz de assumir um compromisso, realizar historicamente o seu dever.³⁰⁵

Conforme a citação de Carneiro, “vidas importantes” contribuíram para barrar o avanço das tropas revolucionárias comandadas por Gumercindo Saraiva. Aqui reside a segunda etapa de nossa possível resposta. Dentre os diversos personagens denominados de “heróis” por David Carneiro, dois receberam destaque especial, o barão do Serro Azul e o Coronel Antonio Ernesto Gomes Carneiro – ambos teriam ajudado a “salvar” a pátria. O Coronel Gomes Carneiro foi o defensor da Lapa, pois a cidade somente capitulou com a morte deste “bravo”. O barão do Serro Azul é exposto, acima de tudo, como um “herói” paranaense que procurou defender a cidade de Curitiba coletando dinheiro para o “empréstimo de guerra”, que seria entregue aos maragatos para livrar a cidade de tropelias, saques e estupros.

³⁰² CARNEIRO, David. *Rastros de Sangue...* Curitiba: Max Roesner, 1971, p. 5.

³⁰³ Ibid., p. 4, grifo nosso.

³⁰⁴ SÊGA, Rafael A. *Tempos Belicosos: A Revolução Federalista no Paraná e a rearticulação da vida político-administrativa do Estado (1889-1907)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos; CEFET-PR, 2005, p.119. As tropas legalistas “passaram a ser conhecidas como ‘pica-paus’, em razão do uniforme azul e do barrete vermelho.” Já os “maragatos” eram as tropas seguidoras de Gumercindo Saraiva; entre outras explicações, o termo pejorativamente “podia designar ‘pessoa desqualificada’ ou ‘castelhano’ que usava bombacha e tinha fama de desordeiro [...] Para os uruguaios, designava as pessoas oriundas de São José, descendentes dos maragatos espanhóis.” Ibid., p. 99-100.

³⁰⁵ CARNEIRO, 1988 apud ABRÃO, op. cit., p. 4.

David Carneiro utilizou tanto a linguagem historiográfica quanto a ficcional para reavivar e mitificar a memória dos “heróis” barão do Serro Azul e Coronel Gomes Carneiro - exemplos de civismo para as gerações futuras -, contribuindo, assim, para a elaboração e manutenção de elementos importantes do imaginário social paranaense, pois como chamou a atenção Bronislaw Baczko,

É assim que através dos seus imaginários sociais, uma coletividade designa a sua identidade, elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de código de bom comportamento, designadamente através da instalação de modelos formadores tais como o do chefe, o bom súbdito, o guerreiro corajoso, etc.³⁰⁶

Esses “imaginários sociais” pensados por Baczko derivam de memórias de eventos que, por sua vez, podem ser reforçados, legitimados, refutados, (re)lidos e (re)interpretados de acordo com os anseios do presente. Para David Carneiro, a Revolução Federalista é fornecedora de bons exemplos, pois em seus “heróis” os paranaenses poderiam se reconhecer enquanto membros de uma mesma coletividade. Foram eles “os defensores da recém-proclamada República brasileira”.³⁰⁷

O enaltecimento dos “heróis” em suas produções chega a ser um argumento repetitivo, cansativo, todavia, faz parte de uma estratégia de escrita e da visão de mundo positivista. A repetição tem um sentido muito claro em sua produção: inculcar, incentivar crenças comuns, incitar à ação. A repetição existente nas obras de David Carneiro visa à prática de ensino da “memorização”; decorar é um ato de memorizar e, segundo Paul Ricoeur, um exercício de memória. David Carneiro assinala com esta prática uma forma de transmissão de uma memória que se pretende oficial - a memória do Cerco da Lapa e seus “heróis”. Uma memória coletiva legitimada pelo ensino da história é na *compulsão de repetição* que reside *excessos de memória*.³⁰⁸

³⁰⁶ BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: *Enciclopédia Einaudi* (Vol. 05, Anthropos-Homem): Lisboa Imprensa Nacional-Casa da Moeda, s/d., p. 309.

³⁰⁷ Sobre o “imaginário bélico da comunidade sulina”, pode-se ler a dissertação de André Luiz dos Santos Franco, na qual analisa o movimento belicista de 1930 no Sul do Brasil. Cf. FRANCO, André L. dos S. *As armas de outubro: militares e políticos no movimento belicista de 1930 no sul do Brasil*. 2010. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba, 2010.

³⁰⁸ Cf. RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007, p. 92. Publicada por Paul Ricoeur, na França no início do século XXI, *La mémoire, l'histoire, l'oubli*, insere-se no contexto da “problematização da memória através da sua inscrição na história” SILVA, 2002, p. 426. O filósofo parte dos estudos psicanalíticos de Freud, incorporando aos trabalhos da lembrança concepções psicológicas do recalque e do luto, pensando assim nos traumas da memória e do esquecimento. Ao procurar traçar os exercícios da memória inscritos na história, explorando seus usos e abusos, Ricoeur defende uma “política da justa memória” e nos mostra a importância do sujeito nas novas abordagens memoriais.

Na tentativa de manter viva na memória da população paranaense esse “momento ímpar em sua história”, além de procurar tornar visível esse passado no Museu Coronel David Carneiro, nosso personagem publicou diversos artigos e livros.³⁰⁹ A Revolução Federalista foi um dos temas mais estudados por ele, sobre o qual, torna-se referência.

De sua produção destacamos uma obra ficcional, o romance histórico *Rastros de sangue....* Qual seria o sentido desta produção ficcional em meio a tantos escritos historiográficos? Talvez na intenção de explorar o recurso da imaginação nas suas reflexões sobre os acontecimentos – recurso que o discurso historiográfico positivista não reconhecia como reflexão histórica, devido à primazia que dava ao documento histórico – David Carneiro tenha decidido escrever um romance, apropriando-se da linguagem ficcional.

O romance é ambientado na cidade de Curitiba e Lapa e narra os eventos da Revolução Federalista no Paraná a partir do enlace amoroso entre os personagens fictícios Júlia de Castro e seu noivo Carlos Antonio Balster, combatente na região da Lapa junto ao “Exército Nacional Libertador” de Gumercindo Saraiva.³¹⁰

No romance os dados históricos são reconstruídos a partir de uma perspectiva realista, proporcionando um equilíbrio entre a fantasia e a realidade, importante preocupação do romance histórico romântico.³¹¹ No entanto, a liberdade literária de polemizar com os acontecimentos do passado proporciona ao historiador “carregar” a sua obra (a qual denomina de *história romanceada*) de uma atmosfera marcada pelo sentimento de temor, tensão e angústia da população paranaense durante a passagem dos “corrientinos bombachudos” pelo Paraná:

Nenhum período da história do Paraná é tão cheio de angústias quanto o que abrange as semanas entre os fins de Novembro de 1893 e os primeiros dias de 1895, atingindo neste ano o mês de Março. Mas são, sobretudo terríveis os dias que correm entre Janeiro e Junho de 1894.³¹²

Este “período da história do Paraná” foi considerado por David Carneiro tanto em *Rastros de Sangue...* quanto em sua produção historiográfica como um período profundamente amargo, assemelhado, pelas características trágicas, à Revolução Francesa (mesmo o autor fazendo distinções das épocas históricas). Este momento, que não poderia ser

³⁰⁹ Ver em apêndice o demonstrativo da produção de David Carneiro.

³¹⁰ MACHADO, Daiane V.; SEBRIAN, Raphael N. N. Diálogo entre História e Literatura no romance histórico *Rastros de Sangue....*, de David Carneiro. *Revista Tempo, Espaço e Linguagem* (TEL), v.1, n.1, jan.-jul. 2010, p. 61-83.

³¹¹ ESTEVES, Antônio R. *Literatura, história, memória (um tríptico em construção)*. 2006. Tese (Livre-Docência em Literatura Comparada). Faculdade de Ciências e Letras de Assis–UNESP, Assis, 2006, p. 28.

³¹² CARNEIRO, 1971, p. 1.

apagado da história nacional, devia ser ensinado e celebrado. Com este intuito, Carneiro esteve à frente da “Comemoração do Cinquentenário do Cerco da Lapa”.

A comemoração de “uma” memória

Nos anos 1980, no momento do chamado *boom* memorialístico ocorrido na França, Pierre Nora chamou a atenção dos historiadores para o estudo das celebrações (problematizando as deformações e manipulações da memória) ao invés da celebração da nação.³¹³ Um olhar mais crítico em relação às comemorações nacionais passou a aguçar os historiadores.

Eventos nacionais comemorativos são organizados costumeiramente, é o momento de evocação pelo presente de uma memória selecionada do passado. No entanto, a escolha do que comemorar não é um ato ingênuo, pois as datas, os episódios e os personagens são parte de escolhas que se inscrevem nas ambições, expectativas, dúvidas e receios do presente. Como ressaltou Helenice Rodrigues da Silva, “comemorar significa, então, reviver de forma coletiva a memória de um acontecimento considerado como ato fundador, a sacralização dos grandes valores e ideais de uma comunidade constituindo-se no objetivo principal.”³¹⁴ Assim, significadas diversamente pelo presente, as comemorações coletivas visam fortalecer os laços sociais e propõem a uma comunidade o compartilhamento de ideias. É justamente pelos “usos” aos quais as comemorações estão sujeitas que podem ocorrer “abusos” da memória.³¹⁵ Estes foram os pressupostos com os quais buscamos interpretar a “Comemoração do Cinquentenário do Cerco da Lapa”, realizado em 1944, na cidade de Curitiba e Lapa, sob as asas do Governo do Estado do Paraná.

³¹³ NORA, op. cit., p. 14. Cabe aqui uma nota sobre a relação história e memória. Dialogando com a sociologia *durkheimiana* de Maurice Halbwachs, Nora estabelece uma demarcação entre memória e história. Para ele, a história é o fim da memória, pois elas se opõem, a memória está aberta a lembrança e ao esquecimento, é “viva”, manipulável, já a história é uma reconstrução problemática “do que não existe mais”, é racional. NORA, 1993, p. 9. Outra percepção teve Paul Ricoeur. Para o filósofo, a memória (nossa primeira relação com o passado) assim como a história (segunda relação com o passado) também tem pretensão “de ser fiel ao passado”, pois “a ambição veritativa da memória tem títulos que merecem ser reconhecidos antes de denunciarmos as deficiências patológicas e as fraquezas não patológicas da memória.” RICOEUR, 2007, p. 40. Assim, cabe a uma “instância crítica”, pensemos na produção de conhecimento histórico, desmascarar os falsos testemunhos, os usos e abusos da memória. Na perspectiva de Ricoeur, história e memória não são dissociadas, a memória é mais do que objeto da história, parece ser uma de suas “matrizes”. SILVA, 2002, p. 426. Neste trabalho, quando nos referirmos as relações entre história e memória, pautamo-nos nas reflexões de Paul Ricoeur.

³¹⁴ SILVA, Helenice R. da. “Rememoração”/comemoração: as utilizações sociais da memória. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 432, 2002.

³¹⁵ Cf. RICOEUR, Paul. A memória exercitada: uso e abuso. In: _____, op., cit, p. 98-104.

A data escolhida para as festividades cívicas foi de 07 a 11 de fevereiro, dias que simbolizam a “resistência heróica” comandada pelo General Gomes Carneiro na cidade paranaense da Lapa, durante a Revolução Federalista. David Carneiro foi um dos idealizadores da comemoração, ao lado do General Raimundo Sampaio e José Loureiro Fernandes, demais integrantes da Comissão Central dos Festejos.

As lembranças do Cerco da Lapa foram cristalizadas na inauguração de “lugares de memória”: o “Panteon dos Heroes”,³¹⁶ localizado no centro da “Praça Joaquim Lacerda”, nome de um “outro herói” lapeano e combatente legalista; e o “Museu da Revolução Federalista”,³¹⁷ instalado na antiga Casa de Câmara Cadeia.

Fez parte dos festejos, em Curitiba, o “Primeiro Congresso de História da Revolução Federalista de 1894”, cujas apresentações de trabalhos e os debates sobre a Revolução Federalista se realizaram no salão nobre do Palácio da antiga Assembléia Legislativa do Estado.

Convém indagar por que a realização de um “Congresso de História”? Arriscamos uma possível resposta: “atestar” a legitimidade da data comemorada por meio dos estudos apresentados. Participaram do congresso representantes de institutos históricos e demais instituições³¹⁸ que abrigavam os dedicados à escrita da história - não qualquer escrita, mas aquela pautada em documentos e “testemunhos confiáveis”. De tal maneira, os trabalhos deviam seguir “serenas diretrizes e a isenção de partidarismo”.³¹⁹ Os estudos foram orientados a trilhar pela neutralidade, o foco era fazer justiça com a tinta da verdade documental “a todos os brasileiros que, com lealdade, empunharam armas na defesa dos seus ideais políticos”³²⁰ e,

³¹⁶ O “Panteon dos Heroes” é um monumento cívico destinado a “guarda os restos mortais de General Carneiro, Coronel Amintas de Barros Braga, Coronel Dulcídio Pereira, Tenente Coronel Joaquim Resende Corrêa de Lacerda e de outros heróis.” PREFEITURA MUNICIPAL DA LAPA. Disponível em: <http://www.lapa.pr.gov.br/passeio_histo2_rg2007.asp>. Acesso em: 28 jul. 2011.

³¹⁷ O museu era mantido por uma Associação de Amigos e foi desativado em 1952, quando David Carneiro, alegando falta de cuidado com o acervo e precariedade das instalações, incorporou o acervo ao do Museu Coronel David Carneiro, em Curitiba. Tal atitude instalou a controvérsia. Para alguns, foi uma apropriação indevida; em sua defesa, Carneiro costumava declarar que apenas resgatou o que ele mesmo havia doado e que não estava sendo zelado. Cf. CARNEIRO, 1982 apud MILLARCH, op. cit., p. 03.

³¹⁸ O congresso foi organizado sob a tutela do Museu Paranaense, do Instituto Histórico e Geográfico Paranaense e do Círculo de Estudos Bandeirantes. Contou em suas sessões com debates com integrantes do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, dos Institutos de São Paulo, Santa Catarina e Minas Gerais. A Comissão de Honra do Congresso foi composta por representantes políticos e militares: Ministro da Guerra Eurico Gaspar Dutra, Interventores Manoel Ribas e Nerêu Ramos, General Heitor Borges, Comandante da 5ª Região Militar.

³¹⁹ Não foi sem propósito que se suprimiu do título do congresso o termo “federalista”, carregado de teor ideológico, o próprio termo designa uma posição política, ou seja, a tomada de posição partidária.

³²⁰ FERNANDES, Loureiro. Anais do Primeiro Congresso de História da Revolução de 1894. In: PRIMEIRO Congresso de História da Revolução de 1894, 1944, Curitiba. *Anais*. Curitiba: Empresa Gráfica Paranaense, 1944, p. 13.

então, contribuir “para o esclarecimento dos fastos da luta e lançando as luzes necessárias à história do futuro.”³²¹

Estas foram às orientações gerais para os que quiseram apresentar e debater os seus estudos sobre a revolução de 1894. David Carneiro elaborou um texto, o título de seu trabalho foi *Os dois máximos heróis da resistência da Lapa*. Em numerosas laudas Carneiro tratou da atuação civil e militar do General Gomes Carneiro e do Coronel Joaquim Lacerda. Este, exposto como o paranaense que pegou em armas para defender a Lapa, aquele designado pelo Marechal Floriano Peixoto para deter o “Exército Nacional Libertador”.

David Carneiro, em função da organização geral dos festejos, estava na Lapa e não teve oportunidade de apresentar seu estudo. Designou Dr. Saul Lupion de Quadros para apresentar seu texto, estando assim impossibilitado de responder às críticas de José Loureiro Fernandes e Valfrido Piloto. O principal questionamento de ambos foi na equiparação e quase diminuição que David Carneiro fez do General Gomes Carneiro em relação ao Coronel Joaquim Lacerda. Loureiro Fernandes cautelosamente afirmou que David Carneiro “talvez” tenha generalizado ao interpretar a relação de ambos. Já Valfrido Piloto foi mais incisivo, para ele, Carneiro fez um “exagerado panegírico” do Coronel Joaquim Lacerda.

Possivelmente, tal panegírico consiste na tentativa de realçar o papel de um militar paranaense, pois o General Gomes Carneiro era mineiro. O texto de Carneiro, assim como todo o festejo cívico, deixou de rememorar³²² o episódio do fuzilamento do Barão do Serro Azul. O Barão foi vastamente tratado por David Carneiro em seus escritos sobre o tema da revolta, mas, nesta ocasião, o herói civil paranaense esteve ausente.

Segundo a historiografia sobre o tema, com a volta da legalidade, a preocupação do governo foi procurar punir pelo fuzil os que foram coniventes com os revoltosos. No Paraná, o retorno do governo legal foi marcado pela execução de muitas personalidades importantes, principalmente os envolvidos com o “empréstimo de guerra”. Na opinião do historiador Rafael A. Sêga, “o caso mais controvertido do episódio em tela foi o assassinato do empresário Ildefonso Pereira Correia, mais conhecido pelo seu título nobiliárquico, barão do Serro Azul.”³²³

³²¹ SAMPAIO, Raimundo apud FERNANDES, Loureiro. Relatório do Secretário Geral do Congresso comentários dos senhores congressistas, às moções e trabalhos lidos nas sessões. In: PRIMEIRO Congresso de História da Revolução de 1894, op. cit, p. 22.

³²² Segundo Paul Ricoeur, o ato de rememoração é “sempre nosso”, faz parte de uma evocação individual, é o “retorno a consciência despertada de um acontecimento [...]” RICOEUR, 2007, p. 73. Portanto, o termo possui significação distinta de “comemoração”, esta entendida como um “trabalho de construção de uma memória coletiva.” SILVA, 2002, p. 428.

³²³ SÊGA, op. cit., p. 18.

A vingança legalista foi cruenta para os três Estados sulinos da União e só teve um fim oficial com a assinatura do acordo de paz, em 23 de agosto de 1895. A revolução terminou com uma debandada de dez mil maragatos para o Uruguai e um saldo de dez mil mortos, segundo estimativas um tanto otimistas.

Mas, esse passado não foi eleito para ser debatido pelo congresso de história, não fez parte dos festejos gerais, ele foi silenciado. “*Excesso de memória aqui, insuficiência de memória ali*”, na “Comemoração do Cinquentenário do Cerco da Lapa”, celebrou-se uma memória fragmentada, pois a “celebração de um lado, corresponde à execração, do outro.”³²⁴

As comemorações se centraram na “epopéia do Cerco da Lapa” e no seu heróico defensor, General Gomes Carneiro. Na ocasião, comemorou-se o sentimento de “unidade nacional”, o evento rememorado foi a vitória das tropas republicanas em um momento de ameaça à integridade da recém-instituída República.

Nos discursos oficiais pronunciados, ressaltou-se a imagem de um Brasil harmonioso, assentado na moral cristã, dirigido por mãos fortes (Getúlio Vargas) e de convivência pacífica entre as “raças”, pois “não existem raças puras em todo o universo.”³²⁵ Por sua vez, a síntese da “raça” dos brasileiros foi representada na figura do General Gomes Carneiro, que devia ser recordado “sobretudo nesta hora cósmica de subversão de valores e de destruição e aniquilamento de povos e civilizações.”³²⁶

O general foi aclamado como espelho para a juventude que estava assumindo o “imperativo dos compromissos continentais”, ou seja, os que se uniam aos Aliados na Segunda Guerra Mundial. A experiência do passado do acontecimento militar é reinterpretada em função de um novo conflito. O Brasil entrou na guerra e deveria, como país cristão e democrático, contribuir para a “solidariedade continental”. Nas palavras finais do evento, assim discursou Nerêu Ramos, Interventor de Santa Catarina:

Gomes Carneiro! Dorme, “a mão direita de Deus”, como ainda no derradeiro instante o desejaste, o tranqüilo sono da tua glória, abençoado da suave e deliciosa certeza de que *a tua Pátria continua a glória da sua destinação*, sempre rebelde aos imperialismos políticos e econômicos, às doutrinas pagãs de superioridades raciais e às teorias sanguinárias de “espaços vitais” para os eleitos das divindades do Walhalla.³²⁷

³²⁴ RICOEUR, op. cit., p. 92.

³²⁵ GUIMARÃES, Flávio. Discurso proferido na Lapa, em nome do Govêrno do Paraná, pelo Dr. Flávio Guimarães, em 8 de fevereiro de 1944, dando início às comemorações cívicas. In: PRIMEIRO Congresso de História da Revolução de 1894, op. cit., p. 579.

³²⁶ RAMOS, Nerêu. General Gomes Carneiro. Discurso proferido na Lapa, pelo Interventor Federal em Sta. Catarina, Dr. Nerêu Ramos, em 11 de fevereiro de 1944, na solenidade do encerramento das comemorações cívicas. In: PRIMEIRO Congresso de História da Revolução de 1894, op. cit., p. 587.

³²⁷ Ibid., p. 590, grifo nosso.

Foi assim que a comemoração do “Cinqüentenário do Cerco da Lapa”, da qual Carneiro teve voz ativa, foi inscrita naquele presente. Os cinquenta anos da Revolução Federalista foram erigidos em símbolo de “unidade nacional” no momento em que nações se aniquilavam na Segunda Guerra Mundial. A partir desta interpretação, consideramos essa comemoração um exemplo de “usos do passado” por interesses políticos.

A memória escolhida para ser celebrada foi fortificada pela narrativa histórica. Delineia-se assim a história oficial da Revolução Federalista e David Carneiro contribuiu para consolidar esta história oficial por meio da administração de um “lugar de memória”, o Museu Coronel David Carneiro; pela produção ficcional e historiográfica e por celebrações cívicas. Corroborar com esta ideia o fato de duas produções historiográficas sobre o tema terem sido reeditadas.

A obra *O Cerco da Lapa e seus Heróis* foi terminada em 1933, publicada originalmente em 1934 e reeditada em 1991 pela Biblioteca do Exército, no momento da comemoração dos 100 anos da 5ª. Região Militar.³²⁸ Nas palavras do prefaciador (não identificado), o livro trata com fidelidade da “gloriosa epopéia dos Heróis da Lapa”.³²⁹ O mesmo discurso de rememoração de uma “epopeia” está presente na obra *O Paraná e a Revolução Federalista*. Esta obra foi publicada por ocasião das comemorações do “Cinqüentenário do Cerco da Lapa”, pois

pela magnitude do fato histórico rememorado, requeriam, como complemento necessário, a feitura de um livro que, com elevado senso cívico e *amor à verdade*, traduzisse fielmente o objetivo patriótico do eminente titular da pasta da Guerra, Gen. Eurico G. Dutra, quando decidiu realizá-las.³³⁰

O livro foi reeditado pela Secretaria da Cultura e do Esporte do Paraná, em 1982, que reservou parte da tiragem para distribuição à rede estadual de bibliotecas e entidades culturais. Ou seja, a narrativa histórica do episódio federalista que foi celebrada em 1944 foi a mesma eleita para ser ensinada em 1982. Nesta “história ensinada, história aprendida, mas também história celebrada”, estabelece-se, segundo Ricoeur, um pacto temível “entre rememoração, memorização e comemoração.”³³¹

³²⁸ A 5ª Região Militar e 5ª Divisão do Exército abrange os Estados do Paraná e Santa Catarina, atualmente “orgulhosamente denominada ‘Região Heróis da Lapa’ em homenagem aos heróicos feitos daqueles que tombaram no Cerco da Lapa”, como consta em seu “histórico” no site oficial da instituição. HISTÓRICO da 5ªRM-5ªDE. Disponível em: <<http://www.5rm5de.eb.mil.br/>>. Acesso em: 30 jul. 2011.

³²⁹ CARNEIRO, David. *O cerco da Lapa e seus heróis: antecedentes e conseqüências da Revolução Federalista no Paraná*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1991.

³³⁰ SAMPAIO, Raimundo. Introdução. In: CARNEIRO, David. *O Paraná e a revolução federalista*. Curitiba: Secretaria da Cultura e do Esporte, 1982, p.7, grifo nosso.

³³¹ RICOEUR, op. cit., p. 98.

É interessante mencionar que a narrativa histórica com tons de epopeia sobre o Cerco da Lapa, constantemente, vem sendo tema de produções audiovisuais. Podemos citar dois exemplos: o filme *O Preço da Paz* (2003) e a curta metragem *Amor em Tempos de Guerra* (2011), exibida no quadro “Casos e Causos”, programa da RPC TV, emissora paranaense afiliada da Rede Globo.

Encerramos este capítulo com o tema a qual David Carneiro mais se dedicou e pelo qual acabou por se tornar referência. Nossa intenção foi procurar destacar que a atividade de administrador de um “lugar de memória” conferiu destaque à figura de David Carneiro e colaborou para solidificar a sua imagem pública de pesquisador do passado. No espaço do Museu Coronel David Carneiro, fundiram-se a figura do museólogo e a do historiador em torno de um evento fundador, o “Cerco da Lapa”. Foi com a imagem de historiador regional que David Carneiro integrou o evento de comemoração dos cinquenta anos do Cerco da Lapa e colaborou na revista *A Divulgação*, espaço de enunciação de um discurso regional.

Vimos que, tanto ao abordar a Revolução Federalista no Paraná quanto ao escrever seus artigos publicados na revista *A Divulgação*, o “sentimento paranista” de exaltação regional se fez presente em David Carneiro, pois era adequado aos anseios da sociedade curitibana que, na metade do século, ainda almejava “ser grande”.

Diante do exposto, é possível afirmar que, na década de 1950, David Carneiro já era considerado uma “personalidade ilustre” na sociedade em que atuava. Foi justamente neste período que Carneiro ingressou no espaço acadêmico como professor, mas isto já é tema para um próximo capítulo.

CAPÍTULO 4

O “pequeno mundo acadêmico”: os estabelecimentos de ensino

Este lugar deixado em branco ou escondido pela análise
que exorbitou a relação de um sujeito individual com
seu objeto, é uma instituição do saber.

Michel de Certeau ³³²

Passaremos agora a analisar o percurso de David Carneiro como professor, ou seja, inserido no “pequeno mundo acadêmico”. Espaço permeado por regras próprias, por “leis silenciosas”, que constroem os discursos.³³³

4.1 – Embap: por uma Arquitetura de referências históricas

David Carneiro iniciou sua carreira como professor tardiamente, com 44 anos de idade. Em 1943, com o falecimento de sua mãe resolveu deixar a administração da ervateira da família para o irmão Newton Carneiro e passou a se dedicar integralmente “à cultura, como professor, etc.”³³⁴

Carneiro já desenvolvia, poderíamos dizer, o magistério *lato sensu*,³³⁵ isto porque a atividade de ensinar, de defender e disseminar ideias e ideais - algumas características do ofício de professor -, para David Carneiro, era antiga. Ele próprio declarava que em meados de 1930, no espaço do *Centro de Propaganda do Positivismo no Paraná* (CPP), ministrou palestras e promoveu leituras de textos de Augusto Comte, tornando-se professor.³³⁶ Todavia, o CPP não era uma instituição acadêmica, a inserção de Carneiro no meio universitário se daria apenas em 1948. Neste período, Carneiro já detinha prestígio intelectual dos pares e sua produção bibliográfica se avolumava. Continuava ativamente circulando entre significativos

³³² CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: *A escrita da história*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p. 69.

³³³ Cf. CERTEAU, op. cit.

³³⁴ CARNEIRO, 1982 apud MILLARCH, Aramis. O paranaense sempre foi metido consigo mesmo. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 10 set. 1982. Caderno Fim de semana, n. 77, p. 03.

³³⁵ Frase escrita a partir de anotação feita pelo Prof. Dr. Carlos Eduardo Vieira em banca de qualificação no dia 21 de outubro de 2011.

³³⁶ CARNEIRO apud MEMÓRIAS de David Carneiro. *Ligação Interna*, Curitiba, mai. 1986. Pasta David Carneiro. Biblioteca Pública do Paraná, Documentação Paranaense. [sem referência a página].

espaços de sociabilidade, *Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense* (IHGEP), *Centro de Letras do Paraná* (CLP) e *Academia Paranaense de Letras* (APL), além de ser o proprietário de um museu, o Museu Coronel David Carneiro. Tais espaços de sociabilidade e a sua produção temática parecem confirmar o destaque do David Carneiro historiador. No entanto, foi com os atributos de sua formação como engenheiro que assumiu a cadeira de “Arquitetura Analítica” na Escola de Música e Belas Artes do Paraná (Embap), inserindo-se assim no meio acadêmico. Pretendemos, então, analisar quais foram os princípios que embasaram o ensino ministrado por David Carneiro na Embap.

A carreira docente de David Carneiro se iniciou como um dos professores fundadores de uma nova instituição de ensino em Curitiba. A Embap foi idealizada, em 1947, pela Sociedade de Cultura Artística Brasília Itiberê e contou com o apoio da APL, do CLP, do Círculo de Estudos Bandeirantes, do Centro Feminino de Cultura, da Sociedade de Amigos de Alfredo Andersen, do Instituto de Educação e do Colégio Estadual do Paraná.³³⁷ Como se nota, houve a mobilização das principais instituições culturais e educacionais de Curitiba. Com direção de Fernando Corrêa de Azevedo, a Embap inicia suas atividades em 1948.³³⁸

De acordo com o *Regulamento* da instituição, compunha o quadro dos professores fundadores:

ESTANISLAU TRAPLE, da Cadeira de Desenho do Gesso e do Natural; OSWALD LOPES, da Cadeira de Modelagem; GUIDO VIARO, da Cadeira de Composição Decorativa; OSVALDO PILOTTO, da Cadeira de Geometria Descritiva; WALDEMAR CURT FREYSSLEBEN, da Cadeira de Perspectiva e Sombra; FREDERICO LANGE DE MORRETES, da Cadeira de Anatomia e Fisiologia; ARTHUR NÍSIO, da Cadeira de Desenho do Modelo Vivo; DAVID ANTÔNIO DA SILVA CARNEIRO, da Cadeira de Arquitetura Analítica; ERASMO PILOTTO, da Cadeira de História da Arte e Estética; THEODORO DE BONA, da Cadeira de Pintura; ERBO STENZEL, da Cadeira de Escultura; JOSÉ PEÓN, da Cadeira de Gravura.³³⁹

Inserido no meio acadêmico, foi com a posição de catedrático de “Arquitetura Analítica” que David Carneiro, em 1949, presidiu o júri que tinha como missão escolher o projeto arquitetônico de reconstrução do Teatro Guaíra,³⁴⁰ que havia sido demolido na década

³³⁷ SALTURI, Luis Afonso. *Frederico Lange de Morretes, liberdade dentro de limites: trajetória do artista-cientista*. 2007. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Paraná - UFPR, Curitiba, 2007, p. 40.

³³⁸ Foi somente em 1949 que a Embap recebeu status oficial de “instituto autônomo”, conforme Decreto Estadual Lei nº. 259. SELEÇÃO Cronológica de Leis, Decretos e Regulamentos do Paraná (1853 – 2002). Disponível em: <<http://www.arquivopublico.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=7>>. Acesso em: 21 ago. 2011.

³³⁹ EMBAP, 1948, p. 12 apud SALTURI, op. cit., p. 42.

³⁴⁰ A Comissão Julgadora era composta por: Raul de Azevedo Macedo, diretor do Departamento de Edificação da Secretaria de Viação e Obras Públicas; Dr. Ernesto Guimarães Máximo, arquiteto formado pela Escola Nacional de Arquitetura; Dr. Ildefonso Clemente Puppi, professor de Arquitetura da Faculdade de Engenharia da Universidade do Paraná; Dr. Alberto Pinto de Almeida, designado representante do Instituto de Engenharia e Dr.

de 1930. Como não existem registros que David Carneiro tenha se pronunciado sobre sua experiência como professor na Embap e como não tivemos acesso a qualquer material de sua atividade docente - cadernos e anotações de aula -, priorizamos o debate que ocorreu na ocasião da escolha do estilo arquitetônico do novo teatro para tentarmos compreender quais foram os fundamentos que nortearam o ensino da disciplina que David Carneiro ministrou.

A reconstrução do Teatro Guaíra fez parte do conjunto de obras públicas denominado de Obras do Centenário, planejadas no governador Bento Munhoz da Rocha Netto (1951-1954). Tal como a construção do Centro Cívico e da Biblioteca Pública, desejava-se que o novo teatro fosse sinônimo do progresso cultural do Estado, no momento em que se preparava para comemorar os seus cem anos de emancipação política, em 1953.

Foi com essa responsabilidade que David Carneiro presidiu o júri que classificou em primeiro lugar o projeto “Sobriedade” de tendência *art déco*.³⁴¹ A escolha do projeto logo mobilizou uma resposta que foi manifestada, no jornal *Gazeta do Povo*, por Corrêa de Azevedo, diretor da Empab e integrante do júri. Segundo Corrêa de Azevedo, o projeto que devia ser executado era o terceiro colocado, o “Alceste” de Rubens Meister, pois era

Um projeto influenciado pelas cascas de concreto da Pampulha, pelo paulistano Teatro Cultura Artística (de Rino Levi) e, mais explicitamente, pelos projetos não construídos com que Corbusier e Pierre Jeanneret se inscreveram nos concursos do Palácio dos Soviets (Moscou, 1931) e do Edifício da Liga das Nações (Genebra, 1927).³⁴²

Nas páginas da *Gazeta do Povo*, Corrêa de Azevedo deixou clara sua posição de defesa pela “nova arquitetura”. Uma arquitetura preocupada, primeiramente, em resolver questões técnicas e marcada pela sua originalidade, ou seja, inscrita no seu tempo. Segundo sua percepção,

não se pode conceber que construamos hoje imitando o que os gregos fizeram na antiguidade helênica, os romanos, os renascentistas, os artistas de outras eras. Triste

Frederico Branbilla, engenheiro do Estado em função na Secretaria de Viação e Obras Públicas. DUDEQUE, Irã J. T. *Espirais de madeira: uma história da arquitetura de Curitiba*. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP, 2001, p. 418.

³⁴¹ O termo *art déco* remete à Exposição Internacional de Artes Decorativas e Industriais Modernas que aconteceu em Paris, no ano de 1925. Sinteticamente, “o aspecto inovador da arquitetura *art déco* situa-se na freqüente simplificação geometrizar de seus elementos decorativos e na diversificação e atualização de suas fontes de influência ornamental. Sob o último aspecto, incorporou referências à máquina, às vanguardas artísticas, a manifestações de arte primitiva e de arquiteturas da Antiguidade, assim como o uso cenográfico da luz artificial. [...] No Brasil, temas da arte marajoara foram mobilizados na ornamentação de interiores e exteriores de tendências *déco*.” CORREIA, 2008, p. 50. Divulgada no Brasil a partir da década de 1930, em Curitiba entre os professores da disciplina de arquitetura do curso de Engenharia da UFPR o estilo *art déco* não era plenamente aceito e seus contornos ainda eram imprecisos. Todavia, devido suas formas elegantes e elementos decorativos acabou por cair no gosto das elites. Segundo Irã José Taborda Dudeque, a arquitetura residencial de Curitiba em meados de 1940 oscilava entre o “*art-déco*, o estilo *missões espanholas*, o estilo neocolonial ou alguma outra variação.” DUDEQUE, 2001, p. 133, grifos do autor.

³⁴² DUDEQUE, op. cit., p. 139.

atestado estaríamos dando da nossa falta de imaginação, espírito e imitação e incapacidade criadora.”³⁴³

Esta citação demonstra justamente o contrário das concepções arquitetônicas de David Carneiro. Em 1928, na revista *Ilustração Paranaense*, a mais importante porta-voz do Movimento Paranista, Carneiro teceu considerações sobre o que seria o estilo brasileiro, o estilo colonial.³⁴⁴

Para David Carneiro, a arquitetura devia estar intrinsecamente relacionada à história dos povos. Em *O Estylo Colonial no Brasil*, traçou cronologicamente a relação entre o estilo arquitetônico, vitoriosas batalhas e o ideal religioso para a caracterização do que devia ser o estilo arquitetônico de um povo.

O estylo de architectura são geralmente creados quasi inconscientemente pelos architetos dos diferentes paizes que são concebidos da sua gloria, no auge do seu domínio, e ardoroso no seu credo. [...] Desde o Egypto, as manifestações architectonicas monumentaes são como que cristalisações de gosto em monumentos comemorativos das grandes batalhas vencidas, e agradecimento aos deuzes por ellas.³⁴⁵

A arquitetura, então, foi concebida como símbolo de glória, capaz de identificar e caracterizar as conquistas das civilizações. Caso controverso foi o que se passou no “Novo Mundo”. Segundo Carneiro, entre a glória das grandes navegações, da Companhia de Jesus e o decadentismo dos ardores religiosos, os jesuítas “tiveram a glória de instituir um estylo. [...] Mas afinal, estylo, e característico, hoje elle vem resurgindo no Brasil, e se vae fixando renovado.”³⁴⁶ Pois bem, o estilo brasileiro de “brilhante futuro estético” devia derivar deste estilo colonial jesuítico, ou seja, a arquitetura precisava estar alicerçada em *referências históricas*.

A questão da estética positivista também deve ser ponderada. Para Augusto Comte, as artes de modo geral, incluindo aquelas das “formas” como a arquitetura, “deve nos tornar sensíveis à unidade humana”. Entre suas funções está a de vivificar a comunidade à qual se pertence exaltando seu passado, o progresso material, intelectual e moral.³⁴⁷

“Conservador convicto”,³⁴⁸ parece claro que David Carneiro recusaria a vitória de um projeto arquitetônico cujos traços não figuravam em manuais de arte e não reforçavam as

³⁴³ DE AZEVEDO, 1949 apud DUDEQUE, op. cit., p. 417.

³⁴⁴ CARNEIRO, David. *O Estylo Colonial no Brasil*. In: DUDEQUE, op. cit., p. 409-411.

³⁴⁵ Ibid., p. 409-410.

³⁴⁶ Ibid., 411.

³⁴⁷ FÉDI, Laurent. *Comte*. Tradução Mauro Pinheiro. São Paulo: Estação Liberdade, 2008, p. 158.

³⁴⁸ Dudeque enfaticamente caracteriza David Carneiro como “conservador convicto” e “chefe dos positivistas”. Cf. DUDEQUE, op. cit.

raízes históricas do passado português. Estes foram os princípios básicos com os quais David Carneiro se posicionou em relação à eleição do projeto para reconstrução do Teatro Guairá. Assim, acreditamos que esses mesmos princípios tenham norteado o ensino da disciplina de “Arquitetura Analítica” na Embap.³⁴⁹

Ainda sobre o impasse que a reconstrução do teatro gerou, é interessante frisarmos que estamos diante de duas formas de compreender a finalidade de uma construção que objetivava proporcionar visibilidade para a capital do Paraná em um momento comemorativo. Embora David Carneiro e Corrêa de Azevedo representassem a mesma instituição, suas opiniões eram divergentes e servem para assinalar o debate entre as “grandezas históricas e gosto conservador”, ou “clássico” e o “início do reconhecimento de uma arquitetura moderna”.³⁵⁰

O “estilo moderno” na arquitetura era referência direta do arquiteto suíço naturalizado francês, Le Corbusier. No Brasil, foi o arquiteto Oscar Niemeyer o principal responsável pela difusão dos ensinamentos corbusianos.³⁵¹ O próprio Le Corbusier esteve no país e compôs a equipe responsável pelo projeto do edifício do Ministério da Educação e Saúde Pública (MESP), no Rio de Janeiro. Concluído em 1947, o edifício passou a ser considerado um dos símbolos da arquitetura dita “moderna” brasileira. É deste mesmo período o projeto de Niemeyer em Belo Horizonte, o Conjunto Arquitetônico da Pampulha.

Na capital paranaense, as opiniões sobre as citadas construções “modernas” oscilavam entre admiração, estranhamento e desconhecimento, pois as notícias tanto técnicas como elogiosas ou críticas ainda eram poucas e esparsas.

O diretor da Embap naquela época, Corrêa de Azevedo, apoiava-se no nome do arquiteto Oscar Niemeyer e fazia referências às construções acima citadas. Essas foram vistas por Corrêa de Azevedo como símbolos de uma arquitetura original, funcional, e não mera cópia de algum estilo estrangeiro consagrado.

O arquiteto e historiador Irã José Taborda Dudeque sintetizou muito bem o posicionamento de David Carneiro e Corrêa de Azevedo:

David Carneiro acreditava que a arquitetura derivada dos ensinamentos corbusianos era um modismo passageiro, e que era *feia*, pois não estava catalogada nos manuais correntes de estética. Corrêa de Azevedo respondia que não interessava se era *bonita* ou *feia*. Interessava que a arquitetura devia ser o retrato de uma época, demarcando o período de construção da obra para os homens do futuro.³⁵²

³⁴⁹ Fernando Carneiro, filho de David Carneiro, seguiu os passos do pai. Como professor de “História da Arte” do curso de Arquitetura da UFPR, entre 1960 e 1990, “aplicaria o mesmo ideário à disciplina.” DUDEQUE, op. cit., p. 409.

³⁵⁰ Faço uso dos termos utilizados por Dudeque. Cf. DUDEQUE, op. cit., p. 137.

³⁵¹ Ibid., p. 137.

³⁵² DUDEQUE, op. cit., p. 140.

Por fim, o projeto executado foi o “feio”. David Carneiro saiu derrotado. O governador Bento Munhoz, em 1952, preocupado em inscrever o Paraná no cenário nacional com construções arrojadas, optou por executar o projeto premiado em terceiro lugar e tão calorosamente defendido por Corrêa de Azevedo, o “Alceste” de Rubens Meister.³⁵³

Segundo Dudeque, David Carneiro no discurso de inauguração do Teatro Guaíra, em 1974, continuou defendendo que a escolha do projeto executado foi um equívoco.³⁵⁴ Carneiro foi convidado a escrever a *Pequena história do Teatro Guaíra* por ocasião do centenário do teatro, em 1984. Estranhamente, apenas se ateu aos dados históricos referentes à reconstrução do espaço e não fez qualquer apreciação desfavorável ao projeto dito “moderno” de Rubens Meister.³⁵⁵ Contudo, neste mesmo texto, David Carneiro ao afirmar que o teatro é “instrumento de cultura” aponta que o Teatro Guaíra não estava cumprindo o seu papel, pois observava que “a frequência do povo ao velho Guaíra era muito mais universal (i.é. de todas as camadas do povo) do que o moderno Guaíra é.”³⁵⁶ Talvez resida nesta sua frase uma crítica velada à construção, que de “tão moderna” não encontrou aceitação entre todas as esferas sociais justamente pelo estranhamento.

Como tentamos mostrar, David Carneiro como docente de “Arquitetura Analítica” na Escola de Música e Belas Artes do Paraná (Embap) fez vista grossa a arquitetura dita “moderna” dos anos 1950. Este seu posicionamento se deve ao ideário defendido: a arquitetura precisava estar alicerçada em *referências históricas*. Isto evidencia que a preocupação com a manutenção das raízes históricas, a partir do entrelaçamento entre passado e presente que encontramos nas obras historiográficas de David Carneiro, também esteve presente nas atividades desenvolvidas em outras áreas do conhecimento.

Da disciplina de “Arquitetura Analítica” David Carneiro passou para a de “Evolução da Conjuntura Econômica”. Trata-se de um episódio significativo em sua carreira docente, uma vez que foi como professor da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Paraná (UFPR) que Carneiro extrapolou o universo acadêmico regional.

³⁵³ Ibid., p. 164.

³⁵⁴ Ibid., p. 409.

³⁵⁵ CARNEIRO, David. *Pequena história do Teatro Guaíra*. In: *TEATRO Guaíra, 1884 100 anos 1984*. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte – Fundação Teatro Guaíra – MEC/INACEN, 1984, s/p.

³⁵⁶ Ibid., s/p.

4.2 – UFPR: Entre a História e a Economia

O curso de Economia da Universidade Federal do Paraná (UFPR) foi criado em 1949. Como professor convidado, David Carneiro ministrou aulas na instituição desde 1951. As datas citadas merecem nossa atenção, pois estamos em um contexto de institucionalização e autonomia da graduação em Economia.

Embora já existissem cursos em instituições de ensino privadas, foi em 1946, na Universidade do Brasil, que surgiu o primeiro Curso de Economia integrado a um sistema universitário. O currículo também assumiu um padrão no país.³⁵⁷

A lei de regulamentação da profissão de economista (1951) foi fruto deste período. O reconhecimento da profissão assinala a importância que o economista vinha adquirindo em uma conjuntura cujas palavras “desenvolvimento” e “planejamento” gozavam de forte significação para a administração pública. Diva Benevides Pinho nos situa neste contexto:

Concomitantemente, por volta de 1955, começou a se difundir no Brasil uma espécie de *euforia*, nacionalista-desenvolvimentista, acompanhada de crescente aparelhamento do Estado como planejador. E, nessa tarefa de se equipar para promover o planejamento e a execução de planos setoriais, regionais ou globais de desenvolvimento, pressentia-se a tendência de aumento da demanda de economistas por parte dos governos da Federação, dos estados e dos municípios.³⁵⁸

Em um cenário de valorização do saber técnico, o objetivo do ensino da economia parecia ser, sobretudo, formar quadros para impulsionar a transformação, diga-se desenvolvimento, da sociedade.

Foi nesta ocasião que David Carneiro passou de professor contratado à cátedra na Faculdade de Ciência Econômicas da UFPR. É o seu trajeto como docente desta instituição que passaremos a estudar. A exemplo da análise que nos propusemos a fazer da passagem de David Carneiro como professor da Embap, aqui também tentaremos mapear os princípios que embasaram o ensino que ele ministrou. Para tanto, inicialmente, abordaremos a sua produção bibliográfica voltada para a conquista da Cátedra de Evolução da Conjuntura Econômica.

Como quem parecia estar efetivamente começando uma carreira docente, David Carneiro, no início do texto que apresentou como tese, ressaltou com orgulho o fato de aos 50 anos de idade se tornar professor como os seus filhos. Em 1955, com a aprovação da tese *Dos ciclos irreversíveis em cicloecônomoграфия*, Carneiro passou a ser oficialmente catedrático da

³⁵⁷ Cf. SOUZA, Nali de J. O economista: a história da profissão no Brasil. *Análise*, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 377-383, jul.-dez. 2006.

³⁵⁸ PINHO, Diva B. Economia política e a História das doutrinas econômicas. *Estudos Avançados*, 8(22), p. 326-327, 1994, grifo da autora.

maior instituição de ensino do seu Estado. Compete, então, explorarmos em que consistiu a sua tese e quais foram as ideias defendidas.

Nessa guinada à economia, é interessante destacarmos a quem voltaremos: Augusto Comte. O ponto de partida de David Carneiro foi a expressão de Comte: “saber para prever” e “prever para prover ou poder.”³⁵⁹ A diretriz científica dos chamados ciclos econômicos foi assim explicada:

Através do estabelecimento de gráficos que se regem como senoides, harmônicos simples ou harmônicos amortecidos, forma (por analogia com fenômenos menos complexos) idéia da evolução econômica, podendo-se prever até certo ponto, em condições previamente estabelecidas, que posição – uma produção, produções diversas ou elementos conjunturais quaisquer – podem ocupar dentro de um certo tempo.³⁶⁰

A ideia norteadora da tese foi a pertinência do estudo das crises, oscilações, depressões, recessos. Segundo Carneiro, estes podem ser decompostos cientificamente, representados em gráficos. Cabe ao economista fazer a leitura dos fatos, analisar a conjuntura na qual se originou a crise para, assim, planejar políticas econômicas para o futuro.

Para o professor, a ideia de que a evolução humana pode ser representada graficamente foi posta por Comte. Ou seja, o “mestre” já havia mostrado que é necessário conhecer a evolução humana para evitar os efeitos das decaídas. Então, a Comte se deve, “a primeira ideia de que a evolução humana é em forma senoidal, não circular nem oscilatória, e que essa evolução progressiva é desenvolvimento natural da ordem correspondente.”³⁶¹

Carneiro, então, argumentou que o uso do termo “ciclo econômico” não era o mais adequado, pois a curva representativa é a senóide e não a cicloide. Posto isto, explicou o alcance do neologismo “cicloeconomografia”, que propôs para a cadeira que estava ensinando: “a cicloeconomografia visa sempre a possibilidade de atenuar os efeitos de crises previsíveis, evitando que as depressões (impossíveis de impedir-se de forma completa) tenham as características desastrosas que lhe conhecem.”³⁶² A economia foi entendida como fornecedora de “leis”, que aplicadas numa direção eficiente e racional, são capazes de, no mínimo, amenizar os efeitos das “crises”.

David Carneiro, nas primeiras linhas de seu texto, enfatizou a dificuldade de bibliográfica sobre o assunto que lecionava e o pouco tempo que teve para a escrita da sua tese. Estes argumentos servem para justificar a confecção de um “apanhado geral” da teoria dos ciclos econômicos. Tanto no transcorrer do texto quanto nas referências ao final, notamos

³⁵⁹ CARNEIRO, David. *Dos ciclos irreversíveis em cicloecônomografia*. Curitiba: UFPR, 1955, p. 14.

³⁶⁰ Ibid., p. 14.

³⁶¹ Ibid., p. 25.

³⁶² Ibid., p. 31.

que os diálogos não foram muitos. Os principais autores citados foram: Condorcet, Descartes, Ortega y Gasset, Pièrre Laffitte, Adam Smith, Benjamin Franklin, David Hume e Karl Marx. A maioria na língua original. São poucos os brasileiros abordados e o mais representativo em relação ao pensamento econômico nacional é Simonsen.

Roberto Crochrane Simonsen (1889-1948) teve múltiplas atividades, foi industrial, engenheiro, economista, professor, historiador. Esteve entre os fundadores da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo.³⁶³ A obra que David Carneiro citou, *História Econômica do Brasil*, publicada em 1937, também foi escrita para o ensino. Na introdução Simonsen, como David Carneiro, enfatizou a dificuldade da cadeira que estava assumindo na Escola Livre de Sociologia. Simonsen lecionava *História da Economia Nacional*.

Entre os objetivos da obra de Simonsen estava o de “indagar a origem dos muitos entraves que dificultaram, e dificultam, nossa evolução progressista”.³⁶⁴ Encontramos em Simonsen tanto o pensamento evolucionista e progressista quanto a crença no desenvolvimento econômico por meio da ciência, neste caso: aplicação da ciência na industrialização do país. Segundo a tese de Fábio Maza,

Isto pode ser observado em sua preocupação constante de estudar o meio em que os homens atuavam, buscando descobrir leis que regessem a dinâmica da sociedade ou a ‘lógica’ da natureza. Para Simonsen, a economia movia-se por leis naturais e o papel técnico seria o de descobrir estas leis para melhor servir à indústria.³⁶⁵

É possível afirmar que David Carneiro encontrou em Simonsen um ótimo interlocutor. Ambos se direcionaram ao ensino com aportes do evolucionismo e do positivismo.

A tese de Carneiro, como já observamos, foi um “apanhado geral”, então, não encontramos muitas reflexões sobre a questão nacional. No que diz respeito à interpretação da economia do país e a direção que deveria seguir, Carneiro não se aventurou na produção de grandes obras analíticas, como fez Simonsen. Talvez a sua principal interpretação da “evolução brasileira” esteja no último capítulo da obra *Cicloeconomia*, no texto intitulado “Formação da Economia Brasileira”.

Neste capítulo de poucas páginas, Carneiro fez considerações sobre os “lastimáveis” e históricos ciclos econômicos do açúcar, ouro, borracha, mate e café. Como Simonsen, David

³⁶³ Nas palavras de Simonsen, a Escola Livre de Sociologia e Política nasceu nos conturbados anos 1930 para formar as “elites”, fazer aflorar as noções de política, sociologia e economia, “despertando e criando uma consciência nacional, capaz de orientar a administração pública, de acordo com a realidade do nosso meio [...]”. SIMONSEN, Roberto C. *História Econômica do Brasil (1500/1820)*. 5. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967, p. 19.

³⁶⁴ Ibid., p.34.

³⁶⁵ MAZA, Fábio. *O Idealismo Prático de Roberto Simonsen*. Ciência, Tecnologia e Indústria na Construção da Nação. 2002. Tese (Doutorado em História). Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, 2002, p. 5-6.

Carneiro enfatizou a dificuldade que o meio impôs à ação progressista e civilizatória dos brancos, pois foi pelas condições anímicas do *índio* que houve necessidade de importação dos braços *africanos* ainda incultos.³⁶⁶

Além do determinismo geográfico contido nas análises dos dois professores de Economia, há também o compartilhamento do caminho econômico a seguir: investimento em industrialização. Situado por alguns autores entre o “pensamento político moderno-conservador”, a principal defesa de Simonsen foi a modernização do país por meio da industrialização.³⁶⁷ Para tanto, ele compreendia como necessária a intervenção moderada do Estado na economia.

Pactuando com os ideais de Simonsen, David Carneiro, avaliando a década de 1950, acreditava que o Brasil estava no caminho certo, pois dizia ele:

a única atitude razoável será aceitar a inevitabilidade do nosso esforço de industrialização, e jogar todo o capital disponível e tôdas as dívidas existentes à realização desse objetivo, comprimindo, quanto possível, o consumo interno (a fim de liberar poupança) e evitando as importações desnecessárias.³⁶⁸

Para Carneiro, criticando as lideranças nacionais, se o Estado como regulador do mercado exigia medidas de austeridade, a nação ainda estava à espera de uma mão forte capaz de indicar “o caminho do dever”.³⁶⁹

Se podemos encontrar continuidade do diálogo que David Carneiro estabeleceu com Roberto C. Simonsen tanto na tese como em *Cicloeconomia*, há, por outro lado, nesta última obra, um aumento significativo de referências bibliográficas sobre a teoria econômica, com destaque para um autor: John Maynard Keynes (1883-1946).

Keynes, “o grande economista”

Se entre os nossos objetivos está o de tentar compreender os princípios que nortearam a disciplina ministrada por David Carneiro, identificando, além dos diálogos teóricos e

³⁶⁶ CARNEIRO, David. *Cicloeconomia*. Curitiba: Universidade do Paraná. Faculdade de Ciências Econômicas, 1958, p. 229. Este trecho evidencia o diálogo de Carneiro com Simonsen: “Deparando um meio pouco atraente ao elemento europeu, e adstrito a produções tropicais, para aqui trouxeram uma grande massa de população africana, que se reuniu à população autóctone, povo primitivo, ainda na idade da pedra polida. Com tais elementos, o diminuto contingente de brancos formou uma civilização inteiramente nova, em ambiente reconhecidamente difícil.” SIMONSEN, op. cit., p. 33.

³⁶⁷ Cf. ROMPATTO, Maurílio. A Obra de Roberto Simonsen na Historiografia Brasileira: Elogios & Críticas. In: CONGRESSO Internacional de História, 5, 2011, Maringá. *Anais...* Maringá: UEM, 2011, p. 1126-1137.

³⁶⁸ CARNEIRO, 1958, p. 239.

³⁶⁹ Ibid., p. 240.

temáticos, algumas das ideias disseminadas aos seus alunos, a obra *Cicloeconomia* nos fornece algumas pistas.

Na apresentação do livro, Ulysses de Campos, diretor da Faculdade de Ciências Econômicas, enfatizou a escassa bibliografia existente em nível nacional sobre assuntos econômicos e, principalmente, sobre a cadeira de Evolução da Conjuntura Econômica, “daí a sugestão que levamos a público, com o nosso exemplo de que cada falha de texto curricular seja preenchida com uma realização bibliográfica inerente à matéria”.³⁷⁰ Desta maneira, acreditamos que a obra pode ser considerada como expressão de sua prática de ensino em sala de aula.

Publicada em 1958, três anos após a defesa de *Dos ciclos irreversíveis em cicloecônomoграфия*, é notável em *Cicloeconomia* a ampliação do referencial bibliográfico e a filiação as teorias keynesianas.

John Maynard Keynes, o insigne aluno da Universidade de Cambridge, na Inglaterra, desenvolveu uma nova Teoria Econômica para por fim às crises cíclicas do capitalismo e, concomitantemente, apontar uma alternativa ao liberalismo clássico. Seu pensamento econômico de intervenção do Estado na economia passou a ser amplamente divulgado a partir da chamada “crise de 1929”. Como tentativa de superação desta crise, que abalou o capitalismo internacional, sob o comando Franklin Roosevelt, foi elaborada nos Estados Unidos a política do *New Deal*, inspirada nos princípios intervencionistas e reguladores de Keynes. Sabemos o quanto a balança comercial econômica brasileira foi afetada pela crise. Juntamente com a ação de queima dos estoques de café destinados à exportação, ordenada pelo governo de Getúlio Vargas, iniciou-se no país a política de intervenção estatal e substituição das importações. A direção adotada pelo governo assinala a presença do keynesianismo no plano político-econômico nacional pós 1930.³⁷¹

Porém, as ideias keynesianas tiveram maior repercussão por volta de 1940-1950, após a marcada presença na fundamentação das teses defendidas pela Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL). Nesta direção, aponta-se que,

O estruturalismo cepalino foi uma adaptação do keynesianismo, não apenas para as condições regionais da América Latina mas, principalmente, para a problemática do subdesenvolvimento, como, aliás, também se fazia em outros importantes centros difusores do pensamento keynesiano em países em desenvolvimento, como na Índia.³⁷²

³⁷⁰ CAMPOS, Ulisses de apud CARNEIRO, 1958, p.7.

³⁷¹ BERNARDES, Denis A. de M. A *Erva Vargas acabou?* Disponível em: <www.fundaj.gov.br/licitacao/texto_denis.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2012.

³⁷² CARVALHO, Fernando J. C. de. Keynes e o Brasil. *Economia e Sociedade*, Campinas, v. 17, n. especial, p. 571, dez. 2008.

Para os cepalinos, a superação do subdesenvolvimento latino-americano deveria passar pela industrialização planejada, ou seja, apoiada pela ação do Estado. Percebemos que esta ideia vai ao encontro do que Simonsen já vinha debatendo desde os 1930.

Raúl Prebisch, o mais destacado nome da CEPAL, costuma ser apontando como um dos principais leitores de Keynes. Sua obra *Introducción a Keynes* (1947) está presente em *Cicloeconomia*. É possível que David Carneiro tenha tido conhecimento do escrito em virtude de sua estadia em Santiago, no Chile, onde se localizava o escritório da CEPAL. Em 1952, momento de auge das ideias cepalinas, Carneiro lecionou “Filosofia Prévia ao Desenvolvimento das Ciências” e “História do Brasil”, na Universidade de Santiago.

Além desta significativa menção a obra de Prebisch, encontramos em *Cicloeconomia* textos de colegas de Keynes em Cambridge e de alguns dos principais discípulos. Entre eles: R. F. Harrod, R. G. Hawtrey, Paul A. Samuelson, Alain Barrère; Dillard Dudley e Alvin H. Hansen. Este último foi o divulgador da obra de Keynes em Harvard, meio acadêmico no qual Keynes teve grande aceitação.

Outras obras importantes compõem *Cicloeconomia*, são elas: *A economia brasileira* (1954) e *Uma economia dependente* (1956). As duas foram escritas por Celso Furtado, apontado como um dos expoentes do pensamento keynesiano no Brasil e difusor da teoria estruturalista do subdesenvolvimento elaborado pela CEPAL.³⁷³ Segundo o professor Tamás Szmrecsányi, nestes textos se encontram algumas teses fundamentais presentes na *Formação Econômica do Brasil*, publicada em 1959. Obra que foi “imediatamente reconhecida como uma aplicação da abordagem macroeconômica proposta por Keynes à historiografia econômica.”³⁷⁴

Nesses anos, os temas “desenvolvimento, subdesenvolvimento, industrialização e planejamento” rondaram o pensamento econômico brasileiro. É o chamado ciclo ideológico “desenvolvimentista”, iniciado em idos de 1930 e com sinais de esgotamento na década de 1980.³⁷⁵ Com distintas matrizes de pensamento teóricos, dentro desta possível periodização,

³⁷³ Segundo Tamás Szmrecsányi, a obra *Formação Econômica do Brasil* “foi elaborada em sua versão definitiva durante o estágio de Celso Furtado na Universidade de Cambridge, na Inglaterra, em 1957-58. Ali ele pôde ter acesso a boas bibliotecas, ler muito, entrar em contato com renomados economistas, amigos e discípulos de Keynes, e, principalmente, amadurecer as suas próprias idéias, dando origem ao ‘principal livro que já publicou e [a] uma das obras mais notáveis da bibliografia [histórica] brasileira’.” SZMRECSÁNYI, Tamás. Sobre a formação da Formação econômica do Brasil de C. Furtado. *Estudos avançados*, 13 (37), p. 212, 1999.

³⁷⁴ CARVALHO, F. op. cit., p. 571.

³⁷⁵ A referida periodização é defendida por Ricardo Bielschowsky e Carlos Mussi. Cf. MALTA, Maria M. de. et al. *A história do pensamento econômico brasileiro entre 1964 e 1989: um método para discussão*. Disponível em: <http://www.anpec.org.br/encontro_2009.htm#trabalhos>. Acesso em: 11 dez. 2011.

foram muitos os autores e as instituições que desejaram encontrar caminhos para a superação do passado colonial e da condição do subdesenvolvimento: Caio Prado Júnior, Roberto C. Simonsen, cepalinos, Celso Furtado, Florestan Fernandes, Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), Partido Comunista (PCB), Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP), entre outros.

Ora, o que queremos enfatizar é a contemporaneidade de David Carneiro quanto aos debates que norteavam o pensamento econômico no país e pretendiam explicar a situação nacional. Acreditamos que evidenciar os diálogos presentes nas obras nos dá subsídios para compreender como ele estruturou sua cátedra.

Com esta rápida contextualização histórica e intelectual do cenário de surgimento de *Cicloeconomia*, observamos que as ideias keynesianas estavam sendo discutidas na teoria econômica. A obra que consagrou Keynes foi *Teoria Geral do Emprego, do Juro e do Dinheiro*, de 1936. É também o único livro de sua autoria referenciado por Carneiro em *Cicloeconomia*. No prefácio à edição francesa, Keynes explicou o que propôs refletir em seu texto:

Dei a minha teoria o nome de teoria *geral*. Com isso quero dizer que estou preocupado principalmente com o comportamento do sistema econômico como um todo – com a renda global, com o lucro global, com o volume global da produção, com o nível global de emprego, com o investimento global e com a poupança global, em vez de com a renda, o lucro, o volume da produção, o nível do emprego, o investimento e a poupança de ramos da indústria, firmas ou indivíduos em particular.³⁷⁶

Ou seja, sua obra visou o comportamento econômico com um todo. Assim, embora Carneiro tenha citado em *Cicloeconomia* diversos outros autores, ele predominantemente debateu a teoria keynesiana.

A grosso modo, Keynes enfrentou o problema da concentração de renda, da manutenção do emprego, das finanças públicas e das políticas governamentais. De acordo com o seu posicionamento, o “pleno emprego” deveria ser priorizado como política econômica, “onde a ação do Estado deve se dar na direção do estímulo à demanda privada através de políticas macroeconômicas, como as políticas fiscal, monetária e de rendas”. Desta forma, caberia ao Estado, “manter o pleno emprego como prioridade, para além de qualquer tergiversação, e redistribuir renda e riqueza através do sistema de impostos e gastos públicos.”³⁷⁷

³⁷⁶ KEYNES, John M. *A teoria geral do emprego, do juro e da moeda*; Inflação e deflação. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 10, grifo do autor.

³⁷⁷ CARVALHO, F. op. cit., p. 574.

Esta tese de Keynes foi plenamente aceita por David Carneiro. Segundo ele:

O arcabouço Keynesiano sôbre as considerações novas de ‘propensão ao consumo’ e ao ‘investimento’ construiu verdadeiramente o seu sistema. Atráves desses novos conceitos estabeleceu a teoria da ‘procura efetiva’ pela qual se chega a teoria do ‘pleno emprêgo’ e enfim a uma terapêutica das crises, teorias já aprovadas por bem sucedidas.³⁷⁸

Olhando para os Estado Unidos e para a política do *welfare states* européia (estado de bem-estar social), cuja base foi a política do *New Deal*, Carneiro concluiu que a teoria de Keynes já havia dado mostras da sua aplicabilidade.

Na leitura de Carneiro, Keynes partiu da microeconomia, ou seja, das pequenas empresas, da economia individual e doméstica para construir sua reflexão em âmbito macro. O economista inglês compreendia a economia como ciência moral, portanto, devia partir da realidade social dos indivíduos. Para David Carneiro, a economia como “parte hipertrofiada da sociologia” devia estar diretamente relacionada com a vida dos indivíduos em suas necessidades mais básicas.

O pensamento humanista também é comum entre os dois - Keynes também estudou Filosofia e Humanidades em Eton College, na Inglaterra -, ambos compreendiam que a teoria visava à ação, devendo interferir diretamente na sociedade. Por outro lado, justamente por lidar com a liberdade humana, Keynes ressaltava o caráter inconclusivo, probabilístico, da economia.³⁷⁹ É o que enfatiza os defensores do keynesianismo filosófico:

A visão de Keynes descarta também as dicotomias tradicionais do positivismo, tais como o que é conhecimento científico e não-científico, meios e fins, fatos e valores. É uma crítica ao positivismo em economia, ao *homo economics* ideal que aplicaria consistente e persistentemente o cálculo racional utilitarista benthamita de dores e prazeres em toda decisão econômica.³⁸⁰

Já David Carneiro acreditava na possibilidade de se pensar na formulação de “leis econômicas”. Se as “leis” não poderiam eliminar por completo as crises, que são doenças da macroeconomia, elas deveriam amenizar os seus efeitos. O que David Carneiro não abandonou foi a linguagem positivista, chegando até mesmo a estabelecer uma filiação entre Comte e Keynes.

Em termos pouco compreensíveis para quem não é familiarizado com a teoria econômica de Keynes, David Carneiro afirmou que os princípios que dizem respeito “ao trabalho e à produção do homem”, fundamentados por Keynes, teriam sido formulados a mais

³⁷⁸ CARNEIRO, 1958, p. 15.

³⁷⁹ RODRÍGUEZ, Ricardo V. *Lembrando Keynes em época de turbulência capitalista*. Juiz de Fora: Centro de Pesquisas Estratégias Paulino Soares de Souza, [20--], p. 7. Disponível em: <<http://www.ecsbdefesa.com.br/defesa/fts/LKETC.pdf>>. Acesso em: 21 dez. 2011.

³⁸⁰ ANDRADE, Rogerio P. de. A Agenda do Keynesianismo Filosófico: Origens e Perspectivas. *Revista de Economia Política*, v. 20, n. 2 (78), p. 85, abr.-jun. 2000.

de cem anos por Augusto Comte. É como se as raízes da teoria do “pleno emprego” pudessem ser encontradas em Comte. No entanto, isto não está preciso em seu texto.

Em conferência proferida no Clube de Engenharia do Rio de Janeiro, Carneiro retomou o assunto e assim finalizou:

Corrigir flutuações pela terapêutica monetária ou pela compensação, como realizou Keynes de 1930 em diante nos Estados Unidos, ou pela supressão, dirigindo o ciclo, sempre se estará dentro das diretrizes do estupendo homem [Augusto Comte] que, morto há um século, continua a ser desconhecido, mau grado nosso, para o mundo, que se propôs salvar.³⁸¹

Não encontramos estudos sobre uma possível filiação entre Comte e Keynes. Todavia, ao que parece, é mais uma tentativa do “discípulo” de chamar atenção para o “mestre”. Assim, além de interpretar o seu contexto social e político em função do catecismo positivista, David Carneiro levou os preceitos de Augusto Comte às aulas de Economia na UFPR. Aliás, não somente às aulas na universidade paranaense, mas também às demais universidades em que lecionou.

Compreendemos, então, a UFPR como espaço que proporcionou a David Carneiro maior projeção no meio acadêmico, consolidando sua carreira como docente de Economia. O trajeto de Carneiro como professor desta instituição também foi marcado pela sua prática docente em estabelecimentos de ensino fora da cidade de Curitiba, como veremos a seguir.

O primeiro dia na Universidade, propriamente dito

Os Estados Unidos é que foram sempre muito incentivadores. Em relação a mim, principalmente, prá mim ‘David, você é capaz de dar uma aula a respeito disto, amanhã?’ E eu dava a aula. Não sei se suficientemente, mas fazia tudo para dar aula o melhor possível.³⁸²

Embora David Carneiro, como professor da UFPR, já tivesse ministrado aulas na Universidade de Santiago, no Chile, as lembranças saudosas eram das passagens pelas universidades estadunidenses. De Carneiro o ambiente universitário norte-americano recebeu vastos elogios, tanto pela estrutura das instituições quanto pela competência intelectual que lá pareciam lhe atribuir.

³⁸¹ CARNEIRO, David. Augusto Comte e a Economia Moderna. *Revista de Economia – F.C.E.*, Curitiba, ano 6, n. 2, p. 49, dez. 1966.

³⁸² CARNEIRO apud ABRÃO, Roseli. Jogo da Verdade: David Carneiro. *Correio de Notícias*, Curitiba, abr. 1988. Seção Bomdomingo. Pasta David Carneiro. Biblioteca Pública do Paraná, Documentação Paranaense. [sem referência a página].

Após ter passado pela experiência de respirar outros ares acadêmicos, David Carneiro não poupou críticas ao espaço universitário brasileiro:

O ambiente universitário nos Estados Unidos, por outro lado, é o melhor possível. As conversas são todas em torno da grande política, ou, em termos científicos, os assuntos que estão sendo pesquisados. Aqui, infelizmente, é assim: ‘Vamos fazer greve porque o dinheiro está curto’, ou: ‘Vamos derrubar fulano porque ele pode chegar a ser reitor’, isso quando não é pornografia ou assuntos grosseiros. O ambiente universitário dos Estados Unidos é fabuloso [...].³⁸³

O primeiro contato de David Carneiro como professor deste ambiente universitário, foi, em 1961, na University of Nebraska-Lincoln. Nesta instituição, lecionou sobre “História da América do Sul”. Passados cinco anos, como *lecturer* ministrou aulas sobre “Evolução das Idéias Republicanas no Brasil”, no Curso de Pós-Graduação de Assuntos Sul-Americanos, na University of California, Los Angeles (UCLA). E, entre 1967 e 1968, como *Visiting Professor* atuou durante quatro períodos semestrais sucessivos, proferindo aulas sobre “História Econômica do Brasil”, na Howard University, Washington, DC.³⁸⁴

Como podemos notar, as disciplinas ministradas, exceto a de Howard University, diferenciavam-se substancialmente da que lecionava na UFPR. As disciplinas da University of Nebraska-Lincoln e da University of California se direcionam mais para o campo da História, propriamente dito, do que para o da Economia. No entanto, não podemos avançar nas análises dos conteúdos, aportes teóricos e metodológicos, das disciplinas, pois não possuímos qualquer material de sua atividade docente - cadernos e anotações de aula - e David Carneiro não publicou nenhum artigo ou obra que fornecesse pistas de como conduziu suas aulas nas citadas universidades.

Todavia, há uma publicação durante este período que não parece visar especificamente o ensino, mas é interessante para pensarmos que assunto nacional elegeram como tema quando teve oportunidade de publicação. Em 1967, o *Journal of Inter American Studies*, do Centro de Estudos Latino Americanos da University of Miami, publicou *O mate e a influência decisiva de Camargo Pinto*. Em linhas gerais, o texto apresentou os benefícios econômicos, sociais e culturais que a indústria da erva-mate teria proporcionado à economia brasileira.

No primeiro capítulo desta dissertação tentamos demonstrar o quanto a família David Carneiro esteve envolvida com a economia da erva-mate. Tratar desta economia é também uma chance de abordar a história paranaense, ou melhor, *tentar propiciar visibilidade ao*

³⁸³ CARNEIRO apud MEMÓRIAS de David Carneiro. *Ligação Interna*, Curitiba, mai. 1986. Pasta David Carneiro. Biblioteca Pública do Paraná, Documentação Paranaense. [sem referência a página].

³⁸⁴ BÓIA, Wilson. David, O Gigante. In: CONCURSO de Contos e Monografias Gralha-Azul. Curitiba: Secretaria do Estado da Justiça e Ação Social/Imprensa Oficial, [19--], p. 52.

Paraná. Embora o mate já não gozasse de esplendor como outrora, Carneiro permanecia enfatizando o seu potencial econômico.

No artigo utilizou a terminação “fasmás” porque considerava errada a utilização que os historiadores fazem da noção de ciclos em análises de história econômica.

A palavra ‘fasmás’ foi criada para substituir o sentido errôneo de *ciclo* empregado por autores de história econômica do Brasil para designar uma economia que apareceu e desapareceu até anular-se irrevogavelmente. *Ciclo* em economia é a característica de série cronológica que em diferentes níveis permanece, com altos e baixos. *Fasma* (do verbo grego fanein) seria palavra irmã de ‘fantasma’ e de ‘fase’, significando surgir, brilhar e desaparecer.³⁸⁵

Noção que já havia proposto em *Fasmás estruturais da economia do Paraná*. Obra de análise da história econômica do Paraná, publicada em 1962. Nesta, ao estabelecer um diálogo com a teoria dos ciclos econômicos de “Kondratief, Kitchin e Juglar”, sugeriu como “novidade semântica” o termo “fasmás”.³⁸⁶ Novamente percebemos o esforço de Carneiro em tentar inovar ao corrigir o emprego “inadequado” que os pares faziam de certos termos científicos.

Com as aulas e a publicação no exterior sua carreira parecia estar solidificada e ativa. Contudo, ao retornar à UFPR, David Carneiro foi aposentado contra a sua vontade, em 1969. Sabemos que, neste período, foram muitos os professores aposentados compulsoriamente pelo Ato Institucional nº. 5 (AI-5) do regime militar, mas a aposentadoria de David Carneiro não parece ter vinculação com este episódio.

O caso de David Carneiro foi diferente: “fui posto da Faculdade para fora porque tinha chegado aos 65 anos de idade”.³⁸⁷ É evidente a carga de ressentimento presente nesta frase. Este aparente rancor foi externado pela imprensa nas notícias sobre o seu retorno aos Estados Unidos, em 1975.

Não estando mais inserido no espaço acadêmico brasileiro, David Carneiro foi convidado para dirigir um seminário sobre “História Comparada das Américas espanhola, portuguesa e inglesa”, na University of Miami. Notícia que mereceu destaque no jornal

³⁸⁵ CARNEIRO, David. O mate e a influência decisiva de Camargo Pinto. *Jornal of Inter American Studies*, v. 9, n. 4, p. 603, out. 1967. Disponível em: <<http://www.jstor.org/pss/164863>>. Acesso em: 12 dez. 2011.

³⁸⁶ CARNEIRO, David. *Fasmás estruturais da economia do Paraná*. Curitiba: Ed. UFPR, 1962, p. 5. A obra foi escrita em comemoração aos cinquenta anos da UFPR. Não encontramos referência sobre a repercussão da “novidade semântica”. Embora não tenhamos conhecimento dos “usos” feitos da obra, da aceitação ou não do termo “fasmás”, cabe relatar que, desde a publicação o livro, foi por várias vezes emprestado para leitura, conforme consta no cadastro da obra na biblioteca da referida universidade.

³⁸⁷ CARNEIRO apud MEMÓRIAS, op. cit.

Gazeta do Povo, com uma fotografia cordial de David Carneiro ao lado de seus pares.³⁸⁸ Nesta ocasião, o professor atuava como articulista, mantinha a Coluna Veterana Verba, no mesmo jornal. Assim, a sua partida, a sua estadia e o seu retorno figuraram nas páginas do periódico.

O artigo *O primeiro dia de Universidade, propriamente dito*, publicado por Carneiro em sua coluna,³⁸⁹ reafirma a sua satisfação com o ambiente universitário norte-americano e realça sua crítica à “amputação” de sua carreira docente pela UFPR. Digamos que nem mesmo o recebimento do título de “Professor Emérito” da UFPR, em 1976, tenha amenizado o seu ressentimento pela carreira interrompida.

Se o trajeto acadêmico como professor de Economia sugere a consolidação da carreira acadêmica de David Carneiro - o recebimento do título de “Professor Emérito” reforça tal consolidação -, o mesmo reconhecimento não aconteceu na docência de História. Durante a década de 1980, o professor aposentado registrou em discursos e entrevistas o fato de não ter sido professor de História em seu Estado. Problematicar os possíveis motivos de David Carneiro não ter sido convidado a ministrar aulas de História no Departamento de História da UFPR é o nosso próximo objetivo.

4.3 – O não ingresso no Departamento de História da UFPR

Em 1982 e 1983, David Carneiro ingressou em dois espaços de agremiação intelectual dedicados aos estudos históricos. Nas duas ocasiões, lamentou-se. Possivelmente, tenha considerado que o reconhecimento tenha vindo já tarde, na sua velhice.

A citação abaixo é parte do discurso do pesquisador paranaense, proferido em 1982, na cidade de Curitiba, no momento em que foi convidado a tomar posse da cadeira de número 54 da Academia Brasileira de História:

Julgo que, em muito tempo, a formalidade idealiza exagerando, ao avaliar *os humildes que apenas desejariam contribuir silenciosamente* para o conhecimento dos fatos marcantes, da *evolução de sua terra*, fixando, nessa evolução, os vultos de maior porte do seu passado. *Se não tenho sido historiador pouco fecundo* (pelas circunstâncias que impuseram minha vida), confesso que talvez houvesse feito bastante mais, *se pudesse ter a cooperação que outros historiadores teem tido*,

³⁸⁸ PROF. DAVID CARNEIRO dirige seminário nos Estados Unidos. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 20 abr. 1975. Pasta David Carneiro. Biblioteca Pública do Paraná, Documentação Paranaense. [sem referência a página].

³⁸⁹ CARNEIRO, David. O primeiro dia de Universidade, propriamente dito. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 10 abr. 1975. Coluna Veterana Verba. Pasta David Carneiro. Biblioteca Pública do Paraná, Documentação Paranaense. [sem referência a página].

porque se há algo que não me falta é a dedicação ao meu Estado, ao meu país e ao trabalho.³⁹⁰

O autor, que, em 1982, diz não ter se inserido no “pequeno mundo intelectual”,³⁹¹ foi convidado a ser membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) apenas em 1983. Na solenidade, fez questão de relembrar que entrava quarenta anos após a promessa de ingresso que Max Fleiuss havia lhe feito. Decorrido tanto tempo, a entrada para o IHGB parecia “agora, já tardia certamente para o que, talvez eu pudesse haver feito se ao tempo houvesse sido devidamente estimulado.”³⁹²

Observa-se que o autor, já em sua maturidade, mostra-se muito insatisfeito, pois, apesar de sua extrema dedicação ao Paraná, ao país e ao seu trabalho, parece se sentir ressentido por não ter tido o estímulo e as oportunidades que outros historiadores tiveram.

Para David Carneiro, parecia não bastar o ingresso em institutos e academias. Talvez pela sua clareza em perceber que estes já não eram, preferencialmente, os espaços de congregação dos intelectuais dedicados à pesquisa histórica. A perda de expressividade destas instituições como *locus* de produção privilegiado se deu, sobretudo, pela institucionalização do conhecimento histórico.

Vimos que David Carneiro chegou a ministrar disciplinas voltadas à história nas universidades estadunidenses. Durante o ano de 1965, foi convidado a compor o corpo docente da Universidade de Brasília (UnB) como “titular de História”. Permaneceu no cargo por aproximadamente um ano, afastando-se devido à ocupação da UnB pelos militares.³⁹³

³⁹⁰ CARNEIRO, David. Discurso. In: ACADEMIA BRASILEIRA DE HISTÓRIA. Prof. David Carneiro, O historiador. Curitiba: Editora Littero-Técnica, 1982, p. 22, grifo nosso. A sessão solene aconteceu na Assembléia Legislativa do Paraná com a presença do Governador José Hosken de Novaes, este foi homenageado com o título de Membro Honorário. No discurso de abertura da solenidade, Túlio Vargas, com um tom afetuoso, de homenagem e admiração, ressaltou a importância da “investidura do Prof. Carneiro na cadeira de número 54 daquele colegiado a exemplo de outros confrades paranaense, como Newton Carneiro, Luiz Carlos Pereira Coutinho e Cecília M. Westphalen”. VARGAS, Túlio. Discurso. Ibid., p. 09.

³⁹¹ Expressão inspirada em Jean-Paul Sartre foi utilizada por Sirinelli, na França, e, no Brasil, por Ângela de Castro Gomes. Caracteriza “uma concepção mais restrita de intelectual que privilegia os processos de criação e transmissão artística e científica, destacando as conexões dos intelectuais entre si.” GOMES apud ANHEZINI, Karina. *Intercâmbios intelectuais e a construção de uma História: Afonso D’Escagnolle Taunay 1911-1929*. 2003. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual Paulista – UNESP, Franca, 2003, p. 04.

³⁹² CARNEIRO, David. Minha entrada no IHGB. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 29 nov. 1983. Coluna Veterana Verba. Pasta David Carneiro. Biblioteca Pública do Paraná, Documentação Paranaense. [sem referência a página].

³⁹³ David Carneiro ingressou no compor docente por intermédio do filho, David Carneiro Júnior, que já atuava como professor na UnB. Segundo relato do filho: “havendo ali necessidade urgente de um Professor de História Econômica, seu nome foi lembrado e unanimemente aceito. Permanece em Brasília cerca de um ano. Pai e filho pessoalmente tentam intervir junto a chefe militar para que cessem as pressões e as ameaças a membros do corpo docente daquela universidade, sem resultado positivo nenhum porque em fins de 1965 ela é ocupada militarmente. David Carneiro pessoalmente enfrenta um tenente, gestor da ocupação.” CARNEIRO, David J. A

Esta foi sua única atuação no Brasil como professor da disciplina em universidades, ou seja, não ministrou aulas de História na UFPR, o que parece ter sido sentido consideravelmente pelo estudioso.

Diante dos constantes lamentos, problematizaremos neste tópico o não ingresso de David Carneiro no Departamento de História da UFPR, considerando as perspectivas distintas de relações com o passado, de compreensão e escrita da história entre o referido departamento e o personagem em estudo.

A institucionalização do conhecimento histórico

Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração que circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados, etc. Ela está, pois, submetida a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade. É em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delineia uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam.³⁹⁴

A obra de Michel de Certeau atesta um despertar epistemológico, surge num contexto de autorreflexão sobre o ofício do historiador e seu papel na sociedade. Para ele, qualquer pesquisa é demarcada ideologicamente por seu lugar de produção. Empenhado em esclarecer as forças que permeiam o discurso historiográfico, Certeau destaca que existem poderes institucionais que cerceiam as disciplinas, formulando suas leis e práticas. Deste modo, partindo das reflexões de Certeau, propomos neste tópico problematizar a partir da *particularidade* do lugar de produção, perspectivas distintas de relações com o passado, de compreensão e escrita da história.

David Carneiro não se inseriu no meio universitário do curso de História da UFPR. Ele declarou sua reprovação à abordagem demográfica e econômica para a pesquisa da História Regional praticada pelos professores do Departamento de História, entre as décadas de 1960 e 1980. Embora diversas outras variáveis possam estar implicadas, ao adotarmos como ponto de partida as declarações de Carneiro, acreditamos que ele não foi convidado para ministrar aulas de História devido a não compatibilidade teórica e metodológica entre ele e o

comemoração do 3º domingo do falecimento do Professor David Carneiro. Produção: JOINT Vídeo Produções. Imagens: Neif. Curitiba, 1990. 1 DVD.

³⁹⁴ CERTEAU, op. cit., p. 66-67.

departamento. Pensando no lugar de enunciação dos discursos, vamos nos deter ao perfil acadêmico da História praticada pelo seletor grupo de professores da UFPR.

Espaço que agrega um universo de saberes, as universidades são locais que conferem legitimidade a discursos que se pretendem científicos. A história com o status de disciplina acadêmica, portanto com o seu estatuto de saber científico, foi institucionalizada, a partir da segunda metade do século XIX, nas universidades alemãs. No Brasil, o curso de graduação em História surgiu a partir da década de 1930 e aliado ao curso de Geografia. Todavia, foi somente em 1955 que um decreto federal autorizou que os cursos fossem separados.³⁹⁵ Na UFPR, o curso foi criado em 1938, mas somente em 1960 houve a reivindicação dos professores pela separação dos cursos de História e Geografia.³⁹⁶ Na busca pela autonomia dos cursos, observamos o estabelecimento de fronteiras disciplinares, ambos desejaram afirmar suas especificidades enquanto área do conhecimento com suas regras, normas, teorias, conceitos, métodos e fontes próprias.

Emblemático na procura pela legitimação de um discurso histórico circunscrito nos meios acadêmicos, foi a criação, em 1961, na cidade paulista de Marília, da Associação dos Professores Universitários de História (Apuh), que atualmente se denomina Associação Nacional de História (Anpuh).³⁹⁷ A associação nasceu visando a “profissionalização do ensino e da pesquisa na área de história, opondo-se de certa forma à tradição de uma historiografia não-acadêmica e autodidata ainda amplamente majoritária à época”.³⁹⁸ Ou seja, opondo-se a uma roupagem que cabe muito bem a David Carneiro.

Carlos Guilherme Mota observa que foi por volta da década de 1950 que floresceram os primeiros frutos da criação das Faculdades de Filosofia, estas se proliferaram a partir de 1934. Citando Cecília Westphalen, Mota aponta que a renovação tardia do conhecimento histórico foi causada, de certa forma, pelo recrutamento de eruditos locais sem formação específica. Segundo Westphalen, catedráticos “que permaneciam muitos por mais de 20 anos,

³⁹⁵ ROIZ, Diogo da S.; SANTOS, Jonas R. dos. A recepção da “nova história cultural” no Brasil: o caso do departamento de História da Unesp, Campus de Franca. In: DIEHL, Astor A. (org.). *Experiências e ensaios de história: cultura, historiografia e gênero*. Passo Fundo: UPF, 2006, p. 17.

³⁹⁶ WESTPHALEN, Cecília M. et al. Ata da reunião do Departamento de História da Faculdade de Filosofia da Universidade do Paraná, realizada em 2 de dezembro de 1964 [registrando sua constituição em princípios de maio de 1959]. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 50, p. 295, jan.-jun, 2009.

³⁹⁷ Cf. GUIMARÃES, Lucia M. P. Sobre a história da historiografia brasileira como campo de estudos e reflexões. In: NEVES Lucia M. B. P das. et al. *Estudos de historiografia brasileira*. Rio de Janeiro de Janeiro: FGV, 2011, p. 30.

³⁹⁸ ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA. Disponível em: <http://www.anpuh.org/conteudo/view?ID_CONTEUDO=1>. Acesso em: 17 mar. 2011.

foram recrutados entre os membros dos Institutos Históricos e as Academia de Letras, não apenas totalmente despreparados como portadores de uma orientação superada”.³⁹⁹

Foi nesta atmosfera de “renovação” que se instituiu o Departamento de História da Universidade Federal do Paraná em 1960, sob os auspícios de Cecília Maria Westphalen, Altiva Pilatti Balhana e Brasil Pinheiro Machado. Uma história com base científica foi o projeto almejado pelo grupo que constituiu o Departamento de História. O foco era organizar um plano de trabalho que estimulasse a reflexão sobre os problemas da “ciência histórica”. Para tanto, seria necessário “estimular o progresso no ensino da História, e os trabalhos de investigação científica nos diversos setores das Cátedras que o constituem; planejar e realizar pesquisas teóricas e de campo, com a participação de cientistas e técnicos interessados”.⁴⁰⁰

A personagem de maior destaque desse grupo foi Cecília Maria Westphalen, que, após um período de estudos na Alemanha e França, retornou à universidade propondo novas diretrizes para a pesquisa histórica. Segundo ela,

os cursos, os estágios, na Alemanha e na França, em 1958 e 1959, foram definitivos na minha formação. Aderi à metodologia francesa e voltei com os projetos do estudo dos navios e mercadorias no porto de Paranaguá, enfatizando as técnicas da história quantitativa e a longa duração.⁴⁰¹

Westphalen entrou em contato com outras formas de escrita da história e, pelo viés das estruturas, propôs uma nova abordagem dos estudos regionais. Sob sua direção, constituiu-se um grupo no Departamento de História da UFPR com um programa específico de escrita da história. Trata-se de uma rede, pois, segundo Certeau, “cada resultado individual se inscreve numa rede cujos elementos dependem estritamente uns dos outros, e cuja combinação dinâmica forma a história num momento dado.”⁴⁰²

Estudos realizados sobre a produção historiográfica do departamento apontam filiações à perspectiva da história demográfica e econômica nos moldes da historiografia francesa da geração dos *Annales* liderada por Fernand Braudel. Segundo Euclides Marchi, as referências à escola francesa são frequentes na produção científica de vários professores entre as décadas de 1960 e 1980.⁴⁰³ Consideramos que em um contexto intelectual distinto, esses historiadores procuraram compreender a sua sociedade, notadamente a sua região, a partir de

³⁹⁹ WESTPHALEN apud MOTA, Carlos G. *Ideologia da cultura brasileira: pontos de partida para uma revisão histórica*. 5. ed. São Paulo: Editora Ática, 1985, p. 24.

⁴⁰⁰ WESTPHALEN, 2009, p. 288.

⁴⁰¹ WESTPHALEN, 1985 apud CARDOSO, Jayme A. Cecília Maria Westphalen e a criação do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná. In: *Anais da XXIV Reunião da Sociedade Brasileira de História – SBPH*, Curitiba, 2004, p. 17.

⁴⁰² CERTEAU, op. cit., p.72.

⁴⁰³ MARCHI, Euclides. et al. Trinta anos de historiografia: um exercício de avaliação. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 13, n. 25/26, p. 136, set. 1992, ago. 1993.

um novo aporte teórico-metodológico. Aporte que pode ser verificado nesta citação de Marchi:

Identificando-se com algumas questões teóricas levantadas pela História Demográfica, História Econômica e fazendo recortes geográficos e metodológicos em torno da História Regional Bento Munhoz da Rocha, Homero de Barros, Brasil Pinheiro Machado, Cecília M. Westphalen, Altiva P. Balhana e Odah R. G. Costa realizaram estudos que priorizaram temas como Estruturas Agrárias, Campos Gerais, Povoamento do Paraná, Imigrações e Imigrantes, Comércio e Transportes. Na década de sessenta, a eles se somaram os professores Odah Regina Guimarães Costa, Rui C. Wachowicz, Oksana Boruszensko, Jayme Antonio Cardoso, que despontavam no cenário da produção científica paranaense com diversos títulos que exploravam temas regionais.⁴⁰⁴

De acordo com o levantamento da produção científica realizado por Marchi, percebemos, então, que entre as décadas de 1960 e 1980, a história demográfica e econômica, sob os moldes da Escola dos *Annales*, destacou-se como paradigma dominante no Departamento de História da UFPR. Este local de produção tinha como finalidade “promover e realizar a pesquisa histórica, notadamente a regional”.⁴⁰⁵

Mas, “eu sou Plutarquiano”

Não estou de acordo com Cecília. A história deve ter características que não são as demográficas e sim as morais. Eu sou Plutarquiano, acho que a história inclui o anseio moral das grandes figuras.⁴⁰⁶

A citação faz parte da entrevista que David Carneiro concedeu, em 1982, para *O Estado do Paraná*, um dos jornais de maior circulação na região, em resposta à pergunta feita pelo jornalista Aramis Millarch:

“A professora Cecília Maria Westphalen não dá muita importância a datas, por exemplo. Tem critérios rígidos. Como o senhor, historiador na forma tradicional, vê esta nova tendência de história demográfica, com outra filosofia?”⁴⁰⁷ A resposta denota que Carneiro, “historiador tradicional”, possuía outro ponto de vista com relação ao estudo do passado, a história para ele deveria instruir a conduta humana.

Denominar-se “plutarquiano” consiste na filiação a um princípio: dirigir-se ao passado na intenção de tornar conhecido aos olhos do presente às ações dos grandes homens. Segundo François Dosse, Plutarco, o autor de *Vidas Paralelas*, “inaugura o gênero da vida exemplar

⁴⁰⁴ MARCHI, Euclides. Relendo nossos mestres. *Ciências Humanas*, Curitiba, n. 4, p. 40-41, 1995.

⁴⁰⁵ WESTPHALEN, 2009, p. 288.

⁴⁰⁶ CARNEIRO, 1982 apud MILLARCH, op. cit., p. 3.

⁴⁰⁷ MILLARCH, op. cit, p. 3.

com tons moralizantes”.⁴⁰⁸ Foram diversas as figuras escolhidas por David Carneiro para figurar como *exemplum*, mas entre elas a que recebeu maior atenção foi Afonso Botelho.

Carneiro se notabilizou pela escrita de inúmeros textos que abordavam o personagem em ação na história do Paraná. Fato que foi destacado pela própria Cecília Maria Westphalen, quando foi chamada a discorrer sobre o historiador e sua obra para um documentário:

No que diz respeito aos resultados substantivos da sua obra, destaco ainda, a contribuição que ele nos deu a respeito do conhecimento do século XVIII do Paraná, a respeito das expedições militares de conquista ao tempo de Afonso Botelho. Foi ele quem despertou o interesse para esse momento crucial da história do Paraná que foi o momento da sua definição do seu território, da sua geopolítica.⁴⁰⁹

A declaração de Westphalen denota certo reconhecimento. Poderíamos dizer que ela é fruto do compartilhamento de ideias entre os historiadores? Acreditamos que não.

As obras de David Carneiro são muito vastas em documentação, ele foi um vasculhador de arquivos e reproduziu muito do material consultado em seus textos. Suas obras fornecem um bom material de trabalho para quem esteja interessando em aspectos da história regional.

Como exemplo da referência temática que David Carneiro se tornou, observamos que 29 obras de sua autoria foram citadas em *História do Paraná*, livro escrito pelos principais nomes do Departamento de História da UFPR: Altiya Pilatti Balhana, Cecília Westphalen e Brasil Pinheiro Machado.⁴¹⁰ Todavia, convém enfatizar, as divergências se encontram no tratamento dado às fontes e, conseqüentemente, na interpretação histórica.

Em outra ocasião – que não um vídeo em que David Carneiro era personagem principal –, Cecília Westphalen ironizou a escrita de Carneiro, para quem “era Deus no céu e Afonso Botelho na terra”.⁴¹¹

Westphalen afirmava se distanciar de Carneiro pela sua postura crítica. Como representante de um modelo acadêmico praticado pela UFPR, a historiadora rejeita o *topos* da *historia magistra vitae*, que busca ensinar pelos exemplos. Modelo, aliás, que foi muito

⁴⁰⁸ DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009, p. 127.

⁴⁰⁹ WESTPHALEN apud MEMÓRIA de David. Direção: Berenice Mendes. Produção de Fernando Morini. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1988. 1 DVD.

⁴¹⁰ A contagem foi feita por Córdova. Cf. CORDOVA, Maria J. Weber. *Tinguís, Pioneiros e Adventícios na mancha loira do Sul do Brasil: o discurso regional autorizado de formação social e histórica paranaense*. 2009. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba, 2009, p. 79.

⁴¹¹ WESTPHALEN apud PROJETO Memória Viva Paraná. Entrevista com a Professora Cecília Westphalen. Supervisão: Umuarama Comunicação e Arte; Sergio S.S Reis; Luiz Aurelio; Alzammora Gonçalves. Curitiba, 1988. 1 DVD.

praticado ao longo o século XIX e parte do XX pelos integrantes dos institutos históricos e geográficos.⁴¹²

O grupo liderado por Cecília Westphalen, como já apontamos, filiou-se à perspectiva da história demográfica e econômica francesa. Esta, na “era Braudel”, reafirmou a aliança com a sociologia, mas não mais a sociologia de Comte, o “mestre” de David Carneiro. Embora a confiança no rigor científico tenha permanecido como herança comteana, a proposição de elaboração de leis havia caído em descrença. O objeto de estudo do grupo foi a sociedade, o método foi quantitativo e serial. Westphalen se referiu claramente à necessidade do emprego de novas técnicas quantitativas para se reexaminar as fontes sobre a história econômica do Paraná.⁴¹³

Como anteriormente apontamos, os temas privilegiados pelo grupo que compôs o Departamento de História foram “Estruturas Agrárias, Campos Gerais, Povoamento do Paraná, Imigrações e Imigrantes, Comércio e Transportes”. O estudo dos eventos políticos e das grandes figuras históricas recebeu pouca atenção deste grupo.

No que poderíamos chamar de contracorrente, David Carneiro dedicou grande parte de seus estudos aos conflitos militares em que o Paraná esteve envolvido, desde as primeiras expedições ao solo que hoje constitui o Estado. Dissertou sobre a emancipação da província do Paraná (1853) e a atuação do Estado em conflitos internacionais, nacionais e regionais. Em seus livros, artigos para revistas e jornais, rememorou os “heróis” tipicamente paranaenses, tanto os que atuaram em conflitos armados como aqueles que empreenderam ações políticas e culturais, contribuindo para a construção de um “Estado próspero e de sucesso no cenário nacional”. Assim como a própria Cecília Maria Westphalen, David Carneiro escreveu sobre a primeira universidade no Paraná e sobre as atividades econômicas da região.

David Carneiro dedicou grande parte de sua vida à produção de um saber regional com o intuito de que o paranaense conhecesse a si mesmo, as suas raízes, a sua história. Crédulo em uma história progressista, acreditava que somente conhecendo o passado poderíamos agir de forma construtiva rumo ao progresso, ao futuro. Seus temas demonstram a busca incessante por legitimar a importância do Paraná no cenário nacional, ressaltando a qualidade do “ser paranaense” e suas riquezas geográficas e econômicas.

Pois bem, colocar em pauta os lugares de enunciação do discurso é fundamental para a tentativa de compreensão das regras e práticas que o permeiam. Assim, nesse contexto,

⁴¹² Cf. CEZAR, Temístocles. Livros de Plutarco: biografia e escrita da história no Brasil do século XIX. *MÉTIS: história & cultura*, v. 2, n. 3, p. 73-94, jan.-jun. 2003.

⁴¹³ WESTPHALEN, 2009, p. 293.

podemos entender duas bases distintas na forma de relação com o passado. Enquanto o Departamento de História da UFPR se voltou ao passado com abordagens demográficas e econômicas, buscando realizar uma historiografia de base científica; David Carneiro, também tendo a cientificidade como meta, recorreu a outras abordagens: a *historia magistra vitae* de Cícero, a história das vidas exemplares de Plutarco, a concepção filosófica do positivismo de Augusto Comte, entre diversas outras leituras entrelaçadas.

David Carneiro era um “historiador por vocação”,⁴¹⁴ era um autodidata que praticava um tipo de história que, embora respondesse aos seus anseios, vinha sendo contestada no meio acadêmico. Nas palavras de Westphalen: “era uma orientação superada”. A “ciência histórica” pretendia se afastar das narrativas de tons literários, dos grandes homens e das epopeias.

Dito isso, acreditamos que as distintas formas de abordar e conceber a escrita da história podem ser entendidas como uma possível justificação para o não ingresso de David Carneiro no Departamento de História da UFPR.

Se o trajeto acadêmico de David Carneiro como professor da Embap e da Faculdade de Ciências Econômicas da UFPR sugere a consolidação da sua carreira acadêmica, o mesmo reconhecimento não aconteceu na docência em História. Carneiro parece tatear entre o reconhecimento e a obscuridade. A personalidade “eleita” como representante da inteligência paranaense no seu *post-mortem* parece ter sido posta no limbo dos estudos acadêmicos, haja vista o pouco conhecimento de suas obras entre os próprios historiadores regionais do meio universitário. Atualmente, apesar da ampla produção temática de David Carneiro, evidenciamos seu nome aparecendo somente de maneira esparsa e pontual nas pesquisas acadêmicas.

⁴¹⁴ “[...] historiadores por vocação. Estas pessoas, apesar de sua formação profissional ter sido feita em outra área do conhecimento, dedicavam-se à história”. GLEZER, Raquel, 1976, p. 234 apud ANHEZINI, Karina. *Um metódico à brasileira: a História da historiografia de Afonso de Taunay (1911-1939)*. 2006. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual Paulista – UNESP, Franca, 2006, p. 12.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Três cenas: entre reconhecimento e obscuridade

No início deste estudo afirmamos que transitariamos pelo multifacetado percurso intelectual de David Carneiro na procura de atributos que evidenciassem o porquê este personagem foi “eleito” um dos representantes da inteligência paranaense no seu *post-mortem*.

Ao nos voltarmos para o seu trajeto, deparamo-nos com diversos possíveis atributos, mas antes gostaríamos de enfatizar o que acreditamos ter sido determinante para o seu reconhecimento público: os discursos enaltecadores sobre o Paraná.

Poderíamos dizer que sua imagem de “personalidade paranaense” foi sendo legitimada desde os anos 1970. Esta hipótese parte dos títulos, homenagens e convites que David Carneiro recebeu a partir desta data. Lembremos que o título de “Professor Emérito da Universidade Federal do Paraná” foi conferido a Carneiro em 1976. Já em 1982, tomou posse da cadeira de número 54 da Academia Brasileira de História (ABL). E, em 1983, ingressou no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB).

Outras três cenas podem ser evocadas para compor esse cenário de construção de uma referência pública para o Paraná. Vamos vê-las.

Entre os variados assuntos que David Carneiro abordou relativos à história regional, o tema que parece ter gozado de maior repercussão foi o da Revolução Federalista. Para a execução de seus estudos contribuiu o fato de ser mantenedor de um “lugar de memória”, o Museu Coronel David Carneiro. Embora o acervo possuísse objetos de tempos e espaços distintos, voltou-se para um passado em especial: a Revolução Federalista, o Cerco da Lapa.

Pois bem, a primeira cena se passa em 1983, sobre ela declarou Carneiro: “um dos dias mais felizes em minha vida, nos últimos tempos, foi sem dúvida o de quarta-feira, dia 9 de fevereiro [...]”⁴¹⁵ A felicidade manifestada se refere ao lançamento da segunda edição do livro *O Paraná e a Revolução Federalista*, pela Secretaria da Cultura e do Esporte do Paraná. Foi um grande evento na Biblioteca Pública do Paraná com pronunciamento do governador Hosken de Moraes, a presença de alguns expoentes da Academia Paranaense de Letras (APL)

⁴¹⁵ CARNEIRO, David. Lançamento de livro. *Gazeta do Povo*, 24 mar. 1983. Coluna Veterana Verba. Pasta David Carneiro. Biblioteca Pública do Paraná, Documentação Paranaense. [sem referência a página].

e do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense (IHGEP), e até mesmo de um embaixador, o Embaixador do Brasil no Irã. Nesta ocasião, à obra de David Carneiro foi conferido o status de referência interpretativa sobre a “epopeia” do Cerco da Lapa.

A segunda cena aconteceu em outro espaço “oficial”, a Câmara Municipal de Curitiba. Em 1987, David Carneiro se tornou “Vulto Emérito de Curitiba”. Nas palavras do vereador Luiz Carlos Betenheuser, o título foi um “reconhecimento por tudo que dele [David Carneiro] já recebemos e por tudo que lhe devemos, ao longo dos seus anos dedicados a preservar a História dessa terra.”⁴¹⁶

A ideia que David Carneiro se tornou referência fundamental para todos aqueles que desejassem fazer pesquisas sobre a História do Paraná foi reforçada no documentário *Memória de David*. Junta-se, então, às demais cenas o documentário, produzido em 1988, com o apoio do Governo do Estado do Paraná.

Com o vídeo, a diretora Berenice Mendes e a produtora Lu Rufalco pretenderam “deixar à comunidade um documento histórico envolvendo não só a vida de David Carneiro mas a sua extensíssima obra como escritor e também como colecionador.”⁴¹⁷ Percebemos, no discurso das idealizadoras, que o documentário tomou o caráter de registro documental na concepção de documentário com finalidade pedagógica,⁴¹⁸ pois, nas palavras de René Dotti (Secretário da Cultura), por meio do documentário que trata da *vida e da obra* de David Carneiro os espectadores aprenderiam sobre a História do Paraná.

Entre as interpretações que o documentário pode suscitar, acreditamos que se construiu uma narrativa fílmica que buscou erigir um personagem símbolo paranaense, há um desejo manifesto de preservar as memórias do “remanescente de uma escola da intelectualidade paranaense”.⁴¹⁹

⁴¹⁶ DAVID CARNEIRO é homenageado com título de Vulto Emérito. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 12 nov. 1987. Pasta David Carneiro. Biblioteca Pública do Paraná, Documentação Paranaense. [sem referência a página].

⁴¹⁷ EM VÍDEO, As Memórias de David Carneiro. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 03 abr. 1988. Pasta David Carneiro. Biblioteca Pública do Paraná, Documentação Paranaense. [sem referência a página].

⁴¹⁸ O documentário cumpre uma função social, preservar a memória de uma personalidade que deveria ser representativa do paranaense. Ele pode instruir o paranaense sobre o seu passado e seus personagens ilustres. O que reforça a capacidade “que as imagens cinematográficas (e também as imagens estáticas ou as imagens televisivas) possuem de se configurar como elementos de uma educação audiovisual, um meio de educação informal.” SEBRIAN, Raphael N. N. *História e cinema*. Guarapuava: Universidade Estadual do Centro-Oeste, 2010, p. 6. Disponível em: <<http://moodle.unicentro.br/moodle/mod/resource/view.php?inpopup=true&id=40611>>. Acesso em: 03 abr. 2011.

⁴¹⁹ MILLARCH, Aramis. No campo de batalha. *O Estado do Paraná*, Curitiba, p. 3, 14 out. 1987. Disponível em: <<http://www.millarch.org/>>. Acesso em: 03 abr. 2011.

Então, o que há de comum, qual a possível relação entre as três cenas? No cenário encontramos a presença de órgãos oficiais da administração pública e do discurso que reconhece David Carneiro com um dos maiores historiadores do Paraná por ter se dedicado à valorização do passado regional, ter tentando proporcionar *visibilidade nacional ao Estado paranaense* e ter tentando incitar nos cidadãos o espírito “paranista”.

O discurso de David Carneiro encontrou aceitabilidade na sociedade curitibana, pois parece que convinha aos anseios locais. O seu reconhecimento na esfera pública surgiu associado a um projeto que buscava ressaltar a peculiaridade da capital paranaense. Curitiba, sobretudo a partir da década de 1970, começou a ser moldada pela ação urbanística das gestões do prefeito Jaime Lerner (1971-1975; 1979-1982; 1988-1992).⁴²⁰ À transformação do espaço urbano pode ser coligada a edificação de uma “cidade ideológica”, devido ao investimento em cultura. Data deste período a criação da Fundação Cultural de Curitiba e da Casa Romário Martins, por exemplo. Estas eram responsáveis por desenvolver ações culturais que promovessem a integração do cidadão aos valores tradicionais de sua cidade.⁴²¹ A preocupação com a preservação do patrimônio histórico pode ser interpretada como uma medida que buscava reforçar os laços com o passado, tão importantes nesta atmosfera de fomento cultural.

Na conjuntura das três cenas aqui evocadas, deparamo-nos com um cenário que conferia importância ao tema da particularidade regional. Neste ambiente, David Carneiro afirmou ter sido “redescoberto”, pois além das entrevistas, homenagens e convites foi o personagem principal de um documentário dedicado a registrar as suas memórias. Declarou-se, então, um eterno “apaixonado por Curitiba” e como o pai, Coronel David Carneiro, “tremendamente paranaense”.

A cidade do seu “coração” vivenciava um clima de fortalecimento da simbologia criada no contexto do Movimento Paranista (década de 1920). Seja simplesmente tentando reproduzir, e assim consolidar, símbolos que pretendiam ser representativos de todo o Estado, seja ressignificando e reatualizando, de acordo com concepções estéticas em voga, a pinha, o

⁴²⁰ Nestas gestões foram criados o sistema de transporte interligado e o ônibus ligeirinho, a Ópera de Arame, o Teatro Paiol, a Rua 24 horas e o Jardim Botânico. Parques foram criados e outros revitalizados, houve a pavimentação da rua XV de Novembro e do centro histórico do Largo da Ordem. Estas realizações foram conjugadas a diversas outras ações da administração pública que contribuíram para criar o mito de Curitiba como “cidade modelo”. OLIVEIRA, Dennison de. *Curitiba e o mito da cidade modelo*. Curitiba: Ed. da UFPR, 2000.

⁴²¹ Cf. ARAUJO, Rodrigo G. de. *O passado vive em mim: a consciência histórica na produção de Valêncio Xavier* (décadas de 1970-2000). 2012. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba, 2012, no prelo.

pinheiro, o pinhão e a gralha-azul estiveram presentes nas exposições de artes visuais denominadas de “neo-paranistas”.⁴²²

David Carneiro cresceu no ambiente cultural curitibano que forjou tais símbolos e foi, então, reconhecido como herdeiro de uma tradição nos estudos históricos que se iniciou em fins do século XIX e teve seu ponto alto no próprio Movimento Paranista. Por isto, seu nome figurou sempre ao lado de outros expoentes desta tradição: Rocha Pombo, Dario Vellozo, Emílio de Menezes, Leôncio Correia, Ermelino de Leão, Romário Martins, Francisco Negrão. Estes autores, entre outros, pensaram a literatura e a história regional se engajando na identificação de elementos que assinalassem a singularidade do paranaense. A questão da especificidade paranaense e a defesa do espaço regional são, justamente, os principais pontos de identificação entre David Carneiro e os “historiadores tradicionais” das três primeiras décadas do século XX.

Interessante é perceber que, em distintos períodos, os discursos de pertencimento, em maior ou menor grau, fizeram-se presentes na sociedade curitibana e, por extensão, paranaense. Foi assim por volta dos anos 1950, quando o Estado se preparava para comemorar os seus cem anos de emancipação política, em 1953.

A interpretação histórica de David Carneiro dialogou com os discursos oficiais que ressaltavam o ímpeto das bandeiras curitibanas como o elemento impulsionador dos paranaenses na conquista da emancipação política, em 1853. O mito da ação triunfante fez parte dos textos divulgados no periódico *A Divulgação*, uma revista de caráter oficioso que denota o amplo prestígio que David Carneiro detinha de seus pares. Das páginas desta revista emanaram discursos que pretendiam projetar aos olhos da nação a imagem de um “Paraná grandioso”, via sua capital.

Todavia, esta imagem grandiosa não se sustentava economicamente. Na onda da ideologia desenvolvimentista da década de 1960, o Paraná lançou projetos de fomento à industrialização. Aliada à necessidade de incentivar a indústria, estava o temor da dependência econômica do Estado paulista.⁴²³ O discurso de David Carneiro estava em plena consonância com a retórica paranaense anti-imperialista. Segundo Carneiro, os paranaenses deveriam procurar meios para se defender das “garras de polvo” do “capitalista, industrializado e monopolista” Estado de São Paulo.⁴²⁴

⁴²² BARONE, Luciana E. *O Paranismo e as artes visuais*. 2009. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais). Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, Florianópolis, 2009, p. 163.

⁴²³ Cf. OLIVEIRA, Dennison de. *Urbanização e industrialização no Paraná*. Curitiba: SEED, 2001.

⁴²⁴ CARNEIRO, David. *Fasmas estruturais da economia do Paraná*. Curitiba: Ed. UFPR, 1962, p. 168.

Mais uma vez, o discurso de David Carneiro se encontrava afinado com o do poder público estadual. Poderíamos dizer que tanto no que tange ao desenvolvimento econômico quanto ao reforço dos mitos políticos paranaenses, David Carneiro falou a mesma língua do discurso oficial do Estado. Esta constatação, no entanto, não significa que ele declaradamente tenha defendido alguma plataforma de governo; pelo contrário, fez questão de se manter afastado da política. Estamos pensando em um nível mais amplo de compartilhamento de ideias.

David Carneiro parece não ter saído de cena, fez-se sempre presente, seja pela produção de artigos e livros, seja pelos depoimentos, entrevistas etc., divulgando o passado regional, fortalecendo mitos, fazendo conjecturas. E, se toda “sociedade tem os intelectuais que lhe convém”,⁴²⁵ observamos que o teor do discurso de Carneiro convinha a uma sociedade que ambicionava vencer a corrida em prol da industrialização e se tornar um modelo aos demais Estados da federação por seus projetos urbanísticos. Porém, fazia isto alicerçada em elementos culturais que denotariam a sua continuidade histórica.

Não estamos menosprezando a competência intelectual de David Carneiro, nem mesmo o fechando em ações circunscritas apenas às ambições políticas, transformando-o em uma espécie de “marionete” ou simplesmente “produto do meio”. Nossa intenção foi apenas relacionar as “legendas douradas” atribuídas a este personagem “eleito” com o contexto em que estas foram escritas.

Acreditamos que o elemento determinante para o reconhecimento da figura do estudioso na cena pública, que iniciou em parte dos anos 1970 e teve sua consagração no *post-mortem*, tenha sido o discurso de enaltecimento do Paraná conjugado a sua filiação a “intelectualidade paranaense” das primeiras décadas do século XX. Determinante aqui não significa único, pois ao transitarmos pelo percurso intelectual de David Carneiro percebemos que há uma conjugação de atributos.

O nome de família “David Carneiro” por si só já lhe conferia algum *status*, uma vez que os David Carneiro no Paraná tiveram uma histórica relação com a economia da erva-mate – produto que durante longo período foi o mais expressivo do Estado e cujo principal fruto foi o relativo desenvolvimento nos âmbitos econômico, social e cultural das primeiras décadas do século XX. O nome, sem dúvidas, pôde lhe abrir algumas portas.

⁴²⁵ BOBBIO, Norberto. Intelectuais e vida política na Itália. In: BASTOS, Élide R.; REGO, Walquíria D. L. (Orgs.). *Intelectuais e política: a moralidade do compromisso*. São Paulo: Olho d’ água, 1999, p. 157.

Os primeiros escritos estavam diretamente relacionados à defesa da atividade econômica desenvolvida pela família e que, para Carneiro, era tipicamente paranaense. Desde então, sua produção bibliográfica se avolumou. Os assuntos se multiplicaram, abordou episódios da história do Estado, da história nacional, escreveu biografias, romances, crônicas, e também obras que tinham um fundo catequético, como as que objetivavam a divulgação do Positivismo de Augusto Comte. David Carneiro conheceu o positivismo nos lugares educacionais, primeiramente, no Colégio Militar do Rio de Janeiro e, posteriormente, na Universidade do Paraná no curso de Engenharia.

Desde então, David Carneiro cultivou muitas relações, criou e circulou em significativos locais de sociabilidade intelectual. Foi um dos fundadores e presidiu o Centro de Propaganda do Positivismo no Paraná (CPP), foi ativo no Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense (IHGEP), no Centro de Letras do Paraná (CLP) e na Academia Paranaense de Letras (APL), espaços culturais importantes do cenário paranaense.

Enfim, David Carneiro foi produtor e difusor do conhecimento, notabilizou-se como homem culto, erudito e professor da maior universidade de seu Estado, inclusive tendo passagens em universidades de renome nos Estados Unidos. Ou seja, há uma conjunção de variáveis que demonstram, inclusive, que David Carneiro, ao longo de seu trajeto intelectual, foi construindo a sua imagem de “representante da inteligência paranaense”. Ele soube se projetar na cena pública.

O outro lado das três cenas: a relativa obscuridade

Devemos voltar ao contexto das três cenas propostas inicialmente. Nas ocasiões que David Carneiro recebeu homenagens, títulos, gravou para documentário, pronunciou-se em discursos, concedeu entrevistas etc., aproveitou para externar alguns ressentimentos. Como este:

O que eu gostaria de destacar é o fato de que eu tenho quase duas centenas de livros editados que quase ninguém conhece. [...] Falta amor ao Paraná. Se houvesse amor ao Paraná haveria a procura de textos que contam a sua história.⁴²⁶

⁴²⁶ CARNEIRO apud ABRÃO, Roseli. Jogo da Verdade. *Correio de Notícias*, Curitiba, p. 5. abr. 1988. Seção Bomdomingo.

A postura de Carneiro para esta situação passou longe de uma autoavaliação. A questão é que, embora o autor tenha uma extensa produção bibliográfica, seus argumentos são por vezes repetitivos, arriscaríamos até mesmo afirmar que a prioridade de seus estudos parecia estar assentada na quantidade.

Outro significativo lamento foi o seu não ingresso no meio universitário do curso de História da UFPR. Queixa que vinha acompanhada da crítica à abordagem historiográfica praticada neste local de produção. Entre as décadas de 1960 e 1980, o Departamento de História da UFPR, liderado por Cecília Westphalen, voltou-se ao conhecimento de novas abordagens para a disciplina da História, principalmente ao suporte demográfico e econômico dos *Annales*.

Já David Carneiro, que conheceu o positivismo durante sua formação educacional, permaneceu doutrinário de um positivismo conservador, característico do século XIX europeu. Embora não tenha sido somente com a perspectiva positivista da história que ele tenha se dirigido ao passado, o autor parece ter sido “taxado” única e pejorativamente como “positivista”.

A carga negativa atribuída a qualificação de “positivista”, talvez estivesse associada às concepções ideológicas do grupo fundador da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da UFPR. A instituição foi criada sob a orientação de um grupo de filiação católica, em 1938. Homero Batista de Barros, Bento Munhoz da Rocha Netto, Brasil Pinheiro Machado, primeiros professores do Curso de História e Geografia, estão entre os membros fundadores da faculdade e integravam o Círculo de Estudos Bandeirantes (1929), “instituição cultural restrita e declaradamente religiosa”.⁴²⁷ Em meados da década 1930, David Carneiro já questionava o papel da Igreja Católica e defendia a sobreposição da religião positivista em relação às demais. A questão ideológica pode ter sido, desde o período de fundação da faculdade, um empecilho para o ingresso de David Carneiro no corpo docente da instituição. Contudo, está é uma hipótese que aguarda outra investigação.

Cabe-nos, nesta pesquisa, enfatizar que o fazer historiográfico de David Carneiro era distinto, o autor conjugou Augusto Comte com Marco Túlio Cícero, Plutarco e outros. Até mesmo quando pareceu inovar, recorrendo à filosofia do espanhol José Ortega y Gasset e a historiografia proposta pela *História Nova*, representada pelo norte-americano James T. Shotwell, Carneiro não encontrou sucesso. Estes últimos não estavam, pelo menos aparentemente, sendo discutidos no meio acadêmico paranaense. Assim, os aportes teóricos e

⁴²⁷ CAMPOS, Névio. *Intelectuais paranaenses e as concepções de universidade: 1892-1950*. 2006. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Paraná - UFPR, Curitiba, 2006, p. 127.

metodológicos mobilizados por David Carneiro para abordar o passado e interpretar suas fontes ou eram desconhecidos ou eram considerados “superados” pelo grupo de professores que compunha o departamento.

Nesta mesma conjuntura intelectual, autores que vinham sendo debatidos no meio acadêmico brasileiro, como Sergio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre, Caio Prado Júnior, Florestan Fernandes, entre outros, também encontraram pouco espaço nas obras historiográficas de David Carneiro.

Eis, então, um interessante contrate. Embora a abordagem histórica de David Carneiro tenha sido considerada “ultrapassada” pelo “pequeno mundo acadêmico” representado pelo Departamento de História da UFPR, o autor foi “eleito” na cena pública curitibana um dos “maiores historiadores paranaense”.

Reconhecimento, consagração, obscuridade e esquecimento parecem marcar a singularidade da trajetória intelectual de David Carneiro. Elementos que se evidenciaram ao transitarmos pelo seu percurso multifacetado de ervateiro, positivista, museólogo, historiador e professor acadêmico.

David

Faz alguns meses que me refiro ao personagem estudado simplesmente pelo seu primeiro nome, David. Um ato inconsciente, mas que evidencia o nosso convívio, a nossa relativa proximidade. Acredito que hoje o conheço mais do que há quatro anos, quando abri o livro *Rastros de Sangue...* Homem de opinião, íntegro, digno, culto, ele me agradou, irritou-me, fez-me rir. Em alguns momentos, senti orgulho de sua visão crítica da política; em outros, o considerei ultrapassado, retrógrado, moralista. Mas tentei sempre engolir minhas predileções e assim respeitá-lo. Isto significou adotar um compromisso ético com o extenso material de trabalho com que me deparei. Porém, confesso, nas suas obras, artigos, discursos, entrevistas, notícias *post-mortem* etc., perdi-me inúmeras vezes. Todavia, tenho a certeza que não somos íntimos, pois esta dissertação teve um propósito muito limitado para um sujeito que fez a travessia do conturbado século XX.

FONTES

De autoria de David Carneiro:

Livros

CARNEIRO, David. *A História da História do Paraná*. Curitiba: Secção de Artes Gráficas da Escola Técnica, 1952.

_____. *A vida gloriosa de José Bonifácio de Andrada e Silva e sua atuação na Independência do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1977.

_____. *Biografia do Cel. David Carneiro e cartas escritas por ele a seus filhos*. [S.I.: s.n.], 1938.

_____. *Catálogo Museu Coronel David Carneiro*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1940.

_____. *Cicloeconomia*. Curitiba: Universidade do Paraná. Faculdade de Ciências Econômicas, 1958.

_____. *Como chegou o Positivismo ao Paraná*. Curitiba: Edição do Centro de Propaganda do Positivismo no Paraná, 1978.

_____. *Constituição industrial e teoria da propriedade*. Curitiba: Plácido e Silva & Companhia, 1929.

_____. *Dos ciclos irreversíveis em cicloecônomoграфия*. Curitiba: UFPR, 1955.

_____. *Ensaio de interpretações morais*. Rio de Janeiro: Athena, 1937

_____. *Fasmas estruturais da economia do Paraná*. Curitiba: Ed. UFPR, 1962.

_____. *História da emancipação do Paraná*. Curitiba: Instituto de Pesquisa Histórica e Arqueológica, 1954.

_____. *História psicológica do Paraná*. Curitiba: João Haupt, 1944.

_____. *Museus*. Curitiba: João Haupt, 1929.

_____. *O cerco da Lapa e seus heróis: antecedentes e conseqüências da Revolução Federalista no Paraná*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1991.

_____. *O drama da Fazenda Fortaleza*. Curitiba: D. Plaisant, 1941.

_____. *O Paraná e a revolução federalista*. Curitiba: Secretaria da Cultura e do Esporte, 1982.

_____. *O problema do mate Brasileiro: contribuição para a sua solução*. Curitiba: Impressora Gráfica Paranaense, 1928.

_____. *Rastros de Sangue...* Curitiba: Max Roesner, 1971.

Textos publicados em revistas e jornais

CARNEIRO, David. Augusto Comte e a Economia Moderna. *Revista de Economia – F.C.E.*, Curitiba, ano 6, n. 2, p. 33-49, dez. 1966.

_____. Como cheguei a ser escritor. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 14 ago. 1987. Coluna Veterana Verba. Pasta David Carneiro. Biblioteca Pública do Paraná, Documentação Paranaense. [sem referência a página].

_____. Curitiba bandeirante. *Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense*, Curitiba, v. XLVIII, p. 247-250, 1993.

_____. Discurso. In: ACADEMIA BRASILEIRA DE HISTÓRIA. Prof. David Carneiro, O historiador. Curitiba: Editora Lítero-Técnica, 1982, p. 19-23.

_____. Discurso em homenagem a Romário. *Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense*, Curitiba, v. XXIII, p. 27-33, 1974.

_____. Episódios românticos do tempo da Guerra do Paraguai – Um baile... e o país em guerra. In: *Historiadores do Paraná*. Curitiba: Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico Paranaense; Banco do Estado do Paraná, 1981, p. 75-87.

_____. Lançamento de livro. *Gazeta do Povo*, 24 mar. 1983. Coluna Veterana Verba. Pasta David Carneiro. Biblioteca Pública do Paraná, Documentação Paranaense. [sem referência a página].

_____. Minha entrada no IHGB. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 29 nov. 1983. Coluna Veterana Verba. Pasta David Carneiro. Biblioteca Pública do Paraná, Documentação Paranaense. [sem referência a página].

_____. O Estylo Colonial no Brasil. In: DUDEQUE, Irã J. T. *Espiraís de madeira: uma história da arquitetura de Curitiba*. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP, 2001, p. 409-411.

_____. O mate e a influência decisiva de Camargo Pinto. *Jornal of Inter Amercian Studies*, v. 9. n. 4, p. 603-618, out. 1967. Disponível em: <<http://www.jstor.org/pss/164863>>. Acesso em: 12 dez. 2011.

_____. O primeiro dia de Universidade, propriamente dito. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 10 abr. 1975. Coluna Veterana Verba. Pasta David Carneiro. Biblioteca Pública do Paraná, Documentação Paranaense. [sem referência a página].

_____. Pequena história do Teatro Guaíra. In: TEATRO Guaíra, 1884 100 anos 1984. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte – Fundação Teatro Guaíra – MEC/INACEN, 1984, s/p.

_____. Romário Martins (como eu o compreendi). *Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense*, Curitiba, v. IV, fasc. 1, p. 34-49, 1950.

Publicação sobre David Carneiro:

Livros e artigos

BÓIA, Wilson. David, O Gigante. In: CONCURSO de Contos e Monografias Gralha-Azul. Curitiba: Secretaria do Estado da Justiça e Ação Social/Imprensa Oficial, [19--], p. 01-57.

MARTINS, Romário. “O Paraná na História Militar do Brasil” – de Davi Carneiro. In: CARNEIRO, David. *O Paraná na história militar do Brasil*. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995, p. 15-19.

_____. Uma notável edição do Dr. Dicesar Plaisant. In: CARNEIRO, David. *O Paraná na Guerra do Paraguai*. Curitiba: Dr. Dicesar Plaisant, 1940, p. 11-14.

Notícias e entrevistas

ABRÃO, Roseli. Jogo da Verdade. *Correio de Notícias*, Curitiba, p. 04. abr. 1988. Seção Bomdomingo.

BRAND, Jacques M. Uma triste evasão do passado. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 01 jan. 1975. Pasta David Carneiro. Biblioteca Pública do Paraná, Documentação Paranaense. [sem referência a página].

DAVID CARNEIRO é homenageado com título de Vulto Emérito. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 12 nov. 1987. Pasta David Carneiro. Biblioteca Pública do Paraná, Documentação Paranaense. [sem referência a página].

EM VÍDEO, As Memórias de David Carneiro. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 03 abr. 1988. Pasta David Carneiro. Biblioteca Pública do Paraná, Documentação Paranaense. [sem referência a página].

MARANHÃO, Malu. David Carneiro. *Nicolau*, Curitiba, out. 1988. Pasta David Carneiro. Biblioteca Pública do Paraná, Documentação Paranaense. [sem referência a página].

MEMÓRIAS de David Carneiro. *Ligação Interna*, Curitiba, abr. 1986. Pasta David Carneiro. Biblioteca Pública do Paraná, Documentação Paranaense. [sem referência a página].

MILLARCH, Aramis. No campo de batalha. *O Estado do Paraná*, Curitiba, p. 03, 14 out. 1987. Disponível em: <<http://www.millarch.org/>>. Acesso em: 03 abr. 2011.

_____. O paranaense sempre foi metido consigo mesmo. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 10 set. 1982. Caderno Fim de semana, n. 77, p. 03.

MEMÓRIAS de David Carneiro. *Ligação Interna*, Curitiba, abr. 1986. Pasta David Carneiro. Biblioteca Pública do Paraná, Documentação Paranaense. [sem referência a página]

PROF. DAVID CARNEIRO leva a História do Paraná aos EUA. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 14 mar. 1974. Pasta David Carneiro. Biblioteca Pública do Paraná, Documentação Paranaense. [sem referência a página].

PROF. DAVID CARNEIRO dirige seminário nos Estados Unidos. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 20 abr. 1975. Pasta David Carneiro. Biblioteca Pública do Paraná, Documentação Paranaense. [sem referência a página].

Publicações *post-mortem* sobre David Carneiro:

AOS 86 ANOS, morre o professor David Carneiro. *O Estado do Paraná*, Curitiba, p. 11, 05 ago. 1990.

CÂMARA defende manutenção do museu “David Carneiro”. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 08 de ago. 1990. Pasta David Carneiro. Biblioteca Pública do Paraná, Documentação Paranaense. [sem referência a página].

DAVID CARNEIRO. Gazetinha. *Gazeta do Povo*, Curitiba, p. 07, 13 jan. 1993.

DIAS, José W. A História e o Dr. David Carneiro. *Gazeta do Povo*, Curitiba, p. 44, 07 ago. 1990. Coluna A vista do meu ponto de vista.

GERMINIANI, Clotilde. Um olhar sobre a História do Paraná – Primeiro centenário de nascimento do Professor David Carneiro. *Jornal da Biblioteca – Órgão da Biblioteca Pública do Paraná e do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas*, Curitiba, ano I, n. 3, p.19, jun.-ago. 2004.

MAGALHÃES, Idalina B. David Carneiro. *Editora Correio Paranaense Ltda*, Curitiba, 16 a 23 abr. 1996. Pasta David Carneiro. Biblioteca Pública do Paraná, Documentação Paranaense. [sem referência a página].

MORRE David Carneiro, e passa à história do PR. *Indústria & Comércio*, Curitiba, 07 ago. 1990. Pasta David Carneiro. Biblioteca Pública do Paraná, Documentação Paranaense. [sem referência a página].

NICOLATO, Roberto. Memória encaixotada. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 05 ago. 2002. Pasta David Carneiro. Biblioteca Pública do Paraná, Documentação Paranaense. [sem referência a página].

O PARANÁ de luto com a morte de David Carneiro. *Gazeta do Povo*, Curitiba, p. 01, 05 ago. 1990.

O PARANÁ em luto com a morte de David Carneiro. *Gazeta do Povo*, Curitiba, p. 04, 05 ago. 1990.

PARANÁ lembra o professor David Carneiro. *Gazeta do Povo*, 04 ago. 1995. Pasta David Carneiro. Biblioteca Pública do Paraná, Documentação Paranaense. [sem referência a página].

Revista *A Divulgação*

A DIVULGAÇÃO. Curitiba, ano VI, s/p, jan.-fev. 1953.

A DIVULGAÇÃO. Curitiba, ano VIII, p. 49, nov.-dez. 1954.

CARNEIRO, David. Ângelo Sampaio (ilustre vítima de Canudos). *A Divulgação*, Curitiba, ano III, p. 03 n. 31-32-33, jun.-jul.-ago. 1950.

_____. A emancipação do Paraná. Como comemorar o centenário de 19 de Dezembro de 1853? *A Divulgação*, Curitiba, ano 1, n. 1-2, p. 10, nov.-dez. 1947.

_____. Da necessidade de proteção aos monumentos que atestam nossa velha cultura. *A Divulgação*, Curitiba, ano IV, p. 08-09, dez. 1950, jan.-fev. 1951.

MARTINS, Romário. O Paraná na propaganda da República. *A Divulgação*, Curitiba, n. 1-2, p. 05, nov.-dez. 1947.

NOSSA CAPA. *A Divulgação*, Curitiba, s/p, fev.-mar. 1948.

SILVA, Francisco P. da. David Carneiro. *A Divulgação*, Curitiba, ano IV, p. 31, set.-out. 1951.

VELLOSO, Arnaud F. Aproveitamento do potencial hidráulico do Paraná. *A Divulgação*, Curitiba, ano III, n. 26-27, p. 01, jan.-fev. 1950.

_____. Centro Cívico, marco de uma época. *A Divulgação*, Curitiba, ano V, p. 01, mai.-jun. 1952.

_____. Divulgando. *A Divulgação*, Curitiba, ano X, n. 94-95, p. 01, ago.-set. 1955.

_____. Divulgando. *A Divulgação*, Curitiba, n. 1-2, p. 01, nov.-dez. 1947.

_____. Nosso primeiro aniversário. *A Divulgação*, Curitiba, ano II, n. 14-15-16, p. 01, jan.-fev- mar., 1949.

_____. O Paraná em franca expansão. *A Divulgação*, Curitiba, p. 02, fev.-mar. 1948.

Outros:

CARNEIRO, David. *David Carneiro: depoimento* [set. 1973]. Entrevistador: Bento Munhoz da Rocha Netto. MIS-PR (Museu da Imagem e do Som do Paraná), 1973. 1 CD.

CARNEIRO, David J. *A comemoração do 3º domingo do falecimento do Professor David Carneiro*. Produção: JOINT Vídeo Produções. Imagens: Neif. Curitiba, 1990. 1 DVD.

CEL. DAVID ANTONIO DA SILVA CARNEIRO. *Ilustração Paranaense*, Curitiba, ano 2, n. 5, 1928, s/p.

MENDONÇA, Pedro B. de. *Centro Positivista do Paraná* (CPP). Curitiba, 2010. Panfleto de divulgação.

MEMÓRIA de David. Direção: Berenice Mendes. Produção de Fernando Morini. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1988. 1 DVD.

PRIMEIRO CONGRESSO DE HISTÓRIA DA REVOLUÇÃO DE 1894, 1944, Curitiba. *Anais*. Curitiba: Empresa Gráfica Paranaense, 1944.

PROJETO Memória Viva Paraná. Entrevista com a Professora Cecília Westphalen. Supervisão: Umuarama Comunicação e Arte; Sergio S.S Reis; Luiz Aurelio; Alzammora Gonçalves. Curitiba, 1988. 1 DVD.

WESTPHALEN Cecília M. et al. Ata da reunião do Departamento de História da Faculdade de Filosofia da Universidade do Paraná, realizada em 2 de dezembro de 1964 [registrando sua constituição em princípios de maio de 1959]. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 50, p. 285-315, jan.-jun, 2009.

BIBLIOGRAFIA

ALONSO, Angela. O positivismo de Luís Pereira Barreto e o pensamento brasileiro no final do século XIX. *Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo*, São Paulo, 1995. Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/iea/textos/alonsopositivismo.pdf>>. Acesso em: 18 mai. 2011.

ANDERSON, Lysa. *James T. Shotwell: A Life Devoted to Organizing Peace*. Disponível em: < <http://www.columbia.edu/cu/alumni/Magazine/Winter2005/lshotwell.html> >. Acesso em: 28 mai. 2011.

ANDRADE, Rogerio P. de. A Agenda do Keynesianismo Filosófico: Origens e Perspectivas. *Revista de Economia Política*, v. 20, n. 2 (78), p. 76-94, abr.-jun. 2000.

ANHEZINI, Karina. *Intercâmbios intelectuais e a construção de uma História: Afonso D'Escagnolle Taunay 1911-1929*. 2003. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual Paulista – UNESP, Franca, 2003.

_____. *Um metódico à brasileira: a História da historiografia de Afonso de Taunay (1911-1939)*. 2006. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual Paulista – UNESP, Franca, 2006.

ARAUJO, Rodrigo G. de. *O passado vive em mim: a consciência histórica na produção de Valêncio Xavier (décadas de 1970-2000)*. 2012. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba, 2012.

ARON, Raymond. Auguste Comte. In: *As etapas do pensamento sociológico*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 83-183.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA. Disponível em: <http://www.anpuh.org/conteudo/view?ID_CONTEUDO=1>. Acesso em: 17 mar. 2011.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: *Enciclopédia Einaudi* (Vol. 05, Anthropos-Homem): Lisboa Imprensa Nacional-Casa da Moeda, [19--].

BALHANA, Carlos, Alberto. *Idéias em confronto*. Curitiba: Secretaria da cultura e do esporte. Grafipar, 1981.

BARBIERO, Alan; CHALOULT, Yves. O Mercosul e a Nova Ordem Econômica Internacional. *Revista Brasileira de História*, Brasília, v.44, n. 1, p. 22-42, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbpi/v44n1/a03v44n1.pdf>>. Acesso em: 28 mai. 2011.

BARONE, Luciana E. *O Paranismo e as artes visuais*. 2009. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais). Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, Florianópolis, 2009.

BASTOS, Elide R. *Os autores brasileiros e o pensamento hispânico*. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/anpocs/rugai.rtf>>. Acesso: 29 mar. 2011.

BEGA, Maria T. S. No centro e na periferia: A obra histórica de Rocha Pombo. In: LOPES, Marcos A. (Org.). *Grandes Nomes da História Intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 481-493.

BELOTO, Divonzir L. *A criação da Província do Paraná: a emancipação conservadora*. Dissertação (Mestrado em Economia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, São Paulo, 2003.

BELTRAMI, Rafael C. de C. *Da poesia na ciência: fundadores do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, uma história de idéias*. Curitiba. 2002. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba, 2002.

BERNARDES, Denis A. de M. *A Erva Vargas acabou?* Disponível em: <www.fundaj.gov.br/licitacao/texto_denis.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2012.

BOBBIO, Norberto. Intelectuais e vida política na Itália. In: BASTOS, Elide R.; REGO, Walquíria D. L. (Orgs.). *Intelectuais e política: a moralidade do compromisso*. São Paulo: Olho d'água, 1999.

BÓIA, Wilson; VARGAS, Túlio. *Bibliografia da Academia Paranaense de Letras*. Curitiba: Posigraf, 2001.

BOLETINS DO ARCHIVO MUNICIPAL DE CURITIBA. Disponível em: <<http://www.arquivopublico.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=98>>. Acesso em: 22 jun. 2011.

BOSI, Alfredo. O Positivismo no Brasil: uma ideologia de longa duração. In: PERRONE-MOISÉS, Leyla (Org.). *Do Positivismo à desconstrução*. São Paulo: EDUSP, 2004, p. 17-47.

BUENO, Wilson de A. Munhoz da Rocha apresenta trabalho em Toronto. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 24 jul. 2010. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/colunistas/conteudo.phtml?id=1028378>>. Acesso: 21 jun. 2011.

BURKE, Peter. Abertura: A Nova História, seu passado e seu futuro. In: _____ (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1992, p. 07-37.

CAMPOS, Nívio. *Intelectuais paranaenses e as concepções de universidade: 1892-1950*. 2006. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Paraná - UFPR, Curitiba, 2006.

CAPELATO, Maria H. Intelectuais latino-americanos: o “caráter nacional” em questão. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p. 59-79, jul. 2009.

_____. O Estado Novo: o que trouxe de novo? In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de A. N. (Org.). *O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 107-143.

CARDOSO, Jayme A. Cecília Maria Westphalen e a criação do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná. In: *Anais da XXIV Reunião da Sociedade Brasileira de História – SBPH*, Curitiba, 2004, p. 15-24.

CARNEIRO, Cíntia M. S. B. *O Museu Paranaense e Romário Martins: a busca de uma identidade para o Paraná 1902 a 1928*. 2009. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba, 2009.

CARNEIRO, Newton. *Um precursor da justiça social: David Carneiro e a economia paranaense*. Curitiba: [s.n], 1965.

CARVALHO, Fernando J. C. de. Keynes e o Brasil. *Economia e Sociedade*, Campinas, v. 17, n. especial, p. 569-574, dez. 2008.

CARVALHO, José M. de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: *A escrita da história*. Tradução Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p. 65-119.

CEZAR, Temístocles. Livros de Plutarco: biografia e escrita da história no Brasil do século XIX. *MÉTIS: história & cultura*, v. 2, n. 3, p. 73-94, jan.-jun. 2003.

CORDOVA, Maria J. Weber. *Tingüís, Pioneiros e Adventícios na mancha loira do Sul do Brasil: o discurso regional autorizado de formação social e histórica paranaense*. 2009. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba, 2009.

CORREIA, Telma de Barros. Art déco e indústria: Brasil, décadas de 1930 e 1940. *Anais do Museu Paulista*, v.16, n.2, p. 47-104, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v16n2/a03v16n2.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2011.

CRUZ, Heloisa de F.; PEIXOTO, Maria do R. da C. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História*, São Paulo, n. 35, p. 253-270, dez. 2007.

DICIONÁRIO HISTÓRICO-BIOGRÁFICO DO PARANÁ. Curitiba: Chain, Banco do Estado do Paraná, 1991.

D'ONOFRIO, Salvatore. *Literatura Ocidental. Autores e obras fundamentais*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2002.

DOSSE, François. *A história a prova do tempo: da história em migalhas ao resgate do sentido*. São Paulo: UNESP, 2001.

_____. *História e ciências sociais*. Bauru, SP: Edusc, 2004.

_____. *Le marche des idées. Histoire des intellectuels, histoire intellectuelle*. Paris: La Découverte, 2003.

_____. *O Desafio Biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

DUDEQUE, Irã J. T. *Espiraís de madeira: uma história da arquitetura de Curitiba*. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP, 2001.

ESTEVES, Antônio R. *Literatura, história, memória (um tríptico em construção)*. 2006. Tese (Livre-Docência em Literatura Comparada). Faculdade de Ciências e Letras de Assis–UNESP/Assis, 2006.

FÉDI, Laurent. *Comte*. Tradução Mauro Pinheiro. São Paulo: Estação Liberdade, 2008.

FERNANDES, José C. Antes e depois da filha de Xaguana. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 29 jun. 2008. Disponível em:

<<http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?tl=1&id=781473&tit=Antes-e-depois-da-filha-de-Xaguana>>. Acesso em: 08 jul. 2011.

FERREIRA, Antonio Celso. *A epopéia bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940)*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

FUNARI, Pedro P. A.; PELEGRINI, Sandra de C. A. *Patrimônio histórico e cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

GARDINER, Patrick. Teorias da História. Tradução Vítor Matos e Sá. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004, p. 88-103.

GONÇALVES, Ernando B. J. *O impresso como estratégia de intervenção social: educação e história na perspectiva de Dario Vellozo (1885 – 1937)*. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GRECA, Rafael de M. *Coleção Farol do Saber*. Disponível em: <<http://www.rafaelgreca.org.br/blog1/?p=709>>. Acesso em: 18 jun. 2011.

GUIMARÃES, Manoel L. S. Vendo o passado: representação e escrita da história. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 15, n.2, p. 11-30, jul.-dez. 2007.

HISTÓRICO DA 5ªRM-5ªDE. Disponível em: <<http://www.5rm5de.eb.mil.br/>>. Acesso em: 30 jul. 2011.

IPHAN. Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=284>>. Acesso em: 23 jul. 2011.

JAMES HARVEY ROBINSON. *Encyclopaedia Britannica*. Disponível em: <<http://www.britannica.com/EBchecked/topic/505742/James-Harvey-Robinson>>. Acesso em: 31 mai. 2011.

KARNAL, Leandro; TATSCH, Flávia Galli. A memória evanescente. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

KEYNES, John M. *A teoria geral do emprego, do juro e da moeda*; Inflação e deflação. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado*: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.

KUJAWSKI, Gilberto de M. *Ortega y Gasset*: a aventura da razão. São Paulo: Moderna, 1994.

LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro*: história de uma ideologia. São Paulo: Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 1969.

LINHARES, Temístocles. *Paraná vivo*: um retrato sem retoques. Curitiba: Imprensa Oficial, 2000.

LOPES, Sergio. Raízes do Movimento Pró-Criação do “Estado do Iguaçu”. In: *III Seminário do Centro de Ciências Sociais Aplicadas*, Cascavel, 2004, p. 01. Disponível em: <<http://www.unioeste.br/campi/cascavel/ccsa/IIISeminario/artigos/Artigo%2020.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2011.

LUCA, Tania R. de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla B. (Org.). *Fontes históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010, p. 111-153.

MACHADO, Daiane V.; SEBRIAN, Raphael N. N. Diálogo entre História e Literatura no romance histórico *Rastros de Sangue...*, de David Carneiro. *Revista Tempo, Espaço e Linguagem* (TEL), v.1, n.1, jan.-jul. 2010, p. 61-83.

MAGALHÃES, Marion B de. *Paraná*: política e governo. Curitiba: SEED, 2001.

MALTA, Maria M. de. et al. *A história do pensamento econômico brasileiro entre 1964 e 1989: um método para discussão*. Disponível em: <http://www.anpec.org.br/encontro_2009.htm#trabalhos>. Acesso em: 11 dez. 2011.

MARACH, Caroline B. *Inquietações modernas: discurso educacional e civilizacional no periódico a escola (1906-1910)*. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba, 2007.

MARCHI, Euclides. Relendo nossos mestres. *Ciências Humanas*, Curitiba, n. 4, p. 37-53, 1995.

_____. et al. Trinta anos de historiografia: um exercício de avaliação. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 13, n. 25/26, p. 133-141, set. 1992, ago. 1993.

MARCHETTE, Tatiana Dantas. *Corvo no galho das acácias: o movimento anticlerical em Curitiba (1896-1912)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.

MARLETTI, Carlo. Intelectuais. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, p. 637-640.

MAZA, Fábio. *O Idealismo Prático de Roberto Simonsen*. Ciência, Tecnologia e Indústria na Construção da Nação. Tese (Doutorado em História). Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, 2002.

MELLO, Sílvia G. B. de. *Esses moços do Paraná...* Livre circulação da palavra nos albos da República. 2008. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, 2008.

MENESES, Ulpiano T. B. de. Comentário XII: Visões, visualizações e usos do passado. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 15, n.2, p. 117-123, jul.-dez. 2007.

MOTA, Carlos G. *Ideologia da cultura brasileira: pontos de partida para uma revisão histórica*. 5. ed. São Paulo: Editora Ática, 1985.

NEUNDORF, Alexandre. *Intelectualidade, Fronteira e Identidade: O Paraná no início do século XX*. 2009. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba, 2009.

NEVES, Lucília de A. Trabalhismo, nacionalismo e desenvolvimentismo: um projeto para o Brasil (1945-1964). In: FERREIRA, Jorge (Org.). *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 167-203.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*, São Paulo, n. 10, p. 07-28, dez. 1993.

OLIVEIRA, Dennison de. *Curitiba e o mito da cidade modelo*. Curitiba: Ed. da UFPR, 2000.

_____. *Urbanização e industrialização no Paraná*. Curitiba: SEED, 2001.

OLIVEIRA, Ricardo C. de. *O silêncio dos vencedores: genealogia, classe dominante e estado no Paraná*. Curitiba: Moinho do Verbo, 2001.

ORTEGA y GASSET, José. *História como sistema. Mirabeau ou o político*. Tradução Juan A. Gili Sobrinho e Elizabeth Hanna Côrtes Costa. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

PEREIRA, Luis F. L. *Paranismo: O Paraná inventado; cultura e imaginário no Paraná da I República*. 2. ed. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.

PEREIRA, Magnus R. de M. *Semeando iras rumo ao progresso*. Curitiba: Ed. da UFPR, 1996.

PILOTO, Valfrido. *História e Historiógrafos*. Curitiba: Plácido Silva & Cia. Ltda, 1939.

PINHO, Diva B. Economia política e a História das doutrinas econômicas. *Estudos Avançados*, 8(22), p. 325-328, 1994.

POULOT, Dominique. Musée d'histoire. In: DELACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick; OFFENSTADT, Nicolas (Org.). *Historiographies: concepts et débats I*. Paris: Gallimard (Folio histoire), 2010, p. 535-541.

PRADO, Maria E. *Leitura e re-leitura de Ortega y Gasset na concepção de Hélio Jaguaribe*. Disponível em: <<http://nucleodeestudosibericos.wordpress.com/2009/12/23/leitura-e-re-leitura-de-ortega-y-gasset-na-concepcao-de-helio-jaguaribe>>. Acesso em: 29 mar. 2011.

PREFEITURA MUNICIPAL DA LAPA. Disponível em: <http://www.lapa.pr.gov.br/passeio_histo2_rg2007.asp>. Acesso em: 28 jul. 2011.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RODRÍGUEZ, Ricardo V. *Lembrando Keynes em época de turbulência capitalista*. Juiz de Fora: Centro de Pesquisas Estratégias Paulino Soares de Souza, [20--]. Disponível em: <<http://www.ecsbdefesa.com.br/defesa/fts/LKETC.pdf>>. Acesso em: 21 dez. 2011.

ROIZ, Diogo da S.; SANTOS, Jonas R. dos. A recepção da “nova história cultural” no Brasil: o caso do departamento de História da Unesp, Campus de Franca. In: DIEHL, Astor A. (Org.). *Experiências e ensaios de história: cultura, historiografia e gênero*. Passo Fundo: UPF, 2006, p. 15-41.

ROMPATTO, Maurílio. A Obra de Roberto Simonsen na Historiografia Brasileira: Elogios & Críticas. In: CONGRESSO Internacional de História, 5, 2011, Maringá. *Anais...* Maringá: UEM, 2011, p. 1126-1137.

ROUSSO, Henry. O Arquivo ou o Indício de uma Falta. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 17, p. 85-91, 1996.

RÜSEN, Jörn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. *História da historiografia*, n. 2, p. 163-209, mar. 2009.

_____. *O que é metahistória?* Por uma teoria compreensiva dos estudos históricos. Curitiba: UFPR, 2010, p. 04-21 [no prelo].

_____. *Razão histórica*. Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Ed. UnB, 2001.

SALTURI, Luis Afonso. *Frederico Lange de Morretes, liberdade dentro de limites*: trajetória do artista-cientista. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Paraná - UFPR, Curitiba, 2007.

SANTOS, Carlos R. A. dos. *Vida material e econômica*. Curitiba: SEED, 2001.

SEBRIAN, Raphael N. N. *História e cinema*. Guarapuava: Universidade Estadual do Centro-Oeste, 2010. Disponível em: <<http://moodle.unicentro.br/moodle/mod/resource/view.php?inpopup=true&id=40611>>. Acesso em: 03 abr. 2011.

SÊGA, Rafael A. *Tempos Belicosos: A Revolução Federalista no Paraná e a rearticulação da vida político-administrativa do Estado (1889-1907)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos; CEFET-PR, 2005.

SELEÇÃO Cronológica de Leis, Decretos e Regulamentos do Paraná (1853 – 2002). Disponível em: <<http://www.arquivopublico.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=7>>. Acesso em: 21 ago. 2011.

SHOTWELL, James T. *A interpretação da História e outros ensaios*. Tradução Murillo Bastos Martins. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

_____. *Historia de la historia en el mundo antiguo*. [S.l.: s.n.], [19--].

SILVA, Helenice R. da. A História Intelectual em questão. In: LOPES, Marcos A. (Org.). *Grandes Nomes da História Intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 15-25.

_____. *Fragmentos da história intelectual*: Entre questionamentos e perspectivas. Campinas, SP: Papirus, 2002.

_____. François DOSSE. La marche des Idées – Histoire des Intellectuels, Histoire Intellectuelle. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 24, n. 48, p. 355-358, 2004.

_____. O intelectual, entre mitos e realidades. In: *Revista Espaço Acadêmico*, nº 29, out. 2003. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/029/29csilva.htm>>. Acesso em: 17 jul. 2010.

_____. “Rememoração”/comemoração: as utilizações sociais da memória. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 425-438, 2002.

SIMONSEN, Roberto C. *História Econômica do Brasil (1500/1820)*. 5. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, Réne. *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 2003, p. 231-269.

_____. A geração. In: FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaina. *Usos e abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro; Editora FGV, 2006, p. 131-37.

SOARES, Mozart P. A influência de Augusto Comte no pensamento brasileiro. *Episteme*. Porto Alegre, v. 3, n. 6, p. 144-153, 1998.

SOUZA, Fabrício L. de. Nação e Herói: *A Trajetória dos Intelectuais Paranistas*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual Paulista – UNESP, Assis, 2002.

SOUZA, Nali de J. O economista: a história da profissão no Brasil. *Análise*, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 377-383, jul.-dez. 2006.

SZMRECSÁNYI, Tamás. Sobre a formação da Formação econômica do Brasil de C. Furtado. *Estudos avançados*, 13 (37), p. 207-214, 1999.

SZVARÇA, Décio. *O Forjador: ruínas de um mito* – Romário Martins. 2. ed. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2004.

TREVISAN, Dalton. *Em busca de Curitiba perdida*. Rio de Janeiro: Record, 1992.

VIEIRA, Carlos E. Erasmo Pilotto: identidade, engajamento político e crenças dos intelectuais vinculados ao campo educacional no Brasil. In: ALVES, C; LEITE, J. L. (Org.). *Intelectuais e história da educação no Brasil: poder, cultura e políticas*. 1. ed. Vitória: EDUFES, 2011, v. 1, p. 25-54.

WACHOWICZ, Ruy C. *História do Paraná*. Curitiba: Gráfica Vicentina, 1995.

_____. Universidade do mate: história da UFPR. Curitiba: APUFPR, 1993.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Demonstrativo das obras de autoria de David Carneiro

Ano de Publicação	Título	Meio de divulgação
1928	Fragmentos de cartas	João Haupt & Cia
1928	Problema do mate brasileiro: contribuição para a sua solução	Gráfica Paranaense
1929	Constituição industrial e teoria da propriedade	Plácido e Silva & Companhia
1929	Frederico Virmond e sua vida	J. B. Groff
1929	Museus	1. ed. João Haupt & Cia; 2 ed. Ravaro (1931)
1930	Hipocrates e a locação das cidades	J. B. Groff
1933	A moeda	Ravaro
1934	O cerco da Lapa e seus heróis: antecedentes e consequencias da Revolução Federalista no Paraná	Ravaro
1934	Casos e coisas da história nacional	1. ed. Ravaro; 2. ed. Alba Mendes Silva
1936	A marcha do ateísmo	Gráfica Paranaense
1937	Ensaio de interpretações morais	Athena
1937	Os fuzilamentos de 1894 no Paraná	Athena
1937	São Paulo, de Renan	Tip. João Haupt
1938	Biografia do Cel. David Carneiro e cartas escritas por ele a seus filhos	J. Comércio Rio, 1938
1938	O dia da pátria	Of Graf. A Cruzada
1938	História de Palmeira em seus antecedentes e Tradições	Mundial
1938	Doutor João Candido	A Cruzada
1939	Civilização Militar. Coleção: História Geral da Humanidade através dos Seus maiores tipos ⁴²⁸	Athena
1939	Evolução Grega. Coleção: História Geral da Humanidade através dos seus maiores tipos	Athena

⁴²⁸ Iniciada em 1939 e completada em 1944. Fruto do Curso de História Geral da Humanidade através das grandes figuras humanas, integrantes do calendário contista. “Para sua decepção não provocaria nem aplausos nem críticas dos estudiosos no assunto.” BÓIA, Wilson. David, O Gigante. In: *Concurso de Contos e Monografias Gralha-Azul*. Curitiba: Secretaria do Estado da Justiça e Ação Social/Imprensa Oficial, [19--], p. 21.

1939	Duas histórias em três vidas: o tiro Rio Branco através do seu patrono e do seu Fundador	Universal
1939	Teocracia. Coleção: História Geral da Humanidade através dos seus maiores tipos	Athena
1940	Civilização católico feudal - desenvolvimento sentimental: pureza e altruísmo. Coleção: História geral da humanidade através dos seus maiores tipos	Athena
1940	O Paraná na Guerra do Paraguai ⁴²⁹	D. Plaisant
1940	Catálogo comentado do Museu Coronel David Carneiro	INL Rio
1941	Evolução Moderna. Coleção: História Geral da Humanidade através dos seus maiores tipos	Athena
1941	O drama da fazenda Fortaleza	D. Plaisant
1941	Floriano. Memórias e documentos	Imprensa Nacional
1942	O Paraná em 1872	Graf. Paranaense
1942	O Paraná na história militar do Brasil	João Haupt & cia
1943	Transição revolucionaria: apêndice sobre julgamentos em historia. Coleção: História Geral da humanidade através dos seus maiores tipos.	Athena
1943	Gramática portuguesa em esquemas	João Haupt & Cia
1944	História psicológica do Paraná	João Haupt & Cia
1944	O Paraná e a Revolução Federalista	Athena
1945	Barbara Heliodora: a mulher na Inconfidência Mineira	Marinha
1946	História da Guerra Cisplatina	Nacional
1946	Tiradentes	Gerpa
1948	O problema da federação brasileira	Instituto Progresso Editorial S.A
1948	Veralinda	Universal
1949 [1950]	Biografia do conselheiro Agostinho Ermelino Leão	João Haupt & Cia
1950	O incidente Córmoran e a repressão ao tráfico de escravos (A fortaleza de Paranaguá e o “Slooper” Córmoran em conflito)	Universal
1950	Afonso Botelho e a História da Fortaleza de Paranaguá	Universal
1950	Duas conferências sobre a vida e a obra de Afonso Botelho de Sampaio e Souza	Universal. Série Botelhana
1951	Afonso Botelho de Sampaio e Souza	Papelaria Requião. Série Botelhana III
1951	A História do Paraná na evolução Sul do	Ministério da

⁴²⁹ Prêmio da Academia Paranaense de Letras.

	Brasil	Guerra. 5ª. Região Militar
1952	A História da História do Paraná ⁴³⁰	Seção de Artes da Escola Técnica de Curitiba
1952	Nobiliarquia Paranaense	Ed. Lítero-técnica
1952	Marília: um novo julgamento da inspiradora de Gonzaga	[s.n.]
1954	História da emancipação do Paraná	Inst. Pesquisas Hist. Arqueológicas. Escola técnica
1955	Dos ciclos irreversíveis em cicloeconomografia. Tese.	Ed. Lítero-Técnica
1957	A política do Brasil na América Latina	Curso Superior de Guerra, Rio de Janeiro.
1958	Cicloeconomia	Faculdade de Ciências Econômicas -UFPR
1960	Aula inaugural da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Paranaguá. (Paranaguá e a civilização do Sul do Brasil)	Graf. M. Roesner
1960	Aspectos da vida e da obra do conselheiro Carrão	Biblios
1960	História do período provincial do Paraná	[s.n.]
1961	Troféus na História do Brasil	Biblioteca do Exército
1962	Fasmas estruturais da economia do Paraná	Ed. UFPR
1962	John Henry Elliot e outros pioneiros Americanos no Paraná	Serviço divulgação / EUA
1963	Galeria de hoje	Max Roesner
1963	Galeria de ontem e de hoje	Vanguarda
1964	Elite, liderança e massas: as nações Subdesenvolvidas	Ed. UFPR
1970	Brasília e o problema da federação brasileira	Ed. UFPR
1970*	O problema da federação brasileira	2. ed. Cadernos da Atualidade
1971	Rastros de Sangue...	Max Roesner
1972	Educação, Universidade e História da Primeira Universidade do Brasil	UFPR
1973	Tricentésimo vigésimo quinto aniversário da fundação de Paranaguá	Gráfica Voz do Paraná
1975	My sojourn in Ohio	Miami University
1976	Biografia de Frederico Guilherme Virmond	A. M. Cavalcanti
1976	Efemérides Paranaenses	A. M. Cavalcanti
1976	O Sistema Integrado Universidade - Governo	Adesg/Delegacia do

⁴³⁰ “Primeiro Congresso Paranaense de Escritores”. BÓIA, op. cit., p. 13.

	Empresa: ação e possibilidades atuais	Paraná
1976	Prussiano pacifista	Imprensa oficial do Estado
1977	A vida gloriosa de José Bonifácio de Andrade e Silva e sua atuação na Independência	Civilização Brasileira
1978	Como chegou o Positivismo no Paraná	Edição do Centro de Propaganda do Positivismo no Paraná
1979	Gomes Carneiro e a consolidação da República	[s.n.]
1980	A vida do brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar e sua atuação política. Prêmio Literário Pseudônimo: Dorilau Canabarro Sorocaba, 15 de novembro de 1980.	[s.n.]
1981	Perfil histórico da Associação Comercial do Paraná e galeria dos presidentes	Repro-Set
1982*	O Paraná e a Revolução Federalista	Secretaria Cultura/Esporto do Paraná
1983*	História da Guerra Cisplatina	Ed. UnB
1984	História esquemática da Educação e das Universidades no mundo: surto da primeira universidade do Brasil	Ed. UFPR
1984	Nilo Cairo: biografia	Ed. UFPR
1986	Afonso Botelho de São Payo e Souza	Lítero-técnica, Estante Paranista, n. 26
1987	Heloisinha, minha filha	Lítero-técnica
1991*	O Cerco da Lapa e seus heróis: antecedentes e conseqüências da Revolução Federalista no Paraná	Biblioteca do Exército - Bibliex
1994	História biográfica da República no Paraná	Banestado
1994	História do Período Provincial do Paraná: galeria de presidentes da Província	Banestado
1995*	O Paraná na história militar do Brasil – Coleção Farol do Saber	Travessa dos editores
1995*	O Paraná na Guerra do Paraguai – Coleção Farol do Saber	Travessa dos editores
2003	A espetacular viagem de D. Pedro II ao Paraná	Gazeta do povo (5 v.)
2004*	O Cerco da Lapa e seus heróis: antecedentes e conseqüências da Revolução Federalista no Paraná	Imprensa oficial
[19--]	D. Pedro II na Província do Paraná	[s.n.]

Nota:

* reedições.

Publicações em Revistas, boletins e periódicos:**O Itiberê**

Data	Título	Dados complementares
1924	A Suécia (impressões de viagem)	n. 68.
1926	Os Jerônimos e seus feitores	n. 86-87, jun.-jul.
1927	Tradições que morrem	n. 97-98, mai.-jun.
1930	Balneários Paranaenses	n. 133, mai.

Revista da Marinha

Data	Título	Dados complementares
1940	Convento dos Jesuítas em Paranaguá	n. 34, jul.
1940	O primeiro amor de Pedro II	n. 03 mar.

Revista militar brasileira

Data	Título	Dados complementares
1965	Semana dos heróis do forte de Coimbra e colônia militar de dourados	Ano LI, n. 4, v. LXXVIII, out.-dez.

Anuário do Sul do Brasil

Data	Título	Dados complementares
1948	A emancipação do Paraná	

Rumo Paranaense

Data	Título	Dados complementares
1974	Os passarinhos e as árvores hospitaleiras	n. 7, jul.

Boletim do Arquivo Público do Paraná

Data	Título	Dados complementares
[19--]	A Revista do Arquivo Público do Paraná	n. 09

Boletim da Prefeitura Municipal de Curitiba

Data	Título	Dados complementares
1942	O Paraná em 1872	n. 06 – nov/dez.
1942	Saint-Hilaire (tradução)	n. 4-5, capítulo XIX, jul.-ago.-set.-out. 1942
1943	Curitiba bandeirante	n. 08, 1943, mar.-abr. p. 26-29
1943	Visconde de Taunay	n. 09 1943 mai.-jun. p. 28-33

1944	A viagem de Dom Pedro II ao Paraná em 1880	Boletim da Prefeitura Municipal de Curitiba, n. 14, mar./jun, p. 03-133.
------	--	--

Estudos brasileiros

Data	Título	Dados complementares
1978	Folclore Paranaense	1ª parte. n. 06 – v. 03, p. 215-229
1979	Bento Cego: Homero Paranaense	n. 07, v. IV, p. 153-176
1979	Folclore Paranaense	2ª parte. n. 07-8, v. 04, p. 153-176
1980	Os primeiros americanos entre nós	n. 09 v. 5, p. 79-117

Revista de Economia – F.C.E.

Data	Título	Dados complementares
1960	Conselheiro João da Silva Carrão	Ano 1. n. 1, p. 1-248, set.
1966	Augusto Comte e a Economia Moderna	Ano 6, n. 02, p. 33-49.
1968	Aula inaugural da Faculdade de Ciências Econômicas	Ano 7, n. 03, p. 53-63.

Revista do Diretório Acadêmico de Direito

Data	Título	Dados complementares
1934	Voltaire e a Verdade	Ano 1, n. 1, 13 jun.

Anuário da UFParaná

Data	Título	Dados complementares
1951	Elementos para a História da Universidade do Paraná	p. 185-203.
1960	Sesquicentenário de nascimento do Conselheiro João da Silva Carrão	mai.

Centro de Debates Científico-Cultural - Curitiba

Data	Título	Dados complementares
1953	Paranistas ilustres	n. 08 – 19, dez., p. 33-36
1955	O Dr. João Francisco Correia: o primeiro médico formado nascido no Paraná	
1955	O Dr. João Maurício Faivre	mai.-ago.

Revista da Secretaria de Estado da Cultural e do Esporte

Data	Título	Dados complementares
1984	Pequena história do Teatro Guairá	Teatro Guaíra 100. 1884-1894.

Jornal of Inter Amercian Studies

Data	Título	Dados complementares
1967	O mate e a influência decisiva de Camargo	Jornal of Inter Amercian

	Pinto	Studies, v. IX, n. 4, oct. Flórida
--	-------	---------------------------------------

Centro de Letras

Data	Título	
1946	Prefácio do livro “Emílio de Menezes, o último boêmio”	n. 19, p. 51-54
1951	Evolução das belas letras neste Estado	n. 04.
1952	Nobiliarquia Paranaense	Separata
1952	Veteranos	n. 5, jan.
1953	Biografia de John Henry Elliott, o primeiro norte-americano que viveu no Paraná	n. 07, fev.
1953	Oração quando da inauguração da sede do Centro de Letras	n. 08 p. 6-9
1954	O Primeiro Poeta do Paraná	n. 09, 1. trimestre, p. 01-04
1954	A obra legada à sua terra natal pelo primeiro poeta do Paraná (descrição da viagem São Paulo-Curitiba em 1844)	n. 11, 3. trimestre, p. 06-29.
1954	A propósito da família do primeiro poeta do Paraná: o Doutor Salvador José Correia Coelho	n. 10, 2. trimestre, p. 53-55.
1954	Uma geração de poetas: os irmãos Pernetta	n. 10, 2. trimestre, p. 1-14
1954	Emílio de Menezes	n. 12, 4. trimestre, p. 03-06
1955	Trechos escolhidos do livro em prosa do primeiro poeta do Paraná - Dr. Salvador José Correia Coelho	n. 12, 4. trimestre, p. 45-53
1955	Alguns trechos poéticos e folclóricos do Dr. Salvador José Correia Coelho, o primeiro poeta do Paraná	n. 13, 1. trimestre, p. 70-79.
1955	Considerações do Dr. Salvador José Correia Coelho em torno de acontecimentos históricos nacionais	n. 13, 1. trimestre, p. 80-86
1955	Ildefonso Serro Azul-Poeta Eleito da Saudade	n. 13, 1. trimestre, p. 07-11
1955	Leôncio Correia	n. 13, 1. trimestre, p. 36-45
1956	História da Poesia Paranaense	n. 15, 1. trimestre, p. 09-54
1976-1978	Desaparece o Alceu Chichorro	n. 40-42, p. 15-16
1979-1980	Curitiba e a vilinha de 1654	n. 43-44, p. 44-46

Academia Paranaense de Letras

Data	Título	
1941	Correia Velho: um tronco ilustre do Paraná	n. 09, ano III, jan.- mar., p. 89-103
1941	Visitando os campos de Ituzaingó	Ano III, n. 10, abr.-jun.,

		p. 291-306
--	--	------------

Ilustração paranaense

Data	Título	
1928	A urbanização de Curitiba	Ilustração paranaense, n. 10/11 out.-nov
1928	Museus	n. 12 dez.
1928	O estylo colonial no Brasil	n. 3. mar.
1929	A urbanização de Curitiba. Carta aberta ao Dr. Fernando Chaves	Ilustração paranaense, n. 08-11, nov.
1930	Martim Francisco de Andrada e Silva e Curitiba	n. 03, mar.

Rotary Club de Curitiba

Data	Título	Dados complementares
[1937]	Tibúrcio e Carneiro	n. 239
1937	O dia Panamericano	n. 240
1937	A data da independência da Polônia	n. 241
1943	Organização da nova pas	
1944	A influência norte-americana nas artes plásticas do Brasil	
1949	Carta Rotária da Paz	
1949	O dia da Independência dos Estados Unidos	n. 525, 8 jul.
[19--]	Tiradentes	n. 566
[19--]	Cemitério de Curitiba	

Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense

Data	Título	Dados complementares
1926	Frederico Virmond – sua vida	p. 75-124
1944	Discurso em homenagem a Romário	
1950	Romário Martins: como eu o compreendi	v. IV n. 1
1950	Comemorações do Centenário do Episódio Córmoran	fasc. 2, p. 17-36
1950	Discurso sobre o episódio Córmoran	v. IV, fasc.3-4
1950	Palavras sobre o episódio Córmoran	fasc. 3-4 v. IV 1950
1950	O Visconde de Guarapuava	v. IV, fasc. 2, p. 26-35
1951	A História da Palmeira e Afonso Botelho	v. V.
1951	Afonso Botelho de Sampayo e Souza	p.15-50
1954	Rocha Pombo	n. 11 3. trimestre, p. 53-57
1960	Aspectos da vida e da obra do Conselheiro Carrão	v. LIX
1972	Visita da princesa Isabel ao Paraná	v. XV
1972	Algumas considerações em torno da história e da origem do Colégio dos Jesuítas em Paranaguá	v. XVII
1973	Afonso Botelho de Sampayo e Souza	v. XIX
1974	Oração em homenagem a Romário Martins	v. XXIII

1976	As três figuras mais discutidas da História do Brasil	
1976	Efemérides Paranaense	Boletim n. XXXI
1976	Biografia de Frederico Guilherme Virmond	
1978	No Sesquicentenário do Doutor Murici	v. XXXIV p. 113-126

Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais

Ano	Título	Dados complementares
1957	Tiradentes, patrono da polícia	p. 219-221

A Divulgação

Data	Título	Dados complementares
1947	A emancipação do Paraná – como comemorar o centenário do 19 de dezembro de 1953?	n.1-2, p. 09-10.
1948	Mensagem a Garcia à moda brasileira	n. 17-18, abr.-mai., ano II, p. 05-07 (48).
1948	Homens e Palavras	n. 09-10-11, ago.-set.-out., p. 08.
1949	O combate de Córmoran em Paranaguá	n. 14-15-16, 1. trimestre, p. 3-4
1950	A noção positivista de civismo	n. 34, 35, 36, p. 05 e p. 28
1950	Ângelo Sampaio	n. 31-32-33, jun.-jul.-ago., p. 03 e p. 35
1950	Da necessidade de proteção aos monumentos que atestam nossa velha cultura	ano IV, dez.-1950; jan.-fev. 1951, p. 08-09 (37)
1950	Mariano Pinto-Herói esquecido da Guerra Cisplatina	n. 28-29-30, abr.-mai., p. 12
1951	Do Julgamento Positivo (A propósito do 1.º centenário da Política Positiva)	ano IV, nov.-dez., p. 22-25
1952	Bandeiras curitibanas e paulistas	ano V, jan.-fev, p. 35
1955	Ildefonso Serro Azul-Poeta Eleito da Saudade	n. 13, 1. trimestre, p. 07-11
1962	Universidade mais antiga do Brasil à margem da história da sua fundação	ano XV, n. 170, mai. p. 05

Tipografia Departamento de Investigações – São Paulo

Data	Título	Dados complementares
1951	Afonso Botelho em Curitiba	Ano III, n. 33, set., p. 79-90.
1951	Afonso Botelho e as vilas do Sul da Capitania de São Paulo	Ano III, n. 32, ago 1951, p. 97-115.
1951	Afonso Botelho e a parte sul da Capitania de São Paulo	Ano III, n. 34, out., p. 25-36.
1951	Pombal, o Morgado de Mateus e Dom	Ano III, n. 27, mar. p. 61-

	Afonso Botelho ⁴³¹	85
1951	São Paulo e Curitiba no século 18	Ano III, n. 30, p. 55-80
1952	Bandeiras Curitibanas do século XVIII	Ano III, n. 35, p.119-146
1952	Afonso Botelho em Guarapuava	Ano IV, n. 41, mai., 39-55
1952	Descobrimento dos campos de Guarapuava	Ano IV, n. 39, mar., p. 65-92
1952	Como Afonso Botelho foi julgado por seus Coevos	Ano IV, n. 38, fev., p. 19-32

Fontes:

Biblioteca Pública do Paraná

BÓIA, Wilson. David, O Gigante. In: CONCURSO de Contos e Monografias Gralha-Azul. Curitiba: Secretaria do Estado da Justiça e Ação Social/Imprensa Oficial, [19--], p. 01-57.

CORDOVA, Maria J. Weber. *Tinguís, Pioneiros e Adventícios na mancha loira do Sul do Brasil: o discurso regional autorizado de formação social e histórica paranaense*. 2009. Tese (Doutorado em Sociologia). Curitiba: Universidade Federal do Paraná – UFPR, 2009.

⁴³¹ “Ainda no opúsculo Pombal, o Morgado de Mateus e Dom Afonso Botelho, publicado em 1951, David traça o estudo grafológico dessas três figuras de nossa história, delineando o caráter e o aspecto físico de cada um deles”. Ibid., p.09.

APÊNDICE B

Referências cronológicas

1904 – David Antonio do Silva Carneiro, o quarto de mesmo nome, nasce em Curitiba-PR.

1910-14 – Estuda na Escola Americana em Curitiba.

1914 – Viaja à Europa com os pais, mas a viagem é interrompida devido a eclosão da Primeira Guerra Mundial.

1916 – Estuda em Campinas no Instituto Cesário Mota.

1917-18 – Estuda no Liceu Francês do Rio de Janeiro. É aluno de Nestor Vitor, literato do movimento simbolista curitibano.

1918 – Passa a estudar no Colégio Militar de Barbacena no Rio de Janeiro.

1919 – Ingressa no Colégio Militar do Rio de Janeiro. Conhece o professor positivista Coronel Alfredo Severo.

1922- Presencia a cena de morte do amigo Newton Prado no levante de julho de 1922, chamado “Dezoito do Forte de Copacabana”. Desiste da carreira militar.

1923 – Inicia o Curso de Engenharia na Universidade do Paraná. É aluno de João David Pernetta e Plínio Alves Monteiro Tourinho.

1923 – Começa a frequentar as reuniões positivistas promovidas por João David Pernetta, seu professor de Engenharia.

1925 – Casou-se com Marília Suplicy de Lacerda, filha de família tradicional na Lapa. A partir das conversas com o sogro inicia-se o interesse pelo Cerco da Lapa, episódio da Revolução Federalista no Paraná.

1927 – Forma-se em Engenharia Civil.

1927 – É um dos fundadores do Centro de Centro de Propaganda do Positivismo no Paraná (CPP).

1928 - 43 – Com o falecimento do Coronel David Carneiro, seu pai, assume a direção do engenho de erva-mate “David Carneiro e Cia”.

1928 – Funda o Museu Coronel David Carneiro.

1930 – É nomeado Presidente do Banco do Estado do Paraná.

1932 – Filia-se a Igreja Positivista Brasileira.

1943 – 46; janeiro de 48 – Exerce a presidência do *Clube Curitibano*.

1944 – Participa da organização do Primeiro Congresso de História da Revolução de 1894. Atua com Vice-Presidente da Comissão dos Festejos do 50º. Aniversário do Cerco da Lapa.

1946 – É Vice-Presidente do 2º. Congresso de História da Revolução de 1894, realizado em Minas Gerais.

1948-53 – Ingressa no meio acadêmico como professor. Ministra aulas de “Arquitetura Analítica” na Escola de Música e Belas Artes do Paraná (Embap).

1950 – Administra algumas salas de cinema em Curitiba.

1951 – É convidado a dar aulas na Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Paraná. Assume a disciplina “Evolução da Conjuntura Econômica”.

1952 – Leciona na Universidade de Santiago, no Chile. Disciplinas: “Filosofia prévia ao desenvolvimento das ciências” e “História do Brasil”.

1952- 1954 – É nomeado Presidente do Centro de Letras do Paraná (CLP).

1954 - Funda o Instituto de Pesquisas Históricas e Arqueológicas, anexo ao Museu Coronel David Carneiro.

1955 – Na Faculdade de Ciências Econômicas conquista a cadeira de “Evolução da Conjuntura Econômica”. Defende a tese *Dos ciclos irreversíveis em cicloeconomografia*.

1957 – Na Escola Superior de Guerra, no Rio de Janeiro, realiza os cursos de Segurança Nacional e Mobilização.

1961 – Como professor-visitante leciona “História da América do Sul” na University of Nebraska-Lincoln.

1965 – É convidado para ser Professor Titular de História da Universidade de Brasília (UnB).

1966 – Como *lecturer* ministra aulas sobre “Evolução das Idéias Republicanas no Brasil”, no Curso de Pós-Graduação de Assuntos Sul-Americanos, na University of California, Los Angeles (UCLA).

1967-68 – Como *Visiting Professor* atua durante quatro períodos semestrais sucessivos, proferindo aulas sobre “História Econômica do Brasil”, na Howard University, Washington, DC.

1969 – Retorna dos Estados Unidos e é aposentado compulsoriamente pela Universidade Federal do Paraná. Rompe com o Ulisses de Campos, diretor da Faculdade de Economia.

1970 - Funda a Capela Positiva nas dependências do Museu Coronel David Carneiro. A terceira no Brasil.

1971-87 – Assina a Coluna “Veterana Verba” da *Gazeta do Povo*.

1975 – Retorna aos Estados Unidos convidado pelo Presidente do Comitê Ohio-Paraná para dirigir um seminário na Universidade de Miami, Oxford, Ohio. Ministra seminário com duração de três meses. Tema: “História Comparada das Américas espanhola, portuguesa e inglesa”.

1976 – Recebe o título de Professor Emérito da Universidade Federal do Paraná.

1976 - Inaugura a Capela da Humanidade nas dependências do Museu Coronel David Carneiro.

1978 – Profere palestras na Universidade de Varsóvia e de Cracóvia, na Polônia.

1982 – É convidado a tomar posse da cadeira de número 54 da Academia Brasileira de História.

1983 – Ingressa no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

1987 – Recebe o título de Vulto Emérito de Curitiba.

1990 – Falece em Curitiba.

NOTAS BIOGRÁFICAS:

^I Temístocles Linhares (1905-1993), crítico literário, escritor da história paranaense, professor. Era filho Edgar Cordeiro Linhares, um abastado industrial da erva-mate. (OLIVEIRA, R., 2001, p. 185). Entre suas obras destacamos: *Introdução ao mundo do romance* (1953), *Paraná vivo: um retrato sem retoques* (1953), *História econômica do mate* (1968), *22 Diálogos sobre o conto brasileiro atual* (1978), *Diálogos sobre a poesia brasileira* (1976) e *Diálogos sobre o romance brasileiro* (1978).

^{II} James T. Shotwell (1875-1965). Estudiosos das relações internacionais apontam Shotwell como um dos responsáveis pela constituição deste campo de pesquisa. O historiador viveu no século XX conturbado por guerras e esteve presente nos debates internacionais sobre a “organização da paz”. Shotwell foi um dos historiadores da delegação norte-americana que discutiram o Tratado de Versalhes e a instituição da Liga das Nações. Atuou diretamente na Organização Internacional do Trabalho, em 1919. Em 1945, presidindo o grupo semioficial norte-americano, Shotwell participou da Conferência de São Francisco, responsável por criar a Organização das Nações Unidas. Neste mesmo ano, publicou *La grande décision*, “talvez [...] um dos que mais claramente expuseram a proposta de criação da ONU. Shotwell estava preocupado em estabelecer instrumentos capazes de evitar novos confrontos mundiais, buscando assim organizar uma comunidade internacional.” BARBIERO, Alan; CHALOULT, Yves. O Mercosul e a Nova Ordem Econômica Internacional. *Revista Brasileira de Política Internacional*, Brasília, v. 44, n. 1, p. 29, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbpi/v44n1/a03v44n1.pdf>>. Acesso em: 28 mai. 2011. Uma breve biografia do professor Shotwell pode ser encontrada no site da Universidade Columbia: ANDERSON, Lysa. *James T. Shotwell: A life Devoted to Organizing Peace*. Disponível em: <<http://www.columbia.edu/cu/alumni/Magazine/Winter2005/llshotwell.html>>. Acesso em: 28 mai. 2011.

^{III} Euclides da Motta Bandeira e Silva (1876 -1947) foi um amante do Paraná e historiador por “via indireta”, assim o definiu David Carneiro. Descendente de destacada família paranaense, após o curso primário em Curitiba, foi estudar na Escola Militar do Rio de Janeiro, assinalando, segundo Carneiro, “ardor cívico intenso, e emancipação completa das idéias teológicas.” (CARNEIRO, 1952, p. 223). Participou da Revolução Federalista, combatendo ao lado dos florianistas. Ao retornar à Curitiba, dedicou-se ao jornalismo. Foi um republicano convicto, livre-pensador e anticlerical. Como literato “simbolista”, publicou obras de diferentes gêneros literários e colaborou em diversas revistas. Euclides Bandeira, para Carneiro, “construía na poesia como poeta de raça (e dos maiores!) e fazia história sem pretensão, corrigindo os alheios erros e apontado fatos que haviam passado despercebidos.” (CARNEIRO, 1952, p. 223, grifo nosso). Ver também: DICIONÁRIO HISTÓRICO-BIOGRÁFICO DO PARANÁ. Curitiba: Chain, Banco do Estado do Paraná, 1991, p. 34-36.

^{IV} Ermelino de Leão (1871-1932) compunha uma família abastada pela carreira jurídica, seu pai era o Desembargador Agostinho de Leão. Após o falecimento do desembargador, o filho foi seu sucessor na direção do Museu Paranaense. Ermelino de Leão também foi diretor do Arquivo Público do Estado, promotor da Comarca de Palmeira e deputado estadual. Colaborou em diversos órgãos da imprensa e pertenceu há diversas instituições culturais, como o *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* e os Institutos Históricos e Geográficos de São Paulo, de Minas Gerais e do Paraná. Foi membro da *Academia Paranaense de Letras* e do *Centro de Letras do Paraná*. Como pesquisador, sua obra de maior destaque foi o

Dicionário Histórico e Geográfico do Paraná, de seis volumes e um anexo, que, na percepção de David Carneiro, “ficará sendo sempre básica a quanto se quizerem entregar ao estudo da história do Paraná seja de que forma for.” (CARNEIRO, 1952, p. 214). Carneiro afirma que Ermelino de Leão teria recomendado ao amigo Francisco Negrão o término do dicionário devido ao seu mau estado de saúde. A publicação do dicionário aconteceu entre os anos 1926 e 1950 com o auxílio do IHGP sob a gestão de Arthur Franco. Ver: DICIONÁRIO HISTÓRICO-BIOGRÁFICO DO PARANÁ, op. cit., p. 247-248.